

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS
RELAÇÕES POLÍTICAS

MIRELA MARIN MORGANTE

**MEMÓRIAS DA PROSTITUIÇÃO:
TERRITÓRIO, PODER E RESISTÊNCIAS EM
SÃO SEBASTIÃO. SERRA-ES (1960-1980)**

VITÓRIA
2020

MIRELA MARIN MORGANTE

**MEMÓRIAS DA PROSTITUIÇÃO: TERRITÓRIO, PODER E
RESISTÊNCIAS EM SÃO SEBASTIÃO. SERRA-ES (1960-1980)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Beatriz Nader

VITÓRIA
2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M847 Morgante, Mirela Marin, 1990-
m Memórias da prostituição : território, poder e resistências em
São Sebastião. Serra-ES (1960-1980) / Mirela Marin Morgante. -
2020.
264 f. : il.

Orientadora: Maria Beatriz Nader.
Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Memória. 2. Prostituição. 3. Poder. 4. Resistência. 5.
Subjetividade. 6. Mulheres - História. I. Nader, Maria Beatriz. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

MIRELA MARIN MORGANTE

**MEMÓRIAS DA PROSTITUIÇÃO: TERRITÓRIO, PODER E
RESISTÊNCIAS EM SÃO SEBASTIÃO. SERRA-ES (1960-1980)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Aprovada em ____ de _____ de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Nader
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Janine Gomes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Thana Mara de Souza
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Dadalto
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Juçara Luzia Leite
Universidade Federal do Espírito Santo

A Eny, Diane, Denise e Solange, com quem produzi esta tese e compreendi a necessidade da minha constante desconstrução.

Dançando com fantasmas, acabávamos por os domesticar.
O problema dos fantasmas é que estão sempre com fome.
Um dia devoram-nos e tornamo-nos, nós mesmos, as nossas
assombrações.

Mia Couto (2015)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à muitas pessoas e instituições pela realização deste trabalho. Primeiramente, agradeço enormemente às sujeitas desta pesquisa, Eny, Solange, Denise e Diane, que foram muito receptivas a mim e ao trabalho, e acabaram se tornando minhas grandes amigas. Sou grata também aos(às) moradores(as) do bairro de Novo Horizonte, do Centro de Vitória e aos(às) funcionários(as) do Arquivo Público e da Biblioteca Estadual do Espírito Santo, que me auxiliaram de diversas maneiras na realização desta pesquisa.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Beatriz Nader, que me acompanha desde a graduação em História na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), quando entrei para o seu grupo de pesquisa, na Iniciação Científica. Desde então, fiz diversas apresentações acadêmicas, relatórios técnicos, artigos científicos e livros, além da monografia, da dissertação mestrado e da tese de doutorado, sob sua orientação e incentivo. Com ela, aprendi não somente a fazer uma pesquisa acadêmica, como também a escrever e a organizar o texto de forma objetiva e inteligível. Mais do que uma orientadora, ela se tornou uma grande amiga, com quem troco confidências, medos, desejos e conquistas. Sou muito agradecida por nossos caminhos terem se cruzado e por ela estar sempre ao meu lado, me orientando nas minhas pesquisas e nos meus textos, e também me aconselhando na minha vida profissional e pessoal.

Agradeço às Profas. Dras. Thana Mara de Souza e Juçara Luzia Leite, que participaram tanto da banca de qualificação, quanto da defesa deste trabalho, dando contribuições fundamentais para pesquisa. Sou grata às Profas. Dras. Janine Gomes da Silva e Maria Cristina Dadalto, também integrantes da banca de defesa, que fizeram comentários e sugestões valiosas para o aperfeiçoamento da pesquisa e futuras publicações. Da mesma maneira, agradeço à Profa. Dra. Yolande Cohen, que me orientou no Doutorado Sanduíche, realizado no Instituto de Pesquisas e Estudos Feministas (IREF), da Universidade do Québec em Montréal (UQÀM), no Canadá. Sua recepção solícita em seu grupo de estudos e em suas aulas de Epistemologia Feminista e de História Oral, além de suas colaborações quanto à revisão de literatura sobre o tema na cidade de Montréal, à pesquisa em História Oral e às escolhas políticas da pesquisa, ampliaram a minha visão sobre a análise do universo prostitucional e acerca dos diversos posicionamentos feministas adotados em relação à temática nos países Ocidentais. Agradeço também, à Profa. Dra. Tânia Navarro Swain, que, além das contribuições de seus artigos sobre gênero, feminismo e prostituição nesta pesquisa, me incentivou a fazer o Doutorado Sanduíche no IREF/UQÀM e

me estimulou a conduzir o meu estudo autenticamente, conforme minhas orientações teórico-políticas. Sem dúvida, ela foi fundamental em muitas das decisões tomadas neste trabalho.

Sou grata à Cles (Concertation des luttes contre l'exploitation sexuelle), uma organização feminista de Montréal, que auxilia as mulheres a saírem e a permanecerem fora da indústria sexual, e às suas integrantes, sobretudo, Marie Drouin, Barbara Rondiat e Diane Matte. Nas vivências que tive junto à organização, aprendi muito acerca dos discursos e das práticas abolicionistas em relação à prostituição, assim como pude conhecer algumas das experiências pessoais das mulheres que atuaram no mercado sexual no Québec e conseguiram "sobreviver".

Agradeço aos integrantes do Laboratório de Estudos em Gênero, Poder e Violência (Legpv) da Ufes, coordenado pela Profa. Dra. Maria Beatriz Nader, especialmente ao Alex Silva Ferrari, à Luciana Silveira e ao João José Barbosa Sana, parceiros(a) de pesquisa e de vida, com quem sempre pude compartilhar das dúvidas, das angústias e das conquistas relacionadas ao universo acadêmico. Sou grata à secretaria, à coordenação e aos professores(as) do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Ufes que, de maneira direta ou indireta, nas disciplinas cursadas, nas referências de pesquisa, ou mesmo nas manifestações de incentivo à continuidade da minha trajetória acadêmica, como o Prof. Dr. Sergio Alberto Feldman tanto o fez, auxiliaram no andamento e no resultado desta pesquisa. Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), que me forneceu uma bolsa de pesquisa e uma taxa de bancada durante os quatro anos de desenvolvimento da tese. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de Doutorado Sanduíche, para a realização do meu estágio de pesquisa na UQÀM. Sem ela, o intercâmbio não teria sido possível e a pesquisa não seria a mesma.

Agradeço aos meus familiares, minha mãe, Joyce Marin, meu pai, Wanderley Morgante, meus irmãos(as) e seus filhos(as), meu filho, Iuri Marin Dannemann, e meu marido, Gustavo Senna Martins de Almeida, por me trazerem confiança e me estimularem a persistir no meu trabalho na pesquisa, na educação e na cultura. Sou grata à Cristiane Bremenkamp que, com sua inteligência, afeto e paciência, me auxiliou no alinhamento teórico e na revisão do trabalho. Agradeço à Yasmin Zandomenico e ao Raphael Pod, pelo valioso auxílio nas revisões em inglês e em francês, respectivamente, do resumo da pesquisa. Sou grata à Maíra Tristão, parceira na pesquisa e na realização audiovisual, por me ensinar novas linguagens e incentivar o meu crescimento artístico e subjetivo. Enfim, agradeço a todas as minhas amigas e colegas, mulheres que subvertem normas e perseguem seus desejos e afetos pessoais.

RESUMO

Em finais da década de 1960, em meio ao crescimento demográfico e urbano de Vitória, capital do Espírito Santo, o governo estadual passou a implantar discursos e práticas de ordenação social e higienização da cidade, que via a prostituição como uma "doença social". Com isso, as técnicas do poder e os mecanismos disciplinadores entraram em funcionamento na região do centro da capital do estado no sentido de afastar as prostitutas, maioria pobres e negras, dos locais de lazer e de residência das classes médias e altas, compostas, principalmente, por uma população branca, enquadradas dentro do modelo de família burguesa. Expulsas de seus locais de trabalho e de convívio social, as donas de prostíbulos e as prostitutas foram para o território de São Sebastião, localizado próximo do recém-inaugurado Porto de Tubarão, no município da Serra, pertencente à Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). No local, elas construíram boates de prostituição e criaram novas redes de relações de poder e de afeto, como efeitos do poder que impunha sua marginalização e sua exclusão social. Em questão de pouco tempo, o território passou a concentrar diversas casas de prostituição, bares e dormitórios, além de contar com postos policial e médico, configurando-se enquanto uma região de confinamento do meretrício capixaba. Entretanto, em princípios dos anos de 1980, com as modificações econômicas, populacionais, políticas e nas relações sociais da RMGV, o mercado sexual de São Sebastião iniciou um processo de decadência. O nome do bairro mudou para Novo Horizonte e as mulheres que atuavam no meio prostitucional tiveram que encontrar alternativas de sobrevivência condizentes com seus desejos e relações pessoais. Pautando-se nas memórias de três antigas prostitutas e uma ex-cafetina do território, a pesquisa analisa as relações de poder e as resistências que constituem as suas experiências de São Sebastião. O objetivo é compreender o processo de produção de suas subjetividades no espaço-tempo do "território do desejo" da RMGV, com efeitos em seus hábitos e em suas percepções atuais. Para tanto, a História Oral é utilizada como fonte e método de pesquisa histórica, aliada à análise de discurso das fontes complementares, qual seja, matérias de revistas capixabas, crônicas sobre o assunto e uma reportagem televisiva da época.

Palavras-chave: memórias; prostituição; território; poder; resistências.

ABSTRACT

In the late 1960s, in the midst of the demographic and urban growth of Vitória, capital of Espírito Santo, the state government started to give speeches and implement practices of social ordering and hygiene in the city, which saw prostitution as a "social disease". With this, the techniques of power and the disciplinary mechanisms started to operate in the central region of the state capital in order to remove prostitutes, mostly poor and black, from the leisure and residence places of the middle and upper classes, composed mainly of a white population, framed within the bourgeois family model. Expelled from their places of work and social life, the brothel owners and prostitutes moved to the territory of São Sebastião, located near the recently opened Port of Tubarão, in the municipality of Serra, belonging to the Greater Vitória Metropolitan Region (GVMR). There, they built nightclubs and created new networks of power and affection relationships, as effects of the power that imposed their marginalization and social exclusion. In a short matter of time, the territory started to concentrate several prostitution houses, bars and dormitories, in addition to police and medical posts, configuring itself as a region of confinement of the prostitution of GVMR. However, at the beginning of the 1980s, with the economic, population, political and social changes in the Brazil and Espírito Santo, the São Sebastião sex market began a process of decline. The name of the neighborhood changed to Novo Horizonte and the women who worked in prostitution had to find alternatives for survival consistent with their personal desires and relations. Based on the memoirs of three former prostitutes and a former madam from the territory, the research analyzes the power relations and resistances that constitute their experiences in São Sebastião. The objective is to understand the process of producing their subjectivities in the space-time of the "territory of desire" of the GVMR, with effects on their habits and their current perceptions. To this end, Oral History is used as a source and method of historical research, combined with discourse analysis from complementary sources, namely, articles from Espírito Santo magazines, chronicles on the subject and a television report of the time.

Keywords: memories; prostitution; territory; power; resistances.

RÉSUMÉ

À la fin des années 60, durant la croissance démographique et urbaine de Vitória, capitale de l'état d'Espírito Santo, l'Etat commença à mettre en œuvre des discours et des pratiques faisant de la prostitution une « maladie sociale ». Ainsi, le pouvoir procéda dans la capitale à l'exclusion des prostituées, pour la plupart pauvres et noires, des lieux de loisir et de résidence des classes moyennes et supérieures, majoritairement blanches et correspondant au modèle de la famille bourgeoise. Expulsés de leurs lieux de travail et de vie sociale, les propriétaires de maisons closes et les prostituées se rendirent sur le territoire de São Sebastião, près du port de Tubarão récemment ouvert, dans la municipalité de Serra, appartenant à la région métropolitaine de Grande Vitória (RMGV). Là, ils ouvrirent des clubs de prostitution et créèrent de nouveaux réseaux de relations de pouvoir et d'affection, résultats de la marginalisation et de l'exclusion sociale imposées par le pouvoir. En peu de temps, la zone concentra plusieurs maisons closes, bars, dortoirs, et même des commissariats et des hôpitaux. São Sebastião devint ainsi un véritable centre de la prostitution. Cependant, les changements économiques, démographiques, politiques et sociaux que connurent le Brésil et Espírito Santo au début des années 1980, causèrent le déclin du marché du sexe à São Sebastião. Le nom du quartier changera pour Novo Horizonte et les femmes qui travaillaient dans le milieu de la prostitution furent contraintes de trouver des alternatives de survie conformes à leurs désirs et leurs relations personnelles. Basée sur les souvenirs de trois anciennes prostituées et d'une ancienne tenancière, cette thèse analyse les relations de pouvoir et les résistances qui constituent leurs expériences à São Sebastião. L'objectif est de comprendre le processus de production de leurs subjectivités dans l'espace-temps du « *territoire de désir* » de la RMGV, ainsi que les effets de ce processus sur leurs habitudes et leurs perceptions actuelles. La recherche historique est basée sur l'histoire orale ainsi que sur des sources complémentaires: articles des magazines du Espírito Santo, chroniques sur le sujet et un reportage télévisé de l'époque.

Mots-clés: souvenirs; prostitution; territoire; pouvoir; résistances

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da distância do centro de Vitória até São Sebastião	48
Figura 2 – Mapa da proximidade de São Sebastião e o Porto de Tubarão	48
Figura 3 – Mapa da localização de São Sebastião	104

LISTA DE SIGLAS

AVC - Acidente Vascular Cerebral

Deam - Delegacia Especializadas em Atendimento à Mulher

Deam/Vitória - Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher de Vitória (ES)

DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis

ES - Espírito Santo

Gerca - Grupo Executivo de Recuperação Econômica da Cafeicultura

ONG - Organização Não Governamental

PEA - Pessoas Economicamente Ativas

RMGV - Região Metropolitana da Grande Vitória

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	
A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DO "TERRITÓRIO DO DESEJO" DA RMGV	30
I. 1. A prostituição na região central de Vitória nos anos de 1960.....	31
I. 2. Expansão urbana de Vitória: ordenação social e higienização	40
I. 3. A multiplicação dos discursos sobre o sexo e a prostituição como doença	51
I. 4. Reações ao biopoder: a construção de São Sebastião	64
I. 5. Imagens	83
CAPÍTULO II	
RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIAS DE SÃO SEBASTIÃO	88
II. 1. Violências, prazeres e desejos: as múltiplas relações vividas no território	89
II. 2. A chegada e a permanência das prostitutas nos bordéis	123
II. 3. Multiplicidade e organização: entre o poder e a resistência	147
II. 4. Imagens	164
CAPÍTULO III	
O FIM DA PROSTITUIÇÃO E O SURGIMENTO DE UM NOVO HORIZONTE	173
III. 1. Modificações econômicas, políticas e sociais na RMGV: fim da prostituição confinada	174
III. 2. A decadência de São Sebastião: as reações à nova configuração de forças no mercado sexual capixaba.....	195
III. 3. Trajetórias singulares: hábitos e percepções da prostituição.....	206
<i>Solange</i>	207
<i>Denise</i>	216
<i>Eny</i>	225
<i>Diane</i>	232
III. 4. Imagens.....	237
CONSIDERAÇÕES FINAIS	243
REFERÊNCIAS	253

INTRODUÇÃO

Em finais da década de 1960, o intenso crescimento demográfico e urbano da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, era acompanhado de uma multiplicação dos discursos sobre sexo presentes nas mais diversas áreas do convívio em sociedade, desde as concepções arquitetônicas e geográficas do meio citadino até a política de representação e as práticas regulatórias e disciplinadoras levadas a cabo pelo poder estatal. A região do centro de Vitória¹, que desde meados da década de 1950 passava por transformações arquitetônicas rumo à verticalização e à homogeneização, ganhou novo impulso modernizador em finais nos anos de 1960. As construções imobiliárias expandiam-se, adotando novas estéticas que substituíram a hegemonia territorial dos antigos casarões e passaram a compor um novo cenário urbano, imbuído dos ideais de desenvolvimento, ordenação e racionalização do espaço e das relações sociais. Os edifícios residenciais passaram a ser edificados de forma padronizada, com amplos apartamentos voltados para as famílias de classe média e alta. Assim, o centro da capital, sede da administração do governo estadual, de importantes edifícios comerciais e empresariais, do Porto de Vitória, com parques arborizados, estabelecimentos de lazer e prédios residenciais, se tornou ainda mais elitizado e alvo prioritário de uma política de ordenação social e higienização.

Até então aceita em territórios específicos na região do centro de Vitória, a prostituição, vista como uma "doença social", devia ser eliminada do principal espaço urbano capixaba. O ideal da medicina social brasileira, de cidade limpa, organizada e habitada por famílias burguesas "sadias", colocado como oposto da cidade doente e miserável, estava presente nos discursos de poder que teciam estratégias de exclusão e de marginalização das prostitutas na área central da capital do Espírito Santo. Foi nessa perspectiva que, tão logo assumiu a chefia do executivo estadual em 1967, por indicação do governo nacional da ditadura civil-militar, Christiano Dias Lopes Filho implantou um projeto de ordenamento urbano e higienização de Vitória, determinando a expulsão do meretrício da região do centro e sua delimitação em uma área periférica da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), chamada de São Sebastião, próximo ao recém-inaugurado Porto de Tubarão, no município da Serra. A região funcionou enquanto a principal área de confinamento da indústria sexual capixaba até princípios dos anos

¹ Na década de 1960, a cidade de Vitória ainda não era dividida em regiões e bairros, o centro era a principal área da capital. Atualmente, a região do centro abrange os bairros Centro, Fonte Grande, Piedade, Do Moscoso, Parque Moscoso, Santa Clara, Vila Rubim e Ilha do Príncipe. VITÓRIA, Prefeitura de. **Vitória em dados**. [s.d.]. Disponível em: < http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/dados_regiao/regiao_1/regiao1.asp>. Acesso em: 20 ago. 2018.

de 1980, quando iniciou um processo de decadência e o bairro passou a se chamar Novo Horizonte.

Apesar de ser vista enquanto uma anomalia e uma doença social, a prostituição se configurava como um "mal necessário", permitindo que os homens extravasassem seus desejos sexuais pretensamente instintivos e, com isso, preservassem a instituição matrimonial e as relações sexuais tradicionais da sociedade capixaba. Nesse sentido, as práticas e os discursos de poder delinearão a região de São Sebastião, mais conhecida como Carapeba, como a área de confinamento do meretrício da RMGV. Falando nos termos de Foucault², o poder político local se apropriava de um regime de "verdades incontestáveis" da ciência médica e jurídica para naturalizar as ações de higienização implementadas na geografia urbana vitoriense. Por meio de uma prática discursiva que reunia as "verdades" enunciadas por juristas, médicos, policiais, intelectuais e pelos meios de comunicação, o governo estadual exercia o biopoder que criava na "carne", nos corpos dos sujeitos sociais, um lugar da exclusão.

Analisando o discurso da medicina social sobre a prostituição em finais do século XIX e princípios do século seguinte no Rio de Janeiro, Magali Engel³ explica que as práticas discursivas médicas adquiriam maior visibilidade em conformidade com o crescimento urbano, uma vez que os problemas citadinos passaram a ser alvos de projetos de ordenação espacial rumo à modernização, entendida por ela como um momento de profundas transformações sociais, marcadas pelo aumento demográfico e por projetos de ordenação espacial e moral das cidades. As autoridades policiais e administrativas se pautavam no discurso da medicina social visando a normatização do espaço urbano, em um projeto de higienização pública que englobava aspectos físicos e morais da sociedade. Diante dos problemas de pobreza, mendicância, delinquência, furtos, prostituição e do crescimento dos cortiços e de doenças infecciosas, a ciência médica debruçava-se sobre as causas, as consequências e as medidas preventivas para sanar os males característicos da urbanidade e tornar o ambiente limpo social e moralmente. O poder público, por meio dos policiais, dos juristas e dos meios de comunicação apoiavam-se nas "verdades" enunciadas pelos médicos para implementar práticas de controle social na população, em uma associação entre doenças, criminalidade, negritude, pobreza e devassidão dos costumes, que legitimava ações de violência e exclusão dos negros, dos pobres e das prostitutas.

² FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

³ ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento industrial e urbano de diversas cidades dos países Ocidentais, como França, Inglaterra, Itália, Bélgica, Suécia, Argentina, Estados Unidos e Canadá, a prostituição tornou-se uma problemática abordada pela medicina social como um dos males citadinos que era preciso sanar para promover a higienização e a ordenação social dos espaços urbanos.⁴ Em muitos desses locais, em conformidade com os discursos médicos de defesa da regulamentação da prostituição, foram implantadas práticas de territorialização do meretrício em áreas determinadas, afastadas dos centros urbanos, onde a indústria sexual pudesse continuar a existir de forma controlada social e sanitariamente. No Brasil, foi, sobretudo, a partir do século XX, quando houve uma aceleração do crescimento industrial e urbano em todo o território nacional, que as práticas regulamentaristas de territorialização da prostituição se disseminaram por diversas cidades brasileiras, em conformidade com o avanço modernizador em cada uma delas. São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Londrina (PR) e Florianópolis (SC), são alguns exemplos de cidades onde houve o confinamento da prostituição em um território específico, em um imbricamento entre territorialidade e exclusão social proporcionada pela configuração de uma nova "geografia do prazer", como define Margareth Rago⁵.

Segundo Rago⁶, na cidade de São Paulo (SP), a configuração de uma "geografia do prazer" em princípios do XX acompanhou a emergência do ideal burguês de vida pública e de moralidade familiar. A autora explica que era imperativa a formatação de um território específico para o exercício da sexualidade ilícita, afastado do espaço de circulação das "famílias honestas". Nesse sentido, uma reforma urbana iniciou-se em São Paulo em 1911 e "[...] as meretrizes foram empurradas pelas 'picaretas do progresso' e obrigadas pela polícia de costumes a procurar refúgios em partes mais distantes da cidade"⁷. Elas se espalharam, então, pelas ruas Ipiranga, Timbiras, Amador Bueno, além das ruas Senador Feijó, Riachuelo, Ladeira Riachuelo, Ladeira de São Francisco e o Piques, locais onde passou a se concentrar o baixo meretrício, sendo esta última rua o ponto das prostitutas negras. Rago⁸ fez um exame extenso e complexo acerca das representações e das mitologias que constituíam o imaginário do submundo da prostituição

⁴ ENGEL, 2004; CORBIN, Alain. **Les filles de noce: misère sexuelle et prostitution aux 19e et 20e siècles**. 6 ed. Paris: Editions Aubier Montaigne, 1978; LACASSE, Danielle. **La prostitution féminine à Montréal, 1945-1970**. Montréal: Boréal, 1994; KNEELAND, George J. **Commercialized prostitution in New York city**. New York: Century Company, 1913.

⁵ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

⁶ RAGO, 1991.

⁷ RAGO, 1991, p. 84

⁸ RAGO, 1991.

paulistana de finais do século XIX e princípios do século XX, desvendando as funções que o universo prostitucional desempenhou como lugar de sociabilidades e desejos. Isso, por meio da análise de diversas fontes documentais, como literaturas, memórias, crônicas, entrevistas, jornais, revistas, relatórios oficiais e os discursos criminológico, jurídico e médico.

Conforme Juçara Luzia Leite⁹, no Rio de Janeiro (RJ) foi criada uma região confinamento da prostituição chamada "República do Mangue", que existiu nos anos de 1954 a 1974, destinada à existência de bordéis higienizados, controlados por médicos e policiais. A autora estudou a situação cotidiana das prostitutas e a atuação policial no local durante esse período, evidenciando os valores, os conflitos, as reações à disciplina imposta e o perfil das mulheres que atuavam na região, abrangendo a relação delas com a polícia. Para tanto, os registros das prostitutas do território, efetuados no 13º Distrito Policial, foram as principais fontes primárias utilizadas na pesquisa. Ademais, a autora fez uso de fontes orais para ampliar a quantidade e a qualidade do universo de estudo, entrevistando alguns policiais e prostitutas. Contudo, não lhe foi possível seguir a estrutura metodológica tradicional da História Oral, pois a maioria das pessoas não aceitou falar sobre o assunto, ou, quando falaram, se recusaram a gravar.

Em Londrina (PR), Antonio Paulo Benatti¹⁰ explica que conforme a cidade foi crescendo e se urbanizando, impunha-se a perspectiva higienista de ordenação social segundo a qual a prostituição devia se afastar da região central. Nesse sentido, em 1949 foi criada a Vila Matos, um território periférico destinado exclusivamente à indústria sexual. Utilizando-se de uma diversidade de fontes documentais, como textos jornalísticos e a literatura local, além de fontes orais, o autor volta a sua análise para o processo de construção da prostituição enquanto *alteridade*, em lugares e territórios marginais, e as relações desta *alteridade* "[...] com os espaços e personagens 'centrais', normatizados, palco da 'boa sociedade'"¹¹.

Por fim, em Florianópolis (SC), Maryana Cunha Ferrari¹² mostra as ações do poder público para retirar a prostituição das regiões centrais da cidade e a configuração, em princípios dos anos de 1960, de uma área periférica para a concentração do meretrício, chamada Vila Palmira,

⁹ LEITE, Juçara Luzia. **República do Mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2005.

¹⁰ BENATTI, Antonio Paulo. **O centro e as margens: boemia e prostituição na 'capital mundial do café'** (Londrina: 1930-1970). 1996. 241f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

¹¹ BENATTI, 1996, p. 5.

¹² FERRARI, Maryana Cunha. **Vila Palmira: prostituição e memória na grande Florianópolis nas décadas de 1960 a 1980**. 2008. 126f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

atual bairro Jardim Cidade de Florianópolis, pertencente ao município de São José. A autora utilizou-se de fontes orais com mulheres e homens que vivenciaram o período, além de artigos de jornais, documentos oficiais e fotografias, visando analisar "[...] as construções de diferenças e as legitimações de desigualdades [...], preconceitos e construções de subjetividades ligadas a afirmações de masculinidade"¹³. Da mesma forma, Ferrari¹⁴ deu visibilidade às preocupações por parte do poder público em retirar a prostituição das regiões centrais de Florianópolis, a fim de garantir a plena ordem e a modernização da cidade.

Janine Gomes da Silva¹⁵, por seu turno, ao estudar as questões relacionadas ao patrimônio cultural de Joinville (SC), a partir da memória de moradores, viu emergir narrativas sobre a prostituição que evidenciavam os diversos espaços destinados à indústria sexual na cidade. Os relatos abordavam, sobretudo, os lugares onde as práticas prostitucionais ocorriam, apontando a localização das "ruas do pecado", desde meados da década de 1950. Mais do que uma região específica em determinado ponto da cidade, a autora percebeu que os territórios "do pecado" são uma "[...] construção narrativa sobre diferentes espaços que abrigaram, em diferentes momentos, a prostituição e outras práticas a ela relacionadas"¹⁶. Em Joinville, apesar da preocupação do poder público em criar uma área destinada ao comércio sexual, a decisão não foi implantada devido às ações de um movimento de reação. Então, a prostituição não ficou confinada em uma área específica, mas existiu em diferentes ruas, em conformidade com a expansão urbana e as disputas de poder locais.

Ao longo do século XX, portanto, em diversas cidades brasileiras assistiu-se à implementação de práticas e de discursos higienistas sobre o mundo da prostituição, como aconteceu nos outros países do Ocidente. Mas, foi somente a partir da década de 1960, com o advento das mulheres enquanto objeto de estudo no campo da historiografia Ocidental, que a prostituição passou a ser analisada em uma perspectiva crítica aos discursos de poder da medicina social. Segundo Michelle Perrot¹⁷, o advento da história das mulheres nos Estados Unidos e na Europa acompanhou as mudanças nas pesquisas acadêmicas, na composição sexual do ambiente universitário e no movimento feminista. As ciências humanas, especialmente a história, passou a colocar as mulheres como objetos e sujeitos do conhecimento, por meio do estudo da família,

¹³ FERRARI, 2008, p. 14.

¹⁴ FERRARI, 2008, p. 14.

¹⁵ SILVA, Janine Gomes da. **Casas, esquinas e ruas 'do pecado'**: lugares de prostituição, memórias sobre um 'discurso caminhante'. In: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Prostituição em áreas urbanas**: histórias do tempo presente. Florianópolis: Editora UDESC, 2010, p. 46.

¹⁶ SILVA, 2010, p. 46.

¹⁷ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

da sexualidade e com a emergência da Nova História, terceira geração dos *Annales*, que multiplicava os objetos, as análises e as formas de escrever a história. Além disso, a presença cada vez maior das mulheres nas universidades, principalmente, a partir dos anos de 1970, alterava a composição sexual do meio acadêmico criando uma demanda ou, ao menos, uma escuta favorável. O movimento feminista, por fim, buscava ancestrais e legitimidade para as suas causas, o que levou à um "trabalho de memória" e a questionamentos teóricos sobre os saberes masculinos constituídos.

Perrot¹⁸ explica que a história tradicional relegou às mulheres ao silêncio na medida em que privilegia a esfera pública masculina, das guerras e da política, onde elas pouco aparecem. Da mesma forma, as fontes de pesquisa utilizadas nas análises históricas, construídas normalmente por administradores, policiais, juízes e contadores da ordem pública, carecem de informações sobre o universo feminino. Assim, com um "olhar de homens sobre os homens, os arquivos públicos calam as mulheres"¹⁹. Nos estudos sobre a prostituição, contudo, é comum a utilização de fontes policiais, médicas e literárias que, não obstante tenham sido produzidas por homens, falam a respeito das mulheres, particularmente das que eram vistas como "anomalias", como era o caso das prostitutas. A análise desses documentos, permitiu evidenciar os discursos de poder construídos pelos homens acerca do universo prostitucional, que, em maior ou menor medida, desvendaram as diversas posições e condições ocupadas e vividas pelas mulheres atuantes no mercado sexual. Mas, de qualquer maneira, foi, sobretudo, por meio dos discursos masculinos que as representações, as memórias e os saberes a respeito da prostituição foram revelados pelos estudos históricos. É nesse sentido que Perrot²⁰ afirma que a História Oral é, de certa forma, uma revanche das mulheres, na medida em que permite o uso da fonte oral, produzida pelas próprias mulheres sujeitas de sua história, no estudo historiográfico que as tem como objeto.

Assim, o presente trabalho se utiliza da História Oral com as próprias mulheres que exerceram a prostituição em São Sebastião, como principal fonte e método de pesquisa histórica. Como enfatiza José Carlos Sebe B. Meihy²¹, é necessário incluir as vozes "[...] das prostitutas no concerto analítico que preza seus testemunhos. Sob a pena de ser mais um 'cruel silenciamento', a historiografia, sem o protagonismo dos implicados nessa atividade, é passível de se tornar

¹⁸ PERROT, Michelle. **Les femmes ou les silences de l'histoire**. Paris: Flammarion, 1998.

¹⁹ PERROT, 1998, p. 13. Tradução nossa.

²⁰ PERROT, 1998.

²¹ MEIHY, José C. S. B. **Prostituição à brasileira: cinco histórias**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 76.

'outro' – mais um – discurso autoritário". Por isso, diferente da maioria das pesquisas realizadas sobre o tema no campo disciplinar da história, as memórias das antigas prostitutas conduzem a nossa narrativa, em um processo de inclusão de suas vozes por meio do qual procuramos falar "com" elas e não tão somente "sobre" elas. Segundo Paul Thompson²², a História Oral permite devolver ao seu lugar primordial aqueles que viveram e fizeram a história, utilizando-se de suas narrativas para a compreensão histórica, em uma produção discursiva da "verdade" de cada um, e não tão somente dos discursos de poder. É um olhar interno do objeto de estudo, que se torna, assim, sujeito de sua própria história.

Nessa perspectiva, Jorge Eduardo Aceves Lozano²³ explica que a análise em História Oral volta-se para a visão dos atores sociais, lugar privilegiado dos "esquecidos da história", daqueles que foram excluídos das narrativas oficiais dos discursos de poder. Mas, ao invés de tratar de grupos populares como meras estatísticas, que quantificam salários, preços, desemprego, entre outros, sem dar voz e nem adentrar no universo simbólico e imagético das pessoas comuns, a História Oral propõe uma interpretação qualitativa, voltada para "[...] o âmbito *subjetivo* da experiência humana"²⁴. Para o autor, a História Oral não é somente um conjunto de técnicas, procedimentos e roteiros precisos em torno de entrevistas gravadas, tampouco visa construir arquivos orais a serem posteriormente analisados, "é antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações *qualitativas* de processos histórico-sociais"²⁵. Por isso, a História Oral permite analisar qualitativamente a configuração histórica de São Sebastião, por meio das memórias subjetivas das mulheres que experimentaram o território como uma região de confinamento.

Ciente da existência da região de São Sebastião e almejando construir uma narrativa histórica a partir das memórias das mulheres que efetivamente vivenciaram o território, fui, então, em busca de quem seriam as sujeitas da pesquisa no atual bairro de Novo Horizonte, na Serra (RMGV). Perguntei para alguns pequenos comerciantes se eles tinham conhecimento da história do bairro e onde se aglomeravam os antigos bordéis. A partir disso, cheguei em um território repleto de construções antigas, muitas em estado decadente, que antes foram boates,

²² THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²³ LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

²⁴ LOZANO, 2006, p. 16.

²⁵ LOZANO, 2006, p. 16.

bares, dormitórios e lanchonetes de Carapeba. No local, inquiri os moradores para saber quais eram as pessoas que habitavam há mais tempo na região, até chegar em cerca de 10 mulheres que residem no território desde os tempos de São Sebastião. Entretanto, das 10 mulheres encontradas, apenas 4 falaram sobre o próprio passado na indústria sexual²⁶, enquanto as outras não quiseram falar sobre o assunto ou relataram não ter atuado no ofício sexual.

Assim, as 4 mulheres encontradas em Novo Horizonte tornaram-se nossas entrevistadas, objetos e sujeitas da história do "território do desejo" da RMGV. Uma delas foi cafetina, proprietária de boates na região, das quais a boate Veneza foi a mais famosa. Devido à sua postura imponente, suas semelhanças físicas, branca e loira, e sua trajetória de vida, demos-lhe o nome fictício de Eny, em referência à uma cafetina do interior de São Paulo, que foi proprietária de um dos bordéis mais luxuosos do estado nos anos de 1960.²⁷ As outras três sujeitas da pesquisa atuaram como prostitutas no território, sendo que todas elas passaram pela boate de Eny em algum momento de suas trajetórias no local. Elas são chamadas de Solange, Denise e Diane, em referências às mulheres reais com tais nomes que vivenciaram a prostituição nos anos de 1960, em Montréal, no Canadá, em uma configuração histórico-territorial produtoras de relações de poder muito parecidas com o que as nossas entrevistadas experimentaram.²⁸ Mesmo vivendo em uma cidade tão distante, com uma história em muitos aspectos tão diferente de Vitória, as trajetórias dessas mulheres me fizeram remeter às sujeitas da pesquisa. São mulheres pobres, que viveram muitas dificuldades na infância e na adolescência, sem apoio afetivo e familiar, e foram em busca de seus desejos pessoais e de melhoria de suas condições de vida. A prostituição na indústria sexual de Montréal, uma cidade portuária e bastante frequentada por homens de diversas nacionalidades, foi a alternativa encontrada por elas para realizar o afeto consigo mesmas.

Definidas as sujeitas da nossa pesquisa, procedemos à construção das fontes orais por meio da modalidade da História Oral de vida. Conforme Meihy e Fabíola Holanda²⁹, a História Oral compreende três modalidades de entrevista e análise: a história de vida, a história temática e a tradição oral. A primeira atenta-se para o aspecto subjetivo, para as versões individuais dos

²⁶ Os termos "indústria sexual", "mercado sexual" e "mercado de corpos femininos", são utilizados na pesquisa fazendo referência à ampla rede de relações de poder que envolve o comércio sexual desde o século XIX, com o crescimento das cidades e das indústrias, e que produz performances de gênero em consonância com a definição de prostituição elaborada pelos discursos médicos e policiais.

²⁷ MELLO, Lucius de. **Eny e o grande bordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

²⁸ LIMOGES, Thérèse. **La prostitution à Montréal**: comment, pourquoi certaines femmes deviennent prostituées. Étude sociologique et criminologique. Montréal: Les Éditions de l'homme, 1967.

²⁹ MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

fatos da vida. São narrativas de memória sujeitas às contradições, imprecisões e ajustes característicos da fala e da lembrança, de maneira que as narrativas "[...] apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões, distorções"³⁰. A segunda centra a entrevista no foco de estudo, trabalha com um questionário pronto, é mais objetiva, limitando devaneios e variações. Por fim, a tradição oral não trabalha propriamente com entrevistas, é parecida com a etnografia, procede às vivências no grupo focal procurando analisar mais o coletivo do que o individual, focando nos rituais de passagem, festividades, cerimônias cíclicas, calendários, entre outros.

Trabalhamos especificamente com a história de vida, também conhecida como biográfica, relato de vida e método biográfico. Apesar de ser vista como um método de entrevista livre, Thompson³¹ explica que não é possível prosseguir com uma entrevista completamente livre, de alguma forma o testemunho é sempre moldado pelas perguntas feitas. Como proposto pelo autor, fizemos as entrevistas seguindo as etapas da vida e os temas característicos desses momentos, desde a infância e a adolescência, até o possível casamento, o trabalho, os estudos e os dias atuais, a velhice e a constituição familiar, abrangendo as relações sexuais, familiares e de poder, além das percepções subjetivas, as facilidades e as dificuldades enfrentadas. Thompson³² acrescenta que é preciso estar atento às questões que não são ditas em um relato oral, aos significados dos silêncios, das hesitações, às sutilezas da memória e da comunicação, como procuramos fazer nas entrevistas, nos diálogos e nas análises com as sujeitas da pesquisa.

No ano de 2016, quando iniciei a pesquisa com Eny, Solange, Denise e Diane, comecei também a realizar a produção do curta-metragem documentário "Território do desprazer"³³, em parceria com a antropóloga e cineasta Maíra Tristão. Neste ano, realizamos as entrevistas em história oral de vida com elas, em uma dinâmica mais voltada para a produção cinematográfica. O filme foi concluído e, a partir de 2017, circulou por importantes festivais de cinema e por congressos acadêmicos no Brasil, além de ter sido transmitido no Canal Brasil. Minha pesquisa com as entrevistadas, contudo, não parou. Eu continuei a frequentar suas residências para visitá-las e tecer diálogos que me ajudassem a aprofundar em algumas questões abordadas nas entrevistas realizadas. Em cada visita, fui construindo um diário de campo, onde registrava minhas

³⁰ MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 34.

³¹ THOMPSON, 1988.

³² THOMPSON, 1988.

³³ TERRITÓRIO do desprazer. Direção: Maíra Tristão e Mirela Morgante. Produção: Pique Bandeira Filmes. Vitória, 2017. 17'. O filme foi contemplado no edital de audiovisual de 2016, da Secretaria da Cultura do Espírito Santo (Secult-ES), para a sua produção.

observações pessoais sobre o cotidiano, as relações sociais, os medos, os hábitos e algumas particularidades da personalidade de cada uma delas.

O processo de interação e de diálogo com as entrevistadas foi facilitado quando, em 2017, como resultado da minha inscrição para atuar como professora em designação temporária no município da Serra, fui chamada para dar aulas de História na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aureniria Corrêa Pimentel, localizada na antiga região de São Sebastião, onde fica o atual bairro de Novo Horizonte. Foi uma grata surpresa ter sido convocada para trabalhar justamente no meu território de pesquisa. Tive a oportunidade de conviver diariamente com as crianças e os(as) adolescentes do bairro, cuja história familiar muitas vezes está relacionada com Carapeba. Cheguei mesmo a ter como aluna a única neta de Solange, uma das sujeitas da pesquisa, e a ter com ela uma convivência mais próxima devido à preocupação em comum no bem-estar de sua avó. Trabalhando na escola, também pude visitar mais frequentemente as entrevistadas, estreitando nossos laços de confiança e de intimidade. Foram tantas visitas, conversas e interações, que acabei criando uma relação de afeto com elas. Tive vivências de grande aprendizado pessoal, pude perceber aspectos em suas subjetividades e na minha, que inicialmente eu não cogitava possíveis. Os silêncios, as hesitações, as ansiedades e as sutilezas das memórias delas foram ficando mais evidentes e compreensíveis para mim.

Assim, após cerca de 4 anos de visitas constantes, intensificadas em 2017, com um diário de campo bem constituído, realizei outra entrevista em história oral de vida com elas, adentrando em aspectos subjetivos inimagináveis no momento da realização das primeiras entrevistas. As últimas entrevistas, portanto, são a principal base de nossa pesquisa, que conta ainda com a contribuição indispensável das informações constantes no diário de campo construído por mim. A construção do acervo oral foi respaldada juridicamente pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo, que deu as devidas orientações para a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelas entrevistadas e deu o parecer favorável à realização das entrevistas conforme disposto no projeto de pesquisa. Com isso, procedi às entrevistas que são a base do acervo oral utilizado neste trabalho. Para tanto, adquiri um gravador profissional para gravar os relatos orais, de forma que eu não precisasse me preocupar com as questões técnicas do áudio no momento da narrativa das sujeitas da pesquisa, que levavam tempo e exigiam minha total atenção.

Constituído o acervo oral, procedi à transcrição das narrativas em História Oral de vida produzidas com Eny, Solange, Denise e Diane. Não cheguei a fazer um cálculo preciso, mas

estimo uma média de 5 horas de trabalho para cada transcrição efetuada. Isso porque os áudios estavam com boa qualidade, o que facilitou o trabalho. Ademais, vale ressaltar que as transcrições foram feitas da forma mais literal possível, em conformidade com as falas delas. É desta maneira que seus relatos são citados neste trabalho, visando transmitir as suas particularidades subjetivas por meio de suas autênticas narrativas. Apenas foram feitos alguns ajustes nos textos das entrevistas, quando se fazia necessário para fins de compreensão e facilidade de leitura. Mas, de forma geral, procuramos construir o formato textual da maneira mais fidedigna possível às falas das sujeitas da pesquisa, com suas hesitações e vícios de linguagem.

Como fontes complementares, utilizamos a reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios" produzida pela TV Gazeta e exibida em 1976, notícias sobre o tema publicadas em periódicos capixabas, principalmente, nos anos de 1960 a 1980, na Revista Capixaba (1967-1971) e na Revista Espírito Santo Agora (1978-1984), além de conversas informais com os moradores do Centro de Vitória e de Novo Horizonte a respeito do período áureo do meretrício em ambas as regiões, que foram anotadas no caderno de campo. Com elas, tecemos um diálogo crítico relacionando-as com a História Oral e identificando as consistências das narrativas das sujeitas da pesquisa. As fontes complementares também foram fundamentais para a compreensão dos discursos de poder acerca do universo prostitucional na RMGV e sua relação com o processo de produção subjetiva das mulheres que atuaram no meretrício em São Sebastião. Para tanto, procedemos à metodologia da Análise de Discurso foucaultiana, segundo a qual o discurso é um conjunto de enunciados com princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva.³⁴ Para Foucault³⁵ não há um sujeito como instância fundadora do discurso, por isso a análise se volta para a descrição dos enunciados inseridos em um campo de regularidades. O autor situa o discurso em um espaço de entrecruzamento entre o poder e o saber, produzindo as "verdades incontestáveis" dos poderes regulatórios e disciplinadores de determinada formação social. Helena Brandão³⁶ sintetiza que, para Foucault, "[...] a matéria de uma análise de discurso descontínua é o evento na sua manifestação discursiva sem referência a uma teleologia ou a uma subjetividade fundadora".

³⁴ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

³⁵ FOUCAULT, 2007.

³⁶ BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 34.

Nessa perspectiva, analisamos as memórias das mulheres que atuaram no mercado sexual de São Sebastião, em algum período dos anos de 1960 a 1980, e que permaneceram vivendo no território até os dias atuais. O conceito de memória é entendido como a própria singularidade do sujeito, como explica Gilles Deleuze³⁷, "memória é o verdadeiro nome da relação consigo ou do afeto de si por si". Para Bergson³⁸, a memória faz com que o corpo seja distinto de uma instantaneidade, dando-lhe duração no tempo. O autor evidencia algumas direções tomadas pela memória, como a lembrança, a percepção, a afecção e o hábito, que, apesar de serem distintas, podem se entrecruzar e agirem num mesmo momento e gesto corporal. A lembrança refere-se à vontade e à duração, e, por meio de um estímulo presente, a pessoa escolhe se voltar para as lembranças passadas. A percepção, está sempre presente nas lembranças, mas é também independente, coincide com o objeto percebido e não precisa retomar o passado de forma consciente, o passado a constitui. A afecção se relaciona ao corpo, é o próprio corpo constituído por meio das dores e das dificuldades sofridos ao longo do tempo. O hábito, por fim, refere-se às ações que, de tão repetidas, tornam-se automáticas e espontâneas e, "[...] é tanto volúvel em reproduzir, quanto fiel em conservar"³⁹.

Tendo como sabe a análise da memória, em suas várias direções, o objetivo da presente pesquisa é compreender o processo de produção das subjetividades singulares de Eny, Solange, Denise e Diane, a partir de suas experiências vividas no "território do desejo" da RMGV. O problema fundamental é entender como as relações de poder tecidas por elas em São Sebastião, em meio à constante de repressão, regulação e disciplinarização dos corpos prostitucionais, construíram e continuam a construir suas subjetividades. Quais foram os efeitos do poder em suas memórias subjetivas? Nossa hipótese é que as suas memórias, suas subjetividades, foram produzidas como efeitos das relações de poder vividas no território, não somente como sujeição, mas, sobretudo, como realidade positiva, criadora de pontos de resistências. É evidente que muitas foram as dificuldades e violências sofridas, que elas precisaram se submeter a normas de conduta não desejadas ou mesmo percebidas como humilhantes. Mas, nesse processo, elas foram construindo alternativas de vida e criando novos desejos, subvertendo as normatizações impostas e viabilizando novos afetos por si mesmas.

³⁷ DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013, p. 115.

³⁸ BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

³⁹ BERGSON, 2006, p. 97.

Em consonância com Foucault, entendemos o poder não somente como repressão, mas, sobretudo, enquanto produtor de individualidade, em sua multiplicidade discursiva e de práticas sociais geradoras de novas dinâmicas de produção de subjetividades e de outras relações de poder e de afeto. Não obstante a violência e as estratégias de disciplinarização para a submissão das individualidades, o poder implica sempre em pontos de resistência e de subversão, em relações de afeto dos sujeitos para consigo mesmos que alteram os termos das relações de forças e geram outras relações de poder diferentes das primeiras impostas. De forma geral, o poder conduz condutas e dispõe de probabilidades, induz, afasta, facilita, impede e limita as relações de forças, produzindo, a partir daí, efeitos de construção das singularidades subjetivas dos sujeitos. Mas, não determina estas singularidades, que são independentes e diversas, pois reagem de múltiplas formas, às diferentes relações e situações, conforme suas próprias memórias e experiências. É nesse sentido que, tanto nas ações de exclusão e marginalização das prostitutas da região central de Vitória e nas relações de poder vivenciadas por elas em São Sebastião, quanto depois do fim do "território do desejo" da RMGV, as estratégias de poder são entendidas nesta pesquisa não como determinantes das singularidades das antigas prostitutas do local, mas em seu caráter de "subjetivação", de produção de subjetividade por meio dos efeitos de poder em sujeitos já singulares, com suas memórias e seus hábitos.⁴⁰

As relações de forças a partir das quais os sujeitos produzem suas subjetividades singulares, carregam determinadas representações de gênero que tanto norteiam, como são construídas pelas mesmas redes de relações de poder. Segundo Judith Butler⁴¹, é preciso compreender os sistemas jurídicos de poder como produtores de representações de gênero binárias, formatando identidades como unidades coerentes, mas que só tem uma realidade linguística, e não como uma subjetividade singular. Como ela explica, "[...] a coerência interna do gênero e a estrutura binária para sexo e gênero são sempre considerados como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista"⁴². Para a autora, gênero deve ser entendido enquanto produto de normas de inteligibilidade construídas pelos sistemas jurídicos de poder e que estão inscritas nos corpos e nos atos cotidianos dos

⁴⁰ Enquanto a obra "História da sexualidade I: a vontade de saber" é a nossa referência fundamental para a concepção realidade positiva do poder como produtor de individualidades, as obras "História da sexualidade II: o uso dos prazeres" e "História da sexualidade III: o cuidado de si" são as nossas principais referências para o entendimento do processo de subjetivação singular como resultado do afeto de si para consigo mesmo. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979; FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984; FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

⁴¹ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

⁴² BUTLER, 2006, p. 70.

sujeitos na forma das performances assumidas, isto é, de ações repetidas que tem como base um ideal de gênero inteligível. É função de uma política representacional de gênero estabelecer, assim, uma relação causal entre os termos sexo, como uma pretensa natureza biológica, gênero, como uma designação psíquica e/ou cultural, e desejo, como heterossexual, para construir a unidade fictícia e coerente da identidade de gênero.

Conforme Butler, gênero é uma performance com consequências punitivas, na medida em que há uma punição para os que não desempenham corretamente seu gênero, ou seja, que desestabilizam algum dos três elementos que formam a inteligibilidade do gênero: sexo, gênero e desejo. Por isso, ela fala em uma heterossexualidade compulsória, em que a verdade interna do gênero é uma fabricação, "[...] uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos [...]", de maneira que "[...] os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável"⁴³. Assim, a ideia de uma identidade de gênero "verdadeira" mostra-se como uma ficção reguladora, impossível de ser plenamente incorporada pelos sujeitos, constituindo-se como parte da estratégia que visa ocultar e naturalizar o caráter performativo do gênero. Mas, da mesma forma que os sujeitos nunca irão incorporar plenamente as identidades de gênero, não é possível pensar em uma sexualidade normativa que esteja "fora", "antes" ou "além" do poder, com risco de cair uma vez mais na ideia de essência ontológica dos seres humanos.

Os corpos dos sujeitos e, particularmente, das antigas prostitutas de São Sebastião, são marcados pelo performativo, isto é, por atos e gestos repetidos que constituem sua realidade e para o qual não há *status* ontológico anterior ou uma "essência interna" separada da performatividade que o constitui. A aparência de substância do gênero, a identidade de gênero tal qual a política representacional de uma heterossexualidade compulsória e de hierarquia de gênero produz, evidencia que "[...] o eu gênero permanente é estruturado por atos repetidos que buscam aproximar o ideal de uma base substancial de identidade, mas revelador, em sua descontinuidade ocasional, da falta de fundamento temporal e contingente dessa "base"⁴⁴. Nas relações de poder e de afeto no território de confinamento do meretrício da RMGV, é evidente o caráter performativo de gênero, na medida em que as prostitutas da região tentavam, em seus gestos e em suas aparências, seguir os padrões de inteligibilidade de gênero, mas que, na prática cotidiana, não condiziam com as suas experiências subjetivas. Os discursos de poder construíam representações e relações de forças marcadas por concepções essencialistas das identidades

⁴³ BUTLER, 2016, p. 236

⁴⁴ BUTLER, 2016, p. 243.

sexuais, que, por sua vez, produziam efeitos múltiplos de resistência e também de submissão nas subjetividades singulares das mulheres que viviam e trabalhavam na indústria sexual do território.

Em meio à multiplicação de discursos sobre o sexo, a produção de representações identitárias de gênero eram caracterizadas enquanto essências fixas e coerentes, segundo as quais as mulheres eram associadas à maternidade, à emoção, à passividade e à fidelidade conjugal, e os homens eram associados ao papel de provedor da economia familiar, à razão, à atividade, à virilidade sexual. As prostitutas, por seu turno, eram consideradas como o oposto binário da mulher "sadia" e "normal", enquadrada na inteligibilidade entre sexo, gênero e desejo, a qual, deve-se somar a raça, pois a mulher "normal" produzida pelos discursos representacionais de poder, era também branca. Por isso, falamos aqui no exercício de um biopoder sobre os corpos individuais que, para além do seu caráter sexual, carrega uma perspectiva racial. Pautado em saberes científicos biologizantes, o biopoder se exerce, simultaneamente, de forma totalizante e individualizante, na medida em que se impõe como uma política de estado, geradora de normas regulatórias para toda a população, e que conduz os gestos e as atitudes dos sujeitos, na forma do controle disciplinar sobre os corpos. O racismo integra o biopoder, assegurando sua função de vida e morte sobre os corpos brancos e negros, respectivamente, em um ideal biologizante de superioridade da raça branca.⁴⁵ Apesar de não utilizar o conceito, a análise de Engel⁴⁶ sobre os discursos médicos sobre a prostituição produzidos no Rio de Janeiro em finais do século XIX e princípios do século XX, demonstra justamente como as estratégias dos poderes públicos viam os problemas urbanos por meio de concepções racistas sobre a cidade e seus habitantes. O mesmo que ocorre, anos mais tarde, na capital do Espírito Santo.

A partir dos parâmetros teórico-metodológicos expostos, assim como da literatura sobre o tema da prostituição no Brasil e no exterior, desenvolvemos o trabalho seguindo os objetivos da pesquisa. O primeiro capítulo do trabalho "A configuração subjetiva do 'território do desejo' da RMGV", aborda justamente a formação histórica de Vitória nos anos de 1960, a partir da qual o poder estatal capixaba delimitou São Sebastião como a região de confinamento da prostituição da RMGV, em 1967. Até então, a prostituição se concentrava em determinadas ruas na região central da capital, vivenciando uma época de grande prosperidade da indústria sexual na cidade.

⁴⁵ A obra "História da sexualidade I: a vontade de saber" e o curso de 17 de março de 1976 intitulado "É preciso defender a sociedade", são as referências fundamentais da concepção de biopoder para Foucault. FOUCAULT, 1979; FOUCAULT, Michel. "**Il faut défendre la société**". Cours au Collège de France. 1976. Paris: Gallimard-Seuil, 1997.

⁴⁶ ENGEL, 2004.

Algumas prostitutas enriqueceram sobremaneira nesse período, enquanto outras, como Eny e Solange ainda iniciavam sua trajetória prostitucional na região quando o mercado sexual foi expulso do local. A expansão urbana da capital do estado, somada à produção discursiva da prostituição como doença, produziram práticas de exclusão e marginalização das prostitutas do centro da cidade e na delimitação do "território do prazer", como se refere Margareth Rago⁴⁷ às regiões de prostituição paulistanas de finais do século XIX e começo do XX.

Entretanto, não obstante as ações do biopoder na dinâmica de delimitação do espaço, pode-se dizer que as responsáveis pela construção cotidiana do território foram as mulheres que atuavam com o mercado de corpos femininos e viviam o dia a dia do confinamento na região. Para elas, Carapeba se constituiu como um "território do desejo", na medida em que elas projetaram nele suas vontades pessoais de ascensão financeira, de criação de novas redes de afeto e de poder, de independência e de invenção. Segundo Félix Guattari⁴⁸, o desejo deve ser compreendido desta forma ampliada, como a manifestação e o sentimento da vontade de viver, de criar e de mudar, em diversas dimensões das relações sociais e afetivas. Para as antigas prostitutas do território, entrevistadas na pesquisa, São Sebastião era a projeção de seus desejos pessoais de ampliação e consolidação do afeto para consigo mesmas. Por isso, falamos muito mais em "território do desejo", do que em "território do prazer", apontando o sentimento subjetivo das entrevistadas em relação à região, ao menos durante certo tempo.

No segundo capítulo, intitulado "Relações de poder e resistências em São Sebastião", a análise se volta para as relações cotidianas vivenciadas pelas sujeitas da pesquisa no território. Mergulhamos nas lembranças das entrevistadas para abordar suas múltiplas experiências de prazeres, de desejos, de violências, de reação às disciplinas impostas e de construção de redes de afeto e de solidariedade na "geografia do prazer" de São Sebastião. Compreendemos como elas se organizavam dentro da hierarquia do mercado sexual e quais eram as suas possibilidades de resistência e de exercício do poder. Ademais, por meio das vivências das sujeitas da pesquisa, evidenciamos as mudanças ocorridas no próprio território ao longo dos anos de 1960 a 1980.

Enfim, no terceiro capítulo, chamado "O fim da prostituição e o surgimento de um Novo Horizonte", evidenciamos as modificações nas configurações de forças do território e as escolhas feitas pelas sujeitas da pesquisa diante de seus novos desejos e afetos pessoais. As

⁴⁷ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

⁴⁸ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 261.

diversas mudanças econômicas, sociais e políticas pelas quais passava o estado e todo o Brasil impactaram sobremaneira no território, levando ao fim da prostituição confinada e à ascensão de outras formas de exercício prostitucional na RMGV. A partir de então, cada uma das entrevistadas traçou diferentes caminhos dentro e fora da indústria sexual. O capítulo termina com as suas trajetórias singulares até os dias de hoje, mostrando os hábitos e as percepções da prostituição em suas subjetividades atualmente.

No final de cada capítulo, inserimos uma sessão de "Imagens", com fotografias pertinentes a cada configuração histórica analisada. Consideramos esta a melhor maneira de adentrar visualmente no ambiente subjetivo da época, sem provocar interrupções na leitura da narrativa histórica.

CAPÍTULO I

A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DO "TERRITÓRIO DO DESEJO" DA RMGV

I. 1. A prostituição na região central de Vitória nos anos de 1960

Por volta de 1960, com 15 anos de idade, Solange, uma jovem negra e analfabeta chegou em Vitória, capital do Espírito Santo, para trabalhar na indústria sexual do centro da cidade. Ela veio com uma amiga, fugida de um prostíbulo de Colatina, no interior do estado. As amigas saíram do bordel em plena madrugada, para não serem vistas por ninguém, e pegaram o trem da estrada de ferro da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) que levava à Vitória. Solange ouvia dizer que na capital espírito-santense ganharia muito dinheiro exercendo a prostituição com os estrangeiros que atracavam no porto marítimo da cidade e, por isso, não obstante a dívida que tinha com a cafetina do bordel de Colatina, decidiu migrar para o centro de Vitória. A dívida havia sido contraída algum tempo antes, quando a cafetina arcara com todas as despesas para trazer a menina de Governador Valadares, um município no interior de Minas Gerais, há 220 km de Colatina, para ser sua inquilina, como chamam as mulheres que trabalham e habitam nos bordéis. Solange não podia deixar o prostíbulo antes de quitar a dívida relativa à viagem com a cafetina. Determinada a se mudar para os prostíbulos do centro de Vitória, contudo, resolveu sair do estabelecimento às escondidas, sem pagar nada à cafetina.

Solange fora obrigada a enfrentar sozinha as dificuldades diárias para sobreviver, desde que tinha cerca de 9 anos, por isso, aprendera a burlar as normas para conseguir o que almejava ou precisava. Ela nasceu em Alpercata, um município interiorano próximo a Governador Valadares, em Minas Gerais, em uma família com 6 filhos, pai meeiro e mãe costureira. A mãe faleceu no parto do sétimo filho, quando ela tinha 9 anos. Desde então, sendo a menina mais velha entre os irmãos, Solange passou a cuidar da família, cozinhava, lavava roupas, limpava a casa e fazia todas as obrigações domésticas. O pai era alcoólatra e muito namoradeiro, sofria ameaças de morte constantes e estava sempre envolvido em confusões violentas. Até que certa vez, após desferir facadas em um homem, passou a ser perseguido pela polícia e precisou fugir para Mantena, outra cidade interiorana de Minas Gerais. Os filhos foram morar com o pai, mas a convivência acabou não vingando, segundo Solange, porque ele casou-se novamente e as crianças não se davam bem com a madrasta. Com o passar do tempo, os irmãos se dispersam, muitos deles foram para o estado de Mato Grosso e Solange nunca mais os viu.

Sem condições de viver com o pai, em questão de pouco tempo Solange passou a trabalhar como empregada doméstica em diversas casas, primeiro em Mantena, depois em Governador Valadares. Em uma das residências, morou com duas "beatas", como se refere às mulheres

adultas, solteiras e religiosas, que a levavam para a Igreja Católica diariamente, o que ela gostava de fazer, e comenta "tudo o que o padre falava nós sabíamos responder". Em outro serviço, entretanto, foi assediada sexualmente por um "senhor sem vergonha", como conta. Com cerca de 12 anos, Solange acabou engravidando de um homem bem mais velho, um médico. Sem receber nenhuma assistência do pai do bebê e sem saber como sobreviver, ela acabou indo para um hotel de prostituição em Governador Valadares. Após algum tempo, o neném acabou nascendo morto. Ela continuou trabalhando no hotel e engravidou novamente. Certo dia, uma cafetina de Vitória da Conquista, uma pequena cidade no sudoeste da Bahia, apareceu no hotel oferecendo trabalho em seu prostíbulo. Ela levou Solange e algumas meninas para lá, sem se importar com a gestação da menina, pois, como narra Solange, "dona de casa gostava de menininha, não gostava de mulher velha não". Para as empreendedoras da indústria sexual, era vantajoso ter como inquilinas meninas novas, quanto menor a idade, maior o seu valor no mercado sexual. Sem ter como criar uma criança, mal conseguindo se sustentar, Solange deu o neném para outra pessoa tão logo ele nascera. Ela, por seu turno, voltou Governador Valadares e passou a trabalhar na limpeza de um parque da cidade. Foi quando a cafetina de Colatina a encontrou e a convidou para ser sua inquilina. Solange aceitou e foi para o município do interior capixaba. Mas ela não estava satisfeita com as condições de vida no prostíbulo e queria ganhar mais dinheiro, por isso resolveu fugir para Vitória.

No centro de Vitória, Solange foi trabalhar na boate 78, de propriedade de Dalila⁴⁹, situada na rua General Osório, um dos locais de concentração da prostituição na capital. O prostíbulo era bastante movimentado, frequentado, principalmente, por marinheiros brasileiros. A jovem não gostava da freguesia, acabava não ganhando muito dinheiro e os clientes bagunçavam o estabelecimento, a ponto dos fregueses estrangeiros se afastarem do bordel. Como ela conta, "eu não gostava muito não, porque eu não gostava de marinheiro, era muito bagunçado. [...] Eles queriam de graça. (Risada). Cada um mais bonitinho que o outro, mas queria de graça". Dada a proximidade do porto, muitos estrangeiros chegavam a ir ao bordel, "mas os gringos chegavam lá, viam aquele monte de marinheiro e não ficava, ia tudo embora". Com isso, a clientela de Solange se restringia aos marinheiros nativos, bagunceiros e mal pagadores, que não lhe garantiam os rendimentos necessários para viver bem, segundo suas expectativas. Em compensação, ela chegava a ter alguns prazeres, se divertindo com eles. Em algumas ocasiões, depois do fechamento do prostíbulo, ela e outras meninas iam com os marinheiros para o Porto

⁴⁹ Os sujeitos citados pelas entrevistadas são mencionados aqui conforme seus nomes/apelidos originais relatados por elas.

de Vitória e entravam dentro dos navios atracados. Eram momentos entusiásticos, ímpares em sua memória. Ao narrar o episódio, Solange suspira, "ai... eu já curti muito, acho que estou pagando aqui ficando presa, isso aqui é uma cadeia pra gente".

Com aproximadamente 70 anos, sem os movimentos das pernas devido à um derrame cerebral, com uma das mãos paralisadas e vivendo no Instituto Franciscano, um asilo de mulheres idosas administrado por freiras e localizado em Nova Almeida, na Serra, município pertencente à Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), Solange sente saudades da liberdade de outrora e, por meio de uma percepção cristã, vivencia o passado como culpa. Seguindo a concepção de Henri Bergson⁵⁰, para quem memória é coexistência virtual do passado e do presente, as lembranças de Solange estão presentes em suas percepções no momento em que ela relata os acontecimentos e sensações passados, de maneira que seu estado físico e sua convivência social atual são percebidos em conformidade com a sua história pessoal de vida. Como explica Bergson⁵¹, "[...] perceber acaba não sendo mais do que uma ocasião de lembrar, [...] medimos o grau de realidade com o grau de utilidade [...], temos todo o interesse, enfim, em erigir em simples signo do real essas intuições imediatas que coincidem, no fundo, com a própria realidade". Nesse sentido, Solange constrói sua realidade presente por meio de uma percepção marcada pelas lembranças de uma época em que usufruía de maior autonomia e de alguns pequenos prazeres hoje impossíveis de concretizar. Ela retém da lembrança passada o que lhe interessa no momento de negação atual, negação da velhice do seu corpo, da instituição cristã em que se encontra e da sua impossibilidade de agir conforme o seu afeto, e afirma sua potência subjetiva na memória de sua vivência corporal da juventude. Como afirma Simone de Beauvoir⁵² a respeito da velhice, é importante nesta etapa da vida, conservar o prazer de viver e "[...] uma boa saúde favorece a sobrevivência de interesses intelectuais e afetivos". Caso contrário, pode haver uma contradição entre a vontade de resistência do sujeito e a sua involução orgânica, de tal forma que "O drama do velho é, muitas vezes, ele não poder mais o que quer"⁵³. É justamente este o drama de Solange, que já não pode mais viver em Novo Horizonte, antes São Sebastião, seu território de afetividade, e precisa habitar um espaço que não escolheu estar, em uma limitada rede de relações permeada pela religiosidade católica,

⁵⁰ BERGSON apud DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

⁵¹ BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 69.

⁵² BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 387.

⁵³ BEAUVOIR, 1990, p. 387.

cujos preceitos condenam o exercício da prostituição como um pecado. Um lugar que é uma verdadeira "cadeia" para ela.

Por volta do ano de 1962, pouco tempo depois de Solange, Eny, uma mulher branca e alfabetizada, de 21 anos, chegou em Vitória acompanhada do marido e do filho do casal, de cerca de 1 ano de idade. Eles também vieram de Colatina, onde vivia toda a família de Eny, seus sete irmãos e seus pais. Estes, pertencentes à classe média baixa da cidade, mudaram-se para a capital logo em seguida à filha, devido à transferência do trabalho do pai, agente na estação de trem da CVRD, para Vitória. Já a jovem, seu esposo e seu filho, se mudaram para a capital com o objetivo de o marido servir o exército na cidade. E assim ele o fez. Passava seus dias em treinamento no quartel militar e pouco via a família. Eny, então, começou a namorar e a conhecer outros homens. Ela conta que se relacionou por cerca de 2 anos com Setembrino Pelissari, que seria indicado pelo governo militar para ser prefeito de Vitória nos anos de 1967 a 1978.⁵⁴ Depois, namorou com um engenheiro que estava atuando na construção do Porto de Tubarão, uma obra de grandes proporções que visava atender à demanda de exportação de minério de ferro para países como Alemanha e Japão, localizada no final da praia de Camburi, em Vitória. Foi este homem que a levou para ser gerente da boate 130, também na rua General Osório, no centro da cidade. Com a mãe morando por perto, a jovem deixava seu filho sob seus cuidados e tinha certa autonomia para tecer relações sociais e circular pela cidade. Eny relata que só tinha namorados da alta sociedade, mas não entra em detalhes sobre esse período de sua vida, não fala como os conhecia, quais lugares costumava ir e como conseguia dinheiro para arcar com seus lazeres e suas despesas. Tendo se tornado proprietária de boate anos mais tarde, em São Sebastião, ela prefere se apresentar como uma empreendedora da indústria sexual, vista como uma posição de *status*, em detrimento das prostitutas, as quais considera inferiores.

A mudança de Eny, de Colatina para Vitória, significou uma ampliação de sua rede de relações sociais. Ela saiu de um convívio estritamente doméstico e se inseriu no submundo do mercado sexual capixaba, caracterizado pela multiplicidade de vivências sexuais e interpessoais. Havia se casado por obrigação familiar e social, dizendo que no interior era assim, "namorou, tinha que casar". Mas, ao chegar na capital, onde uma diversidade de pessoas interagiu de múltiplas maneiras, subvertendo e se sujeitando às normas sociais, Eny encontrou uma oportunidade para romper com as regras de conduta matrimoniais e ampliar suas possibilidades e expectativas de poder e de afeto. Sendo uma mulher branca e relativamente instruída, ela conseguia adentrar

⁵⁴ OLIVEIRA, Ueber José de. **Elites capixabas no golpe de 1964: o bipartidarismo e a convergência de agendas desenvolvimentistas (1964-1982)**. Serra: Milfontes, 2018.

em círculos sociais de maior poder aquisitivo, expandindo a probabilidade de executar seus desejos subjetivos. Claro que estes desejos eram mutáveis e se deslocavam em conformidade com o jogo de relações vivenciadas. O biopoder imposto cotidianamente por meio de suas relações sociais suscitava uma série de reações por parte de Eny, guiadas pelo afeto por si mesma e por sua memória pessoal. Nesse processo, ela construía e desconstruía expectativas e relações íntimas, procurando ter autonomia, ampliar seus recursos financeiros e adquirir posições de poder. A indústria sexual foi o caminho encontrado para satisfazer seus desejos pessoais de ascensão social, que ela perseguia se relacionando com homens de maior prestígio econômico e político. Eny relata suas lembranças dessa época em meio às necessidades atuais de mostrar-se forte, inteligente, sujeito ativo de sua própria história, de forma que ela somente conta das memórias condizentes com esta imagem de si mesma. O esquecimento dos outros aspectos das relações interpessoais tecidas nesse momento de seu passado é parte integrante de sua memória, evidencia a singularidade de sua percepção que "[...] intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração [...]"⁵⁵. Para Bergson⁵⁶, a memória é a contração de todas as lembranças passadas, é a singularidade do sujeito, corresponde à sua necessidade atual. É nessa perspectiva que Eny diz nunca ter exercido a prostituição e ter vivido uma época áurea em Vitória, em que namorava apenas homens abastados. Os esquecimentos das dificuldades, das decepções e dos rancores são constituintes de sua memória singular, de resistência e de afeto.

Nos anos de 1950 e 1960, quando Solange e Eny adentraram no mercado de corpos femininos da capital, o comércio sexual da região central de Vitória se concentrava, principalmente, na Volta de Caratoíra, onde se situavam os bordéis Casa Branca, Casa Verde e Portão de Ferro e na rua General Osório, localizada próxima ao Parque Moscoso, com prostíbulos conhecidos por seus respectivos números, como 78, 79, 92, 120 e 130.⁵⁷ Segundo a crônica escrita por Rogério Medeiros⁵⁸, "Aurora Gorda - a prostituta respeitosa", publicada no jornal *Século Diário* em setembro de 2009, por volta dos anos de 1950, os homens das elites capixabas costumavam

⁵⁵ BERGSON, 2006, p. 77.

⁵⁶ BERGSON, 2006.

⁵⁷ Informações extraídas de: SOLANGE. **História oral de vida**. 2019. Entrevista concedida a Mirela Marin Morgante, Vitória, 23 nov. 2019; ENY. **História oral de vida**. 2019. Entrevista concedida a Mirela Marin Morgante, Vitória, 5 27 nov. 2019; COSTA, Wing. Conheça as imperatrizes da época de ouro da prostituição capixaba. **Gazetaonline**, Vitória, 8 ago 2015. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/especiais/capixapedia/2015/08/conheca-as-imperatrizes-da-epoca-de-ouro-da-prostituicao-capixaba-1013904938.html?utm_medium=redacao&utm_source=facebook>. Acesso em: 20 jan. 2020; MEDEIROS, Rogério. Aurora gorda: a prostituta respeitosa. **Século Diário**, 12 set 2009. Disponível em: <<https://deolhonailha-vix.blogspot.com/2011/11/aurora-gorda-prostituta-respetosa.html?showComment=1580184202861>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

⁵⁸ MEDEIROS, 2009.

frequentar a Volta de Caratoíra, território do alto meretrício, cujos melhores bordéis eram a Casa Verde e a Casa Branca. O jornalista explica que naquela época "[...] as moças casavam virgens e as esposas só faziam sexo na base do papai-mamãe", uma posição sexual tradicional, de maneira que os homens saciavam seus desejos sexuais não tradicionais com as mulheres da indústria sexual, resguardando a virgindade das namoradas e das noivas e mantendo o conservadorismo na relação sexual com a esposa. Todos os dias eram propícios aos encontros sexuais com as prostitutas, com exceção das sextas-feiras, dia em que os clientes comprometidos levavam suas namoradas, noivas e esposas ao cinema e para dançar no Clube Vitória ou no Praia Tênis Clube, enquanto as "raparigas" aproveitavam para fazer compras, "[...] e muitas delas se davam ao luxo de colocar as despesas, dos finos tecidos escolhidos, na conta de clientes", e passear na Praça Oito, "[...] ponto de encontro dos homens negócio e dos políticos". Nos demais dias da semana, eram nos bordéis que os homens iam saciar seus desejos sexuais e se divertir. Muitas vezes, as noites terminavam em um dos melhores restaurantes de Vitória, o Mar e Terra, onde o casal podia desfrutar de um jantar de qualidade, ou no bar Royal, onde os fregueses ainda tomavam algumas bebidas antes de voltar para suas casas.⁵⁹

Afirmando atender a pedidos de seguidores e leitores, Rogério Medeiros⁶⁰ escreve uma crônica saudosista sobre o período áureo dos bordéis da Volta de Caratoíra na década de 1950, destacando a figura da Aurora Gorda, uma prostituta que se tornou proprietária de um bordel na região e ficou conhecida na memória dos antigos frequentadores por sua "[...] inusitada proposta de sexo - com peito ou sem peito". Segundo a narrativa, o território contava com prostitutas de beleza escultural, como era o caso de Elza Mendes, Elza Pernambucana e Nair Bibelô. Aurora, por seu turno, não pertencia a este grupo, porém, Medeiros⁶¹ afirma que ela "[...] era uma baixinha, redondinha, discreta gordinha, loura, rosto arredondado, com um par de seios imensos e pontiagudos, que davam o tom de uma sensualidade incomum". Ela era uma "verdadeira máquina de fazer sexo" e oferecia um serviço específico aos seus fregueses: sexo com ou sem peito. Na primeira opção, Aurora se posicionava em cima do homem na relação sexual, "oferecendo os seios aos lábios do freguês", enquanto na opção sem peito, ela ficava por baixo durante o coito. Evidenciando a "auréola de mistério, fascínio e atração" que marcava o mundo prostitucional paulistano no começo do século XX⁶², também na indústria sexual capixaba de meados do mesmo século, a crônica mostra o imaginário masculino da elite

⁵⁹ MEDEIROS, 2009.

⁶⁰ MEDEIROS, 2009.

⁶¹ MEDEIROS, 2009.

⁶² RAGO, 1991.

espírito-santense acerca do submundo da prostituição na Volta de Caratoíra. Nesse sentido, os peitos de Aurora, que atraía tanto a clientela sedenta por novas práticas sexuais, eram vistos como a parte do corpo de onde vinha o seu orgasmo, independente da posição sexual. E o jornalista salienta: "nos seios, ela marcaria uma história incomum na prostituição capixaba"⁶³.

A crônica segue falando dos homens de famílias abastadas que eram frequentadores assíduos das casas de prostituição da Volta de Caratoíra e que eram considerados bonitos na época, pretensamente despertando "[...] fantasias sexuais nas suas raparigas", como Lulu Beleza, Oscar Neiva, Hélio Oliveira Santos e Jorge Michellini.⁶⁴ Este, pertencia à uma família proprietária de uma empresa que liderava o mercado de exportação cafeeira no Espírito Santo e que, em princípios dos anos de 1970, esteve envolvida no assassinato de Araceli Crespo, uma menina de apenas 9 anos.⁶⁵ Jorge Michellini faleceu anos depois em um acidente de carro na avenida Dante Michelini, que levava o nome de seu pai, em meio às apurações do crime cometido contra a vida da menina, que chocara o estado e todo o Brasil pela crueldade com que fora executado.⁶⁶ Rogério Medeiros afirma que a família Micheline foi a responsável por originar o bairro de prostituição na Volta de Caratoíra. Pouco se sabe a respeito disso. Mas, anos depois, em princípios da década de 1980, Eny menciona que a família era proprietária de uma boate de prostituição na praia de Camburi, em Vitória, chamada Franciscana, o mesmo local onde teria ocorrido o homicídio da menina Araceli. Ademais, nos anos de 1970, Eny relata que os Michellini eram clientes de seu bordel em São Sebastião, e um deles tinha preferência por orgias coletivas. Sem entrar em detalhes sobre a relação da família com o mercado prostitucional capixaba e sobre as práticas de prazer sexual exercidas pelos seus membros masculinos, importa constatar o quanto o submundo da indústria sexual se constituía como um espaço à parte da sociedade vitoriense, com regras de condutas próprias, que possibilitava aos frequentadores exercer práticas licenciosas com a garantia da impunidade e da discrição. Afinal, quem iria apurar o que ocorria dentro dos quartos dos bordéis luxuosos da Volta de Caratoíra? Lá dentro, os homens abastados da elite capixaba podiam incorporar múltiplas perversões, entregarem-se aos prazeres ilícitos e, como salienta Margareth Rago⁶⁷, dentro dos bordéis, eles podiam vivenciar "[...] toda uma diversidade anárquica dos modos de funcionamento desejantes".

⁶³ MEDEIROS, 2009.

⁶⁴ MEDEIROS, 2009.

⁶⁵ BITTENCOURT, Vinicius. **O processo Araceli**. Vitória: MC Publicações, 1980.

⁶⁶ O processo de investigação do assassinato foi marcado por diversos homicídios, que foram supostamente efetuados como queima de arquivo. Em 1980, Paulo Helal e Dante Michelini foram condenados pelo crime, mas em 1991 a sentença foi anulada. Ninguém foi condenado.

⁶⁷ RAGO, 1991, p. 188.

Podiam, inclusive, matar, estuprar e torturar, sem serem punidos, como aconteceu com a Araceli Crespo, em 1973.

A Volta de Caratoíra, parte baixa do bairro de Caratoíra, perto da região central de Vitória, era um território de prostituição frequentado por homens da elite capixaba, que gastavam fortunas com os programas e o consumo de bebidas alcoólicas requintadas nos bordéis, enriquecendo cafetinas e prostitutas. Segundo Medeiros⁶⁸, em quatro anos de ofício prostitucional, Aurora Gorda ganhou tanto dinheiro que logo comprou seu próprio imóvel e transformou em um dos maiores prostíbulos do centro da cidade, com 40 quartos e um apartamento à parte reservado para ela. Ao que tudo indica, o estabelecimento da cafetina era o bordel conhecido como Portão de Ferro. Segundo a crônica "Conheça as imperatrizes da época de ouro da prostituição capixaba"⁶⁹, enquanto a Casa Branca e a Verde atendiam à alta sociedade capixaba, o dela era voltado para a classe média, com preços mais acessíveis. O movimento da casa de Aurora era tamanho que em questão de pouco tempo ela se tornou uma mulher rica. Adquiria vestidos vindos diretamente da França, comprava carros de luxo, dirigidos por seu motorista particular, andava com dois seguranças, o Touro Moreno, que depois tornara-se um boxeador famoso, e o Boi Louro, fez cirurgia para levantar os seios com o melhor cirurgião plástico no Brasil na época, Ivo Pitangui, e era uma das principais correntistas do Banestes, que naquele período era o Banco de Crédito Rural do Espírito Santo. Seu advogado, Paulo Barros, calculou uma soma de 3 milhões de reais, fazendo a conversão para a moeda atual, depositada no banco pela cafetina. Por isso, a instituição financeira a tratava como uma importante dama da sociedade vitoriense, o gerente a atendia pessoalmente e tudo era organizado para que ela pudesse colocar as suas digitais como assinatura ao realizar as operações bancárias, disfarçando o seu analfabetismo. Conforme a crônica, o historiador Willis Farias viveu a época do auge do meretrício no centro de Vitória e conta que Aurora costumava ir pagar as suas contas no balcão do estabelecimento onde trabalhava, "sempre guardando dinheiro entre os peitos, chegava já fazendo arruaça. Era uma pessoa muito boa, me matava de vergonha"⁷⁰. O empresário Francisco Azevedo, proprietário da requintada boutique Dol Sport, também menciona a região particular de onde a cafetina tirava o dinheiro para pagar as compras que fazia em sua loja, "ela vestia as

⁶⁸ MEDEIROS, 2009.

⁶⁹ COSTA, 2015.

⁷⁰ COSTA, 2015.

suas moças na minha loja e pagava à vista. Metia a mão dentro dos seus peitos e tirava um maço de notas. Gostava do melhor, não fazia questão de preço"⁷¹.

Mas tantos recursos pecuniários não fizeram com que Aurora Gorda fosse aceita pela sociedade capixaba. Com seu carro de luxo, um Galaxy, cuja marca contava apenas com mais um exemplar em Vitória, todos sabiam que se tratava da cafetina quando ela passava com seu veículo pela cidade. Sem querer atrair os olhares da elite ao seu entorno, o advogado de Aurora pedia à cafetina que ela utilizasse um táxi quando comparecesse à sua residência, em prol da discrição e para evitar rumores.⁷² A própria Eny relata que não gostava de ser vista publicamente com Aurora e nunca procurou ficar próxima dela, ao contrário, mantinha distância da famosa cafetina para não ser associada à sua imagem. Somente encontrava com ela nas eventuais reuniões entre as cafetinas de Vitória e de São Sebastião. Aurora estava imersa cotidianamente em relações de biopoder em que o corpo prostitucional era visto como anomalia e lugar de perversão social, cabia a ela, tão somente, reagir ao poder sujeitando-se e resistindo, conforme a sua memória singular. Ela circulava por espaços ocupados pela elite vitorienne, como galerias comerciais, restaurantes, clubes da alta sociedade e instituições financeiras, territórios de produção de subjetividade, onde sua presença era incômoda e inquietante. Ainda conforme Rogério Medeiros⁷³, para tentar reverter essa situação de marginalidade e entrar para a alta sociedade, a cafetina passou a se dizer prima do antigo governador Eurico Rezende, proveniente da mesma cidade de Minas Gerais e com o mesmo sobrenome dela. Na visão do jornalista, tratava-se apenas de um boato, que Eurico não desfez por render-lhe votos.

Porém, o aparente boato teve repercussão, e ainda nos dias de hoje Aurora é lembrada por aqueles(as) que viveram naquele período no centro da capital, pelo parentesco com o ex-governador.⁷⁴ Até mesmo Eny fala do parentesco de Aurora com Eurico Rezende. Dado o envolvimento de influentes políticos capixabas com o submundo do meretrício, a hipótese da relação familiar entre Aurora e o ex-governador não chega a ser absurda. De qualquer forma, importa constatar como os discursos de memória em torno da figura da Aurora Gorda e da prostituição de meados do século XX em Vitória estão envoltos de mistério, de fantasia, de curiosidade e de fascínio, valorizando as vivências na indústria sexual como *o segredo*, que

⁷¹ MEDEIROS, 2009.

⁷² MEDEIROS, 2009.

⁷³ MEDEIROS, 2009.

⁷⁴ Em conversas com moradores(as) do centro de Vitória que viveram nas décadas de 1950 e 1960 no bairro, quando das visitas ao arquivo público do estado do Espírito Santo que se localiza no centro da cidade, muitos lembram da famosa Aurora Gorda e relatam que ela tinha parentesco com Eurico Rezende. Parece que a cafetina teve êxito na imagem pessoal que instaurou na memória coletiva do bairro.

agora são revelados e exaltados enquanto tal, em uma espiral de saber-poder-prazer sobre o sexo ainda pulsante nos dias atuais.⁷⁵ Ademais, as narrativas mostram a prosperidade do comércio de corpos femininos na capital do estado convivendo com o moralismo sexual e a oposição binária entre as mulheres honestas e as prostitutas na sociedade vitoriense do período. Esta convivência produzia-se em meio à uma série de tensões e ajustes nas relações entre os diversos elementos que compõem o dispositivo da sexualidade capixaba, fazendo com que a figura de Aurora Gorda seja vivida nas lembranças da população do centro de Vitória de forma contraditória e múltipla, em uma mescla de fantasia e curiosidade.⁷⁶

I. 2. Expansão urbana de Vitória: ordenação social e higienização

Em meados do século XX, os territórios de prostituição da capital do estado progrediam com a expansão urbana e o crescimento das atividades comerciais, sobretudo, na região central da cidade, onde se localizava o Porto de Vitória. Com a estrutura produtiva do estado ainda pautada no modelo agrário exportador, o principal produto exportado até finais dos anos de 1950 ainda era o café, responsável pela geração de renda local e por toda a configuração socioeconômica e política do Espírito Santo. Conforme Rafael Gonring⁷⁷, apesar de certa diversificação de produtos no quadro de exportações do Porto de Vitória, com destaque para o minério de ferro, o café permaneceu sendo a mercadoria de referência do comércio exterior capixaba na década de 1950. Devido à dinâmica de comercialização do café por meio do porto marítimo, o centro da cidade se dotou de toda uma infraestrutura comercial, administrativa e de organização geográfica que permitiu a posterior diversificação dos produtos para exportação. José Ribeiro de Araújo Filho⁷⁸ explica que, a partir de então, a movimentação de carga no cais comercial de Vitória foi aumentando progressivamente, o que provocou transformações significativas na

⁷⁵ Foucault (1979) explica que a multiplicidade de discursos sobre o sexo, a partir do século XIX, se inserem em uma espiral de saber-poder-prazer, que valorizava o sexo como *o segredo* que precisa ser revelado.

⁷⁶ Aurora Gorda é a grande inspiração do atual projeto artístico-musical "Aurora Gordon" que tem como objetivo resgatar o movimento artístico capixaba dos anos de 1960 e 1970. Para obter informações sobre o projeto, acesse: <https://www.facebook.com/pg/aurora.gordon>

⁷⁷ GONRING, Rafael. **A redefinição funcional do centro de Vitória (ES)**. 2011. 126f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

⁷⁸ ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de. **O Porto de Vitória**. São Paulo: IGEOG/USP, 1974.

configuração da cidade. Diversas empresas de exportação se estabeleceram no centro, assim como uma rede de atacadistas que abasteciam a cidade e os seus arredores. O movimento do porto exigia também uma reorganização administrativa e reparos técnicos constantes para garantir as operações de embarque e desembarque de cargas cada vez em maiores quantidades, o que levava a uma demanda cada vez maior por mão de obra. Com a expansão do setor de serviços, houve um intenso crescimento populacional e em toda uma mudança na configuração espacial do centro, que passou a contar com uma área maior de construção urbana via aterros e expansões para a parte continental da cidade e para os municípios adjacentes.⁷⁹

Carlos Teixeira de Campos Júnior⁸⁰ explica que, sendo Vitória uma ilha, a expansão dos espaços geográficos e da demografia da cidade se deu por meio de aterros de regiões alagadas e marítimas e da construção de pontes ligando a ilha às regiões continentais, em uma dinâmica de ampliação da área de construção cidadina. O autor demonstra que no ano de 1940 a área urbana vitorienne correspondia à 280 hectares e em 1960 passou para 410 hectares. Em relação à densidade populacional, em 1940 a cidade contava com 150 habitantes por hectare (hab/ha), e em 1960 foi para 208 hab/ha, em grande parte devido ao processo de migração das regiões rurais para a urbana que ocorreu no estado. Como explica Campos Júnior⁸¹, "Vitória nasceu numa ilha, em um plano elevado, espremida entre o mar e a montanha, e, para expandir seu território, precisou distanciar-se do centro, em direção a seus arrabaldes". Na segunda metade da década de 1960, já não era mais possível concentrar a população, o comércio e os serviços somente no centro da cidade. A construção passa a se desenvolver mais nas praias, os aterros são intensificados, assim como a construção e reforma de pontes e de estradas que ligassem à capital aos municípios adjacentes e mesmo aos outros estados do território nacional.

Mas não foi somente no plano horizontal que houve a expansão urbana de Vitória. O crescimento socioeconômico da cidade provocou o desenvolvimento da construção civil também em termos das atividades imobiliárias, que passaram a implantar o processo de verticalização das edificações do centro. Segundo Gonring⁸², foi a partir da segunda metade dos anos de 1950, com o desenvolvimento do mercado imobiliário e a valorização do espaço urbano que se consolidou a dinâmica de verticalização das construções no centro de Vitória. Como nunca antes visto na história da cidade, assistiu-se ao lançamento de edifícios residenciais e

⁷⁹ ARAÚJO FILHO, 1974.

⁸⁰ CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira. **A construção da cidade:** formas de produção imobiliária em Vitória. Vitória: Flor e Cultura, 2002.

⁸¹ CAMPOS JÚNIOR, 2005, p. 55.

⁸² GONRING, 2011.

comerciais para o mercado, isto é, com o propósito de venda de suas unidades e de acumulação econômica via valorização imobiliária. O poder público forneceu o suporte necessário para a verticalização das construções nas regiões centrais da cidade, por meio de grandes intervenções urbanísticas nos bairros de Santo Antônio, Jucutuquara e Maruípe, localizados próximo ao centro, e, principalmente, no próprio bairro do centro de Vitória, onde se concentraram as obras públicas e os novos edifícios até a década de 1960. Tamanho foi o envolvimento do governo estadual no processo de promoção da verticalização no centro da cidade, que foi promulgada uma legislação urbanística (nº 351), de 25 de abril de 1954, intitulada Código Municipal de Vitória, visando a ampliação e a intensificação da infraestrutura urbana e a construção de aterros relacionadas às construções de edifícios. O Código vigorou até o começo dos anos de 1970, com destaque de sua aplicação prática na década de 1960, e estabeleceu um zoneamento urbano da cidade, dividindo-a em bairros, indicando as formas e os usos da ocupação do espaço. Além disso, o código delimitou um padrão de verticalização mais elevado do que até então vigorava, o que teve "[...] uma importância fundamental na constituição do meio urbano ao intensificar o uso do solo e, conseqüentemente, do espaço geográfico, além de transformar as relações socioespaciais a partir do aproveitamento econômico mais intenso desse espaço"⁸³.

Para Campos Júnior⁸⁴, se antes um terreno costumava abrigar uma casa de família, com suas peculiaridades que definiam o formato da moradia e o ritmo da construção, com o processo de verticalização das construções residenciais o mesmo terreno passou a comportar inúmeras famílias, permitindo a extração de ganhos antes inimagináveis para as empresas construtoras. As moradias foram padronizadas e se tornaram impessoais, de forma a atender a demanda crescente da população cada vez mais numerosa em Vitória e as oportunidades de negócio que o capital exigia. Uma outra forma de morar foi apresentada à população via propagandas midiáticas e os incentivos do poder público, mostrando um produto generalizável, um apartamento que substituiu a antiga produção arquitetônica da casa individualizada. Como explica o autor,

Abriu-se mão da individualidade, que a casa proporcionava, para partilhar espaços coletivos no edifício, com outras formas de convívio de vizinhança. Abriu-se mão do projeto personalizado da casa para estabelecer projetos padronizados que pudessem sintetizar em cada edifício o desejo de seus moradores.⁸⁵

⁸³ GONRING, 2011, p. 50.

⁸⁴ CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira. **História da construção e das transformações da cidade**. Vitória: Cultural-ES, 2005.

⁸⁵ CAMPOS JÚNIOR, 2005, p. 45.

Construía-se, assim, um novo estilo de morar, de se relacionar socialmente e de convivência familiar. As classes altas e médias não iriam mais habitar casarões, que comportavam uma família extensa com suas dinâmicas próprias de relacionamento interpessoal e afetivo. Agora o modelo era mais do que nunca a família nuclear burguesa, higienizada, normalizada não tanto pela Igreja, mas, sobretudo, pela medicina, pela ciência e pela racionalidade que se impunham no espaço, nas moradias, nas relações familiares e nos comportamentos sexuais. Os discursos de poder atuavam no sentido de disciplinar as condutas individuais e de regular as políticas populacionais, fazendo-se presentes nas práticas e nas representações de padronização das moradias, das construções urbanas, dos comportamentos das mulheres, dos homens e das crianças, e até mesmo da ideia de saúde individual e coletiva. Como demonstra Foucault⁸⁶, é em torno da ideia do sexo, construída pelo dispositivo da sexualidade, que o poder se articula em uma teia de relações entre diferentes elementos da sociedade, os discursos, as instituições, a arquitetura, as leis, a ciência, os corpos, o que se fala e o que é silenciado. Com um caráter ao mesmo tempo totalizante e individualizante, o biopoder, enquanto um conceito que entrelaça saber e poder, é exercido no sentido de conduzir condutas e dispor de certas probabilidades, de maneira que a nova arquitetura residencial das classes médias da cidade de Vitória produziam diferentes relações familiares tendo parâmetro a ideia de sexo construída incessantemente pelos discursos científicos e moralizantes.

Não somente os edifícios residenciais, mas também os comerciais passaram a serem construídos por meio de uma perspectiva de ordenamento e normalização social. Os antigos ornamentos fictícios que caracterizavam as construções de princípios do século XX foram substituídos por um estilo arquitetônico que primava pelas formas retas e limpas. A construção urbana passou a ser padronizada de maneira a imprimir nos edifícios um novo estilo estético que aliava utilidade, economia, eficiência e limpeza visual. A homogeneidade presente na paisagem citadina era expressa também na construção e na reforma das ruas, das avenidas, dos parques e das praças do centro de Vitória. O governo estadual promovia o embelezamento urbano por meio de uma perspectiva de cidade limpa e moderna, de contornos retos, altos edifícios padronizados, galerias comerciais e áreas de lazer arborizadas.⁸⁷ Os discursos de poder se faziam presentes nas disposições e nos estilos arquitetônicos da cidade. Nada, nem ninguém, podia escapar ao dispositivo da sexualidade que, por meio de uma multiplicidade de relações, produzia as subjetividades constantemente, em consonância com as transformações do capitalismo.

⁸⁶ FOUCAULT, 1979.

⁸⁷ CAMPOS JÚNIOR, 2005.

A expansão vertical e horizontal do centro de Vitória se dava em meio ao processo de desenvolvimento capitalístico do Espírito Santo, que englobava as cidades ao entorno da capital. Mais do que nunca, urgia promover a industrialização e urbanização dos municípios de toda a Região Metropolitana de Vitória (RMGV), então formada por Viana, Vila Velha, Cariacica, Serra e Vitória, dada a crise nacional do setor cafeeiro dos anos de 1950 e agravada na década seguinte.⁸⁸ Visto que a economia do Espírito Santo tinha como base o modelo agrário-exportador, cujo principal produto era o café, a crise cafeeira afetou significativamente a economia estadual. Também no âmbito nacional, o café era o produto de maior importância econômica. Por isso, como resposta à crise, o governo federal criou, em 1961, o Grupo Executivo de Recuperação Econômica da Cafeicultura (Gerca), visando solucionar a problemática da crise na cafeicultura. Em 1962, o Gerca apresentou um plano de recuperação da economia cafeeira, estabelecendo como diretrizes fundamentais a erradicação dos cafezais antieconômicos e a renovação de parcela dos cafezais. Segundo Maria da Penha Smarzaró Siqueira⁸⁹, como grande parte dos cafezais capixabas eram de pequena produtividade ou antieconômicos, o estado foi particularmente afetado pela política federal, e acabou tendo que enfrentar uma grave desestruturação econômica e uma crise generalizada. Grande parte dos pequenos e médios agricultores foram expulsos dos campos e se direcionaram para a RMGV, formando um exército de mão de obra desqualificada na região.

Somados a eles, migraram para a RMGV os(as) trabalhadores(as) excluídos(as) do processo de mecanização da agricultura ocorrido em grande parte das áreas de cultivo do estado. Siqueira⁹⁰ explica que a lógica da grande produção capitalista se inseriu no meio rural implantando uma dinâmica produtivista de cultivo intenso, em espaços de concentração fundiária, que possibilitava a utilização de máquinas e insumos industriais agrícolas, dispensando inúmeros(as) trabalhadores(as) camponeses. Além disso, Márcia Cristina Bergamin⁹¹ demonstra que o avanço desenfreado da pecuária no estado, principalmente, na região norte, teve como consequência a dispersão de centenas de famílias rurais, em prol da formação de grandes latifúndios de criação de gado. Todos esses processos, frutos da expansão capitalista no Espírito Santo, provocaram um esvaziamento populacional das regiões rurais do estado e o

⁸⁸ SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. **Industrialização e empobrecimento urbano**: o caso da Grande Vitória – 1950-1980. Vitória: Grafitusa, 2010.

⁸⁹ SIQUEIRA, 2010.

⁹⁰ SIQUEIRA, 2010.

⁹¹ BERGAMIM, Márcia Cristina. **A pequena propriedade rural no Espírito Santo**: constituição e crise de uma agricultura familiar. Revista de sociologia e economia rural. p. 1-21. [s.d.]. p. 19. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/438.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

inchaço demográfico na RMGV, que não dispunha da infraestrutura necessária para abrigar a população recém-chegada e tampouco havia empregos para todas essas pessoas.

Os discursos de racionalização e de desenvolvimento adentravam em todos os âmbitos e relações, não só nas esferas da arquitetura e dos comportamentos sociais, como também da economia e da política, em concomitância com a industrialização e a urbanização aceleradas. Ueber José de Oliveira⁹² demonstra que o plano de governo de Christiano Dias Lopes Filho, cujo mandato foi de 1967 a 1971, se voltava justamente para o crescimento industrial e a racionalização administrativa do Espírito Santo. O político foi o primeiro governador do estado que ascendeu ao cargo via eleição indireta, de acordo com os critérios instituídos pelos poderes da ditadura civil-militar, e, tão logo em seu discurso de posse, reafirmou o comprometimento de sua gestão com o *binômio* racionalização e desenvolvimento. No mesmo discurso, Christiano Dias Lopes anunciou a futura implantação dos Grandes Projetos Industriais de Impacto na RMGV, salientando o quão extraordinário será o complexo industrial capixaba. Com a crise cafeeira que assolava a economia estadual, ampliava-se o consenso entre os membros da elite capixaba da urgência de diversificar a estrutura produtiva e romper com a dependência da cultura cafeeira, que dificultava o desenvolvimento do estado. Como sintetiza Oliveira⁹³, "Assim, com vistas a promover a industrialização do Estado, foi elencada, como prioridade [...], a criação de instrumentos legais e burocráticos para incrementar o processo de desenvolvimento econômico que passaria, na sua visão [governador], a caracterizar a economia capixaba".

Maria Beatriz Nader⁹⁴ explica que, enquanto a industrialização foi se processando em Vitória, nos anos de 1960 e 1970, via pequenos capitais locais, os governos estadual e nacional investiam na criação de infraestrutura energética, de transportes e de comunicações no estado, fornecendo as bases para a implantação dos Grandes Projetos Industriais, que compreendia os complexos siderúrgico, paraquímico, naval e portuário. Nessa perspectiva, no governo de Christiano Dias Lopes, o setor rodoviário foi ampliado com a inauguração das BR-101, BR-262 e BR-259, interligando os municípios e os estados vizinhos. Por meio de uma articulação com o poder público federal, o chefe do executivo estadual conseguiu autorização para conceder incentivos fiscais para promover a criação de um parque industrial capixaba. O governo local passou a fornecer o capital social básico para o progresso econômico e industrial do estado,

⁹² OLIVEIRA, 2018.

⁹³ OLIVEIRA, 2018, p. 154.

⁹⁴ NADER, Maria Beatriz. **Paradoxos do Progresso**: a dialética da relação mulher, casamento e trabalho. Vitória: EDUFES, 2008.

retirando recursos próprios vindos dos tributos necessários à implantação dos Grandes Projetos Industriais. Como Nader⁹⁵ salienta, "o estado transferiria recursos públicos para o setor privado, contribuindo para a industrialização capixaba por meio de fornecimento de incentivos fiscais e de uma legislação correlata".

Para Gabriel Bittencourt⁹⁶, a construção de rodovias, assim como a duplicação da estrada de ferro Vitória-Minas e o início das operações do Porto de Tubarão, em 1966, faziam parte da infraestrutura criada para promover a industrialização do Espírito Santo. A inauguração do Porto de Tubarão, que chegou a ser considerado o mais importante do Brasil para a exportação de minério de ferro, contribuiu significativamente para a expansão do sistema portuário de Vitória. Marta Zorzal e Silva⁹⁷ demonstra que a construção do Porto de Tubarão fez parte da nova estratégia comercial da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) para assegurar contratos a longo prazo com consumidores italianos, alemães, argentinos e japoneses. Particularmente os últimos, para o fechamento definitivo do contrato, exigiram da CVRD o reaparelhamento operacional e a melhoria da infraestrutura logística, consolidados por meio da construção de um novo porto que asseguraria a remessa de 50 milhões de toneladas de minério de ferro no decorrer de 15 anos. A solução encontrada foi a estruturação de um novo porto a ser situado na região de praia continental, para onde a urbanização da ilha de Vitória se expandia, em um local chamado de Ponta de Tubarão, no recém-criado bairro de Jardim Camburi.⁹⁸

O início das operações do Porto de Tubarão marcou um novo impulso no desenvolvimento econômico capixaba e da expansão urbana da cidade. Segundo Rafael Gonring⁹⁹, o crescimento dos investimentos industriais no entorno de Tubarão, somado à geração de empregos e a expansão do setor imobiliário, contribuíram significativamente para o "deslocamento" da importância do centro de Vitória em direção à porção norte da cidade, saindo das estreitas fronteiras da ilha para a região continental e estendendo-se até o município da Serra. Como o autor salienta,

Na medida em que a área continental de Vitória desenvolvia-se com o polo industrial sendo o principal agente do processo de urbanização dessa região, a ilha de Vitória começava a se expandir, partindo do Centro da Cidade, principalmente, em direção à

⁹⁵ NADER, 2008, p. 42.

⁹⁶ BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. **Esforço industrial na República do Café: o caso do Espírito Santo 1889/1930**. Vitória: Ed. FCAA/UFES, 1982.

⁹⁷ SILVA, Marta Zorzal e. **A Vale do Rio Doce na estratégia do desenvolvimentismo brasileiro**. Vitória: EDUFES, 2004.

⁹⁸ SILVA, 2004.

⁹⁹ GONRING, 2011.

região das praias, na sua porção norte, aumentando seu território por meio de aterros que foram, gradativamente, avançando sobre os mangues e áreas alagadas da ilha.¹⁰⁰

Próximo do Porto de Tubarão, no município da Serra, foi construída a área de confinamento do meretrício de São Sebastião, em 1967. De uma região portuária, no centro de Vitória, a prostituição passou se concentrar em território próximo ao Porto de Tubarão, garantindo a clientela de marinheiros e de estrangeiros para o mercado sexual capixaba. Esse processo ocorreu por meio de estratégias de poder ancoradas nos discursos de desenvolvimento e de racionalização, que se aplicavam não somente nas esferas econômicas, políticas e administrativas, como também na geografia, na arquitetura, nos comportamentos e nas relações sexuais. O biopoder atuava na produção da disciplinarização das condutas individuais e da regulação da população urbana, por meio de práticas de ordenamento urbano e social pautados em sistemas de diferenciação sexual e racial. Impunha-se o ideal de higienização das cidades, sobretudo, no centro de Vitória, que, para além de sua característica de bairro comercial e de negócios, tornara-se uma região residencial e de lazer para as classes médias e altas capixabas. Cada vez mais frequentado por mulheres que seriam esposas, filhas, mães ou parentes quaisquer dos fregueses dos bordéis, o centro da capital deixava de ser um território propício à indústria de corpos femininos e passava a ser considerado como a principal referência de ordenamento urbano e social do estado. Para tanto, os prostíbulos deviam se retirar das áreas em que se concentravam, sobretudo, na Volta de Caratoíra e na rua General Osório, assim como as prostitutas que faziam ponto nos bordéis e circulavam pelas ruas e galerias comerciais do bairro. Sem a "doença social" da prostituição, o centro de Vitória se enquadraria dentro dos moldes do ideal de progresso, razão e normalidade social.

¹⁰⁰ GONRING, 2011, p. 61-62.

Figura 1 – Mapa da distância do centro de Vitória até São Sebastião



Fonte: Google Earth - recorte nosso 2020

Figura 2 – Mapa da proximidade de São Sebastião e o Porto de Tubarão



Fonte: Google Earth - recorte nosso 2020

Os discursos constantes em diversas matérias da Revista Capixaba¹⁰¹, que existiu justamente no período do governo de Christiano Dias Lopes, de 1967 a 1971, mostram a associação entre os ideais de desenvolvimento, de urbanização e de ordem pública nas políticas implantadas pelo poder executivo estadual. Com manchetes como "Revolução urbanística em Vitória", "Revolução impôs ordem pública", "Uma obra a cada 12 horas" e "Um governo de afirmações", os enunciados das matérias divulgadas na revista exaltam a atuação econômica, urbana e moralizante do governador, em consonância com o poder militar nacional, destacando os benefícios sociais e morais da inserção do Espírito Santo na era industrial moderna. Ao mesmo tempo, com reportagens como "Nossa Mulher em 67", "Mulher = Homem: misoginia é o resultado", "Como educar uma filha" e "Casar é bom negócio",¹⁰² a revista falava dos perigos da modernização para os comportamentos femininos, construindo um padrão de normalidade sexual que situava a prostituição enquanto anomalia e perversão dos costumes. Assim, as práticas normativas de reordenamento urbano que expulsavam as prostitutas, grande parte negras e pobres, do centro de Vitória, eram construídas, justificadas e naturalizadas pelos discursos do poder. Colocando as representações das mulheres brancas, maternais e recatadas, pertencentes às classes médias e altas, enquanto padrão de normalidade de uma sociedade urbana em desenvolvimento, era visto como natural que as mulheres não enquadradas nestes parâmetros corporais e comportamentais fossem habitar em seus espaços próprios, longe da convivência com a alta sociedade vitoriense.

Nos anos de 1980, a Revista Espírito Santo Agora¹⁰³ publicou algumas matérias que abordam a expulsão das meretrizes do centro de Vitória em finais da década de 1960, ressaltando a então inadequação da atividade em meio ao desenvolvimento de Vitória, o ideal de "limpeza" que justificava a medida adotada pelo governo de Christiano Dias Lopes, e o caráter truculento da ação policial sobre as prostitutas. O discurso da revista mostra o meretrício como consequência da dinâmica de industrialização e urbanização aceleradas da RMGV, que não contava com uma infraestrutura em termos de geração de emprego e de renda para o enorme contingente populacional que passou a habitar a região, particularmente mulheres. A indústria sexual é

¹⁰¹ REVOLUÇÃO urbanística em Vitória. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 17, p. 68-70, jul. 1968; UMA OBRA cada 12 horas. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 26, p. 61-65, abr. 1969; CIVIT a hora e a vez do Espírito Santo. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 41, p. 65-69, jul. 1970.

¹⁰² NOSSA mulher em 67. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 2, p. 63-67, abr. 1967; MULHER=homem: misoginia é o resultado. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 12, p. 36-37, fev. 1968; COMO educar uma filha? **Revista Capixaba**, Vitória, n. 13, p. 43-45, mar. 1968; CASAR é bom negócio. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 28, p. 41-42, jun. 1969.

¹⁰³ TUDO à meia luz. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 40, p. 5-7, set. 1980; PROSTITUIÇÃO: o trottoir nas ruas. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 64, p. 35-37, jan. 1982; A CLASSE média vai à luta. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 81, p. 25-30, set. 1987.

apresentada como o único caminho tomado pelas inúmeras mulheres pobres que não tinham oportunidades de trabalhos em outras áreas e acabavam tendo que entrar para o mercado de corpos femininos. Nessa perspectiva, a matéria "Prostituição: o trottoir nas ruas"¹⁰⁴ diz que,

A sociedade de um modo geral tenta jogar para longe de seus olhos e de seus filhos aquilo que ela criou de ruim. Dentro deste raciocínio é que para "limpar" a cidade das prostitutas, durante o governo de Cristiano Dias Lopes Filho, foram confinadas na então distante São Sebastião, em Carapina, mais conhecida por 'Carapeba'. Praticamente durante toda a década de 70 elas permaneceram naquela área.

A revista apresenta um discurso com grande influência dos saberes da medicina social, que, com o crescimento desenfreado das cidades, constrói a problemática da "cidade doente", na qual a prostituição é vista como sintomática das anomalias cidadinas. É neste mesmo sentido que a reportagem jornalística "São Sebastião dos boêmios"¹⁰⁵, dirigida por Amylton de Almeida e produzida pela TV Gazeta, em 1976, produz sua narrativa sobre a prostituição em São Sebastião. Logo no começo do vídeo, o apresentador, Ruy Crespo, explica que o território prostitucional "[...] não surgiu ao acaso por problemas de povoamento. Ele foi todo planejado, autorizado e intimado a nascer há 10 anos. Naquela época o crescimento de Vitória já não permitia mais a boemia nos centros e nos arredores. São Sebastião foi criado somente para atender a este fim". O repórter policial, Pedro Maia, explica na entrevista constante no vídeo que a origem da "zona" como se refere ao território do mercado sexual, se deu devido à necessidade de afastar a prostituição do centro de Vitória para um lugar mais distante. Ele acrescenta que "[...] houve uma certa relutância das donas de casa, [...] em acatar aquela decisão dessa mudança. Então, realmente, a polícia usou assim de uma certa... mas não houve assim aquela violência, quer dizer, houve uma certa pressão mas [...] pouco notada [...]". O discurso higienista sobre a impossibilidade de a prostituição continuar existindo no centro da capital, dada a urbanização da cidade, se faz presente também na reportagem, que mostra o meretrício enquanto um problema associado à criminalidade e à sujeira, uma doença social. Pedro Maia evidencia a violência utilizada pelas forças policiais do Estado para concretizar seu projeto de ordenação urbana e expulsão das prostitutas da região central de Vitória, apesar de titubear em relação à dimensão do uso da violência policial nesse processo. O repórter aparenta não querer dar destaque para isto, se enrola na fala e conclui que na verdade não foi violência, os agentes policiais apenas "pressionaram" as cafetinas para que elas abandonassem seus negócios lucrativos na capital.

¹⁰⁴ PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 35.

¹⁰⁵ SÃO SEBASTIÃO DOS BOÊMIOS. Direção: Amylton de Almeida. Produção: TV Gazeta do Espírito Santo. Vitória, TV Gazeta, 1976. 1 DVD (42 min), son., color.

As narrativas de memória de Eny e de Solange mostram os efeitos dessa "pressão" em suas subjetividades e nos caminhos tomados por elas a partir de então. Contudo, antes de adentrar nas lembranças das vivências pessoais da expulsão do centro de Vitória, é preciso compreender de que forma os discursos sobre sexo construíam a prostituição enquanto doença social e anomalia, perspectivas adotadas pelas ações de higienização da capital empreendidas pelo governo estadual de Christiano Dias Lopes.

I. 3. A multiplicação dos discursos sobre o sexo e a prostituição como doença

Nas sociedades ocidentais em processo de desenvolvimento industrial e urbano, a partir do século XIX, principalmente, iniciou-se, em todos os âmbitos do convívio social, a falar sobre o sexo, desde a religião, a educação, a política, a saúde, a psiquiatria, a justiça, as questões de população, a ciência de maneira geral, até a geografia das cidades, a divisão interna das casas, a família, o casamento e a infância. Contrapondo-se à hipótese repressiva segundo a qual passou a haver uma repressão generalizada sobre o sexo a partir da modernidade, com destaque para o período do governo da Rainha Vitória, no século XIX, na Grã-Bretanha, Michel Foucault¹⁰⁶ explica que, para além da repressão sexual, surgiram uma série de discursos sobre o assunto com estratégias múltiplas de poder. Para o autor, passou a ser uma questão de política e de racionalidade, uma vez que era preciso superar os obstáculos da moral e da hipocrisia para regular as políticas do sexo e para formular discursos úteis e públicos que iriam guiar as condutas da população. Não mais o rigor da proibição, da violência e do silêncio. A partir de então, os poderes da burguesia iriam intervir em todos os assuntos relacionados ao sexo para promover a disciplinarização dos corpos e dos pensamentos das pessoas. Os perigos da modernização, do sexo, dos comportamentos desviantes eram assuntos discutidos por toda a parte. A nova sociedade industrial devia se erguer sobre as bases da razão científica, que destrinchava os corpos, os pensamentos e as expectativas da população procurando guiar o processo de mudanças em prol do "desenvolvimento" da sociedade. Nesse processo,

¹⁰⁶ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

solicitavam-se diagnósticos, relatórios e terapêuticas, mostrando a existência de um perigo constante, cujas delimitações e formas de ação deviam ser mapeadas e analisadas.¹⁰⁷

Para Foucault¹⁰⁸, a multiplicação de discursos sobre o sexo foi tamanha que houve um "erotismo discursivo generalizado", caracterizado por uma série de tensões e ajustes entre "[...] o discurso individual (cada um conta seu próprio sexo) e a objetivação do sexo nos discursos racionais". Os diversos domínios da ciência, como a economia, a pedagogia, a medicina e a justiça, passaram a incitar, extrair, organizar e institucionalizar os discursos produzidos, em uma dinâmica de valorização do sexo como *o segredo*, que, mais do que nunca, precisava ser revelado. Para tanto, não era o casal legítimo, com sua sexualidade regular, o alvo do interrogatório médico-sanitarista, mas as crianças, os loucos, os criminosos, os homossexuais e os "contra a natureza" de forma geral, que cometeram estupro, adultério, incesto ou sodomia. O autor explica que "multiplicaram-se as condenações judiciais, anexou-se irregularidade sexual à doença mental, estabeleceram as normas do desenvolvimento sexual e os desvios possíveis, organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos"¹⁰⁹. Com isso, os sistemas jurídicos de poder construíram um "mundo da perversão", dentro do qual emergiu toda uma "gentalha diferente":

Crianças demasiado espertas, meninas precoces, colegas ambíguos, serviços e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários, transeuntes com estranhos impulsos: eles povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e asilos; levam aos médicos suas infâmias e aos juizes suas doenças.¹¹⁰

Essas pessoas passaram a ser apresentadas como espécimes, demonstrativas da loucura moral, da neurose genital, da aberração, da degenerescência e do desequilíbrio psíquico que existiam na sociedade e que era preciso diagnosticar para domesticar. Diferente de simplesmente constatar a existência de toda essa "gentalha diferente" que fazia parte do cotidiano social, o poder atuava na própria produção e na regulação desses espécimes humanos, na medida em que provocava a incorporação das perversões e uma nova especificação dos indivíduos. Por isso, para Foucault¹¹¹, o fundamental não é tão somente mostrar o exercício de um poder repressivo sobre o sexo, mas analisar a maneira como o poder era exercido, não mais pela proibição e pela violência física, e sim pelo adestramento e pela patologização. Como o autor explica, "Exclusão dessas milhares de sexualidades aberrantes? Não, especificação, distribuição regional de cada

¹⁰⁷ FOUCAULT, 1979.

¹⁰⁸ FOUCAULT, 1979, p. 34-35.

¹⁰⁹ FOUCAULT, 1979, p. 37.

¹¹⁰ FOUCAULT, 1979, p. 41.

¹¹¹ FOUCAULT, 1979.

uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo"¹¹², e ainda acrescenta um exemplo da patologização dos indivíduos e da forma como o poder passou a ser exercido pela interpretação médica da sodomia. Se nos antigos direitos civil ou canônico a sodomia era um *ato* interdito, em que o sujeito era visto de forma jurídica como alguém que tinha praticado um *ato* contra a lei, o homossexual do século XIX passou a ser visto como um personagem, com "[...] um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa"¹¹³. Todo o sujeito, suas práticas, seus hábitos, seu corpo e seus pensamentos se associavam à sua sexualidade, nada poderia escapar da sua condição de homossexual, em uma dinâmica de identificação essencialista, pautada na metafísica da substância, ou seja, no ideal de uma substância, de um ser unitário e coerente.

Para enquadrar um sujeito em um espécime, reduzindo-o à sua sexualidade, à sua "anomalia" sexual, era preciso realizar um diagnóstico minucioso que exigia proximidade, presença constante, observação intensa, intercâmbio de discursos, era necessário extorquir confidências, adentrar na mais profunda intimidade. Segundo Foucault¹¹⁴, o saber científico, pretensamente dotado do poder de revelar o segredo sexual, provocava também o prazer, em um regime de poder-saber-prazer que sustentou o discurso sobre a sexualidade humana. Conforme explica, o exercício do poder, o controle vigilante, dá impulso e prazer ao próprio poder de desvendar emoções e confissões, que, por sua vez, trazem outras curiosidades, outras emoções de prazer que reforçam o poder, "prazer e poder encadeiam-se através de mecanismos complexos de incitação e excitação"¹¹⁵. Nesse sentido, o prazer de conhecer, de diagnosticar o proibido, o *segredo*, era dotado do poder de adentrar neste saber, que provocava mais expectativas de aprofundar nas terapêuticas, nas motivações mais profundas da psicologia humana daqueles que exerciam sexualidades aberrantes, "anormais". E, dotando o objeto de estudo, do poder de contar sobre sua própria sexualidade, seus pensamentos e seus desejos, este tornava-se sujeito do discurso, falava de seu sexo relevando seu segredo mais íntimo que suscitava o prazer pelo saber e pelo poder de falar sobre si, reproduzindo a espiral saber-poder-prazer. Nesse processo de "erotismo discursivo generalizado", os sujeitos eram patologizados e atribuía-se uma identidade específica, em oposição ao que seria normal e saudável, como uma essência, fixa e natural, pois evidente nas suas disposições biológicas. A anatomia física dos indivíduos passou

¹¹² FOUCAULT, 1979, P. 44.

¹¹³ FOUCAULT, 1979, p. 43.

¹¹⁴ FOUCAULT, 1979.

¹¹⁵ FOUCAULT, 1979, p. 48.

a ser analisada com uma minúcia que desvendaria aspectos psicológicos do corpo "doente". Particularmente o sexo, era a base a partir do qual o saber científico estudava a fisiologia e detectava a "degenerescência" física e moral dos sujeitos.

Para Michelle Perrot¹¹⁶, o desenvolvimento das ciências naturais e médicas no século XIX sexualizou o gênero, pois passou a associar, mais do que nunca, a mulher ao seu corpo. Entendendo gênero enquanto uma categoria que se refere às normas comportamentais atribuídas, de forma relacional, às mulheres e aos homens, tendo como base a natureza biológica de ambos, a autora explica que a medicina passou a se utilizar do corpo feminino para determinar as condutas sociais das mulheres, em uma dinâmica de naturalização do biológico. Nessa associação entre corpo e comportamento, a ciência estabelecia o ideal da normalidade e da anormalidade, colocando as mulheres como particularmente vulneráveis à perda da razão e ao desenvolvimento de anomalias. Como afirma Perrot¹¹⁷, na perspectiva medicinal, "votadas à reprodução, elas são o útero vazio que recebe a semente. O excesso de seu sangue as torna doentes, histéricas de fato". A ciência dizia ter "descoberto" nas mulheres nervos particularmente sensíveis à irritabilidade, além de um cérebro menos organizado do que o dos homens. Por consequência, o espaço público não seria o lugar delas, ao contrário, elas deviam se restringir ao lar, à família e à boca do fogão.

Nesse sentido, Nader¹¹⁸ demonstra que nas sociedades ocidentais modernas as diferenças biológicas entre os indivíduos eram percebidas não somente pelos cientistas, como também pela Igreja, como a evidência da supremacia masculina, em força e em inteligência, em detrimento da pouca capacidade física e intelectual da mulher. A progressiva separação entre os setores da vida doméstica e do trabalho ocorrida a partir de finais do século XIX e radicalizada com o avanço urbano e industrial em cada localidade, alterou substancialmente o papel das mulheres na família. A ideia de que a biologia da mulher a destinava à dedicação total ao lar influenciou todos os setores da sociedade, de forma que ela "[...] já não seria mais caracterizada pela sua capacidade de produção como o homem e, sim por sua capacidade de amar. Já não era produtora e reprodutora. Somente era multiplicadora genética e da ordem"¹¹⁹. O corpo e a psicologia das mulheres passaram a serem vistos como uma combinação de fraqueza muscular, sedentarismo, incapacidade intelectual e sensibilidade emocional, que as tornava mais aptas a criar os filhos,

¹¹⁶ PERROT, 1998.

¹¹⁷ PERROT, 1998, p. 276. Tradução nossa.

¹¹⁸ NADER, Maria Beatriz. **Mulher**: do destino biológico ao destino social. 2ª ed. Vitória: EDUFES, 2001.

¹¹⁹ NADER, 2001, p. 112.

cuidar da casa e do marido. O útero definia o papel das mulheres enquanto mães, receptivas, submissas, fiéis aos maridos e castas quando solteiras ou viúvas. Conforme a autora, "Segundo essa concepção, a mulher, de acordo com a natureza e seu destino, nasceu para ser mãe, ocupar-se do marido, ser bondosa e ser a guardiã do lar"¹²⁰. A partir de então, as mulheres, principalmente, brancas de classes média e alta, deveriam ser, acima de tudo, esposas e mães, em uma pretensa associação com a natureza do seu corpo. Afinal, a biologia servia de base para a ciência e a Igreja construírem seu discurso de naturalização das identidades sexuais construídas incessantemente pelos discursos de poder.

Entretanto, é preciso considerar a pretensa "natureza biológica" como um discurso de verdade que constrói a ideia sobre o sexo em meio às estratégias de poder que constituem o dispositivo da sexualidade. Segundo Foucault¹²¹, "Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' da verdade, isto é, os tipos de discurso que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros [...]", de forma que o dispositivo tem um caráter político, se articula diretamente sobre o corpo, produzindo o ideal da natureza enquanto a verdade do sexo. Diferente de meramente representar os sujeitos tendo como base um parâmetro biológico, o autor demonstra que os discursos de poder constroem os sujeitos que dizem meramente representar. O que se entende por natureza e biologia são construções do século XIX, logo, as associações entre os corpos e as psicologias dos seres são produções discursivas, não podem existir independente dos discursos que os fundam. Dada a organização do poder em torno dos saberes biológicos sobre a vida, Foucault¹²² fala em biopoder, enfatizando sua atuação disciplinar sobre os corpos individuais, e sua atuação regulatória enquanto biopolítica da população. Nessa perspectiva, o biopoder construiu não somente a repressão e o adestramento dos sujeitos à sexualidade vista como sadia e normal, mas também, e, principalmente, produziu todo um mundo da perversão, das espécies humanas "contra a natureza". Com isso, ao lado da mulher ideal, mãe, dona de casa e esposa zelosa, fabricou-se a categoria das prostitutas, o oposto binário do modelo de feminilidade e de relações sexuais naturalizados pela ciência médica, pelos juristas e pelos criminologistas, isto é, por toda uma política de produção discursiva da "verdade" sobre o sexo. Esta mesma política produziu o que se entendia por prostitutas, enquadrando-as enquanto doença, anormalidade, um corpo que representa a depravação sexual e moral.

¹²⁰ NADER, 2001, p. 113.

¹²¹ FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits III**. Paris: Gallimard, 1994. p. 112. Tradução nossa.

¹²² FOUCAULT, 1979.

Por isso, não se trata de utilizar o conceito de prostituição de maneira trans-histórica e universal, como pressupõe a ideia "a profissão mais antiga do mundo", e sim, considerando-o como historicamente construído, como explica Margareth Rago¹²³. Segundo a autora, o conceito nasceu no século XIX a partir de referências médicas e policiais, para designar a comercialização sexual do corpo feminino em um período de crescimento urbano e de alargamento das relações sociais. A prostituição desse momento histórico no Brasil, deve ser compreendida como inserida "[...] numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca, e em que todo um sistema de codificações morais, que valoriza a união sexual monogâmica, a família nuclear, a virgindade e a fidelidade feminina"¹²⁴. A autora explica que na definição científica da mulher normal predominava o instinto materno sobre o sexual, de maneira que sua necessidade sexual era muito mais baixa do que a dos homens. A mãe-natureza era toda interioridade, com muito pouco desejo sexual, votada ao lar e ao cuidado dos filhos e do marido, enquanto a prostituta era vista como "mulher pública", voltada para o exterior, sem vínculos afetivos, nem freios comportamentais, com uma sexualidade excessiva e patológica. A partir do diagnóstico minucioso do corpo das prostitutas, os médicos traçavam sua psicologia, sua forma de pensar e agir, "[...] no tamanho dos quadris, na largura da testa, no comprimento dos dedos decifram os sinais de uma anormalidade estrutural. Pelo estudo anatômico de seu corpo, construíram sua identidade e o lugar da manifestação de seu desejo sexual"¹²⁵. Sua personalidade era caracterizada pela exacerbação dos sentidos, não somente no terreno sexual, mas também nos gostos, nas aparências, no apreço por "[...] licores fortes, comidas picantes, perfumes extravagantes, pinturas exageradas, roupas muito coloridas, davam risadas estridentes e falavam exageradamente"¹²⁶. Em oposição à mulher "normal", maternal, esposa fiel, passiva e recatada, o saber científico, com grande influência positivista e evolucionista, via as prostitutas como naturalmente propensas ao roubo, à chantagem, ao gosto pelas bebidas alcoólicas, à violência, ao prazer pelas brigas, como uma criminosa, aquilo que de pior existe na humanidade. A prostituição, nessa perspectiva, era "[...] o equivalente feminino à criminalidade, decorrente da degenerescência física e moral da mulher"¹²⁷.

¹²³ RAGO, 1991.

¹²⁴ RAGO, 1991, p. 23.

¹²⁵ RAGO, 1991, p. 148.

¹²⁶ RAGO, 1991, p. 145.

¹²⁷ RAGO, 1991, p. 157.

Adentrando nos discursos científicos sobre o meretrício, Magali Engel¹²⁸ realizou uma história das ideias sobre a prostituição no século XIX, analisando os textos médicos produzidos sobre o assunto na cidade do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1840 e 1890, e que, no decorrer do século XX, foram utilizados pelos poderes constituídos para implantar políticas de ordenamento urbano. Segundo a autora, cabia à medicina social a tarefa de produzir um conhecimento direcionado à contenção dos problemas urbanos que se apresentavam, dentre os quais o meretrício, e servia de base para as abordagens literárias, policiais e jurídicas sobre a prostituição. Seguindo os passos da medicina europeia, os médicos brasileiros mostravam grande preocupação com a sexualidade, e aplicavam aqui a mesma "vontade de saber"¹²⁹ que destrinchava corpos, pensamentos e ações, em uma dinâmica de poder-saber-prazer, definindo os limites da sexualidade "sadia" para disciplinar os corpos e os comportamentos sociais. Engel¹³⁰ explica que conforme a cidade crescia, com uma população cada vez mais numerosa e uma estrutura social e econômica mais complexa e incapaz de absorver todos os habitantes, as condições de higiene pública se mostravam progressivamente mais precárias e motivo de preocupação dos médicos. Nascia a ideia da "cidade doente", mostrando um cotidiano dramático de doença e de mortes. Os médicos franceses eram as principais referências para os cientistas brasileiros, com suas teorias da cidade doente e infecciosa, que evidenciava o caráter político da atuação da medicina social.¹³¹ Era preciso ordenar a desordem urbana, higienizar as cidades e, para tanto, o estudo dos corpos, das sexualidades, dos comportamentos, das perversões e mesmo da família, era essencial.

Rompendo com as interdições da Igreja, que via as moléstias venéreas e o excesso sexual como castigo divino e pecado, a multiplicação dos discursos sobre o sexo se fez presente no Brasil. Agora, era o médico quem assumia a "santa missão" de defender a moral e combater a libertinagem, protegendo as "vítimas inocentes" da degenerescência do corpo sadio e das moléstias venéreas, em uma recriação do ideário cristão que permitia adentrar nas profundezas da doença e da miséria física e moral para promover a disciplinarização e o controle social. Como Engel¹³² salienta, "cioso da sua missão, o médico se dispõe a levantar o véu e a dar início a um exame minucioso da doença desvendada...". Os médicos se propõem a mostrar o foco

¹²⁸ ENGEL, 2004.

¹²⁹ Em referência ao livro de Foucault (1977), intitulado "História da sexualidade I: a vontade de saber".

¹³⁰ ENGEL, 2004.

¹³¹ Sobre os discursos e as práticas da medicina social francesa sobre a prostituição nos séculos XIX e XX, ver: CORBIN, 1978. Sobre a influência da medicina social francesa sobre os médicos higienistas brasileiros, ver: ENGEL, 2004.

¹³² ENGEL, 2004, p. 69.

infeccioso que há por trás da capa enganadora da beleza e do amor que pretensamente encobre o corpo das prostitutas. As meretrizes são comparadas às imagens do cancro, da chaga, da úlcera, da gangrena e do vírus, principalmente, por meio da associação com as doenças venéreas, como a sífilis, que faz das esposas e dos filhos "vítimas inocentes". A possibilidade de contaminação da população considerada sadia pelas prostitutas se referia não somente à ameaça da sífilis, como também aos riscos morais e sociais da "exibição pública do luxo". Para os médicos higienistas, as meretrizes representavam a riqueza fácil e o não-trabalho, seduzindo as mulheres "honestas" voltadas para o casamento. Nessa perspectiva, como afirma Engel¹³³, "E, assim, aos poderes públicos, 'defensores do trabalho, da ordem da moralidade e da saúde do povo', incumbidos de 'zelar pelo bem da coletividade', caberia adotar medidas repressivas contra a prostituição, que colocava em risco os alicerces de toda a organização social".

Mas, se a visão da prostituição enquanto doença e sua conseqüente necessidade de repressão pelos poderes públicos eram consenso na comunidade médica do Rio de Janeiro do século XIX, as concepções acerca da utilidade do espaço prostitucional no meio urbano opunham regulamentaristas e abolicionistas.¹³⁴ Para os primeiros, cuja inspiração fundamental eram os ideais do Dr. Parent-Duchâtelet e as experiências de regulamentação do meretrício implantadas em Paris, estava cientificamente provado que a prostituição era um "mal inevitável", haja vista sua existência constante na história da humanidade, desde a Antiguidade. Isso porque, o organismo biológico masculino é entendido como portador de instintos sexuais que o levam à necessidade "natural" de satisfazê-los. Para não corromper as instituições higiênicas da família e do matrimônio, fundamentadas em torno da virgindade e da fidelidade femininas, e ainda não sucumbir em "perversões sexuais" consideradas ainda mais graves, como a sodomia, a masturbação e o homossexualismo, a prostituição tornava-se a "válvula de escape" mais recomendada aos homens satisfazerem seus instintos sexuais incontrolláveis. Contudo, para efetivamente cumprir seu papel "civilizatório", os médicos regulamentaristas defendiam a repressão policial contra a prostituição livre, clandestina, em prol da definição de um espaço delimitado para a prostituição pública, onde os riscos de contaminação fossem controlados pelos poderes médicos e policiais. Como explica Engel¹³⁵,

A institucionalização do bordel, concentrando e fixando as prostitutas, apresenta-se, assim, como o meio mais eficaz de viabilizar a fiscalização médica e policial. E, ao mesmo tempo, através da circunscrição do espaço da prostituição, evitar e/ou restringir o contato com o conjunto da população urbana. [...] Quanto mais precisos e

¹³³ ENGEL, 2004, p. 107.

¹³⁴ ENGEL, 2004.

¹³⁵ ENGEL, 2004, p. 114.

restritos fossem os limites do espaço da *prostituição permitida*, mais fácil seria a sua conversão em espaço vigiado e, portanto, mais ágil e eficientemente poderiam ser acionados os mecanismos de repressão.

Portanto, a regulamentação e a repressão permitiriam que a prostituição pública tivesse uma utilidade para a sociedade "sadia", enquanto um espaço ordenado, higienizado e sujeita às regras de conduta moral impostas. Para os anti-regulamentaristas, entretanto, a prostituição não é um "mal inevitável", mas uma doença ocasionada por questões sociais que podem ser plenamente identificadas e combatidas, como a falta de religiosidade, a ignorância e a miséria. Nesta concepção, tornar o meretrício uma profissão regular sujeita às inspeções médicas e policiais significaria aumentar a possibilidade de contaminação social, na medida em que o bordel se converteria em um espaço de conservação e disseminação do vício, e ainda se constituiria como um atentado à liberdade individual das prostitutas, que seriam submetidas à vigilância e a perseguição cotidianas. Os médicos anti-regulamentaristas defendem que a prostituição deve ser combatida pelas forças policiais e jurídicas, com vias a, minimamente, reduzir o "mal". Conforme sintetiza Engel¹³⁶, na perspectiva contrária à regulamentação, "O Estado deve promover o *bem* e assegurar a justiça. Assim, jamais poderá favorecer o *mal*, tolerando e legalizando a prostituição... A regulamentação sanitária não seria o remédio mais adequado para a *doença*..." Para a autora, ambas as visões, regulamentarista e abolicionista, evidenciavam o projeto médico de normatização dos comportamentos da população urbana. Não obstante nenhuma das duas concepções terem sido implantadas exatamente como foram concebidas, é possível observar a imposição deste projeto em diversas cidades brasileiras. No caso da indústria sexual, "[...] é possível detectar uma tendência no sentido da delimitação de áreas ou ruas na cidade especialmente destinadas à prostituição"¹³⁷. Exatamente como ocorreu com o comércio de corpos femininos no centro de Vitória, quando, nos anos de 1950 e 1960, se concentrava, sobretudo, na Volta de Caratoíra e na rua General Osório e, depois, em finais da década de 1960 a princípios de 1980, na região periférica de São Sebastião.

Importa destacar o quanto os discursos e as práticas do biopoder, principalmente, aqueles pautados nas concepções médicas regulamentaristas, tornaram-se, no decorrer do século XX, em grande medida independentes da legislação brasileira. Apesar da predominância da posição a favor da regulamentação da prostituição, entre 1870 e 1890, dentro da comunidade médica carioca, Edson Holtz Leme¹³⁸ demonstra que o Código Penal de 1890 condenou o lenocínio nos

¹³⁶ ENGEL, 2004, p. 124.

¹³⁷ ENGEL, 2004, p. 140.

¹³⁸ LEME, Edson Holtz. **Noites ilícitas**: histórias e memórias da prostituição. 2 ed. Londrina: EDUEL, 2009.

artigos 277 e 278, visando combater o favorecimento da prostituição. A atividade em si nunca foi considerada ilegal, o que passou a ser um crime passível de punição foi justamente a cafetinagem, isto é, a exploração de terceiros sobre a prática prostitucional. Em 1915, por ocasião da participação do Brasil na Conferência de Paris, destinada a coibir o tráfico de mulheres, foram realizadas alterações em ambos os artigos, ampliando o tempo de pena de encarceramento e tipificando as formas de coação utilizadas, além de tornar "[...] mais abrangente a esfera de punição aos intermediários que se beneficiavam da prostituição. A manutenção e a exploração das chamadas casas de tolerância passou a ser considerada crime"¹³⁹. Em 1932, o Código Penal passou a ser intitulado Consolidação das Leis Penais e manteve os artigos referentes ao crime de lenocínio. Em 1940, por sua vez, o novo Código Penal detalhou e criminalizou melhor as práticas relacionadas à prostituição, dando um *status* de capítulo ao tema e subdividindo-o em cinco artigos: Art. 277: Mediação para servir à lascívia de outrem; Art. 228: Favorecimento da prostituição; Art. 229: Casa de prostituição; Art. 230: Rufianismo e Art. 231: Tráfico de mulheres. Entretanto, o aumento da abrangência da legislação criminal em relação ao meretrício não significou uma ampliação da repressão e de práticas voltadas para o efetivo combate da problemática exposta. Houve, em realidade, seguindo o pensamento foucaultiano, uma multiplicação dos discursos, das práticas e dos corpos considerados pervertidos e anormais. Como o próprio Leme¹⁴⁰ conclui,

O maior detalhamento da legislação, relacionado a todas aquelas que obtinham lucros do comércio da prostituição, não implicou uma maior repressão às casas de prostituição. É bom lembrar que os proprietários das diversas casas de tolerância sempre procuraram manter um 'bom' relacionamento com os representantes das autoridades locais, especialmente da área policial, aproveitando-se do fato de muitos deles, serem assíduos frequentadores desses empreendimentos de lazer erótico.

Os discursos científicos, judiciários, terapêuticos, médicos e pedagógicos sobre o sexo, as mulheres e a prostituição proliferavam, sobretudo, nos meios urbanos do Brasil. Mas, afinal, quem eram realmente as prostitutas produzidas por esses discursos de poder? Para Engel¹⁴¹, é possível observar uma associação entre as mulheres pobres da cidade que exerciam ocupações como lavadeiras, costureiras, enfermeiras ou floristas, com a prostituição, de tal maneira que "[...] os médicos acabam por conferir uma qualificação negativa e preconceituosa ao trabalho feminino". As mulheres pobres da cidade, muitas negras e ainda escravizadas, circulavam pelas ruas procurando alguma forma de subsistência nos ofícios urbanos, e costumavam viver em habitações onde enfrentavam a precariedade dos serviços básicos de saúde, iluminação,

¹³⁹ LEME, 2009, p. 138.

¹⁴⁰ LEME, 2009, p. 140.

¹⁴¹ ENGEL, 2004, p. 95.

alimentação e educação. Eram logo comparadas às prostitutas clandestinas, aquelas vistas como mais perigosas e mais fáceis de acessar. Já a prostituição de luxo, composta por uma maioria de mulheres brancas, muitas imigrantes europeias ou argentinas, considerada pelos médicos sanitaristas como de menor potencial ofensivo, era vista como mais difícil de acessar, de forma que seu corpo não era assolado por doenças venéreas. O racismo presente na concepção de prostituição da medicina social era evidente. Chegavam a tecer uma relação social e moral do meretrício com a escravidão, vinculando o comércio do corpo feminino à ideia de ociosidade, contrapondo-o ao trabalho, assim como os escravizados eram concebidos como indolentes e mau trabalhadores. Segundo Engel¹⁴², "[...] o médico denuncia a escravidão como elemento de difusão da 'ociosidade' e de 'desqualificação do trabalho'", da mesma forma que acusa as prostitutas de propagarem a aversão ao trabalho honesto, o ganho fácil, a ociosidade, a vida dos prazeres e dos sentidos contrária a ideia de riqueza da nação brasileira. Como a autora enfatiza, "classificada como doença social e, portanto, como foco de desagregação do trabalho e da propriedade, a prostituição representaria uma ameaça à própria riqueza da nação"¹⁴³.

Bebel Nepomuceno¹⁴⁴ explica que, diferentemente do tipo de submissão vivido pelas mulheres brancas, enquanto esposas passivas e dedicadas exclusivamente ao lar, as mulheres negras, pobres e discriminadas, que habitavam as cidades, construíram uma gama de estratégias de sobrevivência para providenciar o sustento da casa que muitas vezes não contava com a presença masculina para tanto. Elas circulavam pelo espaço público como vendedoras de leguminosas, salgados, doces e produtos vários, dedicavam-se à lavagem de roupas, aos serviços domésticos e às atividades artísticas, "[...] ocupando palcos baratos de teatro de revista, cabarés e 'chopes-berrantes'"¹⁴⁵. Devido ao preconceito racial e aos ideais de "branqueamento" da população, levados a cabo pelo Estado brasileiro e teorizados no mesmo âmbito do saber científico a respeito da "cidade doente" em finais do século XIX e princípios do século XX, os(as) negros(as) foram excluídos do mercado formal de trabalho nas indústrias, nos comércios e nos serviços públicos. Vistos como avessos ao trabalho honesto e, no caso das mulheres, ainda sem contar com a "boa aparência" exigida nos empregos formais de maior remuneração, a população negra era sistematicamente preterida em prol da mão de obra imigrante europeia. Nos discursos de poder dos médicos, juristas e policiais, marcados pela teoria positivista

¹⁴² ENGEL, 2004, p. 96.

¹⁴³ ENGEL, 2004, p. 101.

¹⁴⁴ NEPOMUCENO, Bebel. **Mulheres negras**: protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

¹⁴⁵ NEPOMUCENO, 2013, p. 386.

biologizante, os negros e as negras eram mais propensos a cair na perversão, nos maus costumes, na indolência, além de seu corpo e de seu comportamento apresentarem todos os sinais da degeneração física e moral. Eram "naturalmente" inferiores aos brancos.

Lélia Gonzales¹⁴⁶ mostra a ideologia do "branqueamento" enquanto um discurso dos dominantes que se apresentava como a "verdade" e que visava incutir na população negra a "[...] internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais". Em uma associação entre racismo e sexismo, os discursos científicos promoviam a lógica da dominação e da repressão utilizando-se de práticas de culpabilidade, em que responsabilizava os(as) próprios(as) negros(as) pela exclusão e marginalização social, cultural, política e econômica. Pautados no mito da democracia racial, os discursos de branqueamento negavam o racismo presente na formação sociocultural brasileira e situavam o país em um ideal democrático cuja exclusão negra era resultado da indolência, da irresponsabilidade, da incapacidade intelectual e da aversão ao trabalho. Os discursos de poder, brancos, heterossexuais e sexistas, colocavam os(as) negros(as) na "lata de lixo da sociedade brasileira", como resultado do próprio caráter do negro. Para a autora, imbuída do mito da democracia racial, a elite brasileira não considerava a sociedade racista, e ela ironiza:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com feições tão finas... Nem parece preto.¹⁴⁷

O preconceito racial era disfarçado pela ideia de neutralidade científica e de democracia racial brasileira. O caso das mulheres negras era ainda mais dramático, na medida em que a associação com a prostituição e a disponibilidade sexual era sistemática e elas eram apresentadas como responsáveis pela própria exclusão de que eram alvos. Para discursos de poder hegemônicos, elas não contavam com a "boa aparência" necessária aos trabalhos de maior visibilidade e remuneração, de tal maneira que, "não adianta serem 'educadas' ou estarem 'bem vestidas' (afinal, 'boa aparência', como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria 'branca', unicamente atribuível a 'brancas' ou 'clarinhas')"¹⁴⁸. Por meio de uma patologização dos sujeitos e grupos sociais, o biopoder justificava e produzia a marginalização das mulheres negras dos ideais de normalidade sexual e dos espaços geográficos citadinos da sociedade "sadia". Para

¹⁴⁶ GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, Fortaleza, p. 223-243, 1984. Disponível em: <<https://sociologiareflexaoeacao.wordpress.com/2015/11/07/lelia-gonzalez-racismo-e-sexismo-na-cultura-brasileira/>>. Acesso em: 20 jan. 2020. p. 237.

¹⁴⁷ GONZALES, 1984, p. 226.

¹⁴⁸ GONZALES, 1984, p. 230.

Foucault¹⁴⁹, a partir da época moderna, com a formação do dispositivo da sexualidade, os mecanismos de poder se voltaram para o corpo, a vida, a progenera e a população. Nessa perspectiva, o biopoder, enquanto uma tecnologia de funcionamento entrelaçado entre saber e poder, inscreveu o racismo nos mecanismos de Estado para garantir as pretensas integridade, superioridade e pureza das raças. A sociedade "sadia", normalizadora e superior, era branca e seguia os padrões de inteligibilidade de gênero, com mulheres e homens cujos desejos eram heterossexuais e os comportamentos disciplinados e regulados.

Nessa perspectiva, as prostitutas, maioria pobres e negras, foram expulsas do centro de Vitória em finais da década de 1960. As técnicas do biopoder e os mecanismos disciplinadores entraram em funcionamento na capital do estado do Espírito Santo no sentido de afastar dos locais de lazer e de residência das classes médias e altas, compostas, principalmente, por uma população branca, a prostituição e as pessoas pobres e negras. A perspectiva da cidade limpa e higienizada, produzida pelos médicos cariocas em finais do século XIX, se fez presente nas práticas e nos discursos políticos do governo de Christiano Dias Lopes, de 1967 a 1971, no Espírito Santo. Não obstante a vigência do Código Penal de 1940, que condenava o favorecimento da prostituição e as casas de tolerância, as práticas regulamentaristas foram adotadas no estado. A matéria "Prostituição: o trottoir nas ruas"¹⁵⁰ chega mesmo a afirmar que São Sebastião foi uma "zona" delimitada para a prática do lenocínio. As políticas adotadas tinham como pressuposto a prostituição enquanto um "mal necessário", por isso atuaram no controle e na higienização da indústria sexual capixaba, mas não em sua eliminação da RMGV. O objetivo primeiro, assim que o governador tomou posse, era retirar a prostituição do centro da cidade, marginalizando o comércio de corpos femininos para espaços mais distantes da região central de Vitória. É evidente, contudo, que na rede de relações de forças envolvidas nas políticas de higienização da capital, o poder não produz somente efeitos negativos de submissão, marcados pela violência, pela repressão e pela marginalização das prostitutas. Em um processo múltiplo de subjetivação, produzida em meio às relações de poder, emergiram diversos pontos de resistência nas ações e nas expectativas das mulheres que foram alvos das práticas disciplinadoras implantadas pelo governo estadual. São essas memórias de resistências singulares que constituem a história de São Sebastião contada aqui.

¹⁴⁹ FOUCAULT, 1979.

¹⁵⁰ PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 35.

I. 4. Reações ao biopoder: a construção de São Sebastião

Em 1967, tão logo Christiano Dias Lopes assumiu o cargo de governador do Espírito Santo, a Secretaria de Segurança Pública do estado, sob a chefia de José Dias Lopes, irmão do governador, convocou uma reunião com todas as donas de casas de prostituição do centro de Vitória para anunciar a determinação do executivo estadual em acabar com o meretrício nesta região da cidade. Conforme Eny, o encontro ocorreu na delegacia de polícia e reuniu todas as chefes de prostíbulos da região, incluindo a Aurora Gorda e a própria Eny, que foi como gerente da boate 130, da rua General Osório, porque a dona do prostíbulo não pôde ir. Na sua percepção, a reunião mostrou que a indústria sexual era "como se fosse uma empresa de alto escalão", com grande prestígio e poder. O secretário determinou que todos os bordéis da área central da cidade fossem fechados em, no máximo, 90 dias, incluindo a Volta de Caratoira, a rua General Osório e os prostíbulos que existiam na Vila Rubim e na rua São João. Caso contrário, os policiais iriam se utilizar da força para efetivar a ordem do poder executivo estadual. O destino do meretrício da RMGV era o recém delimitado território de São Sebastião, também chamado de Carapeba ou Carapebus, pois se localizava próximo à praia de Carapebus, na Serra, voltado exclusivamente para o comércio de corpos femininos. Não por acaso, o local se situava perto do Porto de Tubarão, inaugurado em 1966, garantindo a clientela frequente de marinheiros e estrangeiros vindos do porto marítimo para a região, além dos homens da sociedade capixaba que já não contavam mais com os bordéis do centro da capital para se divertirem e socializarem entre si.

Por ocasião da construção do Porto de Tubarão, toda a área no entorno, na região de Carapina, foi loteada, incluindo a antiga fazenda São Judas Tadeu, parte da qual se tornou o bairro de São Sebastião. Os agentes imobiliários iam vender os novos lotes justamente nos prostíbulos do centro de Vitória, como relata Eny. Sabendo que as prostitutas e as donas de bordéis se interessavam por áreas próximas de portos marítimos, o submundo do mercado sexual de Vitória era um ótimo lugar para eles fazerem negócios. Talvez eles já tivessem conhecimento do projeto de higienização da capital e da posterior expulsão do meretrício do centro da cidade, e estivessem antevendo a futura delimitação de São Sebastião enquanto a nova "zona" prostitucional capixaba. O fato é que eles venderam os lotes da região para as prostitutas e as donas de boates de Vitória, que tinham interesse e dinheiro para investir na região. Eny explica, que antes mesmo de o decreto baixado pelo executivo estadual, expulsando as prostitutas do

centro de Vitória, ela já havia adquirido um terreno em São Sebastião, assim como outras prostitutas e cafetinas haviam feito. Quando a Secretaria de Segurança Pública anunciou para todas as cafetinas do centro de Vitória a decisão, muitas já contavam com seus lotes em São Sebastião. Contudo, para aquelas que enriqueciam cotidianamente com o comércio de corpos femininos no centro da capital, ir para São Sebastião, um área recém-loteada, sem saneamento básico, água encanada, iluminação pública, calçamento e ainda longe de tudo, significava um rombo em seu faturamento, um prejuízo sem medida. Por isso o repórter policial Pedro Maia, em entrevista à reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios", em 1976, menciona o protesto e a recusa de algumas proprietárias de boates do centro de Vitória em aderir à ordem policial e abandonar as suas lucrativas casas de prostituição na capital do Espírito Santo.

Mas, se para as cafetinas de sucesso de Vitória, a mudança para São Sebastião simbolizava um retrocesso, para aquelas que ainda não tinham uma posição de destaque na indústria sexual capixaba, a configuração de uma nova "geografia do prazer" na RMGV significou uma possibilidade de ascensão social no mercado de corpos femininos. Assim que a ordem de expulsão foi dada, Eny, que já contava com um terreno em São Sebastião, só faltava construir uma casa para inaugurar seu próprio prostíbulo na região. Faltando cerca de 90 dias para ser obrigada a sair definitivamente do centro da cidade, ela narra que, por sorte, uma empresa de Curitiba estava expondo casas pré-moldadas para a venda em uma galeria do centro de Vitória. As moradias eram feitas de friso, em tamanhos que variavam de 45m², 50m² e 60m². Eny e uma amiga, Yolanda, compraram uma casa cada uma, para colocarem em seus terrenos em São Sebastião e transformar em bordel. Eny escolheu a casa maior, que contava com 3 quartos, sala, cozinha, banheiro e ainda uma varanda com telha colonial. Um de seus namorados, um abastado fazendeiro de cacau do município de São Mateus, no norte do estado, arcou com a compra do imóvel e, em aproximadamente 8 dias, a casa de Eny estava montada em São Sebastião, quase pronta para atender os clientes. Além desta residência, logo estavam erguidas no "território do desejo" a boate Atlântica, a mais luxuosa de Carapeba, feita já com tijolos, de propriedade de Dinorá, antiga dona da Casa Verde, na Volta de Caratoíra, a boate Patiá, feita de palha, de propriedade de Elza Pernambucana, que antes era inquilina de Dinorá na Casa Verde, a boate de Yolanda, também pré-moldada de friso, a boate 92, feita de tábuas de taipa, de propriedade de Vera, antiga inquilina do bordel 92, da rua General Osório, e a boate feita de tábuas de Elza Mendes, que também trabalhou no bordel de Dinorá, na Volta de Caratoíra. Foram cerca de 6 boates, construídas com palha, tábuas de madeira, friso ou mesmo com tijolos, que marcaram os primórdios da região de prostituição de São Sebastião, em 1967.

Com exceção de Dinorá, que já era estabelecida enquanto cafetina de um bordel extremamente lucrativo na região central de Vitória, as demais mulheres, que antes eram prostitutas ou gerentes de bordéis na capital, ascenderam na indústria sexual da RMGV tornando-se proprietárias de boates em Carapeba. Ou seja, o poder repressivo estatal, para além de seu caráter violento e truculento, produziu efeitos de reação singular que deslocaram seu objetivo primeiro e tornaram-se potência e resistência para algumas mulheres que encontraram possibilidades de ampliar suas expectativas e seu poder, com o fim do meretrício no centro da cidade, como foi o caso de Eny, Yolanda, Elza Pernambucana, Elza Mendes e Vera. Já Aurora Gorda, a conhecida cafetina que enriquecera com a exploração sexual na Volta de Caratoíra, parece que não teve o mesmo sucesso em São Sebastião. Eny relata que ela chegou a comprar uma casa na região para fazer de prostíbulo, mas não teve êxito. A cafetina preferiu focar a sua atenção e o seu investimento na construção do Motel Rezende, no final da praia de Camburi, também próximo do Porto de Tubarão.¹⁵¹ Segundo a matéria "Tudo à meia luz", publicada em setembro de 1980, Aurora Rezende, mais conhecida como Aurora Gorda, foi pioneira no ramo dos motéis em Vitória, com seu edifício de 10 apartamentos pequenos, com banheiros acoplados, "[...] onde o cliente podia passar uma noite pelo preço de Cr\$ 25,00 com direito a uma dose de bebida de sua preferência"¹⁵². A reportagem salienta que os carros faziam fila para entrar no motel, atestando o sucesso do empreendimento e o lucro da proprietária. O que não ocorreu sem dificuldades e perseguições da polícia local. Parece que as batidas policiais no estabelecimento eram constantes, incitadas por denúncias de moralistas que não aceitavam a presença no motel na região, de forma que, "[...] não foram poucas as vezes que o local foi varejado por zelosos policiais que tiravam os hóspedes dos quartos sob a mira de metralhadoras com uma desculpa qualquer"¹⁵³. Depois, o prestígio de Aurora resolvia o problema e tudo voltava ao habitual. Apesar do sucesso de seu motel, entretanto, a cafetina iniciou um processo de decadência a partir de então, e em questão de pouco tempo ela perderia tudo o que havia conquistado.¹⁵⁴

Para as mulheres que ascenderam no mercado sexual com a construção de São Sebastião, por sua vez, é importante ressaltar que a tarefa não foi nada fácil. Quando os prostíbulos foram construídos no território, o bairro não contava com nenhuma infraestrutura para dar suporte as casas recém-instaladas na região. As estradas que davam acesso ao bairro eram de barro, que

¹⁵¹ Espírito Santo Agora, 1980.

¹⁵² TUDO, 1980, p. 5.

¹⁵³ TUDO, 1980, p. 5.

¹⁵⁴ MEDEIROS, 2009; COSTA, 2015.

viravam lama quando chovia. Apesar da casa pré-moldada de Eny estar logo pronta, não era possível começar a utilizá-la ainda, por problemas estruturais. A nova cafetina precisou providenciar imediatamente a construção de uma fossa séptica para dar vazão ao esgoto produzido na casa e um poço artesiano, com uma bomba potente, para retirar água do subsolo e abastecer a residência. Com isso, a casa tornou-se habitável. E Eny trouxe entre 8 e 10 meninas que trabalhavam como inquilinas da boate 130, na rua General Osório, para serem suas inquilinas em Carapeba. Com a expulsão do centro de Vitória, as meninas não tinham muitas alternativas se não irem para outros prostíbulos que lhe parecessem vantajosos. E foi isso que fizeram. Algumas foram com Eny, outras para as demais boates de São Sebastião, e outras foram para diferentes locais na RMGV. Carapebus, entretanto, era a região de comércio sexual mais promissora, construída pelas próprias prostitutas. Como argumenta Eny, "Quem comprou isso aqui? Quem fundou isso aqui? Foi as prostitutas. Não foi as família não, as família foi vindo depois, se encostando, né? Se chegando. Que onde tem prostituta tem família, tá? De verdade. Porque a maioria vive disso. Baixa renda, né?" Para a cafetina, não foram as famílias que fundaram São Sebastião, não obstante Novo Horizonte hoje ser um bairro familiar, e sim as prostitutas. Foram elas, incluindo Eny, quem construíram e fundaram o território e, posteriormente, com o crescimento do comércio da região, outras pessoas e famílias foram se estabelecendo no local.

Não obstante as dificuldades iniciais, logo o bordel de Eny passou a ser frequentado por homens da alta sociedade capixaba, como juízes, advogados, políticos, policiais e fazendeiros. Durante a noite, dada a falta de energia, a cafetina acendia lampiões para clarear o ambiente, a geladeira era mantida ligada com o uso de querosene e Eny mandava trazer gelo de Vitória, que vinha dentro de latões, com pó de serra misturado, para tardar a derreter. Assim, com muito improviso e agilidade, a cafetina ia mantendo o seu negócio e retirando já bastante lucro com as suas inquilinas e a venda de bebidas na sua boate. Tamanho foi o sucesso de sua boate que já em 1968 Eny decidiu comprar uma casa construída recentemente em um terreno na frente de seu prostíbulo, para transformar no bordel que se chamaria Veneza. Ela conta que havia adquirido um apartamento na Praia do Suá, em Vitória, e trocou o imóvel pela nova residência em São Sebastião. Inicialmente, a boate Veneza tinha apenas um pavimento e alguns quartos, mas logo se transformaria em uma grande construção de dois andares, com 45 suítes, um grande salão com copa e com o apartamento privativo da cafetina, ocupando todo o terreno de 900m². Na época, Eny era amante do então prefeito da Serra, Aldary Nunes¹⁵⁵, que arcou com as despesas

¹⁵⁵ Aldary Nunes foi prefeito da Serra de 1973 a 1976, eleito pela legenda da Arena. BORGES, Clério José.

de reforma para aumentar a casa. "Ele não, a prefeitura", de onde saíam os recursos que Aldary destinava à ampliação do prostíbulo de Eny. Segundo a cafetina, o amante mandou fazer uma estrada atrás do bordel, para, depois das 18 horas, os caminhões da prefeitura levarem material de construção para a sua obra, sem serem muito notados pela população local. Ela acrescenta que até mesmo a mão de obra utilizada na reforma era contratada pela prefeitura do município. A regalia acabou, entretanto, quando a esposa de Aldary encontrou os dois se divertindo juntos no carnaval, em Jacaraípe (Serra/ES), e o prefeito se viu obrigado a romper com a amante. Sem os recursos fornecidos pelo prefeito, Eny precisou arcar com o término da reforma da Veneza e, para desembolsar o mínimo possível, colocou seu filho, então com cerca de 11 anos, para auxiliar na reforma trabalhando como servente de pedreiro. O menino vivia com a avó no bairro vizinho à São Sebastião, em São Diogo, exercia as atividades no prostíbulo da mãe e voltava para a casa.

Antes, a mãe e o filho da cafetina moravam em um apartamento de sua propriedade na Enseada do Suá, bairro nobre de Vitória, mas, ao trocar o imóvel pela residência que seria reformada para se transformar na grande boate Veneza, Eny precisou alugar uma casa para ambos, agora perto dela. O pai havia falecido pouco tempo antes, com 45 anos, por conta de um câncer na garganta, ainda quando a cafetina tinha somente o primeiro bordel em Carapeba. Desde então, a mãe não se casou novamente e vivia dedicada ao lar. Não gostava do ofício da filha, mas tampouco interferia em seus negócios. Só não se atrevia a entrar na região de São Sebastião, preferia se manter no bairro vizinho, alheia às atividades exercidas pela filha. Eny mantinha um contato constante com a família. Arcava com todas as despesas da mãe e mantinha o filho e os irmãos por perto. Um de seus irmãos chegou a trabalhar diretamente com ela na administração da Veneza, e duas de suas irmãs, depois de terem seus matrimônios desfeitos, tornaram-se inquilinas de Eny por certo tempo, escondidas da mãe, que não aceitava a situação. Seu filho, adquirida a maioridade, também ajudou a mãe na administração de suas boates. Enfim, Eny construiu um grande império na indústria sexual de São Sebastião, empregando seus familiares e garantindo renda para uma grande rede de pessoas que atuavam nas atividades relacionadas aos empreendimentos da cafetina. Ela chegou a contar com um total de 3 prostíbulos na região, 5 pontos de táxi no Porto de Tubarão, além de outros imóveis em Vitória e na Serra, que foi comprando no decorrer do tempo. Eny só interrompe o processo de expansão de seus negócios, quando o movimento de clientes do território diminuiu, a partir de meados da década de 1970, e ela já não consegue mais ter o lucro de outrora. É a partir daí que a cafetina começa a parar

de construir em Carapeba, enfrenta algumas decepções e procura outras formas de continuar tendo vultuosos lucros com o mercado sexual.

Em finais dos anos de 1960, contudo, enquanto Eny iniciava a construção de si mesma e do território existencial de São Sebastião, Solange atuava como inquilina da boate Casa Nova, de propriedade de Cigana, em Jardim Camburi, último bairro da cidade de Vitória, construído recentemente, na divisa com o município da Serra. Ela se mudou para o prostíbulo com o fechamento das boates do centro de Vitória. Entretanto, as investidas policiais no prostíbulo eram constantes e a clientela estava cada vez mais escassa no estabelecimento. Ciente da fama de Carapeba e visando ganhar mais dinheiro, Solange, então, foi para o território de desejo da RMGV, especificamente para a Veneza, a segunda boate de Eny. Ela narra que chegou na boate por intermédio do seu "homem", como se refere ao seu amante/namorado, que na época era taxista e trabalhava para a cafetina fazendo viagens pela RMGV. Em 1968, Solange tornou-se inquilina da boate de Eny, que ainda não contava com a estrutura, a amplitude e o movimento de clientes e de prostitutas que teria nos anos seguintes. Quando Solange ali chegou, o bordel ainda era pequeno, situado em uma região ainda pouco habitada e construída. Em questão de pouco tempo, outros prostíbulos, dormitórios, bares, restaurantes, lanchonetes e diversos tipos de comércios se estabeleceriam na região. Dada a experiência prostitucional anterior, Solange chegou na boate de Eny com as roupas e os calçados usados para atuar no mercado sexual e, por isso, não contraiu nenhuma dívida com a cafetina. Ela explica que Eny buscava a maioria de suas inquilinas no estado da Bahia e, chegando no bordel, providenciava as vestimentas e todo o adorno necessário para elas começarem a exercer o ofício prostitucional logo na mesma noite, no salão da Veneza. Assim que as meninas faziam os primeiros programas, precisavam quitar a dívida com a cafetina, relativas ao embelezamento que fizeram para poderem trabalhar na boate. Solange, contudo, explica que foi para a "geografia do prazer" da RMGV arcando com os custos da viagem e com suas próprias vestimentas, portanto, não devia nada à cafetina.

Importante ressaltar como Solange faz questão de se diferenciar das demais prostitutas de São Sebastião e de se colocar em posição de independência em relação à Eny. Ao contar da chegada na boate Veneza, referindo-se à antiga cafetina, ela comenta: "[...] aquela velha muxibenta. Mas ela era linda, linda, parecia uma bonequinha de louça. Como a pessoa acaba, né?" Por meio da depreciação da imagem de Eny, da afirmação de sua autonomia diante da ex-cafetina e da diferenciação que estabelece com relação às outras prostitutas, Solange constrói sua memória enquanto sujeita de sua própria história, produz seu presente como resistência às estratégias de submissão que enfrentou durante a vida. Tanto quanto Eny, que, por ter sido proprietária de

boates em São Sebastião e ter ascendido no mercado sexual, Solange foi sujeita ativa no processo de construção do "território do desejo" da RMGV, uma vez que também produziu este território. Apesar de não ter tido uma posição hegemônica de poder e de prestígio na indústria sexual de Carapeba, Solange produziu uma rede de relações sociais ao redor de si mesma e se articulou de diferentes formas, em múltiplos espaços, construindo tanto a sua própria subjetividade, quanto atuando na produção da subjetividade coletiva de São Sebastião. É isso que ela afirma a todo instante em suas narrativas e em suas percepções do passado, que são guiadas por sua intenção atual de ser ativa, viva, potente e, se mesmo assim velha e pecadora, não tão diferente das suas antigas colegas de profissão, na sua opinião, tão ou mais velhas e pecadoras do que ela. Falando que Eny está velha e perdera a beleza, é como se Solange desculpasse a própria condição, afinal, se mesmo Eny que era "linda" ficou dessa maneira, com ela não poderia ser diferente.

Nessa perspectiva, da mesma forma que Eny e Solange, as demais sujeitas da pesquisa, Diane e Denise, também construíram São Sebastião, cada uma à sua maneira, em seu período específico. Elas não foram alvos diretos das políticas higienistas implantadas na região central de Vitória, contudo, as consequências das práticas e dos discursos do biopoder também atuaram na construção de suas subjetividades, na medida em que Carapeba emergiu enquanto território de concentração da prostituição na RMGV, gerando efeitos nas relações de poder e nas expectativas vivenciadas por Denise e Diane. Onde estavam, elas sentiram estes efeitos e reagiram a eles, indo para o território, na esperança de melhorarem de vida. Ambas, assim como Solange e tantas outras prostitutas de São Sebastião, criaram suas próprias redes de relações sociais e de poder, seus próprios mecanismos de aceitação e de afeto por si mesmas, suas próprias formas de lidar com suas lembranças e as diversas situações que vivenciaram. Em suas singularidades, elas produziram a subjetividade coletiva de Carapeba, elas construíram o território junto com todas as mulheres que viveram e trabalharam cotidianamente no "território do desejo" da RMGV. E, afinal, o que é construir se não um processo subjetivo, que só termina quando acaba para cada individualidade, que é vivido na intimidade afetiva? Não se trata aqui de estipular a construção de São Sebastião por um viés externo e determinista, com uma datação precisa que marcaria o fim desta etapa e o início de uma pretensa etapa seguinte, quando o território já estaria construído e consolidado, pronto para ser vivido pelos "objetos" de pesquisa. Diferente disso, entende-se que este momento de construção de Carapeba foi vivido de maneira singular por cada mulher entrevistada, com diferentes datas e processos de início e de fim da construção de São Sebastião, ou melhor, da construção delas em e com São Sebastião.

Por isso, o começo e o término do período de construção de Carapeba estão presentes nas memórias de Eny, Solange, Denise e Diane de diferentes maneiras, em conformidade com as lembranças de cada uma delas. A produção da região enquanto um "território do desejo" da RMGV, não deve ser vista somente em termos da configuração de uma nova geografia do desejo masculino, onde os homens puderam vivenciar uma diversidade de práticas sexuais, mas, sobretudo, como um espaço do desejo das mulheres que iniciaram e deram continuidade à produção subjetiva e material do local. Entendendo o desejo de forma ampliada, à maneira de Guattari¹⁵⁶, como "[...] todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção de mundo, outros sistemas de valores", as memórias de Eny, Solange, Denise e Diane mostram o quanto a construção de Carapeba significou para elas a vazão de seus desejos mais íntimos, sua vontade de poder, de independência e de integração social. É nesse sentido que elas construíram geográfica e afetivamente São Sebastião, de forma individual e coletiva, como um lugar de esperança, de resistência e de poder. Entretanto, no decorrer de suas lembranças, o lugar se mostrou também como um espaço de desilusão, de violências, de sonhos desfeitos e de submissão. Aí termina, para elas, a construção do "território do desejo" da RMGV, quando, depois da euforia inicial presente nas memórias da chegada das entrevistadas em São Sebastião, as narrativas cedem espaço para o desencanto e as dificuldades aparecem. A partir desse momento, considera-se que finda a etapa de construção de Carapeba para cada uma das sujeitas da pesquisa e começa, a partir de então, outro momento de construção, mas agora não mais de um território desejado por elas, carregado de sonhos e de esperanças, e sim de um espaço que se tornou a sua realidade, repleto de contradições e de decepções, que suscitam nelas, constantemente, reações e resistências, em prol do afeto por si mesmas.

Depois de Eny e de Solange, por volta das 4 e meia da manhã, de um dia qualquer em finais da década de 1960, Denise chegou em São Sebastião de táxi, acompanhada de Maria de Helena, uma jovem prostituta, e de Maria de Jesus, dona da boate Continental na região. O movimento no bairro era intenso, grande número de mulheres e de homens circulam pelo espaço em clima de festa. Denise ficou maravilhada, se empolgou pensando na nova vida que teria dali em diante. Ela relata que, ao chegar no local, "isso aqui tava fervendo, [...] parecia uma feira de tanta gente. [...]. Eu olhei e falei assim: 'to no céu'. [...]. Fiquei encantada com isso aqui". Com apenas 14 anos, parda e de olhos verdes, Denise veio de uma outra casa de prostituição localizada na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no Sul do Espírito Santo, também de propriedade de Maria

¹⁵⁶ GUATTARI, 2013, p. 261.

de Jesus. A amiga, Maria de Helena, fez o mesmo percurso da boate da cafetina em Cachoeiro de Itapemirim para São Sebastião, na RMGV. Maria de Jesus deixou a irmã como gerente responsável pelo bordel no sul do estado e passou a administrar pessoalmente sua casa de prostituição no "território do desejo" da RMGV, levando consigo duas de suas antigas inquilinas. São Sebastião já era bastante frequentada pela elite capixaba e por estrangeiros que desembarcam no Porto de Vitória e, sobretudo, no recém-inaugurado Porto de Tubarão. O crescimento do território era vertiginoso, assim como a busca por prostitutas para compor o quadro de inquilinas dos prostíbulos que se multiplicam no bairro. A preferência, contudo, era por mulheres jovens, bem vestidas e bonitas, de grande valor no mercado prostitucional. As donas das boates de Carapeba ficavam atentas às meninas recém-chegadas, procurando as "melhores" para compor a sua oferta de inquilinas. Por isso, para não correr o risco de perder as meninas para outra cafetina, Maria de Jesus fez questão de vir com Denise e Maria de Helena do sul do estado, até sua boate na RMGV. Como Denise narra, "ela veio especialmente me trazer porque eu não podia ficar lá. E as donas de boate que tinham aqui dentro, se entrasse uma mulher bonita, elas segurava". Ainda menor de idade, ela precisava sair do prostíbulo em Cachoeiro de Itapemirim, onde a vigilância do juizado de menores era assídua, de tal maneira que havia impossibilitado sua permanência lá. A cafetina a levou, então, para a boate Continental, na RMGV, junto com outra de suas inquilinas, e a estabeleceu no novo bordel, que prometia vultuosos lucros.

Diferente de São Sebastião, Denise conta que em Cachoeiro de Itapemirim havia muito preconceito contra as prostitutas. Elas não podiam circular pelas ruas com suas roupas curtas, pois podiam ser presas pela polícia rapidamente. Nessa circunstância, era preferível se manter no interior dos muros do bordel a se arriscar fora dele. Elas viviam praticamente enclausuradas lá dentro, impossibilitadas de transitarem pela cidade sem serem notadas pelas forças da ordem e pelos transeuntes. Como relata, "lá era bem diferente daqui, lá a gente não podia botar nem a cara na rua. Prostituta em Cachoeiro não bota nem a cara na rua. [...] Só podia sair na rua se tivesse com roupas decentes, não saía com shortinho curto, era sair e a polícia prender. [...] Era muito recriminado". Daí o encantamento de Denise ao chegar em São Sebastião. Dentro deste campo geográfico, a prostituição não precisava se esconder, não era um desvio, uma anomalia, uma sujeira que não podia ser percebida. Ao contrário, o comércio do sexo era a própria razão de existir do "território do desejo", era a principal tecnologia do dispositivo da sexualidade que

regulava as relações de poder na região.¹⁵⁷ É no interior da rede de relações que emerge a partir do mercado sexual, que os sujeitos se posicionavam em São Sebastião, seja como clientes, policiais, médicos, cafetinas, cafetões, gigolôs, prostitutas, ou como taxistas, vigilantes, porteiros, garçons, comerciantes, faxineiras, babás e costureiras. Nesta "geografia do prazer", nada nem ninguém escapava ao dispositivo da sexualidade comercializada, as disposições arquitetônicas, as regras, as condutas, os objetos, as vestimentas, o que é dito e o que não é dito, e mesmo as formas de perceber, de sentir, os fantasmas imaginários e as relações sexuais, se articulavam em torno do mercado prostitucional. Em Carapeba, Denise não se sentia uma anomalia, não precisa se esconder e nem fugir, acreditava finalmente poder viver e se vestir como queria, sentia-se livre.

Mas a liberdade tinha suas próprias regras. Sem ter atingido a maioridade de 18 anos, Denise ainda precisava escapar das investidas do juizado de menor nas casas de prostituição de São Sebastião, como já era prática comum na boate em que trabalhava em Cachoeiro de Itapemirim. Ela se escondia embaixo das camas quando o juizado fiscalizava o bordel, para não ser pega e a cafetina penalizada. A rotina de fugas se perpetuou até o momento em que Maria de Jesus providenciou uma certidão falsa atestando sua maioridade, e Denise pôde trabalhar sem precisar se esconder dos agentes do juizado da infância e juventude. Ao completar 18 anos, ela pôde, enfim, dispensar a certidão falsificada e usar seu documento original. Mas, no mesmo ano, ela acabou engravidando de um cliente alemão e precisou sair do prostíbulo. Como na maioria dos bordéis do território, as gestantes não eram aceitas na casa de prostituição de Maria de Jesus. Expulsa da boate Continental, Denise ficou sem ter para onde ir. Ela relata que este foi o pior momento que enfrentou em sua vida. Até que Heloísa, uma amiga inquilina da Veneza, a boate do bairro mais frequentada por clientes estrangeiros, conversou com a proprietária do bordel, Eny, para Denise ser aceita no prostíbulo. Sem condições de abrigar uma gestante na Veneza, Eny colocou Denise em uma casa de prostituição menor e com menos movimento, com apenas três quartos, localizada em frente à Veneza, que era a casa pré-moldada, a sua primeira boate na região.

¹⁵⁷ Foucault (1979, p. 145) explica que a partir do século XVIII, as sociedades ocidentais modernas criaram o *dispositivo da sexualidade*, uma multiplicidade de estratégias de poder que instauraram a ideia "do sexo" como significante único e significado universal e como princípio de normalidade da sexualidade humana, garantindo uma representação da relação entre o poder e a sexualidade apenas como lei e interdição, e não na sua relação "[...] essencial e positiva com o poder [...]". O comércio do sexo enquanto uma tecnologia do dispositivo da sexualidade significa que ele atua como meio e fim para a produção "do sexo" como entendido por Foucault (1979).

Era aproximadamente o ano de 1971, quando Denise passou a habitar no pequeno prostíbulo reservado para as inquilinas menos lucrativas de Eny, algumas delas gestantes e doentes. O bordel fechava cedo e os fregueses normalmente eram brasileiros "de responsabilidade", como ressalta Denise, que trajava sempre um vestido preto para disfarçar a barriga cada dia maior. Os clientes evitavam se relacionar com mulheres grávidas, por isso, quando o nascimento da criança estava próximo, dificilmente Denise conseguia "fazer a vida", como elas se referem ao comércio sexual. Sem o dinheiro adquirido com os programas, a menina não dispunha dos recursos necessários para se alimentar, mas acaba conseguindo contar com o auxílio de Heloísa e Maria de Helena para comer diariamente. Logo, Denise dá à luz à neném, uma menina, que segundo relata, é filha de um alemão que nunca mais vira. Mas a permanência de bebês e crianças nas casas de prostituição era proibida pelo juizado de infância e juventude¹⁵⁸, e Denise precisava encontrar um abrigo para a sua neném. Ela diz: "quase que eu perdi minha filha pro juizado de menor". Sem possibilidade de continuar junto com a filha, após completar 30 dias de vida, Denise a deixou sob os cuidados de uma ama, que morava perto dali com outras crianças, e continuou a exercer a prostituição. Contudo, a partir de então, ela passou a trabalhar e a morar no bordel mais movimentado, lucrativo e elegante de Eny, a boate Veneza. Como conta: "[...] eu ganhei o neném e fui pro outro lado. Na dona *Eny* era boa a casa, coisa boa, dava movimento. A outra casinha dela não dava não, pequenininha". Com a babá morando perto do prostíbulo, Denise via a filha frequentemente, pagava suas despesas e comprava tudo o que ela precisava.

Diante das constantes investidas do juizado de infância e juventude nos bordéis em que trabalhou, Denise procurava maneiras de preservar o afeto por si mesma e pela sua filha e, simultaneamente, ceder aos poderes repressivos que a impediam de exercer o ofício prostitucional e a maternidade. Inicialmente, ela conseguiu burlar o poder disciplinar adquirindo uma certidão de nascimento falsificada, que permitiu que ela atuasse na prostituição sem ser alvo do poder policial e, depois, ela precisou deixar a sua bebê sob os cuidados de uma ama de leite para conseguir continuar trabalhando e sustentando a si mesma e a menina. Caso contrário, como ela iria proceder? Denise conta que a gravidez nessa época foi um dos piores

¹⁵⁸ A presença constante do juizado de infância e juventude em São Sebastião evidencia as estratégias do biopoder em regular e disciplinar a população local, não obstante a falta de comprometimento do Estado em relação à punição aos crimes cometidos cotidianamente no território. Os poderes públicos estavam ausentes e, ao mesmo tempo, presentes na "geografia do prazer" da RMGV, procurando garantir a existência da prostituição enquanto um "mal necessário", que era preciso controlar e higienizar para não provocar maiores malefícios sociais. As relações de poder que os agentes dos poderes públicos teceram no território produziam, assim, efeitos subjetivos contraditórios e múltiplos, marcados pelos tipos de ações e de discursos que caracterizavam os agentes da ordem, como o juizado de menor, os policiais e os médicos que atuavam no local.

momentos enfrentados na sua vida, quando experimentou pela primeira vez um forte sentimento de frustração e de impotência, pois já não podia mais continuar no bordel em que estava e não tinha nenhuma perspectiva de vida fora dali. Se inicialmente ela se sentiu livre em São Sebastião, com a gestação ela entendeu que sua liberdade na verdade era muito restrita, se limitava às próprias possibilidades de sobrevivência, que, naquele período, se restringia unicamente ao uso do seu corpo para conseguir os recursos necessários para viver e sustentar o bebê que dependia dela. Analfabeta, parda e jovem, ela não visualizava outras formas de trabalhar e de viver, diferente daquilo que conhecia. Com isso, Denise pensava somente em continuar a exercer a prostituição, da maneira que fosse possível, no caso deixando a filha sob os cuidados de uma babá e atuando na Veneza, onde poderia retirar um rendimento melhor do que até então conseguira no pequeno bordel de Eny.

Mais ou menos na mesma época, por volta de 1972, foi Diane quem chegou na “geografia do prazer” da RMGV. Contudo, se para Denise as primeiras impressões do território foram de liberdade e uma certa euforia, para Diane a chegada na região e os primeiros dias no local foram de medo e apreensão. Com apenas 9 anos, negra e pequena, ela fugiu da casa dos pais, em Campos dos Goytacazes, no norte do Rio de Janeiro, acompanhada de uma amiga de 16 anos, para ir para São Sebastião. Foi a amiga quem fez a sugestão de irem para o bairro, dizia que era um lugar bonito perto de Vitória, no Espírito Santo. Diane sabia da existência do estado e da capital somente pelos mapas e alguns conhecimentos adquiridos na escola. Sua família era católica, apesar de não serem frequentadores assíduos da Igreja, e tinha razoável poder aquisitivo, o pai era negro e trabalhava como ferroviário e a mãe era branca e dona de casa. A menina tinha muitos irmãos, mas era a filha negra mais escura de todos e o pai, racista, violento e ignorante, a maltratava e a agredia muito. Por isso, ansiosa em sair de casa e escapar da tirania paterna, ela decidiu acompanhar a amiga, sem saber que estava indo para uma região de prostituição perto de Vitória. À noite, enquanto a família estava dormindo, Diane pegou todo o dinheiro disponível na bolsa do pai e fugiu com a amiga em direção ao terminal rodoviário. No momento de comprar as passagens, contudo, foram impedidas de fazê-lo, dada a minoridade de ambas. Elas, então, saíram do núcleo urbano de Campos, foram para a rodovia federal (BR) que liga a cidade à Vitória e pediram carona. Até que um caminhoneiro as levou para São Sebastião. Diane relata que o percurso com o caminhoneiro foi isento de problemas, elas chegaram no destino com integridade. "Ele tava vindo pra cá e trouxe a gente. Pagou lanche pra gente no meio do caminho, foi muito respeitador, sabe? Graças a Deus. Agradeço muito a Deus por ter botado aquela pessoa no caminho da gente".

Ao chegar em São Sebastião, o local estava ainda mais movimentado, com maior área construída, número de habitantes e de frequentadores, do que no final da década de 1960, quando Denise chegou no bairro. Algumas casas já contavam com energia elétrica, mas as ruas ainda eram de terra, cercadas por matagais e vegetações diversas. Sem ter para onde ir, Diane e a amiga ficaram em frente à uma lanchonete da região, "muito bonita a lanchonete, os garçons tudo de roupa branca, sabe? Muito chique ali era". A amiga logo começou a namorar e foi morar com o rapaz. Diane permaneceu sem moradia, vivendo na calçada do estabelecimento. Se alimentava com os lanches dali, dizendo que iria pagar depois, o que não se efetivava. Ela não tinha nenhuma condição de quitar a dívida ou de arcar com o custo de um sanduíche, todo o dinheiro que tinha pego do pai acabara-se. À noite, o movimento no bairro continua, a lanchonete, os bares e as boates permaneciam abertos até as primeiras horas da manhã. Diane não conseguia dormir, diz que "tinha medo até de cochilar". "Eu não cochilava não, as mulher perigosa, esquisita, que passavam ali. Só mulher doida mesmo". Observando as pessoas ao seu redor, ela via muitas confusões, disputas entre travestis e mulheres, brigas por causa de namorados e pelos clientes, roubos, alcoolismo e outras situações que acabam em desavenças muitas vezes bastante violentas, envolvendo combates físicos e cortes com navalhas. Amedrontada, ela se mantinha quieta, fazendo o possível para não ser notada e acabar sendo alvo de uma confusão violenta.

Depois de alguns dias vivendo nessas condições precárias, mal conseguindo dormir e se alimentar, uma mulher de meia idade, chamada Lourdes, que "batalhava" no bairro, como Diane se refere ao exercício da prostituição, a levou para morar em sua residência em São Sebastião. Conforme relata, a mulher a abordou perguntando o motivo pelo qual ela estava ali e fez a proposta, "você quer morar comigo? Se você morar comigo vai ser como uma filha pra mim, eu vou cuidar de você. Não tenho dinheiro não, mas tenho umas roupa, boto na costureira e mando apertar pra você. Melhor do que você ficar aqui, você é muito novinha pra ficar aqui". Diane diz que ficou "meio cismada", desconfiada, mas não tinha outra opção e foi morar com a mulher. À noite, esta saía para trabalhar em uma boate do bairro e trancava Diane dentro de casa, um aposento com quarto, cozinha e banheiro, localizado em uma construção cujo pavimento superior era composto por diversos pequenos apartamentos arrendados mensalmente e no térreo funcionava um bar. Não se tratava de um bordel, mas de uma edificação de múltiplas funcionalidades, conforme a conveniência dos(as) inquilinos(as). Lourdes não levava nenhum cliente para dentro de casa, cuidava da menina "como uma filha", fazia comida e dava para ela, a auxiliava com a sua vestimenta e pagava as contas da casa sem exigir nada em troca. Ela

protegia Diane de tal maneira que, anos depois, ao narrar essa história, Diane narra que a considera como uma segunda mãe. A menina viveu cerca de 3 anos com Lourdes, observando e participando das conversas com as suas amigas, fazendo algumas amizades no bairro e começando a aprender sobre as dinâmicas das relações prostitucionais do território.

Com aproximadamente 12 anos, mais adaptada à região e vivendo em uma situação de maior segurança física e emocional, Diane se mudou para outro aposento no mesmo edifício da moradia de Lourdes e passou a morar sozinha. Tendo notado que as mulheres adquiriam suas roupas, sapatos e apetrechos variados pagando depois ou em prestações para as vendedoras ambulantes que comercializavam no bairro, as "prestanistas" como ela as chama, Diane fez o mesmo, adquiriu tudo o que precisava para exercer a prostituição, prometendo a quitação da dívida em um momento posterior. Mas, na realidade, ela não pagou depois e não estava preocupada com isso. Era ainda muito criança e não tinha uma noção precisa do significado da compra à prestação e da importância de arcar com as despesas que tinha. Segundo narra, as "prestanistas" viam que ela era uma menina e sabiam da possibilidade de ela não efetivar os pagamentos. De qualquer forma, aceitavam fazer negócio, esperançosas de terem o retorno financeiro dos seus produtos. Diane fez amizade com as vendedoras e outras pessoas do território, foi adquirindo a confiança delas e se resolvendo como podia. Com o passar do tempo, ela entendeu que precisava pagar as dívidas com as vendedoras que, afinal, precisavam de dinheiro tanto quanto ela, e, aos poucos foi quitando o que devia. Inicialmente, porém, conseguia roupa, sapato de salto alto, cílios postiços e peruca gratuitamente com as "prestanistas", e já começou a fazer ponto¹⁵⁹ em uma esquina perto de onde morava. Se mantinha por ali, caminhava um pouco, ia até o outro lado do quarteirão, voltava, e ia ficando no mesmo trecho, procurando fazer um programa e, ao mesmo tempo, atenta às pessoas que frequentavam e habitavam o espaço e à forma como elas se relacionam.

Apesar da performance, Diane ainda tinha corpo de criança, era magra e não tinha peito, por isso, tinha dificuldades em ser aceita para trabalhar dentro das boates. O juizado de menores estava constantemente vigilante quanto à maioria das inquilinas das casas de prostituição e mesmo das meninas que frequentam as ruas, os bares e os dormitórios da "geografia do prazer". Algumas cafetinas temiam a investida dos oficiais do juizado em suas boates e preferiam não

¹⁵⁹ "Fazer ponto" é a expressão utilizada por ela e pelas prostitutas de maneira geral, para se referir à forma como trabalham nas ruas ou nos bordéis. Elas ficam paradas em determinado ponto, geralmente em uma esquina ou no salão de uma casa de prostituição, arrumadas conforme a moda que caracteriza uma prostituta, em sua formação histórica e territorial, esperando a chegada de um cliente para oferecer seus serviços sexuais.

se arriscar com meninas muito novas lá dentro. Ciente da constante vigilância do juizado de infância e juventude no território, Diane também ficava atenta para não ser pega. Toda a vestimenta e a performance de gênero¹⁶⁰ que assumia, atuava de maneira a disfarçar a sua idade, tentando parecer mais velha tanto para o juizado, quanto para os clientes. Caso Diane visse a possibilidade de o juizado estar por perto, ela rapidamente escapava do local, muitas vezes adentrando nos matagais da redondeza, de forma tão acelerada que podia perder o calçado na fuga, mas, afinal, antes o sapato do que ser pega pelo juizado. Como ela explica, "eu vivia correndo do juizado. Quando falava 'vem juizado aí', eu capinava pros mato. Corria, minha filha, aí perdia calçado. Era melhor do que eles me pegarem, entendeu? Ai, eu tinha um medo e nunca deixei eles me pegar não [...]". Certa vez, quando já trabalhava na boate Patiá, no território, os oficiais do juizado entraram no bordel para averiguar a idade das prostitutas da casa e Diane se escondeu dentro de uma caixa d'água para não ser pega. Um dos oficiais, então, sentou-se justamente na caixa d'água, "[...] e eu lá debaixo quase me afogando e vendo aquele bundão na minha frente". Sentado, ele ia ordenando para que os demais agentes procurassem por todo o prostíbulo, enquanto a menina estava quase se afogando, esperando ele sair para poder respirar, como narra, "e eu ali, já arregalando o olho já. Mas graças a Deus correu tudo bem e não conseguiram me levar". Ela conseguiu ficar sem respirar por todo o tempo que o oficial permaneceu ali, e salvou-se tanto da morte, quanto da prisão. Esta, era ainda mais temida pela menina por conta do medo que sentia de seu pai, sabia que o juizado iria contatá-lo e temia pelas atitudes que ele poderia tomar ao descobrir seu ofício. Pensava que o pai iria matá-la ou, no mínimo, lhe daria uma surra bastante violenta.

Circulando sozinha pelas esquinas de São Sebastião, ainda muito menina, Diane acabou passando por um episódio extremamente perigoso e amedrontador. Ela e uma amiga foram atraídas para o barraco de tábuas de uma "senhora gorda e negra", situado próximo de onde costumava ficar. Chegando ao local, as meninas entraram em um pequeno salão feito de tábuas, onde havia algumas mulheres e alguns homens aparentemente tomando cachaça, "[...] uns negão feio pra caramba", com quem a senhora disse que elas teriam que se prostituir. Diante da negação de Diane, a senhora violentamente a empurrou para o interior de um quarto e a prendeu nele. O mesmo não aconteceu com a amiga, e, por isso, Diane acredita que ela estava de conluio com a senhora para aprisioná-la enquanto escrava sexual. Presa no aposento, Diane ficou

¹⁶⁰ Conforme Butler (2016), gênero deve ser entendido enquanto produto de normas de inteligibilidade construídas pelos sistemas jurídicos de poder e que estão inscritas nos corpos e nos atos cotidianos dos sujeitos na forma das *performances* assumidas. Performance de gênero, então, são os atos repetidos incessantemente pelos corpos, procurando produzir um estereótipo identitário de feminilidade ou de masculinidade.

desesperada, gritava, batia na porta, na janela, tentando sair dali. Mas a janela estava repleta de tábuas cruzadas, dificultando que fosse arrebitada. Depois de ficar todo o dia batendo nela com toda a sua força, ao anoitecer, Diane finalmente teve êxito em quebrar as tábuas, conseguiu espatifar a janela, e saiu correndo do local, de volta para a sua moradia. Não contou para ninguém sobre o acontecido, com medo das amigas quererem se vingar da senhora e a confusão adquirir uma proporção incontrolável. Diane sabia que nenhuma briga terminava em si mesma no “território do desejo” de São Sebastião, continua indefinidamente em revanches que não tinham fim e podiam acabar em consequências graves para ambos os lados.

Nota-se em Diane a presença constante de estereótipos racistas, principalmente, quando ela quer depreciar a imagem de alguém. Ao falar de Lourdes, que a levou para morar consigo, Diane ressalta que ela era uma mulher branca e boa, e, por outro lado, ao se referir à mulher que tentou sequestrá-la, enfatiza que ela era uma "senhora gorda e negra". Quanto aos homens "feios", presentes no recinto onde ela entrou com a amiga, eles eram negros e, por isso, não eram bem-vistos pela menina. Diane tem uma história de vida marcada pelo racismo que sofria já no interior da família. Com um pai negro e uma mãe branca, filha de espanhóis, ela foi a criança mais escura que nasceu do casal, todos os seus irmãos eram mais claros que ela. Por isso, Diane afirma que o pai tinha preconceito contra ela, justamente pela cor de sua pele, e praticava violências constantes contra a menina, que ficava revoltada, sempre se sentindo injustiçada. O preconceito racial perpetrado pelo pai contra a sua pessoa, foi o principal motivo que fez Diane fugir de casa e ir para São Sebastião. Ela escapou de quem praticava o racismo contra a sua pessoa, mas o racismo nunca saiu de sua memória e de sua percepção de mundo. Tampouco esteve ausente nas relações de poder em que teceu no “território do desejo” da RMGV. Enquanto uma menina negra e pouco alfabetizada, Diane passou por situações muito perigosas logo que chegou em Carapeba e foi aprendendo, na prática, a ficar sempre atenta às pessoas ao seu redor e como devia se comportar para conseguir sobreviver. Com uma experiência marcada pelo racismo e pela agressividade, ela adquiria o hábito de não confiar e não se envolver com pessoas negras, na sua visão, mais propensas às agressões e às condutas inadequadas. Assim, Diane foi aprendendo a sobreviver e a cultivar o afeto por si mesma no território, foi entendendo como devia se vestir para parecer mais velha e conseguir fazer alguns programas¹⁶¹ e foi percebendo quais eram as relações mais vantajosas que podia ter em Carapeba.

¹⁶¹ "Programa" é o nome dado aos serviços sexuais realizados por uma prostituta para os seus clientes, no caso de São Sebastião, normalmente nos quartos das boates ou em alcovas reservadas para tanto.

Nesse período, por volta de seus 12 anos de idade, Diane fez os primeiros programas, deixou de ser virgem e passou a arcar com suas próprias contas e responsabilidades. Inicialmente, ela conheceu um "coroa", advogado, com quem passou a ter uma relação de cunho paternalista. Ele pagava seu aluguel, suas contas, a levava para restaurantes, lhe dava roupas, calçados, dinheiro e até bonecas e bolas coloridas, sem manter nenhuma relação sexual com ela. Segundo relata, tratava-a "como uma filha". "Esse advogado começou a me bancar, sem ter nada comigo. Porque ele sabia que eu era moça, né? Ele coroa já, sabia a barra que tava entrando, então ele tinha medo de se complicar". Ele dizia: "menina, você vai me prejudicar, você é moça!". Não obstante acreditar que o "coroa" temia pelas penalidades sociais e/ou judiciais que podia sofrer por se relacionar com uma criança, da idade de sua filha, e afirmar que ele a tratava como uma filha, Diane conta que o homem tentava efetivar a relação sexual com ela, sem êxito. Então, ele voltava a inquiri-la sobre a sua sexualidade perguntando se ela era moça ou não. Como explica: "ele falava: 'menina, você é moça?', eu falava: 'não sou moça não, eu sou mulher'. Mas eu nem sabia o que ele queria dizer com isso. 'Há quanto tempo você é mulher?' Eu dizia: 'Ih... desde que eu nasci!'. Ela não entendia bem o que ele perguntava e o que ele queria. Apesar de viver na "geografia do prazer", ninguém lhe explicara os pormenores dos serviços sexuais efetuados nos programas prostitucionais. De qualquer maneira, sentia-se protegida e amparada na relação com o advogado, ele pagava suas contas, lhe dava presentes e possibilitava que ela tivesse acesso ao consumo, sobretudo, de brinquedos, como nunca antes pudera ter. Ele a visitou constantemente durante 5 anos. Com o passar do tempo, eles se relacionaram sexualmente, e os encontros garantiam à Diane uma boa quantia de dinheiro, evitando que ela precisasse fazer muitos programas para se manter.

A partir da experiência com esse homem, Diane conta que foi "[...] tomando gosto do negócio", aprendeu que era por meio de um cliente, de preferência mais velho, que podia adquirir o que almejava e precisava para sobreviver no "território do desejo", com o mínimo de danos físicos e emocionais possíveis, preservando-se a si mesma. Conheceu outro advogado, também de meia idade, que trabalhava diretamente com o juiz do município da Serra. Ele lhe dava bastante dinheiro, presentes e pagava muitas de suas despesas. Ela salienta: "menina, eu dava uma sorte danada. Não queria saber desses pé de cachorro, novinho, cheio de doença, é ruim, hein?". Diane procurava não fazer programas com homens mais jovens, que tendiam a pagar pouco e tinham uma vida sexual bastante ativa, tornando-os mais propensos a serem portadores de doenças sexualmente transmissíveis (DST). Essa é uma percepção que ela tem no momento atual, depois de já ter presenciado muitas pessoas portadoras de DST, mas, de qualquer forma,

parece que já pequena ela percebia que não compensava tanto se envolver com homens jovens e bastante ativos sexualmente. Foi com aquele advogado que Diane efetivou sua primeira relação sexual. O momento foi marcante para ela, sentiu dor, incômodo e, após o coito, viu sangue sobre a cama. Ficou assustada, pensava que ele havia a cortado. Então, o homem explicou-lhe o que ocorrera e tranquilizou Diane. Assim como com o outro advogado, permaneceu alguns anos se encontrando com ele ocasionalmente, o que lhe garantiu o sustento por um bom período de tempo. Em seguida, a menina conheceu um paulista, "meio coroa também, altão. Mas sabe aqueles coroa assim tipo artista de cinema? Mais ou menos assim". Com aproximadamente 13 anos, ela engravidou, não tem certeza se foi fruto da relação com o paulista ou com o advogado, mas acredita que foi do primeiro. Ainda sem saber da gestação, morou no bordel de Elza Mendes e logo tornou-se inquilina da boate Patiá, de propriedade de Elza Pernambucana. Após cerca de 4 anos vivendo em São Sebastião, no ano de 1976, Diane passou a viver e a trabalhar em um prostíbulo da região.

Contudo, com a descoberta da gravidez, Diane resolveu ir para sua cidade natal, em Campos dos Goytacazes (RJ). O pai do bebê, "o paulista muito bonito", lhe propõe de ambos morarem na casa da mãe dele, em São Paulo, para ela ter o neném de forma mais confortável e depois eles decidirem se iriam se casar. A proposta a deixou amedrontada, pois ela ainda era menor de idade e para realizar o matrimônio teria que pedir autorização para os pais, que descobririam seu ofício e o pai poderia chegar a matá-la. "Me deu terror. Cabou. Quando ele falou isso, aí eu num quis saber não". Ela nega a oferta do "coroa" paulista e viaja para a cidade da família. Chegando lá, o pai está viajando e sua mãe fica mais à vontade para ajudá-la. Ela coloca a menina na casa de amigos e cuida dela até o nascimento do neném, seguido por sua morte, devido a uma doença rara no cérebro, chamada hidrocefalia, que acaba provocando seu falecimento com um mês e meio de vida. Diane, então, volta para São Sebastião e vai morar na Continental, casa de prostituição de Maria de Jesus, com aproximadamente 14 anos. Por meio do contato com outro homem mais velho e influente, com quem se relacionava ocasionalmente, consegue uma certidão de nascimento falsificada, atestando a maioridade e evitando ser pega pelo juizado de infância e juventude. A partir de então, Diane passou a viver seu cotidiano de forma mais adaptada à São Sebastião e às relações de poder características do bairro. Construiu já uma trajetória no local e aprendia cada vez mais como devia se relacionar com os clientes e as colegas de profissão para conseguir sobreviver e manter o afeto por si própria.

Assim, para cada uma das sujeitas da pesquisa, a construção de São Sebastião começou e terminou conforme seus momentos e percepções particulares. Junto com a mudança geográfica

que a ida para o território significou para elas, inicialmente o espaço também lhes representava a expectativa de uma vida melhor, de um novo começo, e a criação de novas redes de afetos e de poder. Para Eny, o início do processo de sua construção em e com São Sebastião foi precisamente no ano de 1967, quando ela se mudou para o local devido à expulsão das meretrizes do centro de Vitória. Para Solange, por sua vez, o começo de sua produção em e com Carapeba foi em 1968, quando ela decidiu deixar o bordel em que trabalhava em Jardim Camburi, Vitória, para ir para a boate Veneza. Denise, por seu turno, deixou a cidade de Cachoeiro de Itapemirim, em finais dos anos de 1960, para se construir no “território do desejo” da RMGV. Diane, finalmente, deixou a casa de sua família em 1972, em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, para produzir a si mesma e a região de São Sebastião, escapando da tirania paterna, na esperança de viver livre de violências e com independência.

Entretanto, na medida em que as entrevistadas vivenciavam o cotidiano no território, a euforia inicial pela vontade de recomeçar, de criar redes de afeto e de sentir-se autônomas, que a ida para São Sebastião simbolizava para elas, ia cedendo espaço para as dificuldades nas relações de poder experimentadas, para a impossibilidade de exercer a maternidade e continuar trabalhando na indústria sexual, para o enfretamento dia após dia de situações e relações violentas, em suma, para as decepções e a necessidade de resistirem às relações de poder que as subordinava e as violentava diariamente. Essas sensações ficam evidentes nas narrativas das sujeitas da pesquisa, apesar de não serem emoções lineares e contínuas, como se, de um dia para o outro, a euforia cedesse lugar para a decepção e a partir daí as experiências fossem estritamente de dificuldades. Emoções contraditórias permeiam os relatos de memória das entrevistadas durante todo o processo de lembrar do passado, em meio às percepções subjetivas do presente. Estritamente para fins analíticos e de narrativa, optou-se por dar destaque para esse momento inicial de chegada em São Sebastião e a construção do espaço para cada uma delas, como forma de explicar a produção do território pelo viés das mulheres que efetivamente constituíram o cotidiano do local. O biopoder delimitou a área de confinamento do meretrício da RMGV, mas foram elas quem vivenciaram diariamente as relações de poder na região e a articulação com o poder estatal e com os micropoderes, presentes em todas as relações. Foram elas quem, afinal, construíram o espaço, em meio a rede de relações que produziram no lugar, em conformidade com as suas singularidades e as suas memórias pessoais, em articulação com os discursos e os agentes do biopoder.

I. 5. IMAGENS

Imagens publicadas na Revista Capixaba, em maio de 1967.¹⁶²



Matéria noticia que o Porto de Vitória está entre os 3 maiores do país



Operações no Porto de Vitória: crescimento das atividades

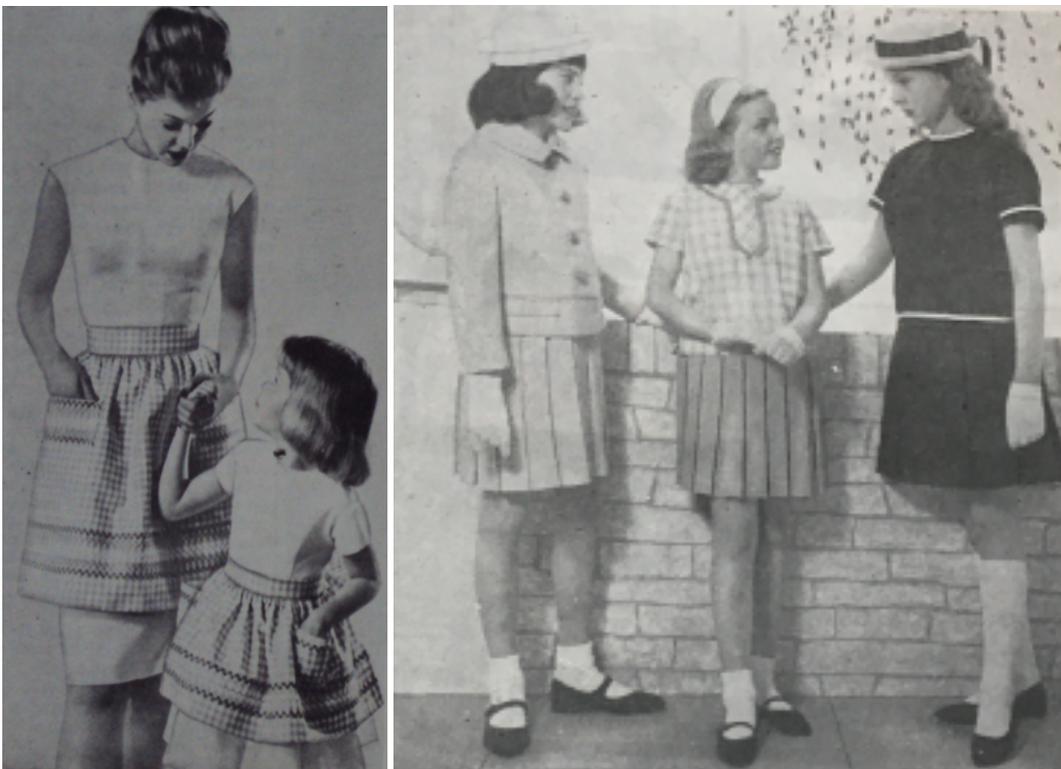
¹⁶² PORTO de Vitória está entre os 3 maiores do país. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 3, p. 54-56, mai. 1967.

Imagem publicada na Revista Capixaba, em fevereiro de 1968.¹⁶³



Mulheres que trabalham podem enfrentar a misoginia masculina

Imagens publicadas na Revista Capixaba, em março de 1968.¹⁶⁴



Orientações sobre a educação das mulheres

¹⁶³ MULHER, 1968

¹⁶⁴ COMO, 1968.

Imagens publicadas na Revista Capixaba, em abril de 1969.¹⁶⁵



Inauguração do Mercado Vila Rubim pelo governador Christiano Dias Lopes



Vista panorâmica do mercado da Vila Rubim

¹⁶⁵ UMA OBRA, 1969.

Imagens publicadas na Revista Espírito Santo Agora, em jun./jul. de 1978.¹⁶⁶



Centro de Vitória na década de 1960: ordenação social



Avenida Jerônimo Monteiro, centro de Vitória nos anos de 1960: arquitetura reta e limpa



Esquina do centro de Vitória nos anos de 1960: limpeza e ordem

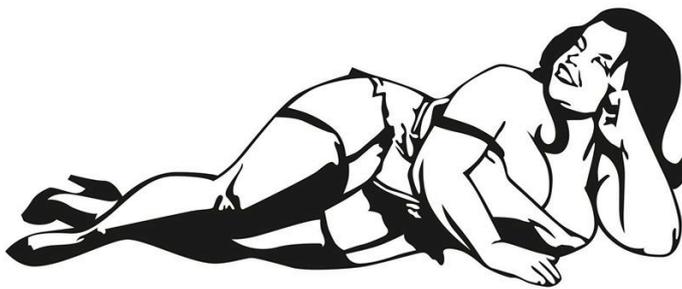
¹⁶⁶ COM SAUDADES da antiga praça 8. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 25, p. 28-33, jun./jul. 1978.

Imagem publicada na Revista Espírito Santo Agora, em setembro de 1980.¹⁶⁷



Aurora Gorda é proprietária do Motel Rezende, no final da Praia de Camburi

Imagem publicada no facebook do projeto Aurora Gordon, em 2020, referência à Aurora Gorda.



AURORAGORDON

Fonte: <https://www.facebook.com/aurora.gordon/>

¹⁶⁷ TUDO, 1980.

CAPÍTULO II

RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIAS DE SÃO SEBASTIÃO

São Sebastião se configurou enquanto um território geográfico bem delimitado pelas estratégias do biopoder de regulação da população capixaba e de disciplinarização dos corpos das prostitutas. Era importante que a indústria sexual continuasse existindo na RMGV, como um "mal necessário", mas que fosse possível zelar pelo controle social e a higienização do local. Por isso, a polícia, o juizado de infância e juventude, além de médicos e outros agentes públicos, estavam presentes no bairro, inserindo-se em relações de poder em que exerciam o papel repressivo e, ao mesmo tempo, afetivo e colaborativo com as prostitutas e as donas das boates da região. Mas, além disso, Carapeba foi e ainda é um território existencial singular, onde as sujeitas da pesquisa produziram e continuam produzindo incessantemente suas subjetividades. São Sebastião foi, sobretudo, um território de produção de subjetividade para todas as pessoas que por ali passaram e, principalmente, para as entrevistadas que viveram e trabalharam no local e ainda hoje tem uma relação de afetividade e de memória com o lugar.

Neste capítulo, adentramos nas lembranças das sujeitas da pesquisa sobre a época de São Sebastião especificamente, qual seja, de finais dos anos de 1960 a princípios da década de 1980. Entendemos que os efeitos subjetivos das vivências e as lembranças do território ainda estão presentes no cotidiano do bairro e da vida das entrevistadas, de tal maneira que o território, sua arquitetura e sua memória não acabaram, mas são revividos e reconstruídos indefinidamente. Abordamos a multiplicidade de relações e de afetos vivenciados e lembrados no momento atual, presentes nos hábitos das sujeitas da pesquisa, nas relações que elas tecem ao seu redor e na arquitetura do atual bairro de Novo Horizonte.

II. 1. Violências, prazeres e desejos: as múltiplas relações vividas no território

Ao chegar em São Sebastião aproximadamente em 1968, com cerca de 17 anos, Solange utilizava uma certidão de nascimento falsificada, adquirida quando exercia a prostituição no centro de Vitória, que atestava uma idade de aproximadamente 20 anos. Com o documento em mãos, ela não temia a presença do juizado de menores. Solange circulava com tranquilidade pelo "território do desejo" da RMGV, sempre pronta para exercer a prostituição, normalmente

com um vestido rosa curto, um sapato preto de salto, o cabelo também curto, um pouco de *blush* e os lábios realçados por um batom vermelho, nenhuma maquiagem ou adereço a mais. Ela se arrumava assim que acordava, por volta de meio dia, e já saía para tomar café da manhã em um bar na região, como diz, "[...] a gente se arrumava e ficava lá, se aparecesse um homem nós estávamos arrumada". Enquanto um espaço voltado para o mercado sexual, em qualquer hora do dia e em qualquer lugar do bairro podiam aparecer clientes, apesar da concentração, principalmente, a partir das 20 horas, dentro das boates. De qualquer forma, o trabalho dependia da demanda e, se houvesse clientes no período da tarde, o que era comum de acontecer quando os navios de outros países atracavam no Porto de Tubarão, Solange estava disponível e pronta para o programa. Ela sequer se preocupava em arrumar e limpar o seu dormitório, obrigação de todas as inquilinas da Veneza, pois pagava uma faxineira para tanto. Sendo um espaço voltado para o mercado sexual, todas relações sociais, as disposições arquitetônicas e as disciplinas cotidianas o tinham como objetivo primeiro, de tal maneira que Solange repetia diariamente, minuto após minuto, a sua performance prostitucional como um hábito pessoal, sem nenhuma distinção entre trabalho e vida privada.

Mas, se durante o dia Solange se movimentava relativamente livre pelo bairro, à noite as inquilinas precisavam ficar dentro do salão da Veneza ou de outro bordel, para atrair a clientela. Solange, contudo, muitas vezes burlava as regras e saía escondida da boate, acompanhada de uma amiga, para consumir bebida alcoólica em um bar próximo. Como relata, "quando abria o salão, nós íamos para o botequim que tinha em frente, enchia a cara de cachaça e ficava bêbada, minha filha. Os carros de gringos chegavam, nós entrávamos até dentro do carro. Porque os gringos que você botasse a mão nele, ninguém mais punha, aquele era seu". Confiantes, elas ofereciam seus serviços, sobretudo, aos clientes de outros países e, assim que encostavam neles, conforme as normas de conduta do território, as outras prostitutas estavam impedidas de tentar atrair o mesmo homem, "aquele era seu". Como um pescador que fiska um peixe e o pega para si, de forma que ninguém mais poderá fiska o mesmo peixe, as prostitutas de São Sebastião fiscavam um cliente e o pegavam para si, como se este passasse a já ter uma dona. Caso contrário, era passível de haver brigas e desentendimentos diversos entre as mulheres. Mas, de qualquer forma, o desespero pelo "gringo", como elas chamam os forasteiros, era tamanho, que algumas desavenças eram inevitáveis. Solange narra que certa vez entrou em um táxi com 7 "gringos" dentro, para agarrar um deles para um programa, e acabou encostando, ou esfregando, como diz, a bunda no rosto do motorista, que delatou a conduta inapropriada da jovem à Eny, que, por sua vez, chamou a atenção da inquilina. Desentendimentos deste tipo eram inúmeros,

a cafetina estava sempre atenta ao comportamento das mulheres que trabalhavam em seu bordel. Solange relata que ganhava muito dinheiro nessa época, enquanto "as outras não tinham dinheiro nem para tomar um café e nós cheia da grana", ela diz que os "gringos" chegavam a lhe dar montes de cruzeiros. Ela conseguia tanto recurso financeiro no território, que afirma "[...] hoje era pra eu ter um apartamento na Mata da Praia", bairro nobre da capital do estado. Por isso, ela gostava de trabalhar na boate Veneza. Era um dos bordéis mais frequentados por clientes estrangeiros de São Sebastião, garantindo às inquilinas, aos garçons, à gerente, ao copeiro e à cafetina, além de toda a rede de serviços que atendiam o prostíbulo, como costureiras, cozinheiros, faxineiras e taxistas, uma boa soma pecuniária.

Com os "gringos", é comum que Solange saísse da "“geografia do prazer”", para acompanhá-los em motéis e restaurantes espalhados pela RMGV. Para tanto, eles precisavam pagar um determinado valor à cafetina, relativo à saída da inquilina do bordel por toda a noite. Como salienta Solange, "nós íamos para os hotéis mais os gringos, mas tinha que pagar para sair. Dona de casa é cafetina minha filha, só quer grana". Depois, os clientes davam diretamente à prostituta a quantia em dinheiro previamente acertada entre ambos, quando não pagavam além do valor estipulado. Eles costumavam pegar um táxi em Carapeba, algumas vezes em dois casais, no caso de os clientes serem amigos, e iam para um motel recomendado, sendo o Status Motel, no bairro de Jardim Limoeiro, na Serra, próximo ao território, o mais citado pelas entrevistadas. Solange acrescenta que ia também ao Vips Motel, em São Diogo, bairro vizinho, e até para restaurantes na Praia da Costa, região nobre de Vila Velha, que integra a RMGV. Ela relata que os estrangeiros eram muito bonitos, eram alemães, espanhóis, italianos, gregos e japoneses, "cada um mais bonito que o outro". Eles pareciam ser a maioria dos forasteiros que frequentavam o território, mas, segundo os relatos, havia também alguns homens negros, não se sabe se vindos da África ou da América Central. De qualquer forma, ao se referirem aos estrangeiros, as sujeitas da pesquisa falam dos indivíduos brancos, de fisionomia europeia, ou dos japoneses. E Solange afirma: "nossa... tinha alemão que eu tinha vergonha até de entrar em restaurante com eles", dada a discriminação que sofriam nos ambientes frequentados pelas classes média e alta para onde eles, amiúde, a levava. A jovem conta que chegou a namorar o Gerson Camata, um conhecido político capixaba, vereador de Vitória em 1966 e governador do Espírito Santo em 1982, além de ter atuado como deputado estadual, federal e senador. Provavelmente, os encontros ocorriam bem distantes dos olhos das mulheres da mesma camada social do político, um homem que até parecia um "gringo", dada a pele branca e os olhos claros. Isso porque, se para os forasteiros não havia qualquer problema em serem vistos em companhias

de prostitutas, o mesmo não acontecia com os homens nativos, pertencentes aos grupos sociais abastados e influentes da cidade.

Expulsas das regiões centrais de Vitória, redutos das camadas mais favorecidas do estado, as prostitutas não eram bem-vindas nestes espaços. Solange conta que, certa vez, em um restaurante localizado na curva do Saldanha, no centro de Vitória, para onde foi acompanhada de outra prostituta e de clientes estrangeiros, o garçom se recusou a atender o grupo. Ela conhecia o dono, um "gringo" freguês seu, e lhe perguntou o motivo da atitude do empregado, que justificou "[...] que era porque a mulher estava com o vestido decotado. Tinha até mulher de juiz comendo, então quer dizer que nós fomos discriminadas". Ao enfatizar o quanto elas eram discriminadas fora de São Sebastião, Denise explica que, na época do carnaval, quando queriam sair para se divertir, diversos estabelecimentos impediam sua entrada, "era que nem traficante". Também não podiam circular nas ruas e sequer sentar em um botequim no período da noite, no centro da capital, que estavam sujeitas a serem presas e mandadas de volta para as suas residências. Ela diz que, "se ficasse três mulher bebendo em um bar achavam que era para fazer programa. [...] Não podia ir adiante da Praça 8 porque sabiam que iam ser presas". A vestimenta, a maquiagem, os gestos, a forma de falar, as características físicas, em suma, o corpo das prostitutas falava quem eram elas, o que faziam e de onde vinham. Em um restaurante frequentado pela alta sociedade do estado ou mesmo nos bares e nas ruas dos bairros nobres, sobretudo, no centro de Vitória, sua presença era vista como um incômodo, uma afronta à moral e aos bons costumes da alta sociedade capixaba.

De qualquer maneira, Solange afirma que se divertia e ganhava muito dinheiro com os programas efetuados com os estrangeiros. Apesar disso, não sentia nenhum prazer na relação sexual com eles, seu pensamento estava voltado tão somente para o retorno financeiro que teria. "A gente que vive nessa vida... hoje se você me perguntar se é bom de cama eu sei falar, mas a gente só pensava em grana. [...] Eu era novinha também, não sabia nem o que era tesão". O programa não lhe era prazeroso, mas tampouco se sentia agredida e obrigada a exercer atividades sexuais que considerava abusivas, como amiúde lhe exigiam os clientes brasileiros. A relação com os estrangeiros era mais pacífica, menos desgastante e mais lucrativa do que com os brasileiros, que tendiam a pagar menos, a exigir mais e dificilmente arcavam com a saída delas das boates de Carapeba. Inquirida sobre as exigências sexuais dos clientes, ela explica: "você quer saber se eles queriam sacanagem? Não estrangeiro não, mas brasileiro tinham uns que diziam que pagavam tanto, mas queriam isso, isso, isso. [...] Eles chegavam pra você e perguntavam: você é completa? Se você dissesse que não, eles não te aceitavam". Ela

diz que chegou a se apaixonar por um italiano, mas ele foi embora e eles nunca mais se viram. Solange recebeu uma carta sua, contudo, sem saber ler nem escrever, ela não respondeu. Provavelmente pensava que teria uma vida melhor ficando com este homem, quem sabe não fosse morar na Itália com ele? Era o sonho de muitas mulheres em São Sebastião, não raro há histórias de antigas inquilinas dos bordéis do território que se casaram com um estrangeiro e partiram para o exterior. Solange diz que das prostitutas do território, "[...] um bocado casou e foi para os Estados Unidos [...]". Eny, por seu turno, fala que suas inquilinas só saíam "da vida", quando se casavam, sendo que muitas delas se tornaram esposas de estrangeiros, como relata, "daqui também saiu muitas menina casada pro exterior, foi pra Itália, pra Grécia [...]". A perspectiva de ter uma experiência matrimonial fora do Brasil é bastante presente no imaginário da "geografia do prazer".

O fato é que, segundo Solange, "[...] a gente tinha os gringos só pra dar dinheiro, mas tinha os amantes brasileiros". Seus namorados eram brasileiros, normalmente taxistas, policiais e garçons, que também trabalhavam no "território do desejo" da RMGV, e eram eles os motivos mais frequentes das brigas e agressões entre as mulheres do bairro. No cotidiano de São Sebastião, as desavenças entre as mulheres eram muito comuns, como já salientado por Diane, que ficava aterrorizada com tanta violência, logo ao chegar no território. Da mesma forma que Diane, Solange destaca o uso de objetos cortantes, como cacos de vidros, nas brigas entre elas, e acrescenta que geralmente "as mulheres que brigavam eram aquelas que tinham homem e se você falasse com os homens delas, elas cortavam até sua cara". Estes homens eram seus namorados, ou "amantes" como se refere Solange, e a causa primeira dos seus ciúmes, que podiam desencadear em violência de gênero¹⁶⁸ e em feminicídios¹⁶⁹. Mais frequentemente, contudo, as brigas acabavam apenas em ferimentos, raramente de maior gravidade, e na prisão temporária dos envolvidos, até que fossem pagas as fianças ou que as penas estipuladas fossem

¹⁶⁸ O conceito de violência de gênero foi adotado no ambiente jurídico brasileiro, sobretudo, a partir da Convenção de Belém do Pará, em 1994. O conceito se refere às agressões físicas, psicológicas, patrimoniais e sexuais perpetradas contra as mulheres, unicamente pelo fato de serem mulheres. Posteriormente, com a promulgação da Lei Maria da Penha, em 2006, o conceito foi ampliado para qualquer ato que viole os direitos humanos das mulheres. MORGANTE, Mirela Marin. "**Se você não for minha, não será de mais ninguém**": as denúncias registradas na DEAM/Vitória-ES (2002-2010). Vitória: Editora Milfontes, 2019.

¹⁶⁹ O conceito de feminicídio passou a fazer parte da legislação brasileira a partir da sanção pela Presidência da República da lei do feminicídio, que tipifica o assassinato de mulheres como homicídio qualificado, incluindo-o no rol de crimes hediondos. BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 9 mar. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm>. Acesso em 05 fev. 2020. Assim, como na violência de gênero, o conceito de feminicídio se refere ao assassinato de mulheres cometidos pelo fato da vítima ser mulher, ou seja, tendo como base a construção social da feminilidade. RADFORD, Jill; RUSSELL Diana. *Femicide: the politics of women killing*. New York, Twayne Publisher, 1992.

devidamente cumpridas. Apesar de afirmar que não entrava em brigas, Solange narra um episódio em que foi sujeita ativa de uma confusão. Por conta de uma suposta relação sexual do namorado com outra inquilina da boate em que trabalhava no momento, a Patiá, de Elza Pernambucana, ela partiu para a briga contra a mulher, no que foi interrompida pela cafetina, que estava grávida. Alcoolizada e nervosa, Solange acabou por agredir a dona da casa. A polícia foi acionada e ela acabou presa na delegacia local, cujo delegado era Walmor Miranda. O namorado, um taxista, motivo da confusão, pagou a fiança e liberou Solange. Em outra ocasião, Solange novamente partiu para a briga com uma mulher por ciúmes do namorado, a polícia foi chamada e ela foi presa mais uma vez. "Mas o gringo que estava comigo foi e molhou a mão do policial e ele me soltou". Devido à interferência financeira do seu cliente, que provavelmente não sabia o motivo do rebuliço entre as duas mulheres, Solange foi liberada e ficou isenta de ter que dormir na prisão.

Sempre que acionada, a polícia intervinha nas brigas ocorridas no "território do desejo" da RMGV. Na reportagem televisiva "São Sebastião dos Boêmios", produzida em 1976 pela TV Gazeta e dirigida por Amylton de Almeida, o personagem mais entrevistado é o delegado do posto policial de São Sebastião, Walmor Miranda. Sua atuação cotidiana é evidenciada em algumas cenas em que interage com os oficiais de polícia e as pessoas detidas, nas celas e na sala de triagem da delegacia. Em uma destas cenas, que se passa durante a noite no posto policial do território, Walmor Miranda ordena que um policial retire os(as) prisioneiros(as) da cela masculina e da cela de mulheres e homossexuais, e encaminhe todos(as) para a sala de triagem, todos(as) são negros(as) ou pardos(as). Como a delegacia é pequena, ele faz uma seleção dos(as) presos(as) para dar o encaminhamento necessário para cada um(a) deles(as), pois não cabem todos(as) ali. Na sala de triagem, o delegado pergunta aos(às) prisioneiros(as) sobre o delito cometido e o motivo para tanto, mostrando ainda os instrumentos utilizados e as pessoas envolvidas. Ao inquirir individualmente cada detido(a), quem mais relata os episódios de transgressão da lei era o próprio delegado, que lia os boletins de ocorrência informando o delito pelo qual eles(as) estavam sendo acusados, ouvia algumas de suas palavras e tirava suas conclusões. Nessa perspectiva, Walmor Miranda inquire um homem que é preso por assaltar um "gringo" e uma mulher, tendo roubado um relógio dele, além de dinheiro do estrangeiro e da mulher. Ele prossegue inquirindo um grupo de mulheres envolvidas em um desentendimento que, conforme algumas delas explicam, surgiu porque uma mulher chamada Telma queria "furar" a Dalva com um facão. Mas Telma pergunta à Dalva: "vem cá, você tem certeza que eu ia furar você? Por causa de que? Quem falou para você que eu ia furar você?". Os ânimos se

exaltam e começa uma discussão na sala de triagem. O delegado, então, apazigua os ânimos e afirma que Telma está muito nervosa, "desse jeito ia furar mesmo".

De repente, uma mulher entra na delegacia, com os braços e as mãos sangrando, e vai mostrar os ferimentos para Walmor, que a encaminha para o pronto socorro. Enquanto as imagens desta mulher ferida aparecem, o locutor da reportagem narra que "São Sebastião não tem hospital, mas algumas vezes o socorro é necessário, porque quando a noite ameaça acabar, também permanece a violência, que tem como motivo o mesmo e velho assunto: o amor". No plano seguinte, na mesma sala de triagem, porém em outro momento, o delegado conversa com uma mulher grávida de 8 meses, presa por cortar a namorada atual do pai de sua filha. Ela explica que estava conversando com as amigas na porta de uma boate, quando esta mulher passou e a provocou. Tendo avisado que não queria briga, a mulher lhe respondeu de forma audaciosa e afirmou que a gestante "não é mulher". Com o ego ferido, ela partiu para a agressão contra a mulher que a ofendera, considerando o ato uma consequência lógica do insulto sofrido. A cena na sala de triagem termina nesta confissão, dando ênfase à frequência das agressões cometidas por ciúmes, apesar de ser possível visualizar também as detenções por vadiagem e roubos. Na entrevista em seu gabinete, Walmor Miranda afirma: "minha definição é que isso aqui é a Disneylândia da orgia, porque é um carnaval constante, dia e noite. Então, o nosso trabalho é sempre repressivo, porque sabemos que onde existe bebida, música, mulheres e homens, existe às vezes a violência". Segundo a reportagem, "a violência é sempre um presente diário para quem vive nesse parque de diversões de 315 casas".

Sensacionalismo midiático à parte, as constantes agressões frutos de desentendimentos ocorridos entre as prostitutas de São Sebastião, são também comumente relatadas por Denise, Diane, Solange e Eny, unânimes em apontar como principal motivo o ciúme do companheiro afetivo. Elas brigavam por ciúmes dos namorados, homens brasileiros que vivem o dia a dia do território, pois trabalhavam e, muitas vezes, habitavam por ali mesmo ou em um bairro próximo. Também Denise foi parar na delegacia devido à uma briga com uma mulher que paquerou seu namorado. Ela diz: "a gente tinha os fregueses da gente, mas sempre tinha uma pessoa especial, né?". E, por esta pessoa especial, Denise bateu em uma mulher, "[...] dei uns tapinha só, essas coisas assim, pouquinho coisa, nada demais não". No posto policial, o delegado deu um sermão em ambas e as liberou. Ela costumava arranjar muita confusão no bairro, a ponto de chamarem-na de "cabo quente", "[...] porque eu era muito brigona". Mas seus desentendimentos eram "pouquinho coisa", conta que não chegava a utilizar objetos cortantes nas agressões. Perguntada sobre as brigas com facas, Denise responde:

Tá doida? Eu não tenho marca nenhuma de prostituição. Essa marca aqui é de quando eu era pequena. Graças a Deus. Que antigamente tinha um tal de mulher cortar a cara da outra, enfiar a faca na outra. Nunca tive isso. Não tenho marca nenhuma. Daquele tempo de São Sebastião, não tenho marca nenhuma. As marcas que eu tenho é marca da vida. Marca assim de faca... as mulher saía na faca, e os homem não ficava atrás também.

Enquanto muitas prostitutas se cortavam umas às outras, Denise faz questão de não se inserir dentro deste grupo de mulheres inconsequentes e extremamente agressivas, tal é a visão que ela demonstra ter sobre elas. Atualmente mãe de 3 filhos, com dois netos, aposentada e frequentadora da Igreja Universal, Denise quer se distanciar da imagem negativa da prostituição e se colocar como uma mulher que viveu "essa vida", como se refere ao meretrício, somente durante pouco tempo e com muita cautela, sem excessos. Ela se mostra como uma mulher responsável pelo bem-estar de sua família, crente em Deus e atenciosa com as amigas e as pessoas mais próximas, uma imagem feminina diferente do que comumente é associada à prostituição. Entretanto, não obstante sua recusa em se associar com a visão negativa hegemônica sobre a prostituição, colocando-se como uma mulher responsável e cautelosa, o corpo de Denise é em si mesmo a memória da prostituição vivenciada. A ausência de cicatrizes desse período, é compensada pelos traumas adquiridos posteriormente, tais como as manchas de queimadura em uma de suas mãos, o aparelho de surdez acoplado nos ouvidos e os tiques que tem nos olhos ao falar e se expressar, evidenciando as marcas de uma vida difícil, com sequelas no corpo e na subjetividade de Denise. As lembranças da prostituição não estão separadas de seu corpo, ao contrário, seus hábitos, seus pensamentos e mesmo sua presença física constituem-se por meio da memória da prostituição, além de todo o seu passado e o seu presente, condensados em sua singularidade.

Não somente as mulheres brigavam entre si por ciúmes dos namorados, mas também os namorados sentiam ciúmes de suas companheiras, muitas vezes cometendo violências físicas contra elas. As entrevistadas relatam alguns casos de ciúmes e de agressividade por parte de seus companheiros. Solange afirma que havia muitas mulheres que apanhavam dos amantes em São Sebastião. Ela mesma apanhava dos namorados que tinha. O motivo era, sobretudo, o ciúme. Ela explica que um de seus amantes a agredia "porque eu punha chifre nele, não podia dar para os amigos deles não, minha filha". A infidelidade sexual de Solange era motivo de violências graves e constantes por parte do amante, culminando em cicatrizes ainda evidentes em seu corpo, uma entre os olhos e outra no joelho, que ela mostra ao contar das agressões que sofreu deste amante, em São Sebastião. Diane, por sua vez, iniciou um namoro com um policial bastante violento, chamado Marangoni, com apenas 15 anos, época em que trabalhava e

habitava na boate Continental, de Maria de Jesus. No período em que estava com ele, ela não se relaciona com mais nenhum homem. Marangoni pagava para ficar com ela no quarto do bordel durante toda a noite, não gostava que Diane ficasse no salão, como as outras prostitutas. Pelo exclusivismo, ele também arcava com as despesas da menina, pagava suas contas, suas refeições nos restaurantes e lhe dava presentes. Mas ele era muito ciumento e agressivo. Diane explica que ele brigava com qualquer pessoa que olhasse para ela, tinha ciúme até de suas roupas, obrigando suas amigas a tirar a vestimenta que ela havia lhes emprestado, e ainda agredia e ameaçava Diane. Ela narra que só conseguiu se separar de Marangoni depois que acendeu uma vela para Nossa Senhora do Desterro pedindo para desterrar o sentimento de um para com o outro. O rito religioso é considerado por ela como o último e definitivo recurso utilizado para ter êxito em dar um ponto final na relação abusiva que mantinha com o policial. Ela logrou em se separar de um homem violento, em interromper um ciclo de violência que poderia acabar com a sua vida. Mas, mesmo depois de separada, quando ela estava se relacionando com outro homem, Marangoni voltou a arranjar confusão e brigou com o namorado de Diane por ciúme dela. Eny fala que Marangoni era um homem extremamente violento, ele chegou a assassinar uma mulher na boate Atlântica, no território. Posteriormente, foi preso, não se sabe por qual razão.

Todas as entrevistadas vivenciaram relacionamentos violentos em São Sebastião. Denise conta que saiu da boate Veneza para morar com Basílio, um policial da delegacia do bairro, com quem iria viver amasiada por cerca de 5 anos, e que tinha muito ciúmes dela, "Deus me livre, ele tinha um ciúmes daqueles". Apesar dele não a agredir fisicamente, a violência psicológica era constante, ele estava sempre vigiando seus passos e impedindo-a de se divertir com as amigas e fazer o que desejava. Também Eny, proprietária da boate Veneza, conta um episódio de ciúme de um de seus amantes, um fazendeiro de cacau do município de Linhares, no norte do Espírito Santo, que ficou enraivecido por ela se envolver amorosamente com outro homem. Ela não fala de nenhuma violência física por parte dele, nem de outro amante. Não obstante, em outro episódio, a cafetina tentou se suicidar por causa de um homem, um delegado chamado Mauro, que, conforme Denise, bastante próxima da cafetina, a deixou para se casar com uma menina de apenas 15 anos. Eny diz que a pressão social sobre ele era muito grande, sua relação com ela podia lhe causar danos irreparáveis no trabalho e, por isso, eles precisaram se separar. Inconformada, a cafetina se envenenou por meio da ingestão de soda cáustica, segundo sua lembrança. Denise a encontrou em condições agonizantes e tentou levá-la para o hospital. Sem sucesso, foi buscar a mãe de Eny e a levou para o bordel, para que ela encaminhasse a filha à

emergência hospitalar. Foi a única vez que Denise encontrou com a mãe da cafetina, que, apesar de ter vivido por um longo período no bairro vizinho à São Sebastião, em São Diogo, se recusava a se envolver com prostitutas. Eny ficou internada no hospital por bastante tempo, durante o qual Denise a visitava com frequência, e teve como consequência cortes profundos na língua, que mostra ao narrar o ocorrido.

A violência contra as mulheres, perpetrada por motivos de ciúmes e pelo sentimento de posse entre companheiros, era bastante comum em São Sebastião, seja entre as próprias prostitutas, seja de seus namorados, amásios, amantes ou clientes. Em alguns casos, as agressões chegavam aos homicídios, atualmente classificados como feminicídios pela legislação brasileira. É frequente nas narrativas e nos comentários cotidianos das sujeitas da pesquisa, histórias de desentendimentos afetivos ocorridos entre homens e mulheres, que acabaram no assassinato destas. Segundo Solange, na boate Veneza, "só lá morreram umas 3 mulheres matadas", e ela conta que "uma ela mesmo se matou. A outra morreu do lado de fora, na varanda, pelo amante. E a outra morreu grávida porque tinha um amante e estava agarrada com um veado, e o veado curtiu falando que o filho que ela tava grávida era dele, aí o cara matou ela. Tinha que ter matado o veado". Eny, por sua vez, fala que "[...] teve foi muita morte de... homem que gostava de mulher, né?", e também relata o episódio de uma inquilina sua que se suicidou dentro de sua boate, além de outra que foi assassinada por um soldado que tinha ciúme dela com outro homem. Denise conta que sua amiga, Maria de Helena, com quem veio de Cachoeiro de Itapemirim para São Sebastião, tentou se suicidar por conta de um homem, ateando fogo no próprio corpo, o que lhe causou graves ferimentos. Segundo Eny, em grande parte dos assassinatos de mulheres que se lembra, ocorridos em Carapeba e na sua boate, especificamente, os autores eram da polícia, que elas classificam geralmente como sargentos, soldados e delegados. Efetivamente, nas narrativas de violências, feminicídios e suicídios do "território do desejo" da RMGV, muitos dos agressores e assassinos pertenciam a esse grupo e, em casos de suicídio com arma de fogo, o revólver era propriedade deles.

Enquanto nas brigas entre mulheres geralmente eram utilizadas como armas cacos de vidro, facas, lâminas de barbear, entre outras, nas agressões perpetradas por agentes da segurança pública era patente o uso de armas de fogo, que tornavam as violências mais propensas a tornarem-se feminicídios. Mesmo nos casos de furtos e tráfico de drogas na região, não era possível verificar a presença de revólveres quando os acusados não faziam parte da classe policial. Ao que parece, as únicas armas de fogo em Carapeba eram as de propriedade dos inúmeros policiais e delegados que frequentavam a "geografia do prazer". Nos dias atuais é

impossível afirmar que a polícia é a única detentora deste tipo de armamento, na medida em que as armas de fogo tornaram-se comuns em assaltos, disputas pelo controle do tráfico de drogas, violências diversas e assassinatos, em qualquer micro ou macrorregião do Brasil. O uso de armas de fogo se popularizou a tal ponto, que atualmente há uma campanha pela legalização de seu porte, já amplamente difundido na população brasileira. Mas nem sempre foi assim. A história de São Sebastião mostra uma abrangência muito mais restrita do porte de armas de fogo e o quanto a sua presença implicou em um agravamento das agressões ocorridas no território, acarretando, amiúde, em assassinatos de homens e de mulheres. Com poucas armas de fogo circulando na "geografia do prazer", mesmo com a frequência de agressões e de assassinatos na região, as sujeitas da pesquisa sentem-se mais ameaçadas e inseguras com a violência dos dias de hoje, do que na época do "território do desejo" da RMGV. É nesse sentido que Eny diz, "vou te dizer uma coisa, naquele tempo a gente chamava Carapeba e São Sebastião, hoje Novo Horizonte é falado, você sabe que é, e naquele tempo não era falado, não tinha esses negócios de ladrão".

Cada uma das entrevistadas tem a sua história e a sua versão das mortes e das tentativas de suicídios ocorridos no território, não sendo possível saber se elas falam dos mesmos casos ou se lembram de assassinatos e violências diferentes. De qualquer forma, havia uma distinção de grau e de frequência da violência dentro e fora dos bordéis de São Sebastião. No interior das casas de prostituição havia um controle mais rigoroso para que não houvesse confusões e agressões que afastassem os clientes, e para que as situações de maior gravidade fossem devidamente abafadas. Nos casos de mortes na boate, Eny explica que a perícia vinha de Vitória, retirava os corpos, ela prestava depoimento e, sendo amiga do delegado, "[...] nem na delegacia a gente ia, resolvia tudo por aqui mesmo". Quando havia casos de rivalidades entre as prostitutas do bordel, tornando o ambiente constantemente instável e propenso a confusões, normalmente uma inquilina era mandada embora da boate, enquanto a outra, sua rival, permanecia na casa. Eny escolhia a menina mais lucrativa para manter no prostíbulo, e ordenava que a outra se retirasse de lá, uma prática bastante comum nas boates da "geografia do prazer". Ademais, as cafetinas tomavam bastante cuidado ao selecionar suas inquilinas, evitando as mulheres que consumiam muita bebida alcoólica e eram "briguentas", "porque quem tinha suas casas preservava, né, não botava qualquer mulher, para evitar isso mesmo". As donas das casas de prostituição estavam sempre controlando as inquilinas para não haver discórdias e brigas, principalmente, nos momentos de pleno funcionamento dos bordéis. A violência era um recurso comumente utilizado por elas para manter as prostitutas sob controle e obedientes, garantindo

a "ordem" em seus estabelecimentos, no que elas contavam ainda com a colaboração dos porteiros, dos copeiros, das gerentes e mesmo da polícia local. Esta, tinha uma relação estreita com as donas das casas de prostituição do bairro, faziam acordos e colaboravam-se mutuamente visando a disciplinarização das prostitutas e dos frequentadores de São Sebastião.

É evidente, contudo, que à imagem ideal de organização das boates de São Sebastião, se contrapunha um cotidiano bastante instável e desordenado, permeado de desentendimentos, violências e mesmo de feminicídios, que fazia da ordenação social dentro e fora dos bordéis mais um objetivo a ser seguido, do que uma realidade vivida diariamente. Para além da organização necessária à prosperidade da indústria sexual de Carapeba, estava a oferta de corpos sexuados e de bebidas alcoólicas 24 horas por dia, além da disponibilidade constante dos jogos de azar, que traziam lucro e diversão aos prostíbulos e estabelecimentos da região, mas, ao mesmo tempo, impossibilitavam a tão sonhada ordenação social do comércio sexual. Era um ciclo que se repetia indefinidamente e as próprias relações sociais de poder produzidas pela tecnologia do mercado sexual alteravam estas mesmas relações, gerando outros diagramas de forças, outras relações de poder e de afeto. Nesse sentido, não obstante a busca constante pela organização e pela disciplina na boate Veneza, as confusões e agressões eram bastante comuns no recinto, quando não havia uma ou outra morte no local. Solange era uma das inquilinas que consumia bebida alcoólica em excesso e se desentendia com outras prostitutas e mesmo com a cafetina. Certa vez, em meio à agitação do salão da Veneza, por volta de meia noite, Eny chamou a atenção de Solange por algum motivo, e esta, embriagada que estava, não gostou do ocorrido e partiu para cima da cafetina, empurrando-a sobre o conjunto musical. Denise, por sua vez, era uma mulher "briguenta", a ponto de ser conhecida como "cabo quente", enquanto Eny não media esforços para se utilizar da violência contra as suas meninas, até mesmo na frente dos clientes, Solange diz que ela chegava a tirar a peruca das meninas no meio do salão. Tamanha a violência e confusão dentro da própria boate Veneza, que Diane diz:

Eny, eu nunca morei com ela quando era boate. Eu até ia lá passear e tudo, mas as mulher dela era muito brigona, tudo delas era cortar. E, assim, chegava os gringo, elas sentavam sem permissão no dito cujo. Chegava e sentava, e pronto. Às vezes o homem gostava de mim, por exemplo, e eu to lá no canto. Pronto, já era uma briga.

Para a jovem, o ambiente da boate era turbulento e agressivo, e a disputa pelos fregueses forasteiros provocava brigas constantes que levavam aos combates físicos muitas vezes acompanhados de objetos cortantes. Conforme Eny, entretanto, não havia brigas e confusões em seu prostíbulo, "quando tinha briga era naquele pedacinho de rua ali que a gente chamava torresmo, aquelas mulherzinhas bem baixas, que andavam tudo com a bunda de fora, muito

escrota, bebia cachaça...". A cafetina se refere a um local de Carapeba onde se concentravam as prostitutas que faziam ponto nas ruas e nos bares do entorno. Tanto elas como os clientes consumiam bebidas alcoólicas com preços mais acessíveis nesses botecos, dançavam e se divertiam por ali, havia bandas ou vitrolas tocando nos estabelecimentos, além dos jogos de azar. Para a realização dos programas, os casais ou grupos se direcionavam para os dormitórios da redondeza, muitos feitos de tábuas de madeira e cujos aluguéis eram bem mais baratos do que na maioria dos quartos dos prostíbulos da região. Amiúde, as brigas aconteciam em algum desses bares, que ficavam abertos até o dia amanhecer ou até o movimento acabar completamente, por volta das 9, 10 horas da manhã. As inquilinas das boates que queriam continuar a beber, a se divertir ou a trabalhar, se direcionavam para estes estabelecimentos após o fechamento dos bordéis, geralmente às 5 horas da madrugada. Segundo Eny e Diane, esses locais eram também onde atuavam algumas travestis que exerciam a prostituição, impedidas que eram de serem inquilinas das boates do "território do desejo" da RMGV.

Diane conta de uma briga vivenciada exatamente nessas circunstâncias, quando, depois de fechada a boate Continental, onde trabalhava à época, foi ao bar da Lauracy juntamente com outras quatro inquilinas do bordel. No recinto, todas bebiam e comiam churrasquinho de carne. De repente, uma delas caminhou firmemente em direção à Diane, "eu achei estranho o jeito que ela veio, entendeu? Ela veio tão direto assim ao meu encontro, que eu achei estranho. [...] Só vi quando ela chegou perto de mim e meu deu um empurrão e eu caí. Eu não tinha feito nada. [...]. Aí eu meti os pé no peito dela e mandei ela lá fora". A confusão começou. As outras meninas partiram para defender a amiga e Diane lutou contra as quatro, até que, enfim, conseguiu agredir as meninas a ponto de colocar um fim na briga, sem sair com maiores ferimentos. Ela demonstra que tinha experiência em confrontos físicos, diz que assistia aos filmes de faroeste e ia aprendendo como devia fazer. Mas, além disso, ela era uma das poucas mulheres que se mantinha sóbria no "território do desejo" de São Sebastião, enquanto as prostitutas, de forma geral, e, particularmente, aquelas que iniciaram o conflito com ela, consumiam bastante bebida alcoólica, o que provocava a alteração de seu estado mental e de sua capacidade motora.

Eram nos becos e nos bares que adentravam a madrugada onde mais frequentemente os desentendimentos afetivos, financeiros e comportamentais se transformavam em violência física, que muitas vezes incluíam o uso de objetos cortantes como cacos de vidro, lâminas e facas. A delegacia de polícia era acionada nesses momentos, quando não agia por conta própria em seu trabalho diário de repressão à "vadiagem", às agressões, aos furtos, aos homicídios e ao tráfico de drogas, principalmente. Contudo, é evidente que a ação do poder repressivo estatal

não era suficiente para conter a violência e os delitos diversos cometidos no território, apesar da reportagem televisiva "São Sebastião dos Boêmios" mostrar uma delegacia de polícia relativamente atuante e eficaz na contenção de crimes na "Disneylândia da orgia", como fala o delegado Walmor Miranda. Segundo as narrativas das sujeitas da pesquisa, as agressões contra as mulheres na "geografia do prazer" da RMGV, que algumas vezes acabavam em feminicídios, eram frequentes, e as punições para os delitos infringidos mostram certa convivência dos agentes de segurança pública para com os crimes cometidos na região, quando não eram eles mesmos os transgressores da lei. Com relação às mulheres, apesar de serem ativas nos delitos de lesão corporal, raramente sofriam uma punição de maior gravidade. Denise foi liberada da prisão logo após receber um sermão do delegado, Solange foi solta depois de seu freguês "gringo" pagar certa quantia em dinheiro à polícia, Eny era amiga do delegado e resolvia todos os delitos ocorridos na boate sem precisar nem mesmo comparecer ao posto policial do bairro, e, Diane, não chegou a ser presa uma única vez. Os namorados das prostitutas não sofriam qualquer penalidade por agredirem suas companheiras e os assassinatos cometidos por policiais, por seu turno, eram abafados e não parecia que eles arcassem com os crimes que cometiam. Nem mesmo os homossexuais da região ficavam isentos da violência e da impunidade. Em uma matéria da Revista Espírito Santo Agora¹⁷⁰, publicada em novembro de 1977, sobre a condição dos homossexuais em Carapebus, a crueldade da violência policial contra este grupo é relatada, sobretudo, com por parte dos delegados anteriores à Walmor Miranda, que estava na chefia da polícia civil de São Sebastião na época da realização da reportagem.

Vê-se, portanto, que a atuação policial em Carapeba era relativamente presente, porém pouco eficaz em acabar com os casos de agressões e de assassinatos cometidos no dia a dia da região. Vista como a "Disneylândia da orgia" pelo poder policial do bairro, em um território afastado da capital, a região de prostituição mais parecia uma "terra sem lei", ou com leis muito particulares, formatadas em meio às relações de poder cuja hegemonia era branca, heterossexual e masculina. Em verdade, o lenocínio era uma atividade proibida pelo Código Penal brasileiro, de 1940,¹⁷¹ entretanto, a prática era tolerada e até mesmo incentivada em São Sebastião, dado o apoio da instituição policial e higiênica às casas de prostituição do território. As ações do biopoder atuavam na delimitação da área para a existência do meretrício na RMGV e no controle disciplinar dos corpos prostitucionais, visando garantir o acesso dos homens, brasileiros e estrangeiros, ao mercado sexual capixaba, sem maiores riscos de violência e de

¹⁷⁰ O REINO da fantasia. *Espírito Santo Agora*, Vitória, n. 20, p. 34-38, nov. 1977.

¹⁷¹ LEME, 2009.

contaminação por doenças sexualmente transmissíveis (DST). Esta era a maior preocupação do poder repressivo e disciplinar na região. O alto índice de feminicídios e de violência de gênero no território não eram objetos da atenção e da punição por parte dos agentes policiais, sendo que, amiúde, eram eles mesmos os autores dos assassinatos e das agressões. Dentro do território, a força policial podia atuar livremente, com a certeza da impunidade e da conivência das cafetinas, as mulheres mais poderosas do bairro. Dificilmente a instituição policial ia ao bairro para apurar um assassinato cometido nos bordéis ou em outros estabelecimentos da região, sobretudo, quando os autores eram os próprios policiais.

Outra observação plausível de entendimento acerca da não apuração dos casos de assassinatos em Carapeba por parte da polícia é o fato de que a maioria das mulheres do território eram negras. Pode-se dizer que o racismo era um dos mecanismos utilizados pelo Estado para o exercício do biopoder no território, na medida em que, procurando garantir a integridade e a superioridade da vida da raça branca, o poder relegava à morte a população negra. Segundo Foucault¹⁷², o racismo é um mecanismo fundamental do poder estatal biologizante das sociedades modernas, que, visando a pretensa "pureza" da raça branca, autoriza e exerce o direito de matar as pessoas negras. É nesse sentido que se pode compreender o racismo evidente na violência e nos assassinatos de mulheres ocorridos em São Sebastião e jamais penalizados ou apurados. Afinal, para o biopoder, o território existia para isso mesmo, para excluir e marginalizar aquelas que eram vistas como uma "doença social", uma anomalia e o sinal da perversão sexual e moral presente na sociedade, mas que devia ser escondida do convívio das classes abastadas.

Diane explica que na época da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), fundada em 1976,¹⁷³ ao lado de São Sebastião, com apenas uma cerca dividindo a propriedade industrial do bairro de prostituição, a violência no território ficou ainda mais aguda, como diz, "quando veio essa turma da CST piorou, eram ladrões. Você aqui na esquina, um filha da puta lá de dentro te via, pulava a cerca e vinha cá te roubava e não adiantava chamar a polícia não, porque era mais de cinco mil homens lá dentro. Iam saber quem era quem? Sabia não". As ruas do bairro ficavam repletas de homens e não era possível sequer circular no local com liberdade, sem ser molestada

¹⁷² FOUCAULT, 1997.

¹⁷³ A CST foi privatizada e hoje é chamada de ArcelorMittal Tubarão. O início de suas operações se deu somente em 1984. SILVA, Madson Gonçalves da. **Crescimento urbano-industrial e a dinâmica migratória na Região Metropolitana da Grande Vitória (1960-2010):** as particularidades socioespaciais dos impactos no município da Serra. 2015. 121f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

por eles. Conforme a jovem, além das perturbações e dos roubos, os assassinatos de mulheres aumentaram muito em Carapeba. Eles deixavam suas armas, geralmente brancas, como facas e canivetes, escondidas dentro dos matagais que rodeavam a região e, quando viam a necessidade, pegavam-nas para cometer os crimes. Bastava que uma mulher fosse "mais atrevida" e os xingasse, como fala Diane, e já era motivo suficiente para que eles fizessem uso de suas facas escondidas no mato, para feri-las ou matá-las. O mapa abaixo mostra a localização precisa da CST (Arcelor Mittal Tubarão), entre o Porto de Tubarão e o antigo território de São Sebastião, que hoje é apenas uma parte do atual bairro de Novo Horizonte.

Figura 3 – Mapa da localização de São Sebastião



Fonte: Google Earth - recorte nosso 2020

Diane conta que certa vez, uma inquilina de Eny xingou um homem e depois ele voltou com uma faca escondida. Chamou por ela no portão da boate Veneza, a mulher foi até lá e ele "matou ela ali mesmo, ela só entrou na boate e caiu lá. Então tinha muito perigo mesmo". Segundo Eny, este caso ocorreu aproximadamente no ano de 1983, quando o bordel estava sendo administrado por outra pessoa e não por ela. Ela conta que o assassino já conhecia a vítima, ele havia a seguido de São Paulo, de onde ela veio, até São Sebastião, e cometeu o feminicídio guiado por um sentimento de posse que nutria pela antiga companheira. De qualquer forma, para todas as entrevistadas, a violência no território se agravou com o início das obras da CST, em 1976, quando centenas de trabalhadores chegaram e se instalaram na região atraídos pelos empregos disponíveis na construção civil. Os crimes se tornaram mais frequentes no bairro, não somente

as agressões de gênero, como também os furtos e o tráfico de drogas. Mas, a violência de gênero e o feminicídio perpetrados por companheiros ou ex-companheiros das vítimas eram os crimes mais comuns e sintomáticos no bairro, como é possível averiguar pelos diversos casos narrados. Para Eny, a violência em Carapeba não se compara à violência atual em Novo Horizonte, dado que a primeira estava relacionada aos motivos afetivos, com destaque para a atuação dos policiais nas agressões e assassinatos, enquanto que, nos dias de hoje, a violência está associada, principalmente, ao tráfico de drogas na região.

Diane relata uma tentativa de homicídio que viveu na boate de Elza Mendes, em São Sebastião. Um "coroa", negro, "falou que é preto... não dou muita sorte com isso não", a convidou para um programa. Diane aceitou. Apesar de ser negro, ela o considerou bonito, como fala: "bonito ele, escuro, mas bonito". Ela evidencia mais uma vez sua visão racista, que a faz desconfiada de pessoas negras. Para ela, a história narrada é mais uma forma de provar o quanto não é possível confiar em um homem negro. Enfim, ele pagou pelo aluguel do quarto à cafetina e o casal subiu as escadas do bordel em direção à alcova, um cômodo pequeno, com uma janela para o corredor, uma porta para o banheiro, mobiliada com uma cama, um guarda-roupa e uma penteadeira. Depois do coito, Diane se arrumava na penteadeira quando o cliente a inquiriu sobre o valor do programa, no que ela respondeu: "eu não falei para você quanto era? Por que você está fazendo essa pergunta novamente? Eu hein? Fala sério". Antes mesmo dela terminar a frase, o homem partiu para a agressão contra Diane, que reagiu e ambos entraram em combate. Posicionado em cima dela sobre a cama, ele tentou enforcá-la com as mãos. "Eu já estava perdendo as forças, e por dentro eu pedi força a Deus, no pensamento, né? Aí nisso que eu pedi força a Deus, eu senti minhas perna mexendo. Vim trazendo, vim trazendo as pernas e pegou justamente no peito dele aqui. O joelho, né?" Ela se encolheu e conseguiu empurrá-lo com o joelho com força. Ele bateu de costas no guarda-roupa, quebrando a porta da mobília. Ela ficou em pé. Rapidamente pegou um frasco de perfume e jogou nele. Então, o homem abriu a porta e saiu do local. Diane não gritou. Havia um grupo musical tocando no prostíbulo e ninguém seria capaz de ouvi-la. No seu devotamento, ela acredita no livramento divino, que Deus a salvou da morte e a protegeu em todos os momentos difíceis da sua vida. Não tomou nenhuma iniciativa contra o sujeito. Ele foi embora e ela se pôs a organizar e a limpar toda a bagunça e a sujeira que a violência provocara. Na arrumação, ela encontrou a carteira do homem embaixo da cama, com todos os seus documentos pessoais e imobiliários, além de muito dinheiro. Diane pegou todo o dinheiro e queimou o restante das coisas do criminoso. Cerca de uma semana depois, uma menina foi assassinada em uma casa em frente à boate de Elza Mendes, por

enforcamento com um lençol. Diane tem certeza que o autor do assassinato foi o mesmo homem que havia tentado matá-la. E ela conclui: "ele tinha essa mania, ficava e depois ficava naquela onda para poder matar. E matava, depois que ficava. Só que comigo, felizmente, não era minha hora e ele quebrou a cara. Ele matava, olha o risco que eu corri. Agora você imagina, entendeu? Desse jeito".

Este não é o único episódio de dificuldade que Diane vivenciou em programas realizados com homens nativos. Algumas excentricidades sexuais por parte deles deixavam a jovem em situação de desconforto e propícia à violência. Certa vez, um "coroa", bonito e endinheirado, solicitou, em meio à atividade sexual, que ela urinasse em sua boca e, "como eu não quis fazer xixi na boca dele, menina, xingou minha mãe de tudo quanto era nome! Aí eu peguei ele de tapa, de tanto ódio que eu fiquei [...]. Não é que o danado do homem ficou atrás de mim igual um cachorro? Era isso que ele queria!" Conforme relata, o indivíduo falou que ela havia realizado o grande sonho da vida dele, que era apanhar, e conclui, "[...] eu fiquei assim ó, passada, nunca mais eu dei um boa noite para esse homem". Outros clientes, por sua vez, pediam que a jovem introduzisse objetos nos ânus deles, "quando não era cenoura, não tinha cenoura, eles me obrigava a pegar negócio de escova assim e enfiava no rabo deles. Queriam que eu fizesse aquilo. Eles apontavam assim, para enfiar neles". Diane ficava apavorada com os desejos exuberantes dos clientes, considerava-os homossexuais, acha que eles deveriam se relacionar com travestis, e não com ela. Tal era a sua indignação, que ela se recusava a realizar as suas vontades, "eu lá enfiei nada em ninguém! Eu não. [...] Eu falei que se ele quisesse enfiar, ele enfia. Bota ele em pé aí e senta nele! Agora eu não vou fazer isso não". Os fregueses não preveniam a jovem das suas preferências antes de entrarem na alcova. Ela era pega de surpresa por solicitações para efetuar determinados gestos que não estava disposta a fazer, que lhe eram insultantes e agressivos. Se ela soubesse, antes dos programas, das vontades particulares de seus clientes, poderia escolher em realizá-las ou não. Mas não era o que costuma acontecer nas várias boates que a jovem trabalhou em São Sebastião, de maneira que ela ficava suscetível, não raro, a ter relações agressivas e abusivas com eles.

Não obstante a amplitude e a generalidade da violência no "território do desejo" da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), sobretudo na segunda metade dos anos de 1970, na época da construção da CST, a reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios", produzida e exibida justamente no início das obras da siderúrgica, sublinha, principalmente, a frequência das agressões de caráter afetivo e por ciúmes que ocorriam na região. Vale frisar: as agressões. Não menciona sequer os assassinatos de mulheres tão comuns no bairro, ligados às mesmas

causas de posse e de ciúmes que levavam às violências cometidas contra as mulheres. É nesse sentido que o delegado, Walmor Miranda, explica a violência e a importância da repressão que a polícia exercia no território, destacando ainda o uso de álcool como uma das causas das agressões, que, dentro do ponto de vista da reportagem, é somada às motivações de cunho afetivo, como afirma o locutor sobre a violência no território: "tem como motivo o mesmo e velho assunto: o amor". Entretanto, Mirela Marin Morgante¹⁷⁴, estudando a violência de gênero denunciada na Deam/Vitória-ES dos anos de 2002 a 2010 contra companheiros ou ex-companheiros afetivos das vítimas, explica que o uso de álcool deve ser entendido como um desencadeador dos atos de agressividade, mas não podem ser vistos como a causa primeira da violência, que está associada ao "[...] modelo de identidade masculina construído e legitimado pela sociedade patriarcal [...]". Ou seja, a produção identitária masculina relacionada à posse e ao domínio das mulheres, além da agressividade e da virilidade sexual, muitas vezes estão no cerne das relações de poder que os homens estabelecem com as suas companheiras ou ex-companheiras afetivas, de maneira que a violência é constitutiva dessas relações.

Dada a produção constante das subjetividades no território pautadas por relações de poder abusivas e extremamente agressivas, não é possível falar em uma singularidade que esteja fora dessa formação social, que não seja também construída em meio às relações de forças cuja hegemonia é masculina e heterossexual. Essas relações produzem as diversas subjetividades no território e, como efeitos do poder, é possível haver resistências e subversões dos termos da relação de forças. Contudo, não há nenhuma pessoa ou relação situada fora da violência de gênero que caracteriza as relações em São Sebastião, as agressões de gênero integram todas as dinâmicas das relações de poder do território. A reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios" negligencia as diversas facetas das agressões e dos feminicídios que ocorriam na região, e justifica essas mazelas por supostos sentimentos de ciúmes que, por sua vez, são explicados pelo tipo de atividade que se exerce no local, de tal maneira que as vítimas acabam sendo culpabilizadas pelas violências que sofriam. Afinal, como ser prostituta e namorar com alguém ao mesmo tempo? As consequências não poderiam ser outras se não a violência cometida por parte desses homens "traídos" contra as mulheres que deviam ser suas companheiras.

Haja vista os riscos que as mulheres corriam no relacionamento prostitucional com homens brasileiros, elas muitas vezes preferiam ter como fregueses os estrangeiros, mais calmos, menos

¹⁷⁴ MORGANTE, 2019, p. 124.

exigentes nas relações sexuais e melhores pagadores do que os clientes daqui. Ademais, normalmente os "gringos" não se tornavam clientes assíduos ou mesmo namorados das mulheres da "geografia do prazer" porque ficavam apenas uma ou duas noites na região e nunca mais eram vistos. A brevidade de sua permanência no território evitava que as relações se tornassem de caráter afetivo e o ciclo de violência pudesse iniciar-se. Para Denise, era preferível ter como "fregueses", como ela chama seus clientes, os estrangeiros, do que os brasileiros, pois com os primeiros exercia o ofício prostitucional sem comprometimento, eles iam embora e nunca mais via-os, enquanto que os brasileiros podiam voltar no dia seguinte e exigir certos afetos de sua parte. Sobre os "gringos", ela explica que "[...] dava para enfrentar melhor que o brasileiro, porque ele ia e sumia e morreu assunto com ele, o que aconteceu do lado de lá ficava. E o brasileiro não, ele vinha aqui hoje, vinha amanhã, vinha depois". Com os brasileiros a relação era mais próxima, era preferível ter um deles como namorado e exercer a prostituição com um estrangeiro, do que ter como freguês um brasileiro que podia visitá-la e importuná-la com frequência, causando problemas na relação com o amante. Solange diz que sofria agressões por parte do namorado por ele não aceitar que ela fizesse programa com os amigos dele, ou seja, exercer a prostituição com os brasileiros significava poder estar se deitando com uma pessoa conhecida no meio prostitucional, que podia ser amigo do amante, ex-namorado de uma amiga, amante de outra mulher, em suma, alguém que tivesse um vínculo afetivo com pessoas próximas da prostituta. Além disso, o freguês nativo podia estar envolvido em delitos como furtos, lesões corporais, desacatos à autoridade, homicídios, tráfico de drogas, entre outros, colocando em risco a vida, a integridade física e a subjetividade afetiva da mulher que se relacionava com ele. Já o forasteiro que vinha uma primeira e única vez à São Sebastião, ou que voltava depois de anos sem pisar em solo capixaba, dificilmente tinha desafetos e inimizades estabelecidas com os frequentadores ou habitantes da "geografia do prazer" da RMGV.

Com os estrangeiros, as sujeitas da pesquisa relatam momentos de diversão em diversos locais e estabelecimentos, a fartura de dinheiro que ganhavam com eles, a leveza dos programas, em que elas desempenhavam mais o papel de damas de companhia, do que de prostitutas propriamente, além de se impressionarem com a beleza dos estrangeiros europeus e norte-americanos, amiúde associada aos galãs dos filmes estadunidenses. É com estes clientes que Solange tinha a oportunidade de sair um pouco do "território do desejo" da RMGV para adentrar nos bairros nobres de Vitória e de Vila Velha, de ver como funcionavam as sociabilidades das classes mais abastadas capixabas, de conhecer outras formas de interação social, com seus

gestos e condutas, suas línguas, e, claro, suas maneiras de se relacionar sexualmente. Neste quesito, Solange tira sarro, dizendo que "[...] o japonês, o pintinho é pequenininho (risada). E o grego gostava muito de cu, portanto ele não gostava de mulher da minha cor, gostava de mulher branca, que tinha bunda grande". Ela se diverte falando dos "desvios" e das "perversões" desses seres excêntricos que, para elas, eram os homens estrangeiros. De qualquer forma, apesar de Solange ressaltar a preferência pelo coito anal por parte dos clientes vindos da Grécia, o que ela mesma vê como uma perversão sexual, as sujeitas da pesquisa consideravam a relação sexual com os "gringos" mais fáceis de executar do que com os homens daqui. Para Denise, os estrangeiros pagavam mais pelo programa e eram menos exigentes do que os clientes brasileiros e relata que,

o brasileiro é sempre bruto, ignorante, entende? [...] Os estrangeiros a gente conseguia dobrar eles, entendeu? Se ganhava mais, ficando com eles, do que ficar com brasileiro. Você poderia ficar uma noite inteira com um gringo, que você ganhava o triplo que você ia ganhar com o brasileiro.

E, ficar uma noite inteira com um cliente estrangeiro, não significava se relacionar sexualmente durante todo o período, mas também fazer companhia, fumando, dançando, bebendo e interagindo com ele, dentro das limitações linguísticas, claro. A relação sexual fazia parte do programa, mas não era a única. É nesse sentido que Denise diz que "conseguia dobrar eles", na medida em que, diferente dos programas com os brasileiros, elas conseguiam cobrar dos "gringos" uma boa quantia de dinheiro por todo o período em que estavam com eles, executando ou não a relação sexual, enquanto que os nativos costumavam pagar somente pelo tempo necessário para efetivar o ato sexual. Mas, Denise também "dobra eles" efetuando furtos quando os forasteiros dormiam ou estavam embriagados demais para prestar atenção se estavam sendo roubados. Além disso, os estrangeiros ainda pagavam para sair com elas do território, iam para restaurantes, bares, motéis e praias, em São Sebastião ou em outros bairros da RMGV, ampliando o horizonte cultural e diversificando o cotidiano delas. Apesar de Denise concordar que os homens da Grécia tinham preferência pelo coito anal, ela não fala de nenhuma "perversão" sexual vivida com um "gringo", de maneira geral a predileção era o famoso "mamãe e papai", uma posição sexual em que o homem se deita sobre a mulher, de frente um para o outro, o que era considerado, pelas entrevistadas, como um ato sexual mais fácil de executar. Tampouco Solange conta de uma experiência pessoal com um grego, para atestar a veracidade da fofoca, o que demonstra que essa tal preferência devia ser um mito, uma conversa que circulava pelo território e ia se tornando verdade, de tão repetida. Como explica Foucault¹⁷⁵,

¹⁷⁵ FOUCAULT, 1994.

cada sociedade tem seu regime de verdade, tem os tipos de discurso que faz funcionar como verdadeiros. Aplicando para a formação social de São Sebastião, pode-se dizer que o lugar tinha sua verdade própria, que fazia funcionar enquanto tal pela repetição incessante de enunciados condizentes com ela, de maneira que a preferência sexual dos gregos pelo coito anal tornava-se uma verdade partilhada por aquelas que vivenciavam o território na época de Carapeba.

Diane, por sua vez, corrobora a fala de Denise e Solange sobre as facilidades e as vantagens de realizar programas com os estrangeiros. Ela diz que o encontro com eles "é legal, rapidinho. Te trata como se fosse um bebê, minha filha. Nossa, legal demais". Ela se relacionava mais com os brasileiros, de preferência de idade mais avançada, os "coroas" como fala, mas também fazia programas com alguns estrangeiros. Um deles foi um japonês "coroa", que a convidou para um programa na boate Continental. Ela não entendia bem o que ele queria, até que ele a pegou pela mão, pagou à gerente pelo aluguel do quarto e se direcionou para a alcova com ela. Diane comenta, "você olhava assim e pensava não sei quem era mais criança, se era ele ou se era eu. Crianção. Eles são criança quando eles gostam de você. Qualquer gringo. Eles viram criança. Eu fico boba como é que tinha mulher que tinha coragem de roubar esses homem". Este japonês ensinou a Diane um golpe mortal no nariz. Ela conta que depois do coito, foi ao banheiro, tomou um banho e, ao retornar para o quarto, ele estava em cima da cama "[...] dançando igual uma borboleta" e chamando-a para a luta. Ele executou um golpe nela, sem utilizar a força, e explicou, no pouco que conseguia se comunicar em português, que era para ela fazer o mesmo em um momento de perigo. Esta experiência estimulou Diane a entrar para uma academia de Judô, chamada Praia Judô Clube, em Vitória, com o objetivo de se defender das ameaças de agressões tão frequentes em São Sebastião. Ela também preferia fazer programas com os forasteiros, relata que eles beijavam "sequinho", como gosta, e que, em uma de suas viagens para uma região de prostituição no Rio de Janeiro, se relacionou com um dinamarquês chamado Bene, com quem teve muito prazer na cama. Sobre Bene, ela salienta: "nossa, lindo minha filha. Lorão, lindão, os olhos azuis. [...] Começava pela cabeça terminava lá pelo pé. Pau ia quebrando, vão bora! Bom demais". Pensou em se casar com ele, mas diz que teria que casar-se tanto no Brasil, quanto na Dinamarca. Acabou ficando com medo e desistiu. Diferente de Solange e de Denise, Diane sentia prazer na relação sexual com o "gringo", teve experiências de carinho, de cuidado e de afetividade com os poucos estrangeiros com quem se relacionou, além das vivências interculturais que os programas com eles lhe renderam, como o conhecimento de uma arte marcial, que lhe ajudou bastante nas brigas que precisou enfrentar cotidianamente no "território do desejo" da RMGV.

Diferente de Denise e de Solange, inquilinas da Veneza, boate bastante frequentada pelos "gringos", Diane teve poucos fregueses forasteiros, sua clientela era composta, sobretudo, pelos nativos, nos diferentes bordéis que habitou e que frequentou no período da "zona", como se referem ao território de prostituição de São Sebastião. Após fazer alguns programas no primeiro dormitório que habitou sozinha em Carapeba, Diane entrou para a boate de Elza Mendes, por volta de 1976. Ficou pouco tempo no local porque sua idade começava a trazer problemas para a cafetina e logo foi para o bordel chamado Patiá, onde "as meninas até bacana, entendeu? Tinha umas que, qualquer coisinha queria brigar com a gente, sabe? Inveja. Eu novinha, bonitinha, e elas assim mais coroa. Tinha muita coroa lá, sabe? Então, elas não vai muito com a sua cara e começa as implicâncias, querem te bater, entendeu?". O cotidiano da menina no prostíbulo já era bastante turbulento quando ela descobriu que estava grávida e resolveu ir para sua cidade natal, em Campos dos Goytacazes (RJ). Ao retornar para São Sebastião, então com 14 anos, foi morar na boate Continental, casa de prostituição de Maria de Jesus. Conseguiu uma certidão de nascimento falsificada que lhe permitiu ser inquilina do prostíbulo sem sofrer maiores moléstias por parte do juizado de infância e juventude. Permaneceu cerca de 3 anos na boate Continental, e, mais uma vez devido às confusões com as outras inquilinas do prostíbulo, decidiu sair e morar em um dormitório no prédio do "Seu Chiquinho", em São Sebastião mesmo. Ela passou a pagar o aluguel mensalmente e ficou livre para viajar para diferentes cidades para fazer programas, como Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Juiz de Fora (MG), Campinas (SP), e para fazer ponto nos diferentes bordéis do território, dentre os quais a Atlântica, a boate mais luxuosa do bairro, frequentada pelos homens da alta sociedade capixaba, e a Veneza, onde predominavam os clientes estrangeiros, e que tinha como inquilinas Denise e Solange.

Conforme Denise, as boates mais frequentadas pelos forasteiros, em Carapeba, eram a 92, de Vera, e a Veneza, de Eny. Esta, diz que, não obstante haver estrangeiros na casa da Vera, em toda a "geografia do desejo" da RMGV, era na sua casa de prostituição onde os fregueses vindos de outros países se concentravam. A cafetina relata que os forasteiros eram muito bonitos e tinham diversas nacionalidades, "noruega, alemão, inglês, francês, italiano, grego, filipino, chinês, indiano, tudo que você pode imaginar, suíço. Porque foi no auge do Tubarão. Então estava crescendo, era um navio atrás do outro. Tinha o píer dois, o píer um, depois fizeram o Praia Mole [...]". Ela era proprietária de cinco táxis que faziam ponto no Porto de Tubarão, de onde os motoristas traziam os marinheiros diretamente para a sua boate. Este esquema lhe garantia um fluxo contínuo de clientes que pagavam em dólar e que podiam chegar a qualquer hora do dia. Por isso, ela contava com os serviços de uma gerente para o dia e outra para a noite,

visando garantir o funcionamento da casa mesmo fora do horário do expediente habitual, que era a partir das 20 horas. Durante a noite, além da gerente e das inquilinas, trabalhavam no bordel um porteiro, um copeiro, um garçom e um conjunto musical que animava o ambiente. Eny explica que foi, principalmente, no período de construção da CST, quando chegavam os navios no Porto de Tubarão carregados de materiais para a obra da siderúrgica, o momento áureo da lucratividade da sua boate. Isso porque essas embarcações vinham do exterior e normalmente era a primeira vez que seus tripulantes atracavam aqui. Eles passavam a conhecer a casa de Eny, faziam o câmbio do dólar para o cruzeiro na própria boate, que supervalorizava a moeda brasileira em detrimento da cotação real do dólar na época, e ainda arcavam com os preços dos programas e das bebidas consumidas no bordel mais elevados do que normalmente pagavam os nativos. Como a cafetina relata,

Naquele tempo dava muito estrangeiro, em 75, 76, quando estavam construindo a CST, trouxeram muito material, muito navio. A gente ganhou muito dinheiro com aqueles navios de primeira viagem né... primeira viagem é primeira vez no Brasil. Porque esses navios que vem todo mês, igual Vitória que atraca todo mês aqueles navios, a gente chamava navio de encosta, porque era navio que não interessava pra nós. Porque ficava muito sabido, muito esperto, o dólar ele já queria aquele preço mesmo. O outro não, o que vinha pela primeira vez, se o dólar custava 10 reais¹⁷⁶, a gente falava que era 5, era 5 e acabou e jogava tudo em cima da gente, a gente passava o dinheiro pra eles e estava tudo certo.

Talvez fosse também por isso que Denise fala que "era fácil dobrar os gringos" e que Diane os considerasse uns "criança". Muitos chegavam pela primeira vez no Brasil, em São Sebastião, e, obviamente, não conheciam os costumes, os gestos, os hábitos, os comportamentos e a língua nativa, sendo facilmente enganáveis ou se deixando enganar. Estes, eram os tripulantes dos "navios de primeira viagem", enquanto aqueles que frequentavam a região de tempos em tempos, que conheciam o local, os preços, as mulheres, os programas e os lazeres, eram os marinheiros dos "navios de encosta", como chama Eny. Os segundos, entendiam demais das dinâmicas internas de São Sebastião e não eram fáceis de enganar, portanto, menos lucrativos e interessantes aos olhos da cafetina da boate Veneza. Já os primeiros, eram o público-alvo do bordel de Eny, e, para atendê-los, a cafetina decorava o amplo salão com papéis de parede, abajures e luz negra, colocava mesas e cadeiras, providenciava as bebidas, contratava uma banda para tocar música internacional ao vivo, dando destaque às músicas dos Beatles, e, quando o conjunto musical finalizava a apresentação, colocava a vitrola para funcionar, com os discos trazidos pelos próprios estrangeiros e presenteados à cafetina. Quanto à atração principal do prostíbulo, Eny procurava garantir que todas as suas inquilinas estivessem devidamente

¹⁷⁶ Eny se refere à moeda da época como se fosse a moeda atual.

arrumadas, trajando vestidos de preferência longos, nada de calças, com "aquelas perucas lindas", sandálias de plataforma, "que estava também no auge", unhas e maquiagem feitas. A dona da casa procurava delimitar a estética e os comportamentos das mulheres que trabalhavam em seu bordel, procurando padronizar a performance de gênero assumida por suas meninas nas noites do salão da Veneza.

Para tanto, ela tomava como referência estética os desfiles do estilista brasileiro Clodovil, exibidos na TV Bandeirantes, e os figurinos ou manequins constantes em revistas que comprava nas bancas de periódicos em Vitória. A costureira da boate, vinda diretamente de uma *boutique* no Rio de Janeiro, copiava os modelos encontrados na televisão e nas revistas, adaptando-os para o gosto da cafetina, que prezava pelos decotes e por figurinos mais ousados, e para os desejos particulares das inquilinas do bordel. O salão de beleza do Bibi, localizado em Carapeba, fornecia as manicures e as cabeleireiras que atendiam também dentro do prostíbulo, enquanto Eny se embelezava em um salão de sua confiança, na capital. Ademais, havia os fornecedores de perucas, sandálias, tecidos, maquiagens, joias e bijuterias que vendiam seus produtos no bordel, quando a cafetina não os adquiria nas lojas que frequentava em Vitória. Com todo o embelezamento promovido por Eny, sua inquilina "parecia uma princesa, né? [...] Todas estavam com vestido longo e parecia até um desfile de miss. Era muito bonito". Evidentemente, Eny também vigiava para que as meninas não consumissem bebida alcoólica em excesso, fossem obedientes e servis com os clientes e não brigassem entre si, conforme o ideal de conduta preconizado para as mulheres.

Eny, uma mulher branca, com o cabelo quase sempre pintado de loiro e contando com seus 29 anos de idade em 1970, era uma autêntica empresária da indústria sexual, sabia que precisava garantir uma oferta ampla e diversificada de produtos de qualidade, voltada para um público-alvo bastante lucrativo, para fazer o seu negócio prosperar. Por isso, ela cuidava de cada etapa do processo de produção e de venda dos corpos-mercadorias, abrangendo o local onde estes corpos eram consumidos e os produtos secundários comercializados. Isto é, a cafetina selecionava e embelezava as meninas que compunham o quadro de prostitutas da boate, estabelecia as regras de funcionamento do estabelecimento e contratava os funcionários responsáveis pela fiscalização e execução destas normas. Organizava a disposição arquitetônica e a decoração do recinto, zelando pela sua eficácia e harmonia, tratava da compra dos artigos que compunham o estoque do bar e chamava os músicos para alegrar o ambiente, tudo isso para que seus clientes chegassem e ficassem no bordel, gastando o máximo que podiam. As bebidas alcoólicas eram os produtos secundários vendidos na casa, que traziam muito lucro para o

negócio, apesar de não serem a mercadoria principal ofertada aos fregueses do prostíbulo. Estes, maioria estrangeiros, chegavam no estabelecimento por meio dos motoristas de táxis dispostos no Porto de Tubarão, que trabalhavam para Eny. A cafetina explica que conseguiu adquirir os cinco pontos de táxi por meio de permutas que efetuou com os antigos proprietários, qual seja, ela construiu casas para eles em São Sebastião. Já tinha a experiência e os contatos para baratear os custos e viabilizar a construção, e trocou pelos pontos de táxi no Porto de Tubarão. Os antigos donos dos pontos continuaram trabalhando no mesmo local como motoristas de táxi, mas, a partir de então, a serviço de Eny. Com isso, a cafetina atraía para a boate Veneza os marinheiros forasteiros que procuravam diversão junto às mulheres brasileiras, visando o consumo de seus serviços sexuais ou, melhor dizendo, de seus corpos.

Mas, antes dos programas propriamente, a diversão começava no salão, onde todos se punham a beber, a fumar, a dançar e a interagir, tudo às custas dos "gringos" clientes do bordel. Os estrangeiros muitas vezes também faziam uso de drogas que traziam consigo, como LSD e lança-perfume. Para aumentar seu rendimento, Eny fornecia bebidas importadas falsificadas ou adquiridas diretamente dos portos, sem arcar com os altos impostos que incidiam sobre este tipo de mercadoria, práticas proibidas pela legislação brasileira, mas nunca pegas pelo poder policial atuante em São Sebastião. Os estrangeiros, então, arcavam com os altos custos cobrados pelos *drinks* que consumiam na casa, como também com valor das bebidas de suas acompanhantes, as inquilinas da Veneza. Estas, precisavam beber os *drinks* da casa com os estrangeiros, para que as vendas aumentassem ainda mais, garantindo mais lucro à Eny. A cafetina relata o quanto lucrava com o consumo alcoólico de suas próprias meninas nas noites no salão da Veneza: "mulher da Bahia, era bicho. O que eu tenho eu ganhei com elas, porque bebia demais. E pior que não caía não. Às vezes tinha mulher que sentava com gringo, era um litro de Bacardi, que eles bebem muito, né?" De forma geral, as prostitutas bebiam bastante, exceto algumas, que, apesar de não fazerem ingestão de álcool, não deixavam de angariar com a venda de *drinks* para o negócio da cafetina. O garçom, ciente da preferência e dos hábitos de cada uma delas, trocava uma bebida que seria alcoólica por outra sem álcool e o freguês pagava o preço habitual do *drink*. Como explica Eny, "agora, aquela que não bebia, aí a gente usava o guaraná com suco de uva. Aí botava guaraná, suco de uva, gelo e limão: Campari. E o cara está pagando, né?" Ademais, a cafetina relata que "não podia beber cerveja, tinha que beber Cuba Libre. A bebida que saía mais era Cuba Libre, que a raça branca bebe muito Cuba Libre". Cerveja não gerava o lucro que os *drinks* garantiam, por isso, todos na casa deviam consumir as bebidas oferecidas no bordel. A dona da Veneza diz que não necessitava obrigar as inquilinas

a beber, elas já o faziam, em excesso inclusive, o que lhe causava preocupações, "com medo, as vezes a gente não conhecia a mulher, começava a beber e a gente não sabia o que podia acontecer". O alto consumo de álcool era imprescindível para a lucratividade da boate Veneza, mas, podia ser também a causa de conflitos que podiam levar ao desprestígio do bordel, face dupla ou múltipla da busca por riqueza em São Sebastião.

Eny, comumente conhecida como "Fia" pelas inquilinas e pessoas mais próximas, conta dos problemas que enfrentava com uma de suas meninas, a mais "danada", a "pior" dentre as inquilinas, pois não se submetia à todas as ordens da cafetina e quando ingeria bebida alcoólica costumava fazer "escândalo" na boate. Enquanto as outras, "[...] eram tudo assim, dominada, né? A gente dominava, trazia. Aquela menina que vinha de fora, a gente trazia e botava do jeito da gente, dominava". Mas, com a mais "danada" das meninas era diferente. Apesar da cafetina tê-la buscado pessoalmente em Teixeira de Freitas, na Bahia, para trabalhar em sua boate, com apenas 12 anos de idade, a menina tinha gênio forte, se decidisse algo, não havia nada que a fizesse mudar de ideia, e, além disso, "ela era uma pessoa que não podia beber, se ela bebesse, ela dava show, escândalo, entendeu? Tirava a roupa, fazia coisas que não podia, né? Aí batiam para mim e eu partia pra cima". As gerentes do bordel, uma que trabalha durante o dia e outra no período noturno, monitoravam as inquilinas cotidianamente e, sobretudo, durante as noites no salão, que não contavam sempre com a presença atenta da cafetina. Elas registravam os acontecimentos ocorridos na casa dignos de nota e da ciência da cafetina, em um caderno que era sempre guardado no final do expediente embaixo da cama do quarto de Eny, cuja chave elas detinham. No dia seguinte, a dona da casa tomava conhecimento das anotações do caderno e, caso alguma inquilina tivesse feito algo errado, "o bicho pegava". A cafetina agredia as inquilinas, como ela mesma fala, "eu era bicho! Eu falei com você da São Jorge. Eu batia, se não obedecesse". Ela menciona a telenovela chamada "Salve Jorge", exibida na Rede Globo entre 2012 e 2013, que abordou a problemática do tráfico de mulheres no Brasil e mostrou o cotidiano das mulheres exploradas como escravas sexuais em uma boate na Turquia. Na novela, a gerente, a cafetina e o chefe de segurança que administram o bordel, submetem as prostitutas a agressões constantes caso elas não lhes obedçam, e elas são mantidas presas no local. Para Eny, a situação das prostitutas em São Sebastião e as suas atitudes enquanto cafetina, são comparáveis à telenovela brasileira. Ela diz que batia muito na menina "danada", e, em uma dessas agressões ficou apavorada com as consequências de sua violência desmedida. Durante a noite, a inquilina burlou a vigilância do porteiro e escapou do bordel. No dia seguinte, a gerente

contou o feito para Eny e, assim que a menina se aproximou para tomar café, a cafetina partiu para cima dela com uma faca de serrinha na mão,

Eu cheguei pra ela e falei assim, com a faquinha na mão, mas eu não fiz por maldade, não sei nem como aquilo aconteceu: "você vai pular mesmo de novo?" Ela arregalou dois olho pra mim e eu com a faquinha, né? "Porque se você pular eu vou fazer assim ó, te rasgar de cima para baixo". Pois aconteceu. Eu fiz sem querer, não foi porque quis não. Aí ela saiu correndo e encontrou um cara que era da polícia e muito amigo meu, Falcão. Aí levou ela para a Clínica e ficou oito dias internada. Chegou lá e disse que era minha irmã, que não foi nada que eu tinha feito com ela não. E ele também, né? Livrou minha cara. Mas eu batia. Por isso que eu falei com você do São Jorge. Eu só não tomava o dinheiro delas. Mas tudo que está ali, sem ser tomar o dinheiro e tomar a droga, era aquilo que funcionava.

Para Eny, a menina "[...] não era muito certinha não, ela era meio maluquete", mas proporcionava bastante lucro para a cafetina e, por isso, não era expulsa da Veneza. A dona da casa ia tentando manter o controle da situação, mas acabou perdendo-o ao cortar a inquilina com uma faca, o que não era usual de acontecer. A própria cafetina se surpreendeu com o que ela foi capaz de fazer, ela fala da agressão como algo fora do comum, excepcional, que a amedrontou e a assustou. Geralmente, quando uma de suas meninas infringia as normas da casa, ela dava um sermão, uma surra, podia utilizar até cabo de vassoura para tanto, mas não chegava ao ponto de fazer uso de objetos cortantes. Dessa vez, contudo, Eny se excedeu e feriu a menina sem premeditação e mesmo sem se dar conta, tamanha a sua raiva e necessidade que sentiu de mantê-la sob controle. A inquilina, por seu turno, pareceu não se revoltar contra a cafetina, não buscou uma vingança denunciando-a ou procurando qualquer penalidade. No hospital, disse que era irmã de Eny e que o ocorrido não foi proposital. Não obstante a relação violenta e turbulenta vivida entre as duas, elas se tornaram amigas, a menina chega a considerar Eny como uma mãe. Até mesmo o irmão da menina veio de sua cidade natal para trabalhar com a cafetina em Carapeba. Segundo Eny, a antiga inquilina atualmente é casada, mora em Goiás e é funcionária de limpeza na prefeitura da cidade onde reside. Visita a antiga cafetina, agora amiga, ocasionalmente, e liga para ela com frequência. "Quando passou a novela ela ligou para mim, elas me chamam de 'Fia', né? 'Fia, você está vendo aí? Olha aí, você de novo!' Pelo amor de Deus. Mas até eu fiquei revoltada quando eu vi a novela, porque era tenso". Efetivamente, em uma das nossas visitas à Eny, quando da realização da pesquisa, encontramos com a tal da menina "danada", chamada Marlinda, tão mencionada pela cafetina. Elas usufruíam de uma prosa amigável e, com a minha presença, passaram a falar com saudosismo da época de São Sebastião, mencionado a participação de Marlinda em surubas com Dante Michelini, um homem da elite capixaba, que dá nome a uma das principais avenidas da capital, e comentando sobre as semelhanças do período áureo da boate Veneza, com a novela Salve Jorge.

Para além da repressão e da exploração sexual que Eny exercia com as suas inquilinas, a cafetina era também uma figura de proteção e de cuidado para as meninas. Era ela quem as vestia, quem as ensinava a ganhar e a gastar dinheiro, as regras de conduta do território, a namorar, a evitar a gravidez e a cuidar da saúde. Era ela quem providenciava a certidão de nascimento falsificada para que elas pudessem trabalhar sem serem pegadas pelo juizado de menor e que as encaminhava para as clínicas ou as mulheres que faziam aborto clandestino caso necessitassem. Era ela, muitas vezes, que as socorria em qualquer problema que tivessem entrado, seja com a polícia, com outras mulheres ou pela ingestão excessiva de bebida alcoólica. A cafetina era a única referência, mais próxima da familiar, que essas meninas contavam ao entrar para a indústria sexual de São Sebastião. As atitudes de agressividade e a severidade da cafetina para com suas inquilinas, eram vistas, amiúde, como maternais, como uma mãe que bate e briga com seus filhos para protegê-los e para ensiná-los sobre as dificuldades da vida. É assim que Marlinda interpreta as ações de Eny durante sua juventude, diz que a cafetina terminou de criá-la, dos 12 anos, quando chegou no território, até se tornar adulta e deixar a prostituição. Após a decadência de Carapeba, ela ainda trabalhou com a cafetina em outra casa de prostituição em Vitória, como garçoneiro e copeira, e, posteriormente, administrou por um período o edifício da antiga boate Veneza, que se tornou uma pensão com vários pequenos apartamentos alugados para famílias ou pessoas sozinhas.

Também Denise era bem próxima de Eny, considera-a como sua protetora e amiga, sua "comadre". Como conta,

Fia! Eu era o peixinho de *Eny*, minha bichinha. Eu colava nela, era o peixinho dela. Ela é minha comadre, eu era o peixinho dela. Depois que eu saí da boate, eu trabalhei muito tempo com ela, fui ser garçoneiro. Depois eu viajei e saí do serviço. Aí, quando eu vim, ganhei minha menina. Engravidei e a Fia sempre cuidou de mim. Mesmo eu cá, se eu ficar doente, se ela tiver dinheiro, ela manda na hora para mim. Se eu precisar de um carro, ela manda na hora. Ela sempre cuidou de mim.

Denise entrou na boate de Eny grávida. Foi abrigada pela cafetina e ficou na Veneza até sair do mercado prostitucional para morar com o namorado, um sargento da delegacia do bairro. Logo que Denise se estabeleceu na boate, a cafetina cuidou dela com bastante zelo, mandou a costureira fazer suas vestimentas no melhor estilo da casa, comprou-lhe calcinhas de renda, perucas, sandálias, tudo que era preciso para a jovem ficar impecável no salão e nas alcovas do bordel. Denise explica que a cafetina da Continental, Maria de Jesus, não cuidava e nem arrumava as meninas, enquanto a "Fia" providenciava a higiene e o embelezamento de suas inquilinas. A jovem ficava tão bonita, que ao chegar no salão, sempre a última dentre as meninas do prostíbulo, todos(as) que estavam no recinto voltavam seus olhares para ela. Segundo narra,

nos primeiros tempos na Veneza, arranjava muita confusão com as outras inquilinas, invejosas da nova prostituta e receosas de perderem seus fregueses e namorados para ela. Denise conta que estava sempre junto com Eny, tão arrumada e bela quanto a cafetina, a tal ponto que "Fia" costumava dizer que a inquilina queria competir com ela. Mas, o tom da provocação era ameno. Conforme Denise, a cafetina tinha problemas com todas as inquilinas, menos com ela. A jovem não nega a agressividade da cafetina com as meninas da casa, inclusive salienta que Eny batia muito nas próprias irmãs, que trabalharam no bordel por certo tempo, porque não admitia que elas bebessem em excesso e se comportassem mal em seu prostíbulo. Mas, com ela era diferente. Diz que a cafetina a tratava bem. Até quando Denise acabou se envolvendo com um de seus amantes, Eny ficou emburrada por um ou dois dias e logo voltou a se relacionar normalmente com a jovem. Isso aconteceu, pois, com exceção de alguns namorados conhecidos por todos(as) no bordel, outros dos amantes da cafetina se confundiam com os clientes habituais do prostíbulo, e algumas meninas podiam acabar fazendo programas com eles, sem saber que o freguês já tinha "dona", no caso, a dona da casa. Nos mais, no dia a dia no território, "Fia" dava conselhos à Denise sobre relacionamentos, orientando para que ela não se relacionasse com homens pobres, envolvidos em delitos, os "vagabundos", como fala. Cuidava da menina quando ela estava doente ou se recuperando de algum aborto, e a socorria em momentos de dificuldade, como certa vez que a prostituta foi à praia com Solange e algumas amigas, se embriagou e passou mal. Sem conseguir voltar de ônibus, a cafetina arcou com o táxi para Denise voltar para a casa e brigou com Solange dizendo "o dia que você levar *Denise* na rua e ela passar mal na rua, vocês vão pagar o carro, porque eu não pago mais".

Nessa perspectiva, Rago¹⁷⁷ explica que a cafetina paulistana de princípios do século XX era uma administradora de um pequeno negócio e, trabalhando com as prostitutas, conhecia bem os problemas que ela poderia enfrentar. "Confidente e conselheira, às vezes realizava funções de ginecologista e prestava os primeiros socorros. É claro que mantinha um alto grau de controle e exploração sobre as 'meninas' [...]. Controlava os mínimos gestos das 'alunas' do bordel [...]".¹⁷⁸ A cafetina ensinava os códigos de conduta que as inquilinas deviam seguir, as maneiras mais eficazes de agradar os fregueses, as formas de se vestir de maneira atraente e ainda exigia que as prostitutas incentivassem os clientes a consumir o máximo possível da bebida alcoólica do recinto. Com isso, "[...] muitas proprietárias das 'pensões alegres' e *rendez-vous* ficaram famosas nas histórias da cidade, muito mais pelo seu lado 'bonachão' e aconchegante do que

¹⁷⁷ RAGO, 1991.

¹⁷⁸ RAGO, 1991, p. 175.

pela exploração econômica que exerciam sobre suas subordinadas"¹⁷⁹. Pode-se perceber as mesmas atitudes e representações das cafetinas paulistanas em Eny e, provavelmente, em outras cafetinas de São Sebastião. Elas adotavam uma atitude muitas vezes maternal com as suas inquilinas e cuidavam de perto dos seus comportamentos e das suas vestimentas, exigindo e ao mesmo tempo aconselhando as meninas das boates, de forma que, pouco se fala, nas narrativas das entrevistas, na dimensão da exploração sexual que a cafetina exerce com as mulheres que trabalham em seu bordel. Com exceção de Solange, que afirma constantemente as reais intenções de Eny na época, falando que ela só queria dinheiro, como era o hábito de todas as donas de prostíbulo da região. A jovem ainda enfatiza a crueldade e a frieza da cafetina, que dificilmente são mencionadas por Denise e por Diane.

Eny traçava as principais regras de conduta e de vestimenta de suas inquilinas da Veneza, qual seja, de preferência fazer programas com os estrangeiros, mais lucrativos do que os brasileiros, ou com os nativos "coronéis", como elas se referem aos homens de grande poder aquisitivo, geralmente políticos, fazendeiros, desembargadores, juizes ou delegados de polícia, induzir os fregueses a consumir as bebidas alcoólicas da casa, não arranjar confusão e brigas no salão e, por fim, trajar-se e enfeitar-se conforme as normas do bordel, com vestidos longos, salto alto, peruca, unhas feitas e maquiagem. Além disso, as inquilinas deviam arrumar os seus próprios quartos e cumprir rigorosamente o expediente na boate, das 20 horas até cerca das 4 horas da manhã do dia seguinte, quando o prostíbulo, enfim, fechava suas portas. Mas, não obstante o rigor disciplinar imposto pelas normas da casa, as prostitutas viviam-nas de múltiplas formas, mais ou menos obedientes a elas, escolhendo e negociando seus espaços de liberdade e de prisão, conforme suas próprias subjetividades singulares. Da mesma maneira, apesar das regras e de critérios comuns estabelecidos em todo o prostíbulo, na relação com cada uma das prostitutas que trabalham em seu bordel, a cafetina agia diferente, na medida de sua afetividade, interesse e capacidade de exercer poder sobre elas. As relações de forças alteravam-se indefinidamente em Carapeba, seguindo e, ao mesmo tempo, produzindo, as constantes modificações nos saberes cotidianos e nas subjetividades singulares do território.¹⁸⁰ Conforme Gilles Deleuze¹⁸¹, "Se os efeitos atualizam, é porque as relações de forças ou de poder são

¹⁷⁹ RAGO, 1991, p. 175.

¹⁸⁰ Não se trata de saberes científicos, mas cotidianos, que circulam e são produzidos no território constantemente. Como afirma Deleuze (2013, p. 30), "O saber não é ciência, nem mesmo conhecimento, ele tem por objeto [...] a multiplicidade exata que ele mesmo descreve, com seus pontos singulares, seus lugares e suas funções." Para o autor, que segue o pensamento de Foucault, a subjetividade deriva do poder e do saber, mas não depende deles, é formulado por meio da relação consigo.

¹⁸¹ DELEUZE, 2013, p. 46.

apenas virtuais, potenciais, instáveis, evanescentes, moleculares, e definem apenas possibilidades, probabilidades de interação [...]". Ou seja, as relações de poder e os saberes que eram produzidos no território construíam também subjetividades, mas que escapavam aos termos inicialmente postos, de forma que os efeitos do poder eram singulares e, por isso, múltiplos. Portanto, as prostitutas da Veneza obedeciam às normas da casa, de certa forma flexíveis e instáveis, na medida em que lhes era vantajoso, necessário e possível, de acordo com a singularidade de cada uma delas.

Para Denise, a proteção e o cuidado de Eny lhe rendia bastante dinheiro. Ela levava uma vida que considera repleta de luxo, consumindo inúmeros produtos e serviços, que lhe garantia certa segurança afetiva e o compartilhamento de um sentimento de solidariedade. Estes últimos aspectos, de cunho emocional e subjetivo, são relevantes na história pessoal de Denise mesmo antes de São Sebastião. Nascida em Colatina, interior do Espírito Santo, ela foi para o Rio de Janeiro com a mãe e os cinco irmãos, após o falecimento do pai. Sem condições de vida em sua cidade natal, a mãe lutou pela própria sobrevivência e dos filhos na metrópole, trabalhando como doméstica em uma casa de família. Sem ter como cuidar da filha, colocou Denise em um colégio interno e ia visitá-la mensalmente. Algum tempo se passou, retirou a menina da escola e a deixou sob os cuidados de uma "comadre", uma amiga, mantendo sempre o contato com a filha. Com aproximadamente 12 anos, Denise se envolveu com um homem bem mais velho e acabou engravidando. Ela teve o neném em Cachoeiro de Itapemirim, no sul do Espírito Santo, com a ajuda da mãe, que, após o parto, organizou tudo para que a menina fosse morar com ela e o bebê na casa da família em que trabalhava. "Eu fiquei lá um bom período com esses... mas, nunca gostei de trabalhar em casa de família. Nunca veio na minha cabeça ser empregada doméstica. Não é vergonha não, é que não gosto de gente: 'faz isso, faz isso!' Eu não gosto disso".

Morando no trabalho da mãe no Rio de Janeiro, Denise vez ou outra ia para Cachoeiro de Itapemirim visitar as amigas, até que em uma dessas viagens elas lhe apresentaram o bordel de Maria de Jesus e, dada a rentabilidade do ofício prostitucional no local, decidiu aí se estabelecer. Até que Denise foi para Carapeba levada pela cafetina. Sua experiência é marcada por relações que lhe dão certa proteção e companheirismo, com a mãe, com o colégio, com a comadre, com Maria de Jesus, e, em seguida, com Eny. A jovem repetia sistematicamente alguns hábitos de convívio e solidariedade duradouros com as pessoas com quem se relacionava cotidianamente e que lhe eram caras. A relação de afetividade que mantinha com Eny era tamanha, que era ela quem mais auxiliou e acompanhou a cafetina no hospital, quando esta tentou suicídio. E, mesmo

depois, ao decidir sair do prostíbulo sob os protestos de Eny, que dizia que Denise não iria aguentar ficar mais de 15 dias sem o luxo e o estilo de vida que estava acostumada na Veneza, a jovem voltou a trabalhar com a cafetina por muitos anos, como garçone. Mas, o ofício lhe era muito penoso, pois tinha que arcar com prejuízos que não conseguia controlar e a permanência junto à música alta tocada no recinto diariamente teve como consequência uma perda progressiva da sua audição. Ela, então, resolveu se sustentar de outra maneira, sem perder a amizade com Eny, que confirma a relação de afetividade e de confiança que tem com Denise desde que esta tornara-se sua inquilina em seu bordel.

Já Solange, esta não detém relação de afeto e de solidariedade nem com Eny, nem com nenhuma outra cafetina ou colega de profissão. Ela entrou para a Veneza logo que chegou no "território do desejo" da RMGV, mas não permaneceu lá. Mudou-se para a boate Patiá, de Elza Pernambucana, depois foi morar com um namorado e cuidar de um bar na região, voltou para a Veneza, para a Patiá, e assim por diante. Alterava o endereço conforme as modificações nas relações de poder e de afeto que vivenciava no bairro, sempre marcadas por desentendimentos e agressões recíprocas. Afinal, a instabilidade afetiva e de moradia marcam sua história de vida, produzindo sua subjetividade de forma desconfiada e insegura que, mesmo em constante transformação, permaneceu em seus hábitos de relacionamento e de interação cotidianos. A trajetória de Solange dentro e fora da indústria do mercado sexual é relativamente longa, comparada a muitas das meninas que chegaram em Carapeba com a idade que ela tinha ao entrar para a prostituição em Governador Valadares, então com cerca de 12 anos. As experiências de assédio e exploração sexual, gravidez indesejada, negligência parental e desprezo social, estavam presentes nas relações que Solange tecia na "geografia do prazer". Ela via Eny como mais uma cafetina, que era covarde com as inquilinas, buscando-as em suas cidades de origem, as higienizando e embelezando para tirar dinheiro de seu trabalho e ainda humilhá-las em público. A jovem explica que se as meninas comessem a se destacar no salão, a cafetina as agredia na frente dos clientes, pois não suportava não ser o centro das atenções, queria sempre aparecer. "Tinha mulher lá, que ela arrancava a peruca. Deixava a mulher de pico de fora no meio do salão, quando o salão estava assim de gente". Ela fala que Eny "fazia a vida" junto com elas, apesar dela não admitir, e, "se a gente desse bobeira, minha filha, ela tomava os homens da gente. Sem vergonha ela". Solange acrescenta que duas irmãs da cafetina "batalharam", outra forma de referir-se à atividade prostitucional, durante certo tempo na Veneza, e que Eny batia nelas com frequência, quando se envolviam com "vagabundos",

homens pobres e que pagavam pouco pelos programas. E conclui, "mas, até hoje eu me dou bem com ela", sem ser amiga, mas, tampouco, inimiga.

Mas, diferente de Solange, grande parte das prostitutas de Carapeba chegavam muito novas na região. Sem nenhuma experiência anterior no mercado sexual, começavam a se prostituir com idades que variavam de 11 a 16 anos, de forma geral. No caso de Diane, ela chegou no território ainda mais nova, com apenas 9 anos, mas, efetivamente, entrou na indústria do comércio de corpos femininos com cerca de 12 anos. Outras mulheres, chegavam na "geografia do prazer" da RMGV depois de já terem entrado para o ofício prostitucional, como aconteceu com Denise e Solange, que se estabeleceram no bairro com aproximadamente 17 anos, vindas de prostíbulos em Cachoeiro de Itapemirim e no centro de Vitória, respectivamente. Não havia um limite de idade para a entrada de mulheres no mercado sexual de São Sebastião. Crianças, jovens, adultas ou velhas podiam exercer a prostituição no local. Contudo, os programas mais caros eram aqueles realizados pelas mulheres mais jovens, muitas crianças ainda ou pré-adolescentes, mais valorizadas na indústria sexual. O ideal de beleza feminina da época, assim como atualmente, tinha como parâmetro a juventude, a magreza e a branquitude, seguindo os modelos dos corpos e dos gestos das mulheres exibidos nos meios de comunicação estadunidenses e europeus, e logo transplantados para as revistas, os jornais e a televisão brasileira e capixaba. Segundo Tania Regina de Luca¹⁸², diversos periódicos femininos brasileiros publicados a partir de meados do século XX, eram diretamente inspirados em revistas dos Estados Unidos e da Europa, quando não se constituíam em versões brasileiras dos periódicos estrangeiros, publicados sob licença. Com isso, para ser considerada uma mulher bonita no Brasil como um todo e, particularmente, em São Sebastião, elas deviam se assemelhar, o máximo possível, com as modelos europeias e americanas, isto é, extremamente jovens, magras, brancas e loiras. E, como a maioria das mulheres de Carapeba eram negras, o ideal de beleza das mulheres locais se distanciava, significativamente, dos parâmetros exibidos nos meios de comunicação. Para compensar a discrepância, a valorização dos corpos femininos no território se voltavam, então, para a juventude, a magreza, o uso de perucas loiras e as vestimentas utilizadas pelas prostitutas.

¹⁸² LUCA, Tania Regina. **Imprensa feminina: mulher em revista**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

II. 2. A chegada e a permanência das prostitutas nos bordéis

Eny procurava ter, principalmente, mulheres jovens como inquilinas de sua boate, visando manter a qualidade do seu negócio aos olhos dos clientes, cujas preferências ela procurava descobrir para atender. Para garantir a oferta de inquilinas na Veneza, a cafetina fazia viagens constantes para cidades pequenas localizadas, principalmente, no estado da Bahia, que faz fronteira com o norte do Espírito Santo. Uma pessoa, normalmente uma inquilina, conhecia uma região marcada pela pobreza, onde era possível encontrar meninas em situação de vulnerabilidade em prostíbulos ou mesmo junto às suas famílias maltratadas pela miséria, e levava a cafetina para a busca de novas prostitutas para a sua boate. Elas iam acompanhadas por um motorista responsável por conduzir o veículo grande, capaz de suportar mais cinco meninas, aproximadamente. Ao chegar nos municípios interioranos, Eny se direcionava para as boates locais e convidava as meninas para a sua casa na RMGV, argumentando que a maioria dos seus fregueses eram estrangeiros, pagavam em dólar, de forma que elas podiam ganhar muito mais dinheiro do que recebiam no pequeno bordel em que trabalhavam. Quando a menina não era de um prostíbulo da região, era de interesse da cafetina e ela sabia onde habitava, Eny ia até a sua residência e conversava com seus pais para levá-la para São Sebastião. A cafetina oferecia dinheiro para a família, em torno de 50 a 100 cruzeiros, em troca da menina, e dizia que a jovem iria sempre mandar uma quantia pecuniária para ajudar os familiares. Assim, "as mães entregava para a gente. Então, naquilo que ela entregava, era para mandar o dinheiro que as menina arrumava aqui. Senão, elas vinha buscar ou eu mesmo dava e depois as garota me pagava, né?"

Segundo Eny, as meninas e a família tinham conhecimento do negócio da cafetina, "sabia, porque elas já estavam perdidas lá no mundo. A mãe sabia e vinha depois aqui buscar dinheiro ainda. Ou, se não, a gente dava. Famílias pobres, né? É isso... [...] elas já estão tudo perdida mesmo". Entretanto, apesar da afirmação da cafetina, não é sempre que as famílias e as jovens estavam cientes de que o trabalho oferecido era na indústria do mercado sexual, para elas atuarem como prostitutas em sua boate. Isso fica evidente quando, em outro dia da pesquisa, Eny conta que, "falava a verdade, mas que era para aquela coisa, que elas falavam que era para trabalhar, né? E no caso não era". Em outro momento, a cafetina diz que quando era mais difícil para a menina aceitar sua proposta de emprego, ela usava toda espécie de artifícios para convencê-la, incluindo mentir e enganar a jovem. Muitas vezes, Eny não dizia o fim preciso do

ofício que elas iriam exercer no seu empreendimento, apenas afirmava que elas teriam bastante trabalho e iriam ganhar dinheiro suficiente para se sustentar e ainda ajudar a família. A pobreza era tamanha nesses municípios do interior da Bahia, que o mercado sexual era uma das únicas alternativas de renda para a população local, e, particularmente, para as meninas sem expectativas de vida e mesmo de sobrevivência. A cafetina tinha consciência disso e unia o útil ao agradável, isto é, dava uma oportunidade de sustento para essas jovens e suas famílias, que, de outra maneira, viveriam em condições ainda mais lastimáveis em termos de saúde, moradia e alimentação, e aproveitava para ampliar a oferta de corpos femininos no seu prostíbulo, em uma atitude que qualifica, atualmente, de gananciosa.

Nos momentos em que Eny lembra da época em que fazia viagens frequentes para a Bahia visando buscar novas meninas para trabalhar em sua boate, a afirmação de que "elas já estão tudo perdida mesmo", é sempre acompanhada de uma expressão facial e corporal que pode ser traduzida em termos linguísticos para: "vão fazer o que? Elas não têm outra opção". E ela complementa dizendo que até hoje as mães entregam suas filhas para a prostituição, esse é um problema que ainda persiste no Brasil. Na época de Carapeba, Eny salienta que desconhecia que o ato era considerado crime pela legislação brasileira, somente depois, quando o território entrou em decadência e ela ficou amasiada de um delegado de polícia, que se deu conta da ilicitude de seu negócio na boate Veneza. Mas, no período em que as viagens para a Bahia eram constantes, Eny tinha convicção na impossibilidade de as meninas melhorarem de vida em suas cidades de origem, e, além disso, sua preocupação primeira era com a lucratividade de seu empreendimento prostitucional. Por isso, ela fala que "quando a mulher era difícil para a gente conseguir, ia dobrando, ia dobrando, até trazer". A cafetina não era de perder a viagem e tampouco uma mulher cuja beleza e juventude lhe prometia bastante rentabilidade. Em uma de suas viagens, chegou a trazer sete meninas dentro do carro, normalmente um Ford Corcel 2 ou Ford Maverick, de propriedade de Eny e dirigido por um motorista. Certa vez, contudo, ela mesma resolveu conduzir o veículo, sem muito conhecimento e sem saber dar marcha ré, de forma que acabou provocando um acidente. Não aconteceu nada grave com ela, mas, sem condições de sair da situação, o prefeito da Serra, seu amante, mandou um veículo apropriado, a saber, pertencente à prefeitura, retirar o carro da cafetina do local. Incidentes e relacionamentos de influência à parte, Eny explica quais eram os destinos principais de suas viagens e a quantidade de meninas que costuma trazer em cada uma delas:

Teixeira de Freitas, Nanuque, Medeiros Neto, Eunápolis, Ilhéus, Taenga, Itabela. E também fui, mas, lá não me dei muito bem não, né? Porque tinha Coronel Fabriciano, uma área de indústria naquele tempo, estava no auge. Não me dei muito bem não. Ia

em Coronel Fabriciano, Teófilo Otoni. Trazia, mas de lá já era menos. Às vezes no lugar de cinco e seis, trazia duas. Ia para Valadares, Belo Horizonte. Rodava tudo isso aí. Mas Bahia era o foco. Bahia é onde as mães entregava. Entregava não, entrega até hoje. Porque isso para mim eu acho que não mudou nada. Que a gente vê cada coisa, né?

As viagens de maior custo benefício para Eny eram aquelas realizadas para as pequenas cidades no sul da Bahia, mais pobres e que ainda não tinham se industrializado. Nos trajetos para estes locais, a cafetina tinha uma despesa alta com combustível, hospedagem e alimentação. Mas, eras compensada, pois conseguia trazer quatro, cinco e até seis meninas consigo. Enquanto nas viagens para as cidades de Minas Gerais, ela tinha praticamente o mesmo custo e trazia somente cerca de duas jovens. Como fala, "Bahia é onde as mães entregava", onde a vida era ainda mais difícil, mais penosa e mais miserável do que nos locais que visitava em Minas Gerais. Conforme Eny, as outras cafetinas de Carapeba utilizavam o mesmo procedimento para compor seu quadro de inquilinas, prezando pela juventude em relação à idade e a novidade das meninas no mercado sexual do território, pois, vindas diretamente de outros municípios, elas ainda não haviam passado por nenhuma outra boate do bairro e não eram conhecidas pelos clientes de São Sebastião. Este era um aspecto também valorizado na indústria de corpos femininos, qual seja, a novidade daquele corpo, naquela área. Sobre as viagens de Vera, proprietária da boate 92, em busca de novas inquilinas, Eny conta que "ela ia muito em Minas, Colatina, essas região aí. Eu não, meu caso era a Bahia, porque eu já ia em cima, né? Já ia para trazer. Porque às vezes também você quebrava a cara, né? Você pegava um carro, igual uma vez que eu fui em Minas, eu trouxe uma". Diante da decepção e do prejuízo com a viagem para Minas Gerais, a cafetina aprendeu que as regiões mais vantajosas para "adquirir" suas inquilinas eram mesmo no interior do estado baiano, onde as pessoas estavam mais necessitadas.

Essas meninas tinham cerca de 11, 12 anos quando saíam de suas cidades de origem para começar uma vida nova em São Sebastião. Algumas, principalmente as mais jovens, não tinham nenhuma experiência prostitucional anterior. Outras, contavam com a pouca experiência adquirida no pequeno bordel da região de onde vieram, no qual o movimento de fregueses era muito menor do que em qualquer prostíbulo de Carapeba. De forma geral, as meninas eram pouco escolarizadas, quando não eram totalmente analfabetas. Muitas não iam à escola em seus municípios de origem e não aprenderam sequer a alfabetização básica. Conforme a reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios", 90% das mulheres que viviam no território eram analfabetas, mas não é possível averiguar a veracidade desta informação. A visão sensacionalista e higienista da reportagem pode conduzir à um exagero quanto à precariedade

da condição das prostitutas do bairro. Entretanto, parece certo que a maioria das mulheres do território eram, de fato, analfabetas e pouco escolarizadas, negras e pobres.

Esta era, de forma geral, a condição das sujeitas da pesquisa. Denise foi para o “território do desejo” da RMGV analfabeta, aprendeu a ler e a escrever muitos anos depois, com cerca de 57 anos, quando começou a frequentar a Igreja Assembleia de Deus e a ler a Bíblia. Solange é analfabeta até os dias atuais, tem dificuldades de escrever até mesmo o nome. Diane, por sua vez, é mais escolarizada, frequentava a escola antes de fugir de casa para ir para São Sebastião. Contudo, interrompeu sua formação escolar precocemente. Ela lê e escreve com mais desenvoltura que as demais. Eny explica que a maioria das meninas vindas da Bahia não eram alfabetizadas, enquanto muitas daquelas vindas de Vitória, nos primórdios da região de prostituição de São Sebastião, já contavam com alguma escolaridade. Ainda muito novas e sem a escolarização adequada, as inquilinas recém-chegadas na Veneza precisavam se adaptar às regras específicas da boate de Eny, às relações com as outras prostitutas da casa e às dinâmicas sociais características da "geografia do prazer" da RMGV. Diante de uma modificação tão substancial de seus laços de afetividade, de seu enraizamento e da rede de relações de poder em que se inseriam, em um período crucial de seu desenvolvimento físico e emocional, essas meninas encontravam na cafetina a proteção que precisavam para construir suas próprias subjetividades. Por isso, Eny afirma que elas eram dominadas, que as moldava da forma como almejava. Ela tornava-se a responsável por essas crianças, encarnava uma figura maternal para elas, não obstante a exploração sexual e a repressão em que as submetia. Obviamente, essa dominação deve ser relativizada, na medida em que se compreende que em toda relação de poder há também a resistência e que é possível visualizar diversas insubordinações das inquilinas à cafetina, cada uma ao seu modo, como fizeram Marlinda, Denise e Solange, ao burlar várias ou algumas das regras do estabelecimento e da cafetina.

Assim que chegavam na Veneza, Eny tratava de providenciar as certidões de nascimento falsificadas para cada uma das meninas, a maioria ainda criança, para forjar sua maioridade de, no mínimo, 18 anos. Conforme a cafetina, o chefe do juizado de infância e juventude, chamado de senhor Alberto, "[...] perseguia muito as donas de casa. A mim não, porque eu tinha conhecido o tal do Geovane que era promotor do juizado de menores, lá em Vitória, e ele tinha uma menina na casa que era muito amiga dele, então, ele me protegia. O Sr. Alberto não podia fazer nada contra mim". As investidas dos agentes do juizado eram constantes no território e exigiam que Eny estivesse preparada para lidar com suas exigências e, ao mesmo tempo, manter sua oferta de meninas. Para tanto, ela contava com o auxílio de homens influentes, fregueses

do seu bordel, como o citado promotor, outro chefe do juizado, de nome Silvio Roberto, e o prefeito da Serra, Aldary Nunes¹⁸³, seu amante. Nos primeiros anos, o procedimento era feito em um cartório da Vila Rubim, no centro da capital, sem maiores dificuldades. Seu cozinheiro, um homossexual, como salientado por Eny e por Solange, ia com as meninas e algumas testemunhas e fazia o registro normalmente, como se elas nunca tivessem feito um documento antes, alterando somente as datas de nascimento. O mesmo processo era também feito por um policial, amigo da cafetina. Depois, um funcionário de um cartório no município, de propriedade do prefeito amante da cafetina, pegava as meninas diretamente na boate Veneza e as levava para fazer os documentos. Quando as inquilinas voltavam para o estabelecimento, já estavam com suas devidas certidões de nascimento. Eny acrescenta que, "outras, as mães vinham também, iam lá e registrava. Outros, já registravam para a gente lá na Bahia, já vinha com documento. Porque às vezes muita menina daquela nunca tinham tido nem documento, era registrada pela primeira vez". Então, de diferentes maneiras e por meio do contato com diversas pessoas, a cafetina providenciava para que suas inquilinas atestassem todas a maioridade, para evitar problemas com o juizado.

Eny salienta que a aquisição do documento das meninas era devidamente anotada no livro de registros que mantinha no prostíbulo, para o controle da entrada e da saída delas, além de todas as informações pertinentes à cafetina e à Delegacia de Costumes e Diversões. Cada programa realizado, as saídas e os retornos ao bordel, a mudança das prostitutas para outra boate, as doenças vivenciadas, tudo era devidamente registrado no livro.¹⁸⁴ "Por exemplo: morava na minha casa, aí elas ia embora para... Colatina, ou pra Linhares. Ela tinha que dizer para onde ela ia. Daí a gente tinha que ir no livro, dar baixa na delegacia para bater o carimbo". A polícia mantinha um controle rigoroso dos livros, levados frequentemente para serem devidamente conferidos e carimbados pelos agentes, e, segundo a cafetina, a própria delegacia arquivava esses registros e confeccionava as fichas de todas as prostitutas. Isso porque, segundo Eny, "se viesse a acontecer alguma coisa, assim, uma doença, no caso, né? Ou alguma coisa que acontecesse com aquela pessoa, então a polícia já sabia de onde ela tinha saído, para onde ela tinha ido".¹⁸⁵

¹⁸³ Aldary Nunes foi eleito prefeito da Serra pela Arena, para um mandato de 1972 a 1976. BORGES, 2009.

¹⁸⁴ Em um período posterior, quando esteve amasiada com um delegado de polícia, Eny jogou fora todos os livros por recomendação do companheiro, que temia as consequências legais daqueles documentos.

¹⁸⁵ Buscando comprovar a existência das fichas de registros, procuramos informações nos arquivos da Polícia Civil de Vitória. Contudo, este material não foi encontrado. Ele pode estar guardado em algum "arquivo morto" da Secretaria de Segurança Pública do estado. O fato é que, diante das dificuldades em encontrar esses documentos,

Essas meninas que chegavam da Bahia ou de Minas Gerais, tinham seus documentos pessoais falsificados ou produzidos para atestarem maioridade e passavam a trabalhar no "território do desejo" da RMGV, eram negras em sua maioria. Em relação à raça das suas inquilinas, Eny diz: "eu não dava muita sorte com mulher loira não, tá? Muito pouca. Mulher mais parda. Tinha umas pretinha também. Pretinha quem gostava muito era a raça alemão e noruega, os branco, aqueles homão. Teve um que casou com uma pretinha, só tinha os dente branco". A negritude não condizia com a performance de gênero estipulada por Eny em sua boate. Ela procurava seguir o padrão de beleza branco e loiro, apesar de concluir que alguns de seus fregueses estrangeiros preferiam as mulheres negras. Assim que chegavam a São Sebastião, a cafetina arrumava e dava um "banho de loja" nas novas inquilinas, como conta, "chegava aqui aquelas menina maltratada. A gente fazia a unha, cabelo, e dava um banho de loja". Eny explica que as meninas vinham dos municípios interioranos com piolhos nos cabelos, sujas e repletas de "bicho chato", como chama o piolho-do-púbis, um inseto parasita que se alimenta de sangue. Segundo a cafetina, as meninas tinham o inseto em todas as regiões do corpo com pelos, como nas sobrancelhas, nas axilas e nos púbis, que, somados aos piolhos nos cabelos, os eventuais bichos-de-pé, dentre outros parasitas, além da sujeira de maneira geral, exigiam um longo trabalho de higienização nas meninas, executado, geralmente, por uma das inquilinas da Veneza, de nome Jacisão.

Solange, prostituta na boate de Eny por certo período, explica que a cafetina "[...] trazia aquelas mulheres com cabelo de pico, que chegava a ficar arrebitado para cima. Quando era de noite, você olhava as mulheres e não conhecia elas, pareciam umas bonecas. Mas quando entravam no quarto e saía, tinha que pagar tudo para ela minha filha". A cafetina mandava a costureira fazer os vestidos longos, comprava as sandálias de salto, as bijuterias, as maquiagens e as perucas para as recém-chegadas, além de providenciar as manicures para fazer suas unhas. Muitas meninas escondiam seus cabelos crespos embaixo das perucas, passando a exibir cabelos lisos e loiros, de forma geral. Até mesmo Eny, cujo cabelo é cacheado e amiúde pintado de loiro, usava diferentes estilos de perucas no seu cotidiano em São Sebastião, todas simulando cabelos lisos, sejam loiros ou castanhos, e com penteados diversos. O *kanekalon* também era bastante utilizado pela cafetina e pelas inquilinas. É uma espécie de peruca, mas que não ocupa toda a área da cabeça, são fios sintéticos acoplados ao cabelo natural, de forma a alongar e/ou

desistimos da empreitada, tendo em vista não se tratar do objeto principal de nosso estudo, que se debruça sobre as narrativas das mulheres que viveram e trabalharam em São Sebastião.

dar volume para o cabelo. Em outras ocasiões, a cafetina utilizava madeixas para alisar o cabelo amarelo e fazia somente um penteado com laquê, que normalmente era um topete.

Tendo em vista a importância do figurino para a performance de gênero das mulheres da Veneza, Eny contava com uma rede de fornecedores de produtos e de artigos de beleza. Quando a menina acabava de chegar na boate e não tinha recursos para arcar com as despesas do "banho de loja", a cafetina pagava tudo e mantinha o registro dos gastos realizados para a dívida ser quitada assim que possível. Até mesmo o dinheiro que porventura a cafetina deixava com a família de origem eram contabilizadas para elas pagarem tão logo pudessem. É neste sentido que Solange diz que "dona de casa é cafetina filha, só quer grana". Segundo Eny, suas inquilinas "[...] pegavam um estrangeiro daquele e eles passavam e elas me pagava, normal. Às vezes saia lá e já ia entregando né, porque eu tinha gerente, né? [...] No que eu gastava, elas me pagava. Mas, aquilo ali, elas andavam com estrangeiro e numa noite já tirava". Ou seja, na sua perspectiva, com o tanto de dinheiro que ganhavam em sua boate, era muito fácil para as inquilinas quitarem a dívida. O investimento de ambas era extremamente vantajoso. Entretanto, Denise relata que a despesa com embelezamento tinha um impacto significativo em seu orçamento. "A gente tinha que se vestir bem, se calçar bem, maquiagem, tudo do melhor. Para se ganhar dinheiro naquela época tinha que andar bonita. Tinha que fazer pé e mão toda semana. O que você ganhava, mais ou menos você gastava também."

Não que fosse uma obrigação para as prostitutas o consumo e o investimento constante em sua beleza e vestimenta. Mas, Eny fazia críticas e cobranças frequentes em relação à aparência de suas inquilinas, além do que, as imagens e os discursos que predominavam no "território do desejo" da RMGV produziam subjetivamente a necessidade de estar sempre bonita, bem arrumada, com roupas e artigos novos. Diane, assim como Denise, estava sempre investindo no seu figurino, sobretudo, porque acreditava que uma boa produção, com peruca, cílios postiços, salto alto e bastante maquiagem, permitia disfarçar a sua pouca idade. Claro que havia exceções, nada era fixo e universal em São Sebastião. Solange, por exemplo, preferia trajar sempre um vestido rosa básico, curto, não utilizava adereços, não usava maquiagem e tampouco peruca, ela preferia gastar o seu dinheiro com bebida e cigarro, se divertindo nas praias e nos bares da região. De forma geral, contudo, a própria Eny, ao fazer a comparação de sua atuação com as cafetinas da telenovela "Salve Jorge", confessa que de certa forma ela prendia as mulheres em seu bordel, não com o uso da violência, como na novela, mas por endividamento, pois as meninas só podiam sair depois de quitar tudo. "A gente era flor que se cheira também não, era não. [...] E quando fazia coisa errada a gente dava uns tapa também". A agressividade era um

instrumento de controle e disciplina utilizado pela cafetina na casa, enquanto o endividamento fazia com que as inquilinas precisassem estar sempre ativas no mercado sexual, visando angariar os fundos necessários ao pagamento de suas dívidas, o que assegurava, ao mesmo tempo, o lucro constante do bordel.

Quando uma prostituta endividada queria deixar de viver e trabalhar no bordel, normalmente um homem, com quem iria se casar ou amasiar, pagava a sua dívida, ou outra cafetina arcava com o custo e a levava para a sua boate, que frequentemente localizava-se em Carapeba mesmo. Eny explica que as donas de bordel da "geografia do prazer" seguiam todas o mesmo procedimento para angariar e manter as inquilinas em suas respectivas casas. Isto é, faziam viagens para trazê-las, davam um "banho de loja" nelas, sustentavam suas dívidas e pagavam para as outras cafetinas quando queriam as meninas em seus estabelecimentos. Como relata, "não só eu, como a dona da Lancaster e da Atlântica. Elas também usavam o mesmo esquema. E quando as minhas meninas estava bonita, então elas pagavam para mim, para tirar a menina! As outras donas de casa pagavam. Como eu pagava também, se ela quisesse vir". Eny continua contando,

A Odarina dizia assim para mim, eu nem sabia de negócio de vender passe de futebol: "Eny está igual futebol, vocês estão vendendo os passe, você e a Vera". Porque a gente era muito assim, uma tinha coisa com a outra, entendeu? Rixa assim. Porque eu tirava de lá e ela tirava de cá, eu tirava de lá e ela tirava de cá. Porque ela via uma mulher e enquanto ela não tirava, ela não sossegava. E eu fazia a mesma coisa!

A Vera era proprietária da boate 92, também chamada de Lancaster, o outro bordel mais frequentado por estrangeiros além da Veneza. Eny e Vera eram as principais concorrentes uma da outra, disputavam os mesmos clientes. Mas a primeira tinha táxis de sua propriedade que faziam ponto no Porto de Tubarão, de maneira que ela conseguia trazer os fregueses forasteiros diretamente para a sua boate, garantindo, assim, um movimento maior do que na 92. Ao menos é o que indicam as entrevistas realizadas. Para além da concorrência, contudo, a rixa entre as cafetinas, cada qual querendo tirar as "boas" inquilinas do bordel da outra para realocá-las nos seus, evidencia uma disputa de poder não somente mercadológico, pelo domínio e comércio dos corpos prostitucionais, como também por uma hegemonia de *status* social, por um poder simbólico. A Dinorá, dona da boate Atlântica, a mais requintada do território, por sua vez, diferenciava-se das demais cafetinas ao não aceitar meninas vindas de outros prostíbulos da região. Ela fazia uma seleção rigorosa das suas inquilinas e só aceitava uma mulher de Carapeba quando esta passava um tempo fora da "geografia do prazer" da RMGV, tornando-se, de certa forma, mais desconhecida pelos fregueses. De qualquer maneira, para além das rivalidades e de

algumas diferenciações condicionadas em grande medida pelo público-alvo dos bordéis, o mecanismo de funcionamento era mais ou menos o mesmo em todos os prostíbulos de São Sebastião. As dissimetrias estavam, sobretudo, no tamanho das boates, no estilo e no grau de arrumação das inquilinas, na decoração e disposição arquitetônica dos cômodos, na organização disciplinar, nas atrações musicais e artísticas, no requinte das bebidas e nos valores cobrados por todos os serviços e produtos oferecidos.

No período áureo de São Sebastião, nos anos de 1970 a 1976, o número de inquilinas da boate Veneza chegou a 65. Elas trabalhavam e dormiam nas 45 suítes que havia no bordel. Eny construiu todos os quartos com banheiros privativos, tornando-os bastante confortáveis e com certo requinte, para atrair a clientela e desencorajá-la a sair da boate para realizar os programas em motéis, cujas alcovas poderiam ser de melhor qualidade. As prostitutas mais ativas, que faziam diversos programas por noite, contavam com um quarto individual, enquanto as menos lucrativas precisavam dividir com outras mulheres. Conforme a cafetina, até cinco inquilinas compartilhavam um mesmo dormitório na Veneza, a quantidade de meninas por quarto dependia do número de programas que cada uma delas fazia por noite. "Então aquelas que eram linha de frente, assim, inquilinas boas, elas ficavam sozinhas. As outras era jarrão assim, só para enfeitar. [...] Às vezes, tinham muita vergonha, não tinha coragem, até se adaptar, né?". Eny conta que uma de suas inquilinas, linda, com cerca de 12 anos, chegou a fazer 23 programas por noite. Certo dia, um cliente morreu em cima dela, em meio ao ato sexual. Os policiais federais que estavam no bordel retiraram o corpo e levaram para o hospital. Logo em seguida, a menina voltou à ativa, "ela botou mais onze na noite, aquele dia. A mulher era bicho mesmo". Também Denise e Solange eram bastante ativas e lucrativas para a boate, contando com seus quartos exclusivos. Já as inquilinas que faziam poucos "michês", outra forma de se referirem aos programas, permaneciam na casa dividindo as alcovas, pois a sua presença era importante no salão para o êxito do negócio. Isso porque, para atrair a clientela no bordel, era primordial que o recinto estivesse movimentado, repleto de mulheres, com banda musical tocando, garçom e bebidas à disposição.

As prostitutas deviam seguir, o mais fielmente possível, as regras do estabelecimento, qual seja, estar de prontidão no salão das 20 horas até o fechamento da boate, que variava entre 3 e 5 horas da manhã, não sair do bordel durante este período, não beber em botecos da redondeza, não se misturar com as pessoas de fora da casa durante o expediente e, caso quisessem sair do recinto com um freguês, este devia pagar uma multa ao copeiro do bordel, que custava por volta de 100 dólares para os estrangeiros, mesmo valor cobrado caso eles quisessem dormir na boate.

Com isso, o cliente "levava, viajava, fazia o que queria. Se ficasse três dias fora, era trezentos dólar, se ficasse dez dias era... como que fala... cem cem cem cem cem, dez, né?". A cobrança da multa pela saída das inquilinas do prostíbulo era uma forma de compensar as perdas ocorridas por elas deixarem de fazerem os programas dentro estabelecimento, o que fazia com que a cafetina não ganhasse com o aluguel das suítes do recinto. Da mesma maneira, se o cliente dormisse toda a noite em um dos quartos da boate, ele ocupava uma alcova que deixava de ser alugada para outros programas, provocando um prejuízo que era contrabalanceado com a cobrança da multa. Depois do término do expediente, por volta das 4 horas da manhã, se as inquilinas não tivessem saído do prostíbulo e o freguês não estivesse dormindo na alcova, elas podiam levar seus amantes para os seus quartos. Eny explica que os namorados só não podiam prejudicar o trabalho das meninas, se eles fossem para as alcovas depois do fechamento do salão, não havia problema. Mas, "se tivesse gigolô eu achava ruim. Aí, eu apertava o cerco, botava para correr". Os gigolôs eram aqueles que se relacionavam afetivamente com prostitutas, usufruindo de seus ganhos e sendo sustentados por elas. Nas palavras de Walmor Miranda, delegado de São Sebastião, eles eram "[...] pobres coitados que vivem às vezes as custas de umas criaturas daqui, apenas a troco de um prato de comida, uma dormida depois das três horas da madrugada". Ao tomar conhecimento, "[...] em pleno dia o elemento dormindo aí, então eu mando deter e dou a vadiagem, artigo 59, e que dá no máximo 3 meses de cadeia". Tanto a polícia da região, quanto a cafetina, procuravam afastar esses homens das ruas e dos bordéis do território.

Entretanto, o que importava mesmo para as entrevistadas, era manter a relação com os seus namorados enquanto eram inquilinas das boates. Para tanto, Denise burlava as regras da casa quando estava namorando o policial com quem viria a se amasiar, pois, assim que chegava no bordel, ele queria ir para a cama dormir. Ela, então, "[...] tinha que botar ele lá, trancar a porta e pendurar a chave cá, para Fia não me xingar. E se eu arrumasse programa tinha que ser pedindo a chave de uma emprestada". Essa rotina desconfortável para a jovem se repetiu até o namorado encontrar outro lugar para eles ficarem, e ela sair da Veneza. O mesmo ocorreu com Solange, que saiu do prostíbulo para morar com o namorado taxista em uma residência particular, "porque morar em boate naquela época e ter amante não dava não. Eu tinha que pagar o quarto toda vez que ele entrava". Já Diane, nas outras boates do território, costumava ficar com o amante no salão, "[...] no canto lá, sentada, ouvindo o som, tomando refrigerante, assim, dançando, tipo um clube". Ao fechar o recinto, o casal subia para o quarto ou saía para uma lanchonete no bairro. Em algumas ocasiões, ela deixava o indivíduo no salão enquanto

realizava programas nos quartos, sem ele saber, "porque na saída eu fazia o homem ir na frente. Ele saía, eu esperava um tempo no banheiro lá dentro, ficava lá de bobeira, para ele não desconfiar. Aí saía. 'Você estava onde?' 'Fui lá em cima e estava conversando com uma amiga minha que estava passando mal'. Disfarçado. Entendeu?" Diane se sentia mal com a situação, mas, precisava fazer os "michês" para se manter, no caso de o namorado não ser capaz de sustentá-la. Ela garante, entretanto, que averiguava a saúde e a higiene dos homens com quem se envolvia para não ser transmissora de DSTs, "porque é isso, também que mata. Você acaba de ficar com uma pessoa e não sabe se a pessoa está com saúde ou não e logo fica com outro, já pensou? E joga uma porcaria de uma bomba em cima do outro?"

Namorados e amantes à parte, o empreendimento prostitucional da Veneza era levado a cabo por cerca de dez funcionários(as), dentre os(as) quais, as faxineiras, as lavadeiras, a costureira, o cozinheiro, responsável pelas refeições dasinquilinas, o porteiro, o garçom, as gerentes, uma do dia e outra da noite, e o copeiro, que trabalhavam sob a chefia de Eny. Assim como nas outras boates de São Sebastião, o mercado do comércio sexual na Veneza girava em torno do aluguel das chaves dos quartos. Quando as meninas desciam para o salão às 20 horas, as chaves de todas as alcovas ficavam na copa, com o responsável que, durante muito tempo, foi o irmão da cafetina. Era ele quem fazia o câmbio do dólar para o cruzeiro para os clientes estrangeiros da boate, valorizando a moeda brasileira acima do câmbio oficial, quem comprava e vendia as bebidas, amiúde adulteradas, aos fregueses, e quem cuidava do aluguel das chaves das suítes da Veneza. Somente ele, as gerentes e a cafetina podiam entrar na copa, que ficava no mesmo ambiente no salão, separada apenas por um balcão, onde os produtos eram passados para o garçom servir, e os fregueses e as prostitutas eram atendidos. A função das gerentes era de manter o controle disciplinar dasinquilinas, principalmente, e de auxiliar o copeiro e a cafetina no que precisassem. Para alugar os quartos da casa para a realização dos programas, os clientes pagavam e pegavam as chaves das suítes no balcão, diretamente com o copeiro, de maneira que toda a arrecadação financeira da boate, somando as provenientes do câmbio, das bebidas e das chaves, ficava sob sua responsabilidade. Com relação aos dólares, o irmão ou a própria cafetina iam para o centro de Vitória efetuar o câmbio mais rentável para a moeda local, com um "fornecedor de navio" situado em um dos escritórios do edifício onde hoje fica o Centro Cultural Sesc Glória. Eny comenta que fazia o câmbio no mesmo prédio em que ela e as demais sujeitas da pesquisa foram participar da exibição de pré-estreia do curta-metragem "Território do desprazer", em 2017. Na década de 1970 para trocar dinheiro, em 2017 para assistir e debater

um filme que fala de si mesma e do território de Carapeba, Eny foi ao edifício do atual Teatro Glória, no centro da capital.

Segundo Eny, quando os estrangeiros estavam dentro da casa, os brasileiros se afastavam, pois eram preteridos pelas prostitutas, que preferiam fazer programas com os primeiros. Com isso, o ambiente do bordel ficava dominado pelos gringos, as músicas estrangeiras alegravam o salão e eles usufruíam do espaço e das companhias ao seu bel prazer. Em certas ocasiões, os gregos faziam suas festas típicas na boate, colocavam os discos de suas músicas tradicionais para tocar, começavam a dançar e a quebrar pratos no meio do salão, tudo devidamente custeado por eles, claro. Já nos momentos em que a clientela era nativa, os artistas mais tocados pelas bandas e na vitrola era Roberto Carlos, Diana, Vanderleia, entre outros nomes de destaque nacional. Eny explica que os estrangeiros desembolsavam cerca de 40 dólares pela chave do quarto e depois pagavam para as meninas o valor, previamente estipulado, que elas cobravam por seus serviços sexuais, "[...] eles davam a elas trezentos ou quatrocentos. E ainda tinha uma outra coisa: aquelas espertas, porque tinha mulher muito esperta, mulher de gringo, [...] tinha mulher que falava filipino, japonês, ela roubava do gringo, entendeu? O gringo bebia, ficava doidão, aí elas metia a mão". Proveniente de navios de "primeira viagem", que dificilmente iriam atracar em Vitória novamente, esses forasteiros eram considerados fáceis de enganar, eram uma grande oportunidade para as prostitutas conseguirem uma boa quantia de dinheiro. Enquanto Solange afirma que não precisava roubar dos gringos porque já ganhava bastante com eles, e que Diane diz que não tinha coragem de furtá-los, Denise conta que era a "cabeça" do esquema de furtos aos estrangeiros. Ela procurava extrair deles o máximo que podia, o que lhe garantia o sustento para todo o mês e evitava que precisasse fazer muitos programas para viver. De forma geral, Eny explica como era o cotidiano no salão da boate Veneza:

Ficava aquela turma dançando. Aquela que eles gostavam, eles iam apanhando. Chegava na copa, tinha coisa de chave assim e estava os números de cada quarto. Então, pagava e levava para o quarto. Entendeu? A mulher mesmo não pagava nada, quem pagava era o homem. Se ela não ganhasse nada, ela não pagava nada. Como a gente tinha... eu tinha a *Diane*, tinha a Cléo, que era a outra que mora aí. [...] Como a gente dizia, né? "É o jarrão para enfeitar". Tinha as loiras, tinha as morenas, tinha as... Todo jeito, né? E aquelas que usavam aqueles perucão, de tudo quanto era jeito, eu comprava mesmo. E era assim.

Com muitas meninas disponíveis no recinto, dançando, conversando e bebendo, os clientes escolhiam as de sua preferência, acertam com elas o preço do "michê", pagavam a chave do quarto na copa e se direcionavam para as alcovas. As inquilinas não arcavam com nenhum custo da residência e do uso das suítes da boate. Sua função era, tão somente, permanecerem no salão enquanto o prostíbulo estivesse aberto, enfeitadas e de prontidão para os clientes. Elas não eram

obrigadas a fazerem programas com homens que não quisessem. A própria cafetina recomendava que elas selecionassem bem seus fregueses, para ficar com os mais rentáveis, e não com os de menor poder aquisitivo. Era o que fazia Solange e Denise, ao escolherem criteriosamente seus fregueses, utilizando seus artifícios pessoais. Segundo Solange, nas noites no bordel, Denise usava vestidos longos, peruca, maquiagem, fica "como uma madame", e gostava muito de dançar no salão, "o que fazia muito bem", como diz Eny. Denise concorda que ficava como uma princesa, muito elegante e bela, e gosta de dançar. Solange, por sua vez, preferia trajar vestidos curtos, feitos pela costureira do prostíbulo especialmente para ela, e era bastante ativa na busca por programas, se oferecendo aos melhores fregueses. Ela conta que, certa vez, "*Denise* pegou um homem esquisito, de chinelo no pé, e a luz tinha faltado. Quando a luz voltou, ela [Eny] perguntou qual mulher tinha ficado com esse homem. Ela quase bateu na *Denise*, porque achou que ela não devia ter ficado com esse homem". Segundo Denise, o homem era do conjunto musical do bordel, Eny ficou "o cão" por ela se relacionar com ele, um rapaz pobre e sem nenhum prestígio social. A jovem acrescenta que na Veneza era bastante comum que a luz se apagasse, pois, a energia elétrica era ligada de maneira clandestina, para a cafetina despender menos recursos, e sempre dava problema. Para Denise, Eny não sabia administrar o prostíbulo, da mesma forma que hoje não sabe administrar a pensão, cujos pequenos apartamentos são alugados para famílias, construída a partir de uma reforma na edificação da antiga boate Veneza.

Enfim, após a longa noitada na boate, que terminava por volta das 4 horas da manhã, as meninas dormiam e, ao acordar, deviam arrumar e limpar seus respectivos quartos, tarefa pela qual algumas inquilinas pagavam uma faxineira para executar ou elas mesmas assumiam. Todos os dias o cozinheiro deixava o almoço preparado para aquelas que preferiam comer em casa ao invés de ir para restaurantes, mas elas deviam pagar pela refeição, assim como faziam quando comiam fora. Então, as meninas tinham um tempo livre até o início dos preparativos para o recomeço do expediente, às 20 horas, período no qual podiam ir à praia, fazer compras, sair com as amigas, em suma, se ocupar com o que quer que seja. Essa era a rotina diária na boate Veneza, com exceção dos dias em que um navio estrangeiro atracava no porto no período diurno e as prostitutas ficavam impedidas de sair do bordel. Deviam se manter de prontidão no salão, esperando a chegada dos clientes. Eny relata que "tinha que ter o regulamento, se tivesse o navio não ia sair", independente do horário, "a ordem era não sair. Todo mundo respeitava. Se saísse, ia pagar uma multa, naquele tempo, de cem dólar". Conforme a cafetina, as próprias inquilinas não tinham interesse em sair da boate, pois esse era o grande momento de

arrecadarem fundos vultuosos para si mesmas, com os fregueses mais lucrativos, de forma que, muitas vezes, "o gringo, quando o carro chegava, era igual urubu. Elas corria, ia em cima e arrastava". Solange era uma das prostitutas que procurava aproveitar bem estas oportunidades. Assim que se deparava com um táxi em cujo interior havia homens de outros países, se punha a oferecer seus serviços e, se necessário, entrava dentro do carro deles. Já Diane, que frequentava a Veneza eventualmente, diz que, enquanto as prostitutas da boate sentavam no colo dos estrangeiros sem permissão, ela preferia esperar pela iniciativa dos clientes, o que, amiúde, gerava confusão com a primeira inquilina que havia se aproximado dele, afinal, como fala Solange, "[...] os gringos que você botasse a mão nele, ninguém mais punha, aquele era seu".

Vivenciando esse cotidiano, Denise permaneceu muito tempo na Veneza, fez de lá sua casa, como fala. Chegou na boate em 1971, então com 18 anos e grávida, após ter sido expulsa do bordel de Maria de Jesus, e ficou lá até aproximadamente 1979, quando decidiu sair da casa e ir morar com o namorado policial. Não é que gostasse de viver lá na Veneza, mas, segundo conta, não tinha para onde ir, "[...] lá ao menos casa para mim colocar minha cabeça embaixo eu tinha, entendeu?" Ela relata como era seu dia a dia no prostíbulo:

Bom, a gente ficava até quatro hora da manhã acordada, quatro, cinco horas. Depois ia dormir. Quando levantava tinha que arrumar os seus quartos. A gente mesmo tinha que limpar, varrer, encerar. Entendeu? Tomar banho para ir almoçar e jantar tudo de uma vez só. Porque quem vai comer quatro, cinco horas da tarde almoça e janta tudo de uma vez só, né? Aí, logo naquele espaço oito horas, você já tinha que estar no salão. Então, era uma vida assim que a gente parecia que estava vegetando. Quer dizer, trocava o dia pela noite, ficava vegetando, né? Não via o dia a dia.

Mesmo quando estava doente, o que ocorria frequentemente pela inflamação de sua garganta, Denise diz que precisava estar ativa e fazer ponto no bordel. Haja vista as obrigações com a limpeza da alcova e com os cuidados com o próprio corpo que tinha ao acordar, não lhe sobrava tempo livre para fazer o que almejava. Logo precisava estar de prontidão no salão novamente. Por isso, na sua lembrança daquela época, sua vida se resumia ao cotidiano no bordel, raramente podia ir à praia ou sair daquele círculo de responsabilidades diárias. Durante a noite no salão, Denise explica que consumia bebidas alcoólicas com os clientes, caso contrário, "[...] a dona da casa não ficava [com a inquilina], não olhava com bons olhos para a gente". Mas, ela fazia conluio com o garçom, para ele adicionar água ao seu *whisky* de maneira que não se embriagasse com facilidade. Ela afirma que no bordel "tinha que dar lucro tanto na bebida quanto na chave" e explica o mecanismo de funcionamento dos programas, da chave: "por exemplo, seu quarto é ali, né? Então vamos supor, trinta reais, vinte reais, para você ir fazer um michê, que se falava

naquela época, um michê. Meia hora, quarenta minutos. Mas cada vez que você fosse no quarto, tinha que pagar. Você pagar não, o homem pagava, né?" Depois de realizado o "michê", o freguês pagava diretamente para ela o valor combinado entre ambos, "antes de ir pro quarto a gente combinava. A chave é tanto e eu sou tanto. [...] Senão tem confusão". Denise diz que recebia bastante dinheiro, "Há, ganhava. Ganhava, filha. Pena que ninguém nunca teve cabeça, ganhar eu ganhava". Não obstante ter uma despesa alta para manter o embelezamento diário, ela afirma que "mesmo assim, se tivesse cabeça, tinha dado para guardar algum". A jovem não tinha um projeto de futuro, um objetivo a ser percorrido pelo qual precisaria guardar seus recursos para conseguir. Então, ela gastava seu dinheiro sem reservas, com o que lhe convinha no momento. Sua vida se resumia ao cotidiano prostitucional, de tal maneira que ela chegava mesmo a sentir-se livre, pois, "a gente não tinha responsabilidade nenhuma. Não tinha aluguel para pagar, não tinha nada pra fazer, era só arrumar o dinheiro do almoço, da janta e do café. Isso era o mínimo detalhe".

Para Denise, o território era mesmo como uma área de confinamento, suas experiências subjetivas eram construídas tão somente neste espaço, ela dificilmente saía da região e até hoje vive lá. Segundo Bergson¹⁸⁶, a experiência é a mistura "[...] da percepção, que nos coloca *de súbito* na matéria; [e] da memória, que nos coloca *de súbito* no espírito". No presente, a percepção real de Denise sobre o significado de estar "vegetando" e, ao mesmo tempo, estar livre, dada a falta de responsabilidades que tinha, se confunde e se mistura com a memória de seu cotidiano em São Sebastião, em comparação com os anos posteriores, em que ela precisou sair do território para trabalhar e ainda necessitava exercer uma série de atividades domésticas ao chegar em casa. Suas lembranças do passado e suas percepções presentes, que são também memória contração, na medida em que, para Bergson¹⁸⁷, a percepção carrega subjetivamente todas as lembranças vividas, configuram a experiência de Denise do universo prostitucional. O autor explica que há cinco aspectos da subjetividade a serem levados em consideração na análise da memória: primeiro, a necessidade sentida pelo sujeito em negar tudo o que não lhe interessa e lembrar somente do que precisa, segundo, a função cerebral que consiste em escolher aquilo que convém retomar na narrativa do passado, terceiro, a afecção, a percepção receptiva da dor, quarto, a lembrança das situações e das sensações vividas e, quinto, a memória contração, que traz para o presente todas as lembranças das excitações sofridas. Nesse sentido, para Denise, assim como para as outras sujeitas da pesquisa, as experiências se dão no espaço

¹⁸⁶ BERGSON apud DELEUZE, 1999, p. 18.

¹⁸⁷ BERGSON, 2006.

e no tempo, pois a própria percepção do espaço é memória, e elas, vivendo ou permanecendo com uma relação afetiva próxima com o território, reconstroem diariamente suas percepções da época de Carapeba, aglutinando todas as memórias passadas nos momentos atuais. Elas estão em constante processo de produção de suas subjetividades no espaço-tempo, em uma dinâmica de entrelaçamento dos cinco aspectos da subjetividade: a necessidade, a escolha, a afecção, a lembrança e a memória contração. É nessa perspectiva, procurando se distanciar da dor e da sensação de inutilidade, em um período de sua vida em que é responsável por filhos, netos e pela geração da renda familiar, que Denise se lembra do dia a dia na boate Veneza, pensando no quanto sua vida era mais simples naquela época, apesar de percebê-la também como muito difícil e sofrida. A estabilidade de sua relação afetiva com Eny e da sua permanência na Veneza, proporcionava-lhe tanto a segurança emocional de que necessitava, quanto a sensação de que não estava produzindo nada duradouro para si mesma. Subjetivamente, Denise sentia que não estava desenvolvendo o afeto por si mesma, mas sim se entregando ao cotidiano relativamente estável, porém cansativo, degradante e sem sentido para a sua singularidade.

Já Solange, não se estabeleceu por muito tempo na Veneza e tampouco procurava seguir todas as regras da boate. Ela saía do bordel escondida para se embriagar no bar em frente, e depois, como não podia beber cerveja no salão, continuava a se embriagar com *cubalibre*, um *drink* feito por meio da mistura de Rum com Coca-cola, e com uma bebida de Gim com Fanta Laranja, pagos pelos fregueses do prostíbulo. Durante o dia, Solange pagava uma faxineira para limpar o seu quarto e, muitas vezes, saía para se divertir nas praias da redondeza, "[...] praia por aqui tudo nós curtia, praia de Bicanga, chamava Praia dos Pelados na época, a gente ia tudo pra lá, tomar banho nua, nua. [...] Bebia, depois ia embora tudo bêbada". Depois do expediente nas casas de prostituição em que trabalhava, ela costumava ir para os bares do território, onde escutava suas músicas preferidas, como as do Trio Parada Dura, e continuava a beber com os clientes, amantes ou amigas. Após a Veneza, Solange se instalou como inquilina da Patiá, de Elza Pernambucana, onde havia muitos clientes japoneses, que, segundo conta, preferiam mulheres brancas e "de bunda grande" e não mulheres negras como ela. Por isso, sua estadia na boate não foi tão lucrativa, ela conseguia fazer apenas poucos programas. De lá, Solange foi morar com um taxista que tinha um bar no bairro e passou a trabalhar no botequim dele. Sem angariar rendimentos mais vultuosos no novo ofício e diante da instabilidade no relacionamento com o taxista, ela voltou a ser inquilina na boate Veneza, seguida, novamente, pela Patiá. E, assim, Solange ia mudando constantemente de endereço em São Sebastião.

Com uma experiência de vida marcada pelo nomadismo nas relações pessoais e de trabalho, Solange adquiriu o hábito de mudar sempre de prostíbulo em que atuava como inquilina em São Sebastião. Para Bergon¹⁸⁸, diferente da memória-lembrança, o hábito é também uma memória, mas que se deposita no corpo e é voltada para a ação. Como o autor explica,

[...] nossa existência decorre em meio a objetos em número restrito, que tornam a passar com maior ou menos frequência diante de nós: cada um deles, ao mesmo tempo em que é percebido, provoca de nossa parte movimentos pelo menos nascentes através dos quais nos adaptamos a eles. Esses movimentos, ao se repetirem, criam um mecanismo, adquirem a condição de hábito, e determinam em nós atitudes que acompanham automaticamente nossa percepção das coisas.¹⁸⁹

Por meio da repetição de gestos e de ações em resposta a determinadas relações com as cafetinas, as colegas, os clientes e os namorados, de forma geral, Solange percebe a si mesma e aos outros com o hábito adquirido justamente pela repetição constante de suas atitudes. Nessa perspectiva, o corpo de Solange tinha o hábito de responder às dificuldades vivenciadas em Carapeba, mudando as condições em que vivia, o círculo de relações e as redes de afeto e de poder. Antes de chegar no território, ela precisou alterar suas relações interpessoais, afetivas e trabalhistas frequentemente, em uma busca constante pela sobrevivência e para realizar o afeto por si mesma. O hábito do nomadismo das relações e de seus espaços de vivência cotidiana constituía sua subjetividade, em permanente transformação e reconstrução, mas que carregava certos traços de memória corporal reativa. Ela não confiava nas pessoas ao seu redor e, sobretudo, não confiava nas donas das casas de prostituição que, na sua percepção subjetiva, preocupavam-se apenas com o lucro que suas inquilinas iriam lhe proporcionar. Não obstante, Solange tem uma sensação de nostalgia ao lembrar da época, não dá ênfase para as dificuldades e a exploração que sofria das cafetinas das boates da região, e sim para a sua própria habilidade em driblar as regras e se divertir, ir à praia, beber escondida das cafetinas, dançar e escutar as músicas preferidas. Ela não demonstra o mesmo arrependimento em relação à prostituição que muitas vezes caracteriza as lembranças de Denise. Ao contrário, sente saudades de sua juventude, da liberdade que tinha quando era jovem e procurava se divertir ao máximo em São Sebastião. Com uma experiência atual marcada pela velhice, pela impossibilidade de se locomover plenamente e tomar as suas decisões por conta própria, Solange lembra do passado no território recordando-se também de sua juventude, de sua disposição física e emocional, mostrando, aí sim como Denise, o quanto a vida era mais fácil naquele período, apesar das dificuldades.

¹⁸⁸ BERGSON, 2006.

¹⁸⁹ BERGON, 2006, p. 91.

Diane, por sua vez, fazia ponto na Veneza em alguns fins de semana, quando o bordel estava mais movimentado. Mas não chegava a ser inquilina da boate, não precisava seguir todas as normas da casa, apenas devia cumprir o horário de expediente no salão, como todas as prostitutas que trabalhavam no prostíbulo. Às vezes, porém, ela ia ao bordel durante o dia e ficava até o começo do expediente, às 20 horas, quando precisava se decidir se ia ficar por toda a noite ou ir embora. Essa prática acontecia no período em que Diane morava em um cômodo alugado mensalmente, no edifício do "Seu Chiquinho", em Carapeba. Depois de passar pelas boates de Elza Mendes, de Elza Pernambucana e de Maria de Jesus, com cerca de 16 anos, a jovem resolveu residir sozinha e frequentar os bordeis que lhe convinham. Ela trabalhava na Veneza, na Atlântica, saía com seus "coroas", com quem fazia programas de tempos em tempos nos motéis da RMGV, além de viajar para outras cidades da região sudeste. Em muitas destas viagens, Diane ia para a Praça Mauá, no Centro, e para o bairro de Copacabana, ambos no Rio de Janeiro, bastante frequentados por estrangeiros. Lá, em uma boate chamada *Cowboy*, a jovem foi chamada para dançar no "queijo", um palco quadrado com uma barra de ferro no centro, em que as mulheres faziam danças sensuais rodeadas pelos espectadores. Como conta, "eles me escolheram para ficar no queijo, eu ficava. Eu gostava, porque eu não era de ficar com muito homem mesmo". Dançando no "queijo", Diane recebia um salário mensal, e não precisava se preocupar em fazer programas para se sustentar. Claro que, após o expediente, por volta das três horas da manhã, tinha a liberdade de sair com alguns clientes, caso quisesse. A jovem considera suas viagens proveitosas, conseguia receber um bom dinheiro nelas, mas sempre voltava para São Sebastião, um local familiar, onde conhecia muitas pessoas e sentia-se segura. Ela diz que precisava sair do bairro ocasionalmente por conta dos investigadores que a procuravam a mando de seu pai. Quando ficava sabendo que estavam a sua procura, ela viajava, ficava um tempo fora e depois voltava. Com o aprendizado de dança adquirido na experiência no "queijo", Diane diz que atualmente sabe dançar diferentes ritmos, porque "se você souber dançar uma dança, você dança é tudo!" Ela conta que quando começou a moda do forró, mais recentemente, foi muito difícil aprender, pois estava acostumada a dançar sozinha, tanto no "queijo", quanto nas discotecas que frequentava na época de São Sebastião, mas acabou aprendendo e hoje dança tudo.

As viagens de Diane auxiliaram também na sua entrada na boate Atlântica, a mais requintada da "geografia do prazer" da RMGV. Isso porque, conforme relata, "lá era tão chique, que ela não aceitava mulher que saía daqui ou saía de outra boate e fosse para a dela, não. Primeiro tinha que viajar, dar um tempo fora, uma semana, duas semanas. Depois, voltava direto na casa

dela. Se valesse a pena, senão ela não aceitava não". Com exceção de algumas mulheres de Carapeba que viajavam e depois voltavam para trabalhar na Atlântica, a maioria das prostitutas do bordel vinham de fora da região, "vinha mulher dos Estados Unidos, Alemanha, sabe?", além de Minas Gerais, como mostra a reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios", dentre outros estados do Brasil. Diane relata que desde nova frequentava o apartamento da dona do prostíbulo, Dinorá, "[...] ficava lá o dia todo assistindo televisão. Nós ficava comendo pipoca, lendo aqueles livrinho de faroeste, entendeu? [...] Brincando". A cafetina gostava dela e a considerava linda, com sua cintura fina, pernas grossas e glúteos volumosos. Diane e Eny concordam acerca da beleza da menina na época de Carapeba. Mas, com seus 13 ou 14 anos, Diane era vista ainda como uma criança, era pequena, tinha o corpo infantil, e Dinorá não a aceitava em seu prostíbulo, receosa das penalidades que poderiam ser impostas pelo juizado de menor pela sua presença no estabelecimento. De qualquer forma, a cafetina protegia Diane, "[...] ela colocava os menino do salão de beleza, Michel e outros mais, para tomar conta de mim aí na rua, para não deixar as outras mulher vim brigar comigo, querer me cortar, entendeu?" Ela explica que diversas prostitutas do território têm raiva dela, enciumadas da relação próxima que mantém com Dinorá, e, por isso, "muitas mulheres quiseram me bater na rua". Diante das ameaças constantes, a cafetina orientava os funcionários do salão de beleza do Michel, que atendia exclusivamente a Atlântica, para que auxiliassem na proteção da menina. Ademais, Diane passou a fazer aulas de judô, em Vitória, para aprender a lutar e a se defender das pessoas que queriam agredi-la no bairro. Assim, o tempo foi passando, a menina cresceu e seu corpo se desenvolveu. Com cerca de 16 anos de idade, a estrutura física de Diane não era mais tão infantil e ela começou a frequentar a boate, sem, contudo, tornar-se inquilina permanente. Como relata, "e assim foi, fui ficando aqui, ficando ali, com o passar dos anos consegui entrar na Atlântica".

Morando sozinha em um cômodo alugado em São Sebastião, Diane fazia ponto na Atlântica de quando em vez, por aproximadamente quatro anos, "porque eu ficava e saía, ficava e saía, viajava, entendeu? Aí eu cismava e ia. Era assim". Nas noites no salão do bordel, a jovem colocava um sapato de salto alto, peruca, bastante maquiagem para parecer adulta e seu melhor traje, um vestido longo estilo "rabo de peixe", mais conhecido como sereia, justo ao corpo na parte de cima até as coxas, altura em que a saia abre rodada, valorizando as curvas do corpo e, como diz Diane, a sua cintura fina. Ao que parece, seu corpo e sua juventude eram bastante valorizados no território, e Dinorá tinha interesse em adquiri-la como sua inquilina. A cafetina ofereceu lhe pagar por uma cirurgia plástica de silicone para ela aumentar os seios, e a convidou para se apresentar nos shows de *striptease* do bordel, que consistia em dançar sensualmente

retirando toda a vestimenta no palco, mas Diane não aceitou. Não queria se submeter a uma cirurgia para colocar silicone e tampouco ficar nua para ser atração no salão. Conforme narra, "ela queria que eu fizesse de tudo. Eu não. Ficar pelada? Desfile de roupa eu fazia. As mulheres desfilavam de roupa, bem arrumada, bem maquiada. Mas fazer *strip* lá pelada, não. Nunca gostei disso não". A boate era muito elegante, todos os quartos eram suítes bem decoradas e organizadas, e a noite, o salão era repleta de atrativos, com bandas tocando ao vivo, desfiles e shows de *striptease*. "Vinham conjuntos de fora, conjuntos mesmo, de rock, sabe? Tinha *strip*, tinha desfile, tinha os jurados e tudo. Para saber a mais bonita, a mais bela. Tinha mesmo, muito lindo na época. As mulheres mais bonitas, mais lindas, só frequentavam ali". Quando era chamada, Diane desfilava junto com as outras prostitutas da boate, entretanto, era mais comum ir fazer presença no salão, nas palavras de Eny, ser o "jarrão para enfeitar" do recinto. Para a jovem, as mulheres mais lindas, vindas às vezes da Alemanha e da Argentina, eram inquilinas da boate, ela era a menos bonita de todas, como afirma, "a pézinho de cachorro que tinha lá era eu, o resto, minha filha, só mulherão. Dois metros de altura, muito chique, muito linda. Tanto é que tinha Miss Atlântica lá. Ela até morreu [...], numa pior, de HIV". Diane não almejava tonar-se inquilina do prostíbulo, pois precisaria seguir criteriosamente as regras de conduta da casa e ter muita responsabilidade. A jovem preferia residir no seu apartamento privado e ter a liberdade de frequentar a Atlântica ocasionalmente, quando "cismar", como fala.

Nas ocasiões em que fazia ponto na boate mais requintada de São Sebastião, Diane se sentava em um canto do salão e ficava fumando cigarros enquanto esperava pela oferta dos fregueses, o que nem sempre ocorria. Quando acontecia, eram eles que se aproximam dela. Como narra, "eles chegavam, pagavam refrigerante pra mim. Não me obrigava e nem insistia para mim ficar bebendo, que eu tinha horror da pessoa que ficava me obrigando". Nos muitos dias em que não fazia nenhum programa, a jovem simplesmente voltava para sua residência após o término do expediente, aproximadamente às 3 horas da manhã, e ia dormir. Diferente de Denise e de Solange, Diane não costumava consumir álcool e fazer muitos programas, era bastante temerosa, não tinha coragem de paquerar os homens em busca de um "michê" e sequer de pedir um cigarro. Já tendo enfrentado uma negativa ao solicitar um cigarro a um homem, afirma que nunca mais quis fazer isso, pois se sentira muito constrangida. Com relação aos programas, ela via as prostitutas sendo humilhadas pelos homens e não queria passar pela mesma situação, como diz, "o homem tá lá tomando a cerveja dele quieto e ela ia lá: 'vão gozar?' Aí, ele olhava para a cara dela: 'e puta goza? Puta sente aflição.' E eu ouvia de lá, ficava olhando. Deus me livre, aonde que um homem desse, uma porcaria de uns pé inchado desses, ia falar um negócio

desse comigo". Além do receio em ter uma solicitação de programa negada, Diane era cautelosa em manter relacionamento sexual, tinha medo de contrair uma DST e, por isso, preferia ficar com os homens que considerava mais confiáveis, geralmente mais velhos, casados, que se relacionavam pouco com prostitutas. Quando era um homem que ela não costuma se relacionar e já confiava nele, exigia a utilização de preservativo no encontro sexual, como relata, "[...] eu já falava logo [...]: 'ó amigo, tudo bem, a gente vai para o motel, mas é o seguinte: eu gosto que usar preservativo, não te conheço, né?'" Se o sujeito aceitasse, "[...] só nisso aí, já subiu no meu conceito, porque o homem quando ele é direito ele gosta, sabe que a pessoa é asseada, não tem doenças ruim". A jovem selecionava bem o homem com quem ia se relacionar sexualmente, "tanto que eu não sei o que é uma doença de rua, doença venérea, essas coisas. Graças a Deus, nunca. Minha pele sempre foi perfeita, meu sangue é ótimo". Além de ser criteriosa para a realização de programas, Diane ia frequentemente ao médico ginecologista para fazer exames e verificar o seu estado de saúde. Com os senhores de idade, com quem se relacionava ocasionalmente, a jovem se sentia prevenida em relação a contrair uma DST e conseguia se sustentar. Eles a ajudavam em suas despesas e pagavam bem pelos encontros sexuais, "[...] me davam cheques bons e eu ia no banco e descontava". Eram a esses "coroas" que ela recorria em caso de necessidade, quando já estava a mais de um mês sem fazer nenhum programa, como diz, "eles me ajudavam mesmo, qualquer coisa era só... não havia tantos telefones quanto há hoje em dia, porque não tinha celular essas coisas, mas tinha orelhões na avenida. Eu saía daqui, ia no orelhão, ligava pra um deles e pronto".

No dia a dia no "território do desejo" da RMGV, Diane preferia se manter sóbria, sem ingerir bebidas alcoólicas, bebia apenas suco no salão das boates, que custavam o mesmo preço de uma dose de *whisky*, no que ela avisava aos clientes com antecedência, "para não dizer que estava enganando. Ai, eu não gosto desses negócio. Depois tem briga, sabe?" Enquanto alguns homens admiravam sua sinceridade, outros ficavam inconformados pela sua preferência, e insistiam para que ela consumisse uma bebida com álcool, o que acabava levando, amiúde, às brigas e confusões. Diane não os compreendia e argumentava com eles: "se a mulher bebe muito, vocês fica reclamando. Se a pessoa não bebe, fica essa insistência besta, querendo ofender a gente". Segundo a jovem, os homens,

achavam que, por eu estar morando dentro de uma zona, eu tinha que beber. Daqui a pouco era obrigada até a traficar, matar, roubar, porque eu estava dentro da zona? Não, mas não era isso. Eu queria mostrar para eles que não, que a pessoa poderia viver aí sem beber, sem traficar, sem fazer mal para ninguém. Mas eles não entendiam, aí é aonde eu brigava.

Diane sentia o preconceito dos clientes contra ela e, logo, contra todas as pessoas que habitavam a "geografia do prazer" da RMGV. Consciente da visão deles acerca do "submundo" do mercado sexual, provavelmente a mesma do seu pai e de toda a sua família, a jovem procurava se diferenciar dessa perspectiva que encarava a prostituição como uma anomalia, uma sujeira, um flagelo social. As suas atitudes e seus hábitos de conduta eram produzidos cotidianamente em meio as relações de poder no território, em que ela procurava se afirmar como um sujeito humano digno de afeto e de respeito, como qualquer outro que se encaixava nos padrões da política de representação¹⁹⁰ da sociedade brasileira. Em sua subjetividade singular, ela não era a identidade de prostituta construída pelos parâmetros higienistas e essencialistas, tampouco era uma mulher convencional, conforme as normas de inteligibilidade identitária produzidas pelos discursos do biopoder. Na reação ao poder, ela resistia, exercia o seu poder, sua potência e sua autonomia, indo além do que lhe era imposto e cobrado. E as cobranças eram inúmeras e frequentes, em cada nova relação com um possível cliente, novamente as mesmas questões se impunham e ela precisava reagir e decidir qual atitude tomar. Diane não seguia as orientações de uma única cafetina, não se estabelecia no mesmo prostíbulo por muito tempo, mudava quando lhe convinha, procurando se sentir livre para tomar suas decisões. Ela trabalhou em cinco bordéis no território, nos quais se operava basicamente o mesmo mecanismo de funcionamento, com a arrecadação da casa pautada na venda de bebidas e no aluguel das chaves, incluindo a cobrança de multas caso os clientes quisessem sair com as prostitutas ou dormir nas alcovas dos estabelecimentos. Segundo relata, "[...] quando você entra para a boate, a chave fica no balcão com eles. Assim, com as numerações, tipo uma tábuazinha, coloca os preguinho ali com número, vinte, vinte e cinco, trinta, etc e tal". Em praticamente todas as boates, as prostitutas deviam cumprir a obrigatoriedade de permanecerem no salão desde a abertura do recinto até seu fechamento, se não estivessem nos programas, claro.

Durante certo tempo em São Sebastião, provavelmente abrangendo a época áurea do confinamento da prostituição no território, nos anos de 1970 a 1976, a circulação de mulheres pelo bairro era proibida no horário de funcionamento das boates. Conforme relata Denise, "teve um período aqui que não podia ficar na rua não. Tinha hora para ficar na rua e hora pra ir pra boate. A polícia que botou essa ordem aqui. Aí depois acabou, liberou". Nesse período, com o pleno funcionamento da delegacia e das casas de prostituição locais, enquanto as mulheres eram

¹⁹⁰ Para Butler (2016), a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria mulheres ou homens, estabelecendo *a priori* o critério segundo o qual os sujeitos são formados. A autora evidencia que a política de representação constrói as identidades enquanto unidades coerentes, mas que só tem uma realidade linguística.

proibidas de andar pelo bairro no período noturno, Solange acrescenta que "homem não podia transitar lá de dia, senão a polícia metia o cassete. Não podia não, só de noite". Eny conta que o delegado da Polícia Civil do território se reuniu com as donas dos prostíbulos de Carapeba para acertar o acordo de proibição das mulheres transitarem no bairro no horário em que as boates estavam funcionando. Uma vez redigida a ordem policial, as cafetinas eram responsáveis por transmitirem a informação para as suas respectivas inquilinas, de maneira que todas tomassem conhecimento do novo regulamento disciplinar do território.

Ambos, cafetinas e instituição policial auxiliavam-se mutuamente. Para as primeiras, o acordo para que as prostitutas não saíssem nas ruas de Carapeba era extremamente oportuno e vantajoso, auxiliando-as no controle disciplinar das inquilinas e legitimando a permanência delas dentro dos muros dos prostíbulos. Para a polícia, por seu turno, a proibição facilitava na manutenção da ordenação social do bairro e ainda lhe garantia a gratidão e a benevolência das donas das boates. Segundo Denise, amasiada de um policial por cerca de 20 anos depois de sair da Veneza, muitas vezes as proprietárias de casas de prostituição forneciam pacotes de cigarro, dinheiro, entre outras coisas, para os policiais protegerem seus negócios. Esta prática se manteve mesmo após a decadência de São Sebastião, com os novos proprietários de bordéis, muitos deles, homens, e em toda a RMGV. Denise explica que conheceu o futuro amásio quando ele trabalhava na delegacia de Carapeba, mas os destacamentos do posto de polícia local mudavam constantemente, e ele voltou a desempenhar a sua função no quartel de Vitória. De qualquer maneira, o casal fixou residência no "território do desejo" e, amiúde, durante o período em que estava amasiada com o policial, Denise se deparava com ele chegando em casa com pacotes de cigarro adquiridos nos "puteiros", como diz, em que fazia batidas policiais.

Mas, além dos "presentes" e dos recursos pecuniários que podiam receber pelos seus favores aos bordéis de São Sebastião, muitos agentes da ordem pública eram fregueses das casas de prostituição do território, lhes interessava continuar frequentando os estabelecimentos de forma segura, discreta e ordenada, e, por isso, eram primordiais a disciplina e a organização em toda a "geografia do prazer". Não somente para eles, a indústria sexual de Carapeba servia também aos inúmeros políticos, juizes, desembargadores, estrangeiros de multinacionais, entre outros homens da alta sociedade capixaba e de grande poder aquisitivo, principais clientes do mercado de corpos femininos que se fazia na região. Eny fala de diversos homens influentes com quem se envolveu em São Sebastião e conta que a Atlântica, a maior e mais requintada boate do território, tinha como freguesia os grandes nomes da política estadual, sendo, frequentemente,

fechada pelo prefeito da Serra, José Maria Feu Rosa¹⁹¹, para servir tão somente a si mesmo e ao seu séquito. O poder repressivo estatal, portanto, atuava na preservação de um mercado voltado para o desfrute dos próprios agentes do Estado e seus aliados, homens de prestígio econômico, político e social.

Afinal, vista como sujeira e sinal de devassidão dos costumes, a prostituição saiu do centro da capital do Espírito Santo e passou a se concentrar em São Sebastião, em Carapina, com apoio das autoridades policiais do estado. Nos anos de 1960, dado o crescimento da capital e de seu centro, principalmente, cada vez mais habitados e frequentados pelas famílias de classe média e alta, era imprescindível que a indústria do mercado sexual ficasse longe dos olhares e da convivência com as filhas, esposas, irmãs e mães dos fregueses das prostitutas. Como justifica a matéria "Prostituição: o trottoir nas ruas", publicada em janeiro de 1982 na Revista Espírito Santo Agora, e a reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios", exibida em 1976 na TV Gazeta, a prostituição foi "empurrada" do centro da capital para a periferia pelas forças policiais do estado, devido ao desenvolvimento urbano de Vitória. Na reportagem televisiva, o apresentador, Ruy Crespo, diz que o bairro "[...] não surgiu ao acaso por problemas de povoamento. Ele foi todo planejado, autorizado e intimado a nascer há dez anos. Naquela época, o crescimento de Vitória já não permitia mais a boemia nos centros e nos arredores. São Sebastião foi criado somente para atender a este fim". A reportagem mostra a atuação dos poderes públicos capixabas na construção e na conservação de Carapeba enquanto um local reservado à boemia capixaba. Boemia esta que não incluía as mulheres das mesmas camadas sociais dos homens "boêmios", mas somente as que trabalhavam no mercado sexual, entendido como um espaço de lazer e de sociabilidade masculino, que, por afrontar a moral, os bons costumes e a ordenação social da cidade, devia ficar afastado dos locais nobres de Vitória.

Vista como um "mal necessário", a prostituição devia apenas se distanciar da capital, estabelecendo-se em locais mais "apropriados", onde os homens pudessem continuar frequentando tanto para interagirem entre si, como para extravasarem suas "tensões latentes" em encontros sexuais diferentes dos realizados com as suas esposas ou que não se efetivavam com as namoradas. Eny explica que na relação sexual com as esposas, seus clientes costumavam seguir o mesmo padrão comportamental, sem ousadias ou novidades, enquanto que, com as prostitutas, eles podiam satisfazer diferentes apetites sexuais. A cafetina também afirma que muitos pais traziam seus filhos para perderem a virgindade com as suas inquilinas, e, algumas

¹⁹¹ José Maria Miguel Feu Rosa foi prefeito da Serra de 1977 a 1982 e, depois, de 1989 a 1990, quando foi assassinado em junho de 1990, no município de Itabela, na Bahia. BORGES, 2009.

delas, tinham preferência por estes clientes jovens e imaturos. São Sebastião era, para os homens, um local de fuga e de lazer, onde o dinheiro comprava a diversão e a descoberta sexuais, onde eles socializavam entre si e onde podiam se embriagar e apostar nos jogos de azar durante o tempo que lhes convinha, sem hora para acabar.

II. 3. Multiplicidade e organização: entre o poder e a resistência

A tal ponto a região de confinamento da prostituição de Carapeba tornara-se o lugar do lazer masculino da RMGV que Michel, cabeleireiro da Atlântica, a boate mais famosa do território, afirma em entrevista para a reportagem "São Sebastião dos boêmios", que "[...] a boemia, a vida noturna do Espírito Santo se reduz aqui em São Sebastião". Enquanto fala em seu "atelier", como o salão de beleza é denominado, ele segue fazendo penteados e verificando os figurinos das inquilinas, que são feitos no mesmo recinto, sob sua direção. As mulheres presentes são brancas, todas alisam os cabelos para fazerem os penteados e uma delas experimenta um vestido amarelo esvoaçante, com lantejoulas douradas no busto. A raça das inquilinas da boate denotam a maior escolarização que elas deviam ter e as distinções entre as mulheres brancas e negras do território, sendo que as primeiras normalmente conseguiam trabalhar em prostíbulos mais requintados, onde podiam ter melhor remuneração. O locutor da reportagem narra que as mulheres precisavam passar por um teste de seleção para serem "atração noturna" e eram classificadas entre a, b e c, sendo que as primeiras tinham inúmeras obrigações de cuidado com a aparência física. Para Michel, o bairro é como qualquer local no estado, só muda que o movimento de pessoas é na parte da noite, "[...] mas eu não vejo São Sebastião um lugar diferente de outros lugares [...]". Ele conta que é o diretor artístico do bordel e está sempre promovendo espetáculos de travestis e com cantoras. Ao que parece, para o cabeleireiro, indústria sexual e vida noturna são quase que sinônimos, ele trabalhava em um *locus* do mercado de corpos femininos como poderia estar atuando em qualquer outro espaço, dentro ou fora de Carapeba. Mas, como era aqui que se concentravam as atividades relacionadas ao comércio sexual, era aqui onde seu trabalho era mais valorizado e lucrativo.

No ano seguinte à exibição da reportagem televisiva, em novembro de 1977, foram publicadas as matérias "O reino da fantasia" e "Requebros, paetés; lá vai Carapeba", na Revista Espírito

Santo Agora, falando sobre as condições dos travestis¹⁹² na "geografia do prazer" da RMGV, com o foco em Michele, como agora era chamado o cabeleireiro da Atlântica, Michel. A primeira matéria consiste em um relato feito pelo jornalista Rogério Medeiros por ocasião de sua ida ao bairro, em abril de 1976, a mando do jornal "A Gazeta", "[...] para cobrir uma desavença entre os homossexuais e o então delegado de polícia de São Sebastião, Walmor Miranda."¹⁹³ Cerca de um ano e meio depois, não obstante o periódico não ter publicado sua narrativa, ela apareceu na revista, com direito a imagens dos travestis e do cotidiano no salão de Michele. Na época, para cobrir o caso, o jornalista foi diretamente ao salão de Michele, "[...] líder da classe no país encantado do vício", onde "grande parte dos homossexuais estava lá reunida, discutindo as preliminares da assembleia e esperando os colegas refratários".¹⁹⁴ Era um sábado, dia seguinte à proibição dos homossexuais circularem em Carapeba com pantalonas e sapatão, imposta pelo delegado, um jornalista-policial e rei Momo do carnaval de Vitória, também entrevistado na reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios". Mais tarde, iria ocorrer uma Assembleia Geral entre os travestis e Walmor Miranda, para definir sobre a possível aceitação deles à ordem imposta pelo poder repressivo estatal. Em conversa com Rogério Medeiros, no salão da Atlântica, Michele explica que é simpático ao delegado, "pois foi a única autoridade policial que passou por Carapebus e respeitou o homossexual" e valoriza a atitude dele em dar-lhes o direito de discutir sua ordem, "é sinal que ele está nos reconhecendo. Que somos gente. E quando nos sentimos gente é importante demais. É uma coisa habitualmente negada a todos nós homossexuais".¹⁹⁵

Os travestis relatam que antes do Walmor, a maioria dos policiais da delegacia local os agrediam, chegavam a espancar e a dar choques, sendo que, certa vez, um deles ficou com o corpo todo queimado com ponta de cigarro. Eles destacam ainda, a "tragédia", ocorrida em 1973, quando o então delegado Alinaldo Farias comandou uma operação de expulsão de todos os homossexuais do território. Devido a ordens superiores, somente Michele e Irani não foram pegos pelas forças policiais, os demais, mais de 20 homossexuais, foram levados em um carro da polícia, "que fedia muito a defunto", sem saber para onde estavam indo e o que iriam fazer longe dali. Eles foram embora desesperados e chorando muito. Bel, outro travesti do grupo, conta que conseguiu escapar da perseguição com o auxílio de Aurora Gorda, a cafetina que

¹⁹² Utilizamos o artigo masculino para nos referirmos aos travestis, respeitando a forma como eles próprios se caracterizavam na matéria, apesar de utilizarem nomes femininos. Diferente dos jornalistas, eles preferem se definir como travestis, em detrimento do termo homossexuais.

¹⁹³ O REINO da fantasia. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 20, p. 34-38, nov. 1977, p. 34.

¹⁹⁴ O REINO, 1977, p. 34.

¹⁹⁵ O REINO, 1977, p. 34.

viveu seu auge nos anos de 1950 e 1960, quando a prostituição ainda se concentrava na região central de Vitória.

O discurso da matéria "O reino da fantasia", mostra os travestis em sintonia com o presente delegado de Carapeba, que chegou mesmo a aparecer no recinto para fazer as unhas, no que foi atendido prontamente por Michele. Ele, então, passou a defender o seu ponto de vista, afirmando querer a valorização e a conscientização dos travestis, dizendo que os compreendia e que conhecia todos do carnaval capixaba, salientando: "gosto deles no espetáculo"¹⁹⁶. Para Walmor, os travestis, que somavam cinquenta dentre cerca de 1.400 mulheres no bairro, deviam fazer a sua performance nos shows e nos desfiles, mas não andar nas ruas cotidianamente vestidos de mulher, o que poderia assustar as crianças que os vissem. De forma geral, sua opinião era corroborada pelo grupo, que, mesmo antes de sua chegada, discutiam favoravelmente à ordem do delegado. Segundo Michele, o traje das pantalonas e dos sapatos "desvaloriza muito o travesti", "vulgariza demais", e não havia razões para eles se vestirem de mulher no ambiente externo, afinal, como diz, "[...] é fundamental que cada um assuma suas posições, nesse mundo de hipocrisias a prostituta tem que saber ser prostituta, o travesti precisa saber ser travesti".¹⁹⁷ Ele acredita que os travestis não deviam apelar, era suficiente apenas o uso de "peruquinhas simples", "tamanquinhos" e "esmalte cintilante bem clarinho", nada muito chamativo. Outro travesti argumenta que andar maquiado pelas ruas é uma atitude de "gente inferior", um erro que ele já cometeu em sua "fase de pintosa", quando usava perucas longas e muita maquiagem somente para circular nas ruas, e conclui, "hoje não, só me transformo nos espetáculos das boates. Depois que termino lavo o meu rosto. Volto a ser o que sou".¹⁹⁸

Em Carapebus, como se referem ao território, ou se era prostituta ou se era "bicha", ambos não se misturavam. Somente no centro de Vitória é que eles se confundiam, os travestis se faziam de prostitutas e se misturavam com elas na busca por programas, conforme relata um dos travestis, "outro dia eu contei mais de 80 bichas rodando bolsinha na Praça Costa Pereira, fora as bichas enrustidas. Ali se pode enganar, mas aqui em Carapebus não". Michele explica que no bairro os travestis trabalham, não fazem *trottoir*, como denomina o programa, eles têm "[...] profissão e ocupação. Tem dono de restaurante, cozinheiro, gerente de boate, arrumadeira"¹⁹⁹. Isso, sem mencionar os que são empregados no "atelier" da Atlântica como cabeleireiros,

¹⁹⁶ O REINO, 1977, p. 37.

¹⁹⁷ O REINO, 1977, p. 36.

¹⁹⁸ O REINO, 1977, p. 37.

¹⁹⁹ O REINO, 1977, p. 36.

manicures e costureiros, além dos funcionários dos demais salões de beleza do bairro. Eny diz que Bibi, dono do salão que atende a Veneza, era homossexual, assim como o cozinheiro da boate. Na visão dos travestis da matéria, as "bichas"²⁰⁰ vestidas de mulher eram prostitutas e, como eles não se prostituíam, não queriam se parecer com elas. O traje masculino usado no dia a dia era a forma como eles se diferenciam dos travestis que exerciam a prostituição.

Não obstante afirmarem que em São Sebastião os travestis trabalhavam em outros ofícios que não no comércio de seus corpos, diferente das "bichas" de Vitória, Diane e Eny relatam que havia travestis fazendo ponto nas ruas do "território do desejo" da RMGV. Haja vista a intensa perseguição de que eram alvos na região, desde dos primórdios da "zona", sua permanência no ambiente externo era desencorajada, mas pode ser que alguns ainda persistissem na procura por programas nas esquinas da "geografia do prazer". Além disso, em finais dos anos de 1970 e princípios de 1980, época em que Diane transita mais livremente no bairro, o controle policial na região diminuiu progressivamente, na medida em que a "geografia do prazer" começava a entrar em decadência, culminando na saída do posto policial do bairro. Foi se tornando cada vez mais difícil exercer a vigilância sobre as condutas das pessoas que habitavam e frequentavam o local, e as proibições acabaram sendo abolidas, inclusive as relacionadas ao trânsito de mulheres e de homens em Carapeba. Eny acrescenta que a ordem policial a respeito da circulação de pessoas nas ruas deixou de ser aplicada porque "[...] era um bairro só de prostituição, não tinha família, as famílias foram encostando depois", de maneira que não havia a quem incomodar, todos(as) que circulam no espaço estavam de alguma forma envolvidos na indústria sexual. Com isso, os travestis andavam pelas ruas assumindo a sua performance feminina, sem maiores incômodos por parte dos poderes repressivos, o que pode ter intensificado a sua presença no local. E, apesar da decadência de São Sebastião enquanto território de confinamento do meretrício, diversas prostitutas continuaram residindo no bairro e saindo para fazer programas em locais mais promissores para tanto. Algumas vezes, contudo, conseguiam angariar um cliente e realizar o "michê" por ali mesmo, nas poucas boates que permaneceram na região, muitas das quais sob a administração de homens, ou em dormitórios alugados semanal ou mensalmente. Assim, as prostitutas, travestis ou não, continuaram a habitar e a transitar pelo bairro, como era o caso de Diane, Denise e Solange que, com o tempo, acabaram deixando de exercer a prostituição, mas continuaram a viver em Carapeba.

²⁰⁰ Eles se referem à "bichas" no feminino.

Mas, independente das poucas "bichas" presentes nas ruas de São Sebastião, conforme a matéria "O reino da fantasia", para o grupo de travestis hegemônico na "zona", a performance feminina exercida pelos homossexuais do bairro era aceita apenas entre quatro paredes, no relacionamento afetivo privado, nos espetáculos de travestis e no carnaval, quando muitos deles desfilavam nas escolas de samba de Vitória. A Atlântica parecia ser o único, senão, o principal bordel onde aconteciam os shows de travestis no território, desde, pelo menos, 1968, ano no qual Michele chegou na região acompanhado dos travestis Jacqueline Beauvoir e Rogéria, para fazer um show na boate, vindo do Rio de Janeiro, onde nasceu. Ele conta que a dona da casa, Dinorá, gostou de sua técnica de maquiagem e o convidou para ficar no salão cuidando da beleza de suas inquilinas e para tratar dos espetáculos do prostíbulo, proposta que aceitou de bom grado. No ofício, o movimento das clientes era intenso e ele conseguia ganhar bastante dinheiro, como diz, "meu salão é movimentadíssimo. Atendo uma média de 20 mulheres por dia"²⁰¹. A matéria que segue, "Requebros, paetés; lá vai Carapeba", escrita em 1977 por Joaquim Nery, por ocasião de sua visita ao cabeleireiro no salão da Atlântica para verificar a situação dos homossexuais em Carapeba, mostra Michele usufruindo de um alto padrão de vida, assim como seus colegas de trabalho no "atelier". Com a alta soma pecuniária que arrecadavam no salão, muitos deles desfilavam nas melhores escolas de samba de Vitória durante o carnaval, gastando, como escreve Rogério Medeiros, "grandes fortunas nas suas fantasias"²⁰². Joaquim Nery relata que, com seus 27 anos, Michele era o principal destaque da escola de samba capixaba Andaraí, sendo que, em 1973, fez um grande sucesso desfilando de "Carmem Miranda" na avenida Princesa Isabel, no centro de Vitória, completando: "ele ficou lindo". O jornalista diz que o cabeleireiro passava 12 meses do ano na espera para o carnaval, e era bastante atuante nas atividades que envolviam a construção do desfile, cuidando, por exemplo, do tema do samba enredo para o próximo carnaval e doando a sua fantasia do ano anterior, que era guardada em três malas, para a confecção de cinco outros figurinos para a escola. E conclui que, "por essas e outras razões, o infatigável 'Michele' é praticamente o presidente da Andaraí, aliás, com muito orgulho, porque para ele isso mostra que venceu os preconceitos"²⁰³. Também presente no recinto, o travesti, Beterraba, "é tido como o melhor passista da Piedade, onde desfila há 12 anos"²⁰⁴. O carnaval tinha muito significado para eles, era o momento em que podiam assumir sua performance de travesti sem receios.

²⁰¹ O REINO, 1977, p. 36.

²⁰² O REINO, 1977, p. 36.

²⁰³ REQUEBROS, paetés; lá vai Carapeba. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 20, p. 38-41, nov. 1977, p. 40.

²⁰⁴ REQUEBROS, 1977, p. 41.

Além de desfilar na Andaraí, Michele fazia viagens frequentes para o Rio de Janeiro, em carro próprio, acompanhado do costureiro Fafá de Belém e do cabeleireiro Libania, para ir às festas de travestis nas boates da zona sul da cidade. Eram nesses espaços que os travestis se sentiam livres e seguros para se divertirem e assumirem sua performance. No mais, Michele mostra uma fotografia para Joaquim Nery, em que estava junto com um "bofe", como chama o rapaz com quem se relaciona, no calçadão da Praia da Costa, bairro nobre de Vila Velha, município adjacente à Vitória. Ele explica que em alguns fins de semana passeia na RMGV em companhia de colegas e de seus "bofes", ficando à vontade com eles nas ruas, ninguém se importa mais em vê-los juntos, tampouco os rapazes se constrangem em andar abraçados com ele, pois só pensam em curtir o momento. Michele e os outros homossexuais presentes no salão, afirmam se sentir muito livres no território, um deles fala que na capital capixaba há "um grau maior de aceitação dos homossexuais que outras cidades não têm", e Michele complementa, "é claro que há alguns anos a coisa não era assim. Quando cheguei aqui, bicha não podia desfilar em escola de samba. Quem quebrou esse tabu foi o coronel Helio Nascimento dos Reis"²⁰⁵. Na opinião do jornalista, "na verdade, 'Michele' quer dizer que alguns homossexuais privilegiados são mais aceitos por uma parcela da sociedade, da mesma forma que ele tem livre trânsito entre as mulheres de Carapebus"²⁰⁶. Claro que, na Praia da Costa, Michele não adotava a performance feminina, o que poderia ser visto com maus olhos pelos transeuntes. Apenas em certas ocasiões, como no carnaval e nas festas de travestis no Rio de Janeiro, ele se assumia enquanto um autêntico travesti. Assim como Denise não se sentia uma anomalia ao chegar na "geografia do prazer" da RMGV, não obstante a repressão policial e as interdições, também Michele e os homossexuais, juntos nesta pequena região, pareciam sentirem-se "normais". No "submundo" da indústria sexual capixaba, o desvio e a patologia estavam por toda a parte, tão difundidos no território que nem eram mais anomalias, e, sim, a regra, o "normal" de Carapeba.

Os discursos do biopoder produziram e delinearão São Sebastião como um espaço oposto aos habitados pelas famílias "sadias" e disciplinadas, um território de "perversão" contraposto à vida ordenada nos bairros nobres de Vitória. É nesse sentido que a matéria "Tudo à meia luz", publicada em setembro de 1980 na Revista Espírito Santo Agora, sublinha que a polícia delimitou São Sebastião enquanto a área permitida para o funcionamento da "zona de meretrício" da RMGV, enquanto o "sexo fora de casa" nos bairros da capital é proibido e "severamente vigiado". Por "sexo fora de casa" entende-se "programa prostitucional", haja vista

²⁰⁵ REQUEBROS, 1977, p. 40.

²⁰⁶ REQUEBROS, 1977, p. 40.

que a relação sexual era considerada legítima somente no interior do matrimônio, caso o contrário, o mais provável era que os homens procurassem pela indústria de corpos femininos para efetivar um encontro sexual. A "geografia do prazer" da RMGV satisfazia, assim, os desejos da elite masculina e heteronormativa capixaba, e, por isso, esta mesma elite empregava seus esforços na preservação da ordem, da disciplina e mesmo do requinte da indústria sexual de Carapeba. Além das forças policiais atuantes no bairro no sentido de regular e vigiar as condutas das prostitutas e dos homossexuais, em consonância, amiúde, com as donas das casas de prostituição do território, os poderes públicos auxiliavam no combate e na prevenção às doenças venéreas na região. Eny relata que no local do prédio do "Seu Chiquinho", onde Diane passou a residir em 1979, ficava um posto de saúde que recebia um ginecologista todas as segundas-feiras para fazer exames nas prostitutas. As autoridades médicas e policiais atuavam para garantir a sua presença nas consultas e procuravam controlar a proliferação de DSTs na região.

Para promover a conscientização das cafetinas acerca da necessidade de suas inquilinas comparecerem às consultas semanalmente, o médico do posto de saúde de São Sebastião as convidou para uma reunião no centro de saúde localizado no centro de Vitória. Lá, Eny conta que ele mostrou para elas "[...] um vídeo com coisas muito feias, as doenças, aquelas coisas horrorosas", evidenciando as diversas infecções por agentes de DST e as suas consequências nos corpos femininos. Eny ficou aterrorizada com as imagens que viu e entendeu a importância de suas inquilinas fazerem os exames com frequência. A polícia também ordenava que todas compareçam ao médico regularmente para efetuar as consultas, que eram devidamente anotadas no livro de registro das prostitutas, para fins de controle sanitário. Caso constasse alguma DST em um exame feito por uma mulher, ela devia se recolher para tratar da doença. Não podia fazer ponto no salão com as outras inquilinas, "[...] enquanto o médico não liberasse, ela não podia ir para o salão". Se a polícia a encontrasse em atividade no bordel, "[...] a dona da casa era chamada e ia presa". Como salienta a cafetina, "elas tinham que obedecer! Eles davam os remédio, davam muita penicilina. Lembro tanto disso, tanta mulher chorava, reclamava, que doía, né? Aí, se precisasse mais de alguma coisa, a gente gastava e ela pagava". Não obstante Eny afirmar que não era comum a ocorrência das DSTs por conta da atuação constante dos médicos no território, ela diz ter presenciado muitas meninas tratando delas em sua boate. Segundo relata, cerca de quatro inquilinas contraíram sífilis e ficaram afastadas das atividades prostitucionais por aproximadamente 18 dias, mas nenhuma chegou a um quadro mais dramático de doença venérea como a cafetina viu no filme exibido pelo médico. Talvez seja

por isso que ela não dê tanta importância ao problema. De qualquer forma, as DSTs parecem terem sido bastante frequentes no bairro, dado que o uso de preservativos era muito pouco comum e, ao que parece, o posto de saúde na região tinha uma existência curta, porque logo o espaço passou a ser utilizado pelo "Seu Chiquinho" como pensão.

Não obstante a narrativa de Eny, a reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios", de 1976, aponta o local como repleto de contradições, com a maior renda *per capita* do estado, ao mesmo tempo em que liderava as estatísticas em número de pessoas infectadas com agentes de DSTs no Brasil. Como diz o locutor, "São Sebastião nunca para. Pouco se importa com o protesto de vários países com a recomendação para que os marinheiros evitem chegar lá. Não liga para as estatísticas oficiais apontando no local o mais alto índice de doenças venéreas no país". Na época da reportagem, o "território do desejo" da RMGV ainda estava no auge, contando com aproximadamente 1.400 prostitutas e inúmeros clientes espalhados nas diversas boates, bares, dormitórios e casas de jogo da região. A prosperidade era tamanha que o então prefeito da Serra, José Maria Feu Rosa, aquele que, segundo Eny, fechava a Atlântica para seu divertimento privado, queria fortalecer ainda mais o turismo no bairro. Ele afirma em entrevista à Amylton de Almeida, diretor da reportagem, que iria realizar um trabalho de infraestrutura para "[...] dotar a área de condições de continuar recebendo os turistas e os frequentadores que normalmente para lá vão gastando alguns momentos de lazer e de entretenimento". A diretora da empresa capixaba de turismo (Emcatur), Valéria Aguiar, corrobora a fala do prefeito no sentido de incentivar o turismo no local, em uma experiência que, segundo ela, seria inédita no Brasil e que já ocorria na Alemanha. E complementa, "de qualquer maneira o processo é irreversível e seriam necessários, naturalmente, primeiro criar uma infraestrutura para que o turismo possa ser estabelecido na região". Ou seja, na visão do poder público, o mercado sexual era turístico e importava explorar isso, independente nas condições de vida das mulheres que habitavam Carapeba e das doenças venéreas que se multiplicavam no território. Perguntada sobre o que seria preciso para transformar o bairro em uma área de turismo, Lea, ex-gerente da Atlântica, responde: "primeiro, posso ser muito franca, né? Eliminar a fome da maioria lá". A região de maior renda *per capita* do estado era, contraditoriamente, assolada pela miséria, pela fome e pela precariedade generalizada.

Nenhuma das sujeitas da pesquisa relatam terem vivenciado uma contaminação por DST, mas afirmam terem convivido com colegas infectadas. Solange conta que não costumava usar preservativo, "só o grego que tinha cisma com camisinha", e tampouco tomava anticoncepcional para evitar a gravidez. Apesar disso, não adquiriu doenças venéreas e não

engravidou nenhuma vez durante o tempo em que exercia a prostituição na "geografia do prazer" da RMGV. No entanto, comenta que muitas amigas morreram "matada" e "de doença", provavelmente, por alguma DST. Denise narra o caso de uma inquilina da Veneza, chamada Marli, que "[...] pegou uma infecção tão grande que ela só conseguiu se tratar quando ela foi lá para fora. Senão, se ela tivesse ficado no Brasil, ela estava toda comida por dentro". A jovem explica que usava preservativo ocasionalmente e que tomava cuidado com os homens com quem se envolvia, para não contrair uma DST, por isso, "eu nunca tive doença nenhuma graças a Deus. Nunca. Nunca. Nunca". Ela diz que cuidou de muitas inquilinas de Eny contaminadas por doenças venéreas e/ou que fizeram abortos. Diane, por sua vez, viu inúmeras prostitutas com DST, sobretudo, na boate Continental, para onde voltou depois de habitar no "Seu Chiquinho" por cerca de 4 anos, mas que agora era comandada por um homem conhecido como Alemão. O ano era 1983 e, nesta época, São Sebastião estava em decadência, não havia mais postos policial e de saúde, e o movimento dos clientes mais abastados era praticamente nulo. A boate que antes era propriedade de Maria de Jesus foi vendida para um homem chamado Abilho, que optou por alugar a casa para o Alemão. Dado o pouco movimento do prostíbulo, Diane fala que as regras não eram rigorosas como antes, não precisava ficar no salão e podia fazer ponto em outros locais. No bordel, ela fazia programas muito raramente, pois temia se relacionar com os fregueses "pivetes", como fala, que eram jovens, tinham encontros sexuais com inúmeras prostitutas e podiam estar infectados por DSTs. No dia a dia no prostíbulo, ela convivía com diversas inquilinas infectadas, "[...] com gonorreia, com sífilis, toda estuporada", e tinha um receio enorme em contrair alguma destas doenças. Certa vez, o Alemão a inquiriu se ela tinha medo de homem, tendo em vista que, quando o salão estava repleto deles, a jovem se retirava para o quarto. E Diane lhe respondeu:

Ué? Eu vou fazer o quê? Vou descansar minha beleza. Vou ficar olhando essas pivetada aí dançando? Botando doença um no outro? As mulher está tudo doente, com gonorreia, com essas doença de rua aí e fica lá no quarto lá se lascando. Você vai lá? Pelo menos colocar num carro para levar elas no médico? Você não vai. Então porquê que eu vou fazer isso? Só porque você quer? Só porque você quer lucro meu?

Diane reagia às tentativas de exploração sexual por parte do cafetão e colocava sua integridade física em primeiro plano. A jovem não fazia uso de drogas ilícitas, que lhe eram oferecidas eventualmente, quando "dava final de ano e as mulher começava aquele negócio de lança-perfume, cocaína, aqueles negócio branco parecendo açúcar, sei lá que que era aquilo, ficava uma cheiração danada. E me ofereciam ainda! [...] Nunca entrei nessa". Sem consumir bebida alcoólica nem qualquer entorpecente, escolhendo com rigor seus programas, quieta em seu canto, dando respostas afinadas às provocações de que era alvo, Diane era amiúde envolvida

em confusões, muitas vezes, agressivas. Na sua perspectiva, os frequentadores de São Sebastião pensavam que por ela estar na "zona" precisava fazer o que eles queriam e não podia sequer recusar um "michê. Como diz, eles achavam que "se eu estava na zona era pra aguentar tudo, né? Tipo um latão de lixo. Eles vinham com a raiva deles de casa, jogava para cima de mim, vinha com as doença, jogava pra cima". E, quando ela recusava um programa, chegavam a dizer: "você é puta! Está aqui na zona fazendo o quê? Não aguenta pica, sai da zona!" Por isso, muitas mulheres consideravam-na orgulhosa, "metida a besta", e as brigas eram constantes. Não obstante as dificuldades, Diane teve êxito em não contrair uma DST, conseguiu contar com algumas amigas no território e ainda se defendia bem das agressões físicas que lhe eram infringidas, como salienta, "já quebrei a cara de nego, já arranquei sangue da cara de nego. Mas assim, calma, não é em arma não. Com a mão mesmo, dava um murro e escapulia, ia na boca, quebrava um dente, no nariz, né? Saía sangue".

Mas, se Diane conseguiu evitar as DSTs, o mesmo não ocorreu com relação às gestações e ela chegou a engravidar algumas vezes. Na primeira gravidez, com cerca de 13 anos, o bebê morreu com apenas um mês e meio de vida. Depois, com 15 anos, ela engravidou do Marangoni, um policial violento com quem namorou. Morando na boate Continental, de Maria de Jesus, a jovem deixou a neném com uma babá com 15 dias de vida. A criança teve uma doença rara e fez uma cirurgia com um mês e meio. Se recuperou, entretanto, com 8 meses contraiu meningite, uma doença também rara e agressiva, e acabou falecendo. Em outra gestação, Diane relata que recorreu ao aborto, pois "[...] o pai da minha neném era policial militar, ele já estava uns quinze dias sem vir aqui. Eu já estava desesperada porque eu estava devendo horrores no restaurante e na lanchonete, e ele que pagava. [...] E a barriga crescendo. Aí, uma colega minha me indicou essa pessoa, eu fui e fiz". Ela conta que o local onde realizou o procedimento ficava em outro bairro da Serra e era um espaço limpo e organizado. A pessoa que a atendeu parecia uma médica ou enfermeira. O feto tinha aproximadamente dois ou três meses e a jovem não sentiu dor ao retirá-lo. No dia seguinte, voltou para a sua residência. Diane sentiu um profundo arrependimento. Nos dias que se seguiram ao aborto, ela olhava para a cama em que dormia e imaginava o bebê ao lado, "ai, dá um remorso, chorei tanto. Nossa, chego a arrepiar quando eu lembro". Em determinado momento em sua vida, Diane precisou retirar o útero, de forma que ela não engravidou novamente e não tem filhos.

A experiência subjetiva de Diane era bastante marcada pela tradição cristã. Na sua infância, sua família, principalmente, a mãe, tinha o hábito de ajudar e frequentar a Igreja Católica. A sua percepção sobre o aborto, carregada de arrependimento e de culpa, é assim, marcada pela

memória cristã familiar. Da mesma forma, sua preocupação em relação às DSTs, aos relacionamentos sociais no território e sua ética pessoal em não enganar, não fazer mal e não mentir para ninguém, mostram sua singularidade enquanto cristã e com uma ampla consciência do significado do universo prostitucional na sua vida pessoal e das colegas de profissão. Sua instrução, maior do que a de Denise e de Solange que eram analfabetas, marcam suas percepções e suas lembranças de São Sebastião, de forma que ela observa e, com uma bagagem de conhecimentos institucionalizados, consegue ter conclusões mais racionais das suas próprias experiências e das mulheres de seu convívio. Diane tirava lições para suas condutas nas relações de poder e de afeto que a cercavam, visando preservar a si mesma física e moralmente. Tal é o hábito, de observar, racionalizar e tomar seu partido pessoal, que ela adquiriu, sobretudo, em Carapeba, que, já a partir dos seus 9 anos, constituiu-se enquanto seu espaço-tempo de construção de sua memória de afecção e afetiva, o lugar onde cresceu e aprendeu a lidar com as relações sociais e profissionais. Ainda muito nova quando chegou na região, Diane se formou subjetivamente no território, e construiu seus hábitos, suas memórias e suas percepções mais íntimas a partir da vivência no local. Evidentemente, o maior grau de instrução e a tradição cristã, adquiridos ainda na primeira infância, marcaram suas experiências posteriores. Contudo, São Sebastião foi, efetivamente, o grupo primário de sua formação, onde teceu laços de solidariedade, de afeto e de enraizamento, a tal ponto, que nunca mais saiu no bairro. Até hoje vive lá e sente-se integrante no espaço e nas relações sociais do território.

Diferente de Diane, Denise não se arrepende dos abortos que fez na "geografia do prazer" da RMGV. Ela procurava tomar o contraceptivo, mas esquecia, confundia os horários e desregulava o ciclo menstrual, de tal maneira que as gestações eram constantes e a jovem realizava abortos frequentemente. Afinal, como diz, "tinha que tirar, senão eu tinha uns cinquenta filhos". Denise começou a realizar o procedimento na boate de Eny, após ter tido a primeira filha. Ela relata como era o processo abortivo: "a gente ia para essas mulher clandestina aí, doida. Pagava. Botava uma tal de sonda, né? Aí no outro dia, ia lá coletava. No cu, hein?". Conta que sofria bastante, o procedimento era muito dolorido, "[...] o aborto é pior do que fazer um filho. Quando vem ajuda a nascer, né? Mas no aborto não ajuda". Isso porque ela costumava realizar o procedimento abortivo com o feto ainda pequeno, com dois, no máximo três meses, e mesmo assim o sofrimento físico era grande. Depois do processo, Denise voltava para a Veneza e ficava cerca de 3 dias de repouso, sem fazer programas, período no qual recebia os cuidados por parte da cafetina, "[...] ela me dava comida, ela levava comida para mim, ela cuidava de mim". Logo, porém, ela voltava à ativa no salão do bordel. Segundo narra, o

procedimento era comum no prostíbulo e em todo o território, "todo mundo tirava, não tem essa, nem aquela".

Segundo Eny, somente os estrangeiros costumavam utilizar preservativos nas relações sexuais, os clientes brasileiros não se importavam com a prevenção. De qualquer forma, suas inquilinas engravidavam com frequência e os procedimentos abortivos eram comuns no cotidiano do bordel. Existia diversas clínicas clandestinas que atendiam as meninas no município da Serra, em Vitória e também no Rio de Janeiro. Na capital, a cafetina diz que era a dona Ana a responsável pelos abortos, e que ela os fazia utilizando sonda. Outra mulher que realizava o procedimento era a Glória, que chegava a atender 6 mulheres ao mesmo tempo em seu apartamento, atuando em parceria com o Dr. Luciano, dono de uma clínica médica, para transferir as mulheres cujo estado de saúde piorasse muito e elas precisassem de uma intervenção hospitalar. Uma das inquilinas de Eny, com 23 anos, precisou ser internada na clínica, haja vista a complicação de sua saúde decorrente do aborto de um feto já com 6 meses. Como narra a cafetina, "mas a menina ficou muito ruim, pensei que ela morria. [...] Até hoje eu tenho nojo de leite condensado, aquilo escorria igual leite condensado, ficou toda furada a barriga dela. Era uma criança com seis meses!" Na clandestinidade, sem a assistência médica adequada, os procedimentos abortivos eram arriscados, perigosos e extenuantes. É claro que, conforme Eny, as meninas "mais classificadas", com melhor poder aquisitivo, pagavam para abortar com o Dr. Coimbra, um médico velho, com quem o procedimento era mais seguro e menos doloroso. A própria cafetina realizava os seus abortos com ele, em um total de 39 no decorrer de sua vida. No último, o Dr. Coimbra cometeu um erro e não removeu o feto, que continuou a se desenvolver até chegar a cerca de 5cm, quando já estava formado. Dado o procedimento anterior, se a gestação fosse levada adiante, o bebê poderia nascer sem um braço ou com outra seqüela. Então, a cafetina fez uma cirurgia para retirá-lo e acabou tendo que tirar parte do seu útero junto, o que a impossibilitou de engravidar novamente.

Na Veneza, como em toda a "geografia do prazer" da RMGV, não somente os abortos eram inúmeros, como também os nascimentos. Segundo Eny, as mães com responsabilidade para com os filhos, pagavam uma mulher, chamada de ama-seca, para tomar conta deles, porque o juizado de infância e juventude não permitia crianças nos bordéis. As amas geralmente moravam com as suas famílias e trabalhavam no território como faxineiras, lavadeiras ou cozinheiras. Algumas habitavam em residências no próprio bairro, e cuidavam de várias crianças. Denise era uma das inquilinas de Eny que deixava a filha sob os cuidados de uma ama-seca em Carapeba, arcando com todas as suas despesas e necessidades. A reportagem "São

Sebastião dos boêmios" mostra uma ama, chamada Isaura Bartles, que cuidava de 5 crianças no território, algumas das quais a mãe era desconhecida ou não aparecia mais. Ela afirma já ter tomado conta de até 15 crianças e que todas eram doentes, com problemas de pele, diarreia, dentre outras enfermidades, e recebiam o tratamento adequado quando havia condições para tanto. Ainda, conforme a reportagem, as crianças eram autorizadas a permanecer nas ruas do bairro até o entardecer. Diante de tantos filhos indesejados pelas mães, Eny acabava adotando-os, chegando a cuidar de 14 crianças, isto é, a pagar para as amas tomarem conta delas. Como narra, "as mulheres não queriam, eu ficava com pena das crianças. [...] Pagava todo mundo para tomar conta". Mas, receosa de ter problemas futuros e precisar comprometer o bem-estar da família natural por conta dos filhos adotados, a cafetina resolveu dar as crianças para outras famílias adotarem. Ela ficou somente com a primeira menina que adotou, filha de uma inquilina natural de Nanuque (MG), tímida e muito bonita, mas que não cuidava do bebê. Então, Eny ofereceu adotá-la, como conta, "ela não cuidava da menina, não cuidava da menina. Ficou uns 8 dias. Aí eu virei para ela: 'por que você não dá essa criança, se você não vai cuidar?' Naquele tempo tudo era fácil. A gente registrou no cartório como se ela tivesse nascido de mim, pegamos as testemunhas". Com ela, a cafetina teve um casal de filhos, contando com o menino que teve em 1961, em Colatina (ES), fruto de um matrimônio realizado ainda muito nova. Desde pequeno, era a mãe de Eny quem tomava conta de seu filho, e o mesmo aconteceu com a menina, após viver um pouco mais de um ano sob os cuidados de uma babá. Apesar disso, a cafetina salienta que não recebia ajuda, afinal, ela sempre arcava com todas as despesas das crianças e ainda auxiliava a mãe financeiramente.

Após alguns anos, já maior, o filho de Eny passou a administrar a copa da Veneza, função anteriormente exercida pelo irmão da cafetina, para quem ela cedeu um de seus pontos de táxi no Porto de Tubarão e ainda deu um carro para ele atuar. O irmão fez um bar na região e mantinha os dois ofícios, de administração do botequim e de taxista. Também duas irmãs trabalharam com a cafetina por certo tempo, como inquilinas de sua boate, escondidas da mãe, que não aceitava a situação. Ambas eram casadas e tiveram o matrimônio desfeito. Por esta razão, resolveram comercializar seus corpos no bordel da irmã. Com o passar do tempo, Eny deu um bar localizado no território e um ponto de táxi no Porto de Tubarão para o filho, que colocou uma pessoa para administrar o primeiro e trabalhava pessoalmente como taxista. Um dia, ele sofreu um acidente de carro e precisou fazer uma cirurgia na cabeça. Ele se recuperou, entretanto, arranjava muitas confusões no bairro por conta de uma namorada inquilina da Atlântica, com quem se casou escondido da mãe, que não queria o filho envolvido com uma

"mulher da vida". O matrimônio, contudo, era bastante conturbado. A esposa o traiu com outro homem, ele a agrediu e foi preso. Logo, foi liberado devido às relações de influência da mãe. Voltou a cometer violências e assim por diante. O filho de Eny estava frequentemente causando problemas na "geografia do prazer" da RMGV e ela estava sempre arcando com as consequências.

Eny ganhava muito dinheiro na indústria sexual do "território do desejo" de São Sebastião, sustentava seus familiares, principalmente, a mãe, o filho e o irmão e chegou a adquirir um terceiro bordel no bairro, que acabou não prosperando e ela vendeu. Além de ter comprado diversos imóveis na RMGV e ainda "[...] comprava muita roupa bonita, muita peruca bonita. Carro zero, tudo quanto é tipo de carro que você pode imaginar eu tive. Mandava". Isso tudo, com o auxílio dos amantes que ela trocava com frequência, algumas vezes por sua conveniência e vontade, outras não. Quando vinha de sua parte a ânsia por terminar uma relação, a cafetina podia se utilizar de diversas artimanhas para conseguir o que almejava. Certa vez, já namorando por 13 anos com um alemão e querendo se livrar do sujeito, Eny combinou com a gerente do bordel para ela chamar a Polícia Federal, denunciando a ilegalidade do homem no país. O alemão foi preso, para, em seguida, ser deportado do Brasil. Contudo, a cafetina resolveu evitar o episódio e falou com um amigo influente, um policial civil envolvido na máfia do jogo do bicho e pertencente ao Esquadrão da Morte capixaba, que acabou soltando o homem. De qualquer forma, Eny conseguiu o que queria e a relação terminou, deixando-a livre para outro caso amoroso promissor. Não obstante a cafetina afirmar que não se envolvia com prostituição, todos os homens com quem exercia atividades sexuais lhe forneciam recursos materiais e pecuniários. Ela não cobrava por encontro sexual, como as prostitutas que recebiam dos fregueses à cada entrada na alcova. Mas todas as suas relações sexuais eram muito bem pagas, o fazendeiro de cacau, por exemplo, "era uma pessoa assim: se eu fosse lá, comprasse qualquer coisa, podia custar 5 mil, 10 mil, ele vinha e pagava". É nesse sentido que Solange afirma que, apesar de não admitir, Eny "fazia a vida" junto com elas, como diz, "era dona, mas ela também pegava homem". Evidentemente, a cafetina não quer ser comparada às prostitutas e associada às imagens da sujeira e da devassidão dos costumes que elas carregam. Ademais, além dos amantes, do lucro advindo dos bordéis, dos táxis e de outros empreendimentos, a cafetina diz que ganhava muito dinheiro com o jogo do bicho. Diariamente, três vezes ao dia, às 14 horas, às 18 horas e às 21 horas, uma pessoa ia até a boate fazer o jogo para Eny e para quem mais tiver interesse em participar. A aposta se tornou o vício da cafetina, que não bebe e não fuma.

Atualmente, ela deixa de pagar as contas mensais para fazer apostas em jogos e, claro, consumir muitas roupas e acessórios.

Quanto às relações das demais entrevistadas com as suas respectivas famílias, pode-se dizer que não eram próximas, ou melhor, praticamente inexístiam. Solange nunca mais viu seus irmãos e seu pai, viveu por conta própria desde a mais tenra idade e continuou assim em São Sebastião. Ela não tinha uma referência familiar, não tinha com quem contar. Ela produzia e desfazia constantemente as relações sociais e de poder, em conformidade com o afeto consigo mesma e com os atos de resistência que carregava em sua memória. Denise, por seu turno, acabou perdendo o contato com a sua mãe, mas teve uma filha com quem procurou conviver. Por volta do ano de 1978, ela foi morar com o namorado em um quarto alugado mensalmente, em frente à Veneza, e tentou trazer a filha, então com 8 anos, para residir com ela. Nesse período, a menina vivia com a ama-seca, na cidade de Cariacica, na RMGV, e Denise visitava-a apenas quinzenalmente. Ao colocar a filha para habitar consigo em Carapeba, contudo, o juizado de menores descobriu e impediu que a criança continuasse residindo no local. De qualquer forma, a menina não estava acostumada a conviver com a mãe, considerava como tal somente a mulher que a criou, e falava constantemente que queria ficar com ela. Então, a filha de Denise "[...] acabou voltando para a velha, que não ensinou ela quem era a mãe". Segundo relata, a ama não criou a menina explicando quem era a verdadeira mãe, com quem iria viver depois de algum tempo, e a filha não entendeu, queria continuar a ter a vida que tinha antes. Com isso, Denise acabou deixando-a viver com a mulher e se afastando. Para até mesmo de mandar o dinheiro para prover suas necessidades.

Também Diane não manteve nenhuma relação com seus familiares. Depois de ver a mãe com 13 anos, quando foi para a cidade natal para ter seu primeiro filho e logo voltou para Capeba, ela retornou no ano seguinte para encontrá-la e saber notícias da família. Mas, como o pai estava em casa, não pôde ir até a casa da família. Então, foi ao apartamento do Dr. Gordinho, médico da família desde a sua infância, que lhe informou do falecimento da mãe havia cerca de 6 meses. Conforme narra, a mãe "[...] morreu em tristeza, porque minha mãe era muito sensível. Fiquei igual uma doida". Diane só voltou para a cidade natal após completar 18 anos, para pegar sua certidão de nascimento original no cartório, nunca mais visitou o lugar. Em São Sebastião, passou os dias fugindo do pai, que colocava detetives para procurá-la. Eles iam munidos de sua foto de criança, inquirindo à todos(as) sobre o seu paradeiro, "só que os policiais era muito amigo meu e me reconheceu, eu pequeninha, pivetinha no retrato. Correram e me falaram, aí eu viajava. Então nunca me encontrou". Diane tinha medo do que o pai podia fazer ao saber da

atividade que exercia no bairro, acreditava que ele a mataria ao encontrá-la. Como salienta, "ele não queria me encontrar para me dar do bom e do melhor, me dar casa, me dar conselho. Tenho certeza de que pelo que ele ia saber, ele ia me matar. Porque tudo dele 'sujou meu nome' tem que morrer". Amedrontada pela possível reação agressiva por parte do pai, Diane estava sempre se escondendo, fugindo, se distanciando o máximo possível da família que lhe restava.

É preciso entender, à maneira de Foucault²⁰⁷, o poder enquanto produtor de individualidade, como realidade positiva, e não estritamente como repressivo em relação à sexualidade e as "perversões". O biopoder, atuante na construção e no cotidiano de São Sebastião, se fazendo presente nas relações entre os corpos e as vidas do território, chega "[...] às mais tênues e individuais das condutas"²⁰⁸, produzindo efeitos geradores de subjetividades. Em "História da sexualidade II: o uso dos prazeres", Foucault²⁰⁹ demonstra o duplo deslocamento do poder, no plano individual, da relação com os outros para a "relação consigo", e do código moral para a "constituição de si". A partir desse deslocamento, na relação subjetiva, o poder adquire independência, torna-se uma relação de força consigo mesmo, um poder de se afetar a si mesmo. Ou seja, o sujeito é produto de uma "subjetivação", da relação consigo mesmo derivada do poder e do saber, mas que, por sua vez, é independente deles, é autônomo e singular, é resistência.

Pois, onde há poder, há pontos de resistência, e, tomando como objeto a vida, o biopoder suscita vidas que resistem ao poder, que subvertem e derrubam as relações de forças anteriores para construir novas. As sujeitas da pesquisa, portanto, cada uma com a sua memória, que constitui sua singularidade, produziram-se em meio às relações de poder do território, na época de São Sebastião e, depois, quando o bairro se tornou Novo Horizonte. Elas não são produtos diretos do biopoder presente na região, são autônomas, resistiam ao poder e às relações de forças que tentavam constantemente subjugar-las e controlá-las. Mas, suas construções subjetivas, suas lembranças de Carapeba e seus hábitos pessoais, emergiam no interior das relações de poder. O poder se deslocava para a relação delas consigo mesmas. Contudo, era um deslocamento, não estava separado de suas singularidades. Como explica Deleuze²¹⁰, "É como se as relações do lado de fora se dobrassem, se curvassem para formar um forro e deixar surgir uma relação consigo, constituir um lado de dentro que se escava e desenvolve segundo uma dimensão

²⁰⁷ FOUCAULT, 1979.

²⁰⁸ FOUCAULT, 1979, p. 16.

²⁰⁹ FOUCAULT, 1984.

²¹⁰ DELEUZE, 2013, p. 107.

própria [...]". A partir de suas experiências em São Sebastião e de suas próprias memórias pessoais, Eny, Solange, Denise e Diane construíam suas subjetividades singulares com autonomia e como resistência. Elas subvertiam o biopoder que pretendia controlar suas vidas e tomavam o controle suas próprias vidas, em prol do afeto de si para consigo mesmas.

II. 4. IMAGENS

Imagens da reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios", produzida pela TV Gazeta e dirigida por Amylton de Almeida, em 1976.²¹¹



Delegacia de Polícia de São Sebastião



Atuação do Delegado Walmor Miranda durante a noite no território

²¹¹ SÃO SEBASTIÃO DOS BOÊMIOS, 1976.



Fachada da boate Patia, de Elza Pernambucana



Fachada da boate Atlântica, a mais luxuosa do bairro, de Dinorá



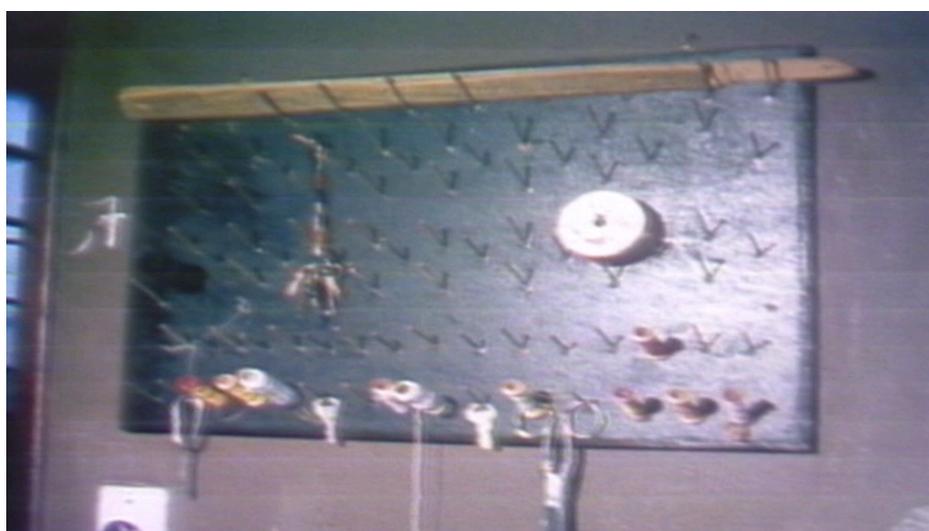
Salão de beleza do Michel, que trabalhava para a boate Atlântica



Movimento noturno na boate 92, de Vera



Casa pré-moldada feita de friso, provavelmente uma boate



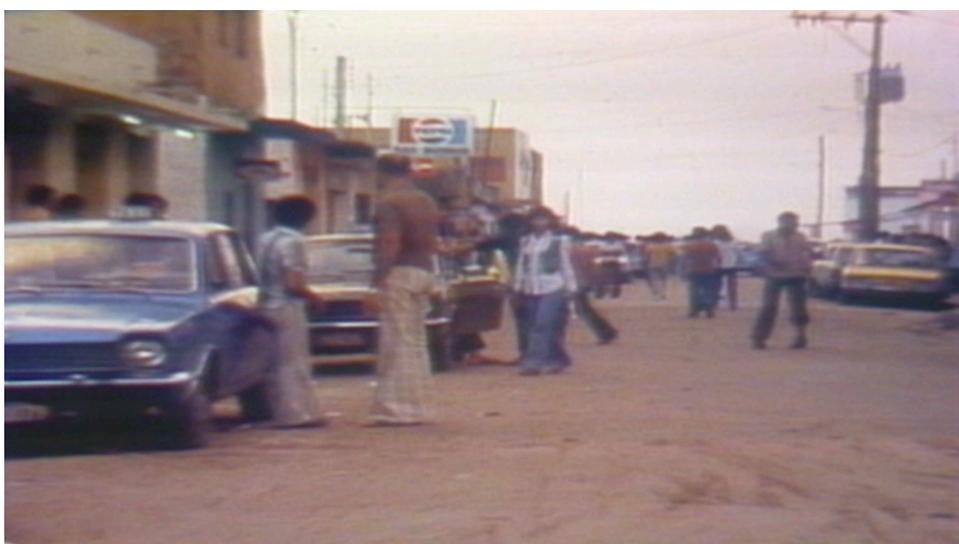
Painel onde se guardavam as chaves dos quartos da boate



Vista panorâmica da principal rua do território. Ao fundo, a boate 92



Fachada das pequenas casas, em outra rua de São Sebastião



Movimento de clientes em uma rua do território



Movimento no bar do Baixinho



Já de manhã, um dos bares do território continua bastante movimentado



As crianças que vivem com uma Ama Seca no território

Imagens da reportagem "O reino da fantasia" e "Requebros, paetés; lá vai Carapeba", publicadas em novembro de 1977, na Revista Espírito Santo Agora.²¹²



Travestis reunidos no salão da Michele, a segunda da direita para a esquerda



Travesti fazendo a unha de uma prostituta, no salão da Michele

²¹² O REINO, 1977; REQUEBROS, 1977.



Michele produzida e posando para a foto



Construindo o figurino da inquilina da Atlântica

Imagens do arquivo pessoal de Eny.

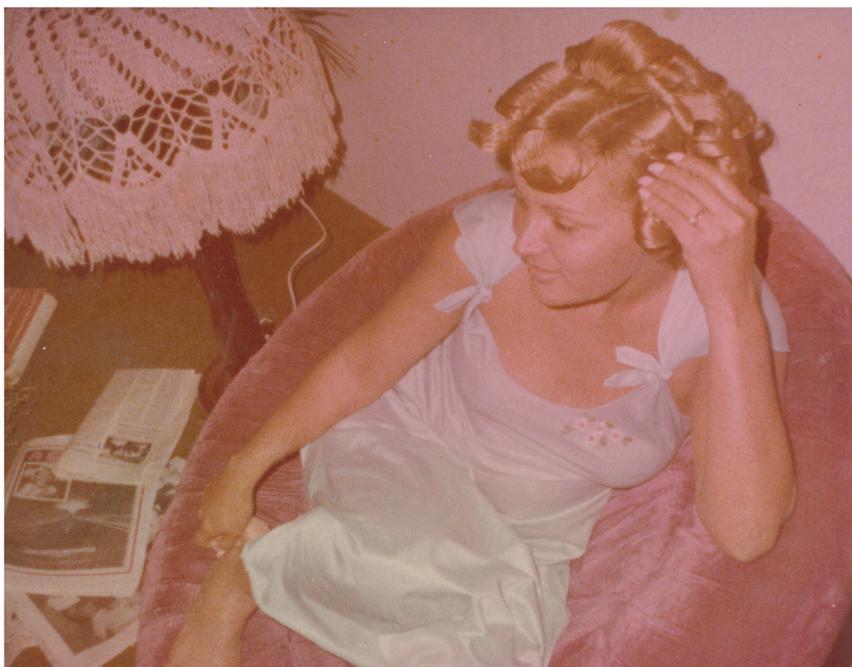






Imagem do arquivo pessoal de Denise.



CAPÍTULO III

O FIM DA PROSTITUIÇÃO E O SURGIMENTO DE UM NOVO HORIZONTE

III. 1. Modificações econômicas, políticas e sociais na RMGV: fim da prostituição confinada

Em finais da década de 1970 e princípios de 1980, uma série de modificações nas relações de forças entre os diversos elementos que constituíam o dispositivo da sexualidade capixaba, produziram uma nova configuração geográfica e populacional da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). No plano regional, a instalação dos Grandes Projetos Industriais de Impacto na RMGV acarretou em um inchaço demográfico na metrópole capixaba, acompanhado do empobrecimento da população. Paralelamente, a desagregação das atividades tradicionais agrícolas nas cidades interioranas modificou as relações de trabalho nos campos e nos meios urbanos, assim como grande parte das relações sociais em todo o estado. Nessa época, o país enfrentou uma grave crise econômica, principalmente, a partir de meados da década de 1970, e o regime político ditatorial começou a entrar em colapso, culminando na redemocratização do país, em 1985. Em termos de representação e de comportamentos sociais, desde os anos de 1960, mas, sobretudo, a partir de finais de 1970, o aumento do número de mulheres nas universidades, no mercado formal de trabalho, nas manifestações políticas e nos locais de lazer, além de suas conquistas legislativas, resultou em uma ampliação do poder feminino nas relações sexuais e em sua maior visibilidade nos espaços públicos. Com isso, a indústria sexual precisou se reconfigurar, deixou de se concentrar nos bordéis existentes em determinados territórios e passou a se disseminar por diversos pontos da cidade, associando-se aos hotéis para a realização dos programas. O cotidiano e as relações de poder vivenciadas pelas prostitutas alteram-se profundamente e elas precisaram encontrar novas formas de interação trabalhista e social.

No decorrer da primeira metade dos anos de 1970, enquanto São Sebastião prosperava, o Espírito Santo constituiu toda uma infraestrutura administrativa, energética e de transportes, além de ter acionado um sistema de financiamentos e incentivos fiscais, voltados para a promoção da industrialização no estado. Para Siqueira²¹³, o intercâmbio de trânsito comercial provocado pela intensificação das atividades de exportação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) por meio do Porto de Tubarão, acarretou na "[...] ampliação e modernização da infraestrutura econômica na área da Grande Vitória". Particularmente a capital, Vitória, crescia

²¹³ SIQUEIRA, 2010, p. 79.

por todos os lados, tanto economicamente e em população, como em território e nas atividades de turismo, com destaque para os negócios relacionados às atividades de lazer, como bares, restaurantes e o comércio sexual. Conforme a autora, a cidade passava por uma intensa modificação econômico-social, que se consolidou a partir de meados da década, com a concretização das decisões de implantação dos Grandes Projetos Industriais de Impacto, pelo governo estadual. O projeto de crescimento industrial compreendia cinco complexos da estrutura produtiva estadual, sendo três pertencentes ao setor secundário, o siderúrgico, o naval e o paraquímico, e dois pertencentes ao setor terciário, o portuário e o de turismo. O objetivo era incentivar a produção de bens para a exportação, por meio de indústrias de grande porte voltadas para a competitividade no mercado internacional. A maioria dos empreendimentos foram instalados nos municípios pertencentes à RMGV, constituída na época por cinco municípios: Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra e Viana. Nesse contexto, a CST, grande indústria siderúrgica, do setor secundário, foi implantada na região de Carapina, na Serra, entre o Porto de Tubarão e o "território do desejo" da RMGV.

O intenso êxodo rural iniciado na década de 1960 com a desagregação dos cafezais antieconômicos, a mecanização da agricultura, o crescimento da pecuária no norte do estado e o avanço industrial de Vitória, ganhou um novo impulso com a implantação dos Grandes Projetos Industriais, a partir de meados dos anos de 1970. Vivenciando precárias condições de sobrevivência nas áreas rurais, a população pobre não teve como manter seus empregos e não encontrou outro meio de subsistência nos campos. A metrópole capixaba apresentava-se como um local de abundância e de progresso, onde eles(as) poderiam encontrar trabalho e garantir melhores condições de sobrevivência para a família. Assim, em busca de emprego na construção civil e nas atividades terciárias, principalmente, grande contingente migratório se estabeleceu na RMGV, de maneira que entre 1960 e 1980 a população desta região passou de 198.265 habitantes para 706.263. Quanto aos imigrantes, passaram de 45,5% da totalidade dos habitantes em 1970, para 64,9% em 1980.²¹⁴ Entretanto, os empregos gerados pelo complexo urbano vitoriense não eram capazes de absorver todo o contingente de mão de obra imigrante, tampouco a estrutura de habitação e dos serviços básicos de saúde, de educação e de saneamento era suficiente para possibilitar uma condição de sobrevivência mínima aos recém-chegados, provocando um processo de marginalização e de empobrecimento da população. Como explica Nader²¹⁵, no período inicial de construção dos Grandes Projetos Industriais, foi possível

²¹⁴ SIQUEIRA, 2010.

²¹⁵ NADER, 2008.

absorver grande parte dos trabalhadores de baixa qualificação na construção civil, sobretudo, no momento de edificação da CST, na Serra. Mas, depois de finalizadas as edificações dos empreendimentos industriais, os trabalhadores tiveram que procurar alternativas nas atividades informais, haja vista a incapacidade de serem absorvidos em empregos no setor formal.

Nos anos de 1980, a situação empregatícia de grande parte da população da RMGV era extremamente precária. Conforme Siqueira²¹⁶, havia 532.079 pessoas economicamente ativas (PEA) na Grande Vitória, das quais 177.226 (33%) tinham um rendimento médio de até 2 salários mínimos. Segundo Nader²¹⁷, quanto ao percentual feminino, correspondia à 28,4%, e os homens à 38,4% dos trabalhadores ativos com tão pouco rendimento mensal. Com relação à quantidade de pessoas que não contavam com nenhum rendimento mensal, nem mesmo com um salário mínimo, correspondia à 44,7% da população economicamente ativa da RMGV, em cujo percentual as mulheres dominavam.²¹⁸ Dentre o contingente feminino ativo que não tinha nenhum rendimento financeiro formalizado, estavam Solange, Denise, Diane, Eny e todas as prostitutas, além das mulheres que faziam toda espécie de serviço informal, como as lavadeiras, costureiras, diaristas, cabeleireiras, entre outras. A autora acrescenta que, "do contingente total da PEA, 6,3% da população recebia de 3 a 5 salários mínimos. Apenas 4,7% da população economicamente ativa da Grande Vitória recebia entre 5 e 10 salários mínimos e 0,9% tinha rendimentos mensais que ultrapassavam 20 salários mínimos".²¹⁹ Mais gritante ainda é quando se constata que juntando 44,7% da população que não tinha renda, com 33% que ganhava menos de 2 salários mínimos, um rendimento que garantia o mínimo para uma família sobreviver modestamente, totaliza-se 77,7% da PEA ganhando menos de dois salários mínimos, ou sem ter absolutamente nenhum rendimento garantido formalmente. A grande maioria das pessoas residentes na RMGV viviam em uma situação de pobreza e de miséria.

A desigualdade social e econômica na RMGV era gritante. A expansão e a modernização urbanas, o desenvolvimento econômico do Espírito Santo, os projetos de ordem e de limpeza moral e social, haviam se tornado uma imagem do passado no cotidiano vitorienense, uma representação cidadina muito distante da realidade atual. O "milagre" econômico brasileiro ocorrido em finais dos anos de 1960 e princípios de 1970, mesma época em que São Sebastião viveu seu período de maior prosperidade, logo se transformou em uma grave crise econômica

²¹⁶ SIQUEIRA, 2010.

²¹⁷ NADER, 2008.

²¹⁸ SIQUEIRA, 2010.

²¹⁹ SIQUEIRA, 2010, p. 133.

e social em todo o Brasil e, particularmente, no estado e na RMGV. O projeto de ordenação da capital, pautado no confinamento do meretrício, entrou em processo de decadência. Muitas prostitutas voltaram para as ruas centrais de Vitória, enquanto outras desistiram do ofício e foram em busca de outras formas de sobrevivência. Assim como a maioria das prostitutas, grande parte dos imigrantes, marginalizados do sistema econômico formalizado, se aglomerou nas áreas periféricas da RMGV, onde, de maneira geral, havia precárias condições de moradia, de saúde e de higiene públicas, sem saneamento básico, energia elétrica e, amiúde, sem contar sequer com água encanada. Nader²²⁰ demonstra que era tamanha a situação de miséria vivida por muitos habitantes na RMGV, que até mesmo territórios destinados aos depósitos de lixo se tornaram locais de moradia e de sobrevivência para aqueles que não tinham mais para onde ir e como se alimentar. Este foi o caso da região de São Pedro, em Vitória, onde funcionava um lixão a céu aberto e que passou a ser habitado por famílias miseráveis que viviam em barracões em meio ao lixo e à sujeira.

É essa configuração histórica, de desigualdade e de empobrecimento populacional, que foi sendo formatada no decorrer dos anos de 1970 no Espírito Santo. A capital do estado e toda a RMGV, viveu uma dinâmica de industrialização e urbanização marcada pelo inchaço demográfico e a falta de infraestrutura empregatícia, sanitária e energética, proporcional à quantidade de habitantes. A maioria da população imigrante foi excluída da política de desenvolvimento do governo estadual, em um processo de segregação territorial que promovia seu isolamento em áreas de risco social, verdadeiros bolsões de pobreza com péssimas condições de habitação, de saúde e de bem-estar social. As classes médias e altas, por seu turno, foram, de certa forma, preservadas das consequências nefastas do processo de industrialização acelerada pela qual passou a RMGV, pois os Grandes Projetos Industriais de Impacto foram instalados, sobretudo, na periferia da capital. As classes mais abastadas viviam em uma ilha, dentro da ilha de Vitória, na medida em que, ao menos inicialmente, a população imigrante, maioria negra e pobre, e as prostitutas, não lhes eram tão visíveis, não havia uma convivência cotidiana com a miséria e a violência. A desigualdade social e econômica da RMGV se tornou evidente para as classes abastadas de Vitória, sobretudo, a partir de finais da década de 1970 e começo de 1980, quando o processo de empobrecimento da população se agravou substancialmente e se formaram grandes bolsões de pobreza na própria capital, como foi o caso da região de São Pedro. As mulheres negras eram as mais afetadas pela pobreza, pelo abandono e pela miséria, como as trajetórias de vida das antigas prostitutas de Carabepa evidenciam. O

²²⁰ NADER, 2008.

Dossiê Mulheres Negras²²¹ mostra a prevalência de pessoas negras dentre os mais pobres e miseráveis do Brasil, no ano de 2010, com destaque para as mulheres negras, que compõe a maioria da população vulnerável e pobre do país e do mundo. Morgante²²² fala em feminização e negritude da pobreza para enfatizar o quanto as mulheres negras ainda nos dias de hoje estão entre os mais vulneráveis em termos de renda, "[...] de acesso às condições básicas de existência, como saúde, educação, moradia e cultura, além da desigualdade de gênero e racial persistente na nossa cultura que implica em representações e símbolos da negritude, principalmente, feminina, extremamente desvalorizados".

As sujeitas da pesquisa e muitas das meninas que chegavam no "território do desejo" da RMGV por conta própria ou trazidas pelas cafetinas das boates da região, como conta Eny, eram, em sua maioria, pertencentes à população imigrante, pobre e negra. Elas fugiam de condições miseráveis, de relações violentas e abusivas, ou mesmo de situações de controle e de vigilância, que as impediam de realizar o afeto por si mesmas e de terem condições mínimas de vida. Em pleno "milagre econômico", passando por intenso crescimento industrial e urbano, a RMGV se mostrava como um local de prosperidade e de liberdade. Especialmente São Sebastião, era visto por essas mulheres como um território que propiciava os meios para elas melhorarem de vida e ainda usufruírem das relações e dos lazeres urbanos, mais liberalizantes do que nas regiões interioranas, de onde grande parte delas eram provenientes. O bairro se constituiu e foi constituído por uma preponderância de mulheres imigrantes, negras, pobres e com um nível de estudo muito baixo, quando não eram analfabetas. Elas chegavam no território extremamente novas, eram meninas ainda, com menos de 15 anos, de maneira geral. Diane não tinha nem 10 anos quando chegou na região. Denise tinha 17 anos ao se mudar para o bairro, mas já exercia a prostituição antes, assim como Solange, que chegou em Carapeba com aproximadamente 18 anos, depois de ter passado por diversas casas de prostituição. Eny, apesar de branca e de ocupar uma posição de maior prestígio na indústria sexual, também era uma imigrante interiorana, com baixo nível de instrução, que encontrou na RMGV uma alternativa às tradicionais relações sociais e familiares vivenciadas na cidade pequena de Colatina. Ela narra que ia até as cidades pequenas, principalmente, do estado da Bahia, para trazer meninas entre 12 e 13 anos para serem suas inquilinas na boate Veneza. Ou seja, o território de São Sebastião foi povoado e construído por imigrantes rurais, sem qualificação profissional e educacional, e extremamente

²²¹ MARCONDES et al., 2013.

²²² MORGANTE, 2019, p. 86.

vulneráveis na dinâmica de empobrecimento da RMGV, aprofundada em finais dos anos de 1970.

Segundo Nader²²³, dentre os problemas decorrentes da marginalização espacial e social de grande contingente populacional da RMGV, ocorridas em meio à industrialização e urbanização do Espírito Santo, estão o aumento da violência metropolitana. A autora explica que a violência muitas vezes está associada às condições de vida típicas dos locais mais pobres da cidade, onde há grande concentração de pessoas em um mesmo território, "[...] desigualdades de riquezas, impessoalidades das relações, fácil acesso a armas de fogo, abuso de álcool e tráfico de drogas, além da baixa renda familiar e violência policial"²²⁴. Os maiores índices de violência nas áreas periféricas de pobreza generalizada atestam a gravidade da situação vivenciada cotidianamente pela população pobre e negra, em sua maioria. Morgante²²⁵ evidencia os dados divulgados pelo Mapa da Violência de 2012, no qual consta um aumento de 180,7% das taxas de homicídio no estado, em finais dos anos de 1980, que representa um índice anual de 9%. O crescimento dos homicídios ocorreu, sobretudo, na RMGV, com uma alta de 379%, isto é, 13,9% ao ano. São Sebastião, uma área periférica no município da Serra, marcada pela pobreza e pela falta de serviços básicos de saúde e de educação, compunha o quadro de alto índice de violência na RMGV, atestado pelo Mapa da Violência, de 2012.

Como mostram as narrativas das sujeitas da pesquisa, o início da construção da CST, próxima ao território, a partir de meados da década de 1970, já ficou caracterizado pelo crescimento da violência no bairro, situação que se agravou nos anos seguintes, em princípios de 1980. Associado às outras mudanças econômicas, políticas e sociais ocorridas na RMGV, o aumento da violência desencadeou em um processo de decadência da "zona" e a prostituição voltou a se fazer bastante presente nas ruas da região central de Vitória. Carapeba deixava de ser frequentada de forma preponderante por estrangeiros e brasileiros abastados, passando a ter como principal clientela os trabalhadores que atuavam na construção da CST. Com o término das obras e o início de suas operações em 1984²²⁶, contudo, o movimento de clientes da construção civil caiu drasticamente, o bairro se tornou mais residencial, voltado para as famílias dos trabalhadores permanentes da usina. Conforme Eny, "quando os peão foi embora, parecia que tinha passado uma bomba, eu costumo falar que foi a 'Guerra do Iraque'. [...]. E aí acabou.

²²³ NADER, 2009.

²²⁴ NADER, 2009, p. 162.

²²⁵ WAISELFISZ, 2012, apud MORGANTE, 2019.

²²⁶ SILVA, 2015.

Foi aonde começou os marginais a encostar, foi aonde virou isso que vocês tão vendo aí. E de São Sebastião eu fui pra Novo Horizonte". Para Solange, após a construção da siderúrgica, "foi acabando São Sebastião e aparecendo só família. Aí ficou no que está hoje, Novo Horizonte."

De maneira geral, as entrevistadas atribuem a decadência do "território do desejo" da RMGV à implantação da CST na região, seja em um primeiro momento, em que houve um aumento da violência no bairro e uma modificação da clientela do mercado sexual de Carapeba, seja no segundo momento, quando as operações da usina foram iniciadas e o local deixou de ter um grande movimento de fregueses. É nesse sentido que, inquirida sobre o fim de São Sebastião, Denise explica que,

Esses peão maldito que vieram praqui minha filha. A CST. A gente fala e não é mentira não, isso é verdade o que eu estou falando para você. Porque os homens, os brasileiros que frequentavam aqui era tudo homem casado, noivo, que ia casar no outro dia e vinha pra curtir o último dia de solteiro. Era assim os brasileiros. Quando veio, começou a vir... os coisa. O brasileiro que frequentava afastou. Porque os peão eram muito problemáticos, eram brigão, saía na faca, uma confusão de fazer até medo. Aí então eles afastaram. Novo Horizonte teve uma época em que você não via uma viva alma! [...] Quando esses peão estava aí não tinha como andar na rua! De tanto homem que tinha.

Eny relata os mesmos motivos apresentados por Denise para o progressivo término do território de prostituição da RMGV, ao afirmar que a CST foi responsável pelo fim da "zona". Isso porque, como narra, "quando os peão encostou, o pessoal bom se afastou. Porque onde bate peão, acabou. Parece que tem troço ruim com eles." Ou seja, segundo estas lembranças de Denise e de Eny, com a chegada dos inúmeros trabalhadores da construção civil, o nível da clientela caiu e o lugar já não era mais frequentado por homens de classes médias e altas. Centenas de "peões" passaram a ocupar as ruas de Carapeba, trazendo confusões e violência. Depois, com o início das operações da CST e o fim das principais obras para erguer a siderúrgica, os trabalhadores civis se retiraram da região, em busca de alternativas de sobrevivência. O bairro acabou ficando esvaziado e como Eny narra, "o peão foi embora, e aí acabou.

Não que o comércio sexual de São Sebastião tenha sido interrompido de todo, de um dia para o outro, mas cada vez menos era o principal território de prostituição procurado por uma clientela diversificada. Nas palavras de Eny, "Isso aqui ficou morto, ficou aqueles pessoalzinho assim... Muito veado ficou por aqui, ficou muito estranho. As mulheres boas voltaram para Vitória, só ficou os cacos de vidro aqui." Diferente do antigo *glamour* e organização dos bordéis de Carapeba, onde meninas trabalhavam bem arrumadas conforme a moda do momento e deviam obedecer a uma rígida disciplina, o território passou a ser composto por boates de nível

mais baixo, não tão requintadas como outrora, sem o aparato policial que garantisse uma ordenação social, e com maior número de prostitutas e travestis nas ruas. Diane explica como era a organização da boate Continental, administrada pelo Alemão, em princípios dos anos de 1980, evidenciando diferenças substanciais em termos de disciplina e de comprometimento das inquilinas com o bordel, além do menor movimento de clientes no estabelecimento. Sem a frequência de clientes de antes, muitas prostitutas saíam para fazer ponto na capital, principalmente, na região do centro e na praia de Camburi, como Diane costumava fazer, em companhia das colegas de boate e do território.

A prostituição deixava de ser exercida quase que exclusivamente dentro dos bordéis, onde as prostitutas eram "inquilinas". A partir de então, passou a haver uma maior separação entre o espaço de trabalho e de residência, além da diversificação dos próprios locais de comércio sexual. As prostitutas podiam morar no local que lhes convinha e fazer ponto em diferentes locais da cidade, de maior circulação de homens, possíveis clientes. Os bordéis não eram mais os principais estabelecimentos para a realização dos programas prostitucionais. O mercado de corpos femininos²²⁷ era mais visível e acessível em diversas esquinas, da capital e de toda a RMGV. Bastava acertar o encontro e ir para um motel para efetivá-lo. Os bordéis continuaram existindo, tanto em Carapeba, como em Vitória, mas as inquilinas passaram a ter mais autonomia para ir em busca de programas em outras regiões da cidade, e para realizá-los em motéis espalhados pela RMGV.

A matéria "Tudo à meia luz"²²⁸, publicada em 1980, mostra o crescimento dos motéis na RMGV, e seu uso voltado, principalmente, para programas prostitucionais. Considerada uma atividade comercial que se fez presente no Espírito Santo de maneira tardia em comparação com outras capitais do país, a matéria evidencia a importância econômica que o ramo adquiriu no estado, ao mesmo tempo em que salienta os perigos associados a este tipo de negócio e de lazer. A dinamização do setor rodoviário ocorrida nos anos de 1970 na RMGV é apresentada como um fator de incentivo ao aumento do número de motéis no estado. Com a explosão da indústria automobilística nacional, era cada vez maior a quantidade de pessoas circulando pelas rodovias capixabas, e os motéis se estabeleceram nesses locais com o objetivo de atender a clientela que passava por estas estradas. Mas, para além das pessoas em trânsito, os motéis

²²⁷ O termo "mercado de corpos femininos" abrange tanto as prostitutas, mulheres cis, como os travestis, dada a performance feminina que eles assumiam para "fazer a vida". Já a palavra "travestis", é colocada no masculino conforme eles próprios se referiam nas matérias "O reino da fantasia" e "Requebros, paetés; lá vai Carapeba", publicadas na revista Espírito Santo Agora, em novembro de 1977.

²²⁸ TUDO, 1980.

tornaram-se frequentados por uma diversidade de fregueses, até mesmo por casais "[...] legitimamente casados para 'um programa diferente' em finais de semana." ²²⁹ A pioneira no ramo dos motéis em Vitória foi a Aurora Rezende, mais conhecida como Aurora Gorda, antes cafetina de boate na Volta de Caratoira, na região central da capital. Ela construiu o "Motel Rezende", no final da praia de Camburi, e, apesar das batidas policiais no estabelecimento, conseguiu faturar bem com o negócio, diferente da boate que tentou montar em São Sebastião. Em 1979, contudo, Aurora precisou fechar as portas do motel, dada a concorrência com os diversos motéis recentemente instalados na periferia da capital. Segundo a matéria, o processo a implantação dos motéis na RMGV foi marcado pela violência, com o quase monopólio de todos instalados na "Zona Norte" nas mãos de um só dono. Como evidencia a revista,

Ele tinha o serviço de policiais que lhe garantiam proteção, chegava a provocar assaltos nos estabelecimentos que ainda não lhe pertenciam, e fazia circular as notícias mais tarde. Também contratava pessoas que se faziam passar por policiais, que abordavam armados os casais que encostavam o carro num canto qualquer, e após o ritual de identificação aconselhavam: "Nós estamos procurando bandido. Tem bandido demais aqui. Por que vocês não vão a um lugar mais seguro como o motel X?" ²³⁰

Ademais, o editorial mostra um escândalo envolvendo os motéis e a Emcatur, órgão executor da política de turismo do estado, atestando a rentabilidade do ramo, com desdobramentos políticos. "Tentou-se impor aos motéis uma taxa de seguro, que seria paga por número de pessoas hospedadas." ²³¹ Ao verificar a intenção de corrupção por parte do diretor-presidente do órgão, Petronilho Batista, o governador Eurico Rezende ordenou a abertura de uma sindicância e o diretor foi exonerado do cargo. Para a matéria, se o seguro não era necessário para os motéis, a segurança era, haja vista os constantes assaltos praticados nesses locais muitas vezes isolados. A reportagem evidencia um caso em que um motel "[...] foi invadido por três homens armados que levaram tudo que puderam dos que ali se encontravam, inclusive as roupas"²³². O dono do estabelecimento foi à uma loja de confecções em plena madrugada, acordou a proprietária e comprou roupas para os seus fregueses poderem, minimamente, voltar para a casa. Não obstante a grandiosidade do assalto, "nenhum jornal noticiou o fato muito embora a polícia tenha tomado conhecimento dele"²³³. Outro caso contado pela revista foi o de uma mulher que costumava levar seus clientes para os motéis, roubar tudo de valor que possuíam e fugir, abandonando-os no recinto. Com a intervenção do proprietário de um dos

²²⁹ TUDO, 1980, p. 7.

²³⁰ TUDO, 1980, p. 5.

²³¹ TUDO, 1980, p. 6.

²³² TUDO, 1980, p. 6.

²³³ TUDO, 1980, p. 6.

motéis em que ela havia sido descoberta, a mulher conseguiu ficar impune e o acontecido não foi noticiado pela mídia. O movimento nos motéis era tamanho, ao ponto de o editorial falar de um motel ainda em fase de construção funcionando a pleno vapor, de tão procurado que era pelos casais, chegando a formar filas no entardecer. Dada a intensa rotatividade, alguns motéis, sobretudo, os situados na orla, estabelecem um prazo de no máximo duas horas para o uso dos apartamentos, chegando a bater repetidamente na porta ou mesmo cortar a energia elétrica e a água do banheiro, caso o casal ultrapassasse o tempo estipulado. Para a matéria, "São estes os motéis que praticamente vivem às expensas do lenocínio lembrando as velhas pensões onde uma dedicada cafetina tratava com zelo do tempo de suas 'meninas'"²³⁴. Pensões não tão velhas como pressupõe a reportagem, pois ainda existiam em São Sebastião e em outras regiões quando da publicação da revista, conforme os relatos das entrevistadas.

Enquanto a maioria dos motéis, com preços mais acessíveis, era frequentado por prostitutas e seus clientes, os motéis mais luxuosos tinham como fregueses, principalmente, casais legítimos. Nestes estabelecimentos, os preços cobrados fugiam "[...] ao alcance do cidadão que procura uma prostituta para alguns momentos"²³⁵. Para a matéria, os motéis influenciaram nas modificações do comportamento feminino em relação ao sexo, na medida em que facilitaram os encontros sexuais, antes difíceis de serem realizados, possibilitando às mulheres ter uma conduta mais livre. "Hoje é comum um rapaz ser surpreendido com um agradável convite partido de mulher para dar uma voltinha no motel de sua preferência. Se bem que não seja comum, isso tem acontecido, marcando um importante ponto no caminho da iniciativa feminina".²³⁶ E, também abordando o protesto das cafetinas de São Sebastião contra a volta da prostituição ao centro de Vitória, a matéria conclui que, com todos os aspectos positivos e negativos da existência dos motéis, o fato é que eles "[...] fazem parte do momento atual, e vão pouco a pouco integrando uma nova maneira de comportamento da comunidade. Afinal, quem nunca foi a um motel?"²³⁷

A possibilidade de alugar um apartamento de motel para efetivar encontros sexuais pode, efetivamente, ter contribuído para que algumas mulheres tivessem um local para exercer práticas sexuais antes impossíveis de acontecer. Todavia, a modificação do comportamento feminino, principalmente, das mulheres brancas, de classes médias e altas, vinha se

²³⁴ TUDO, 1980, p. 7.

²³⁵ TUDO, 1980, p. 7.

²³⁶ TUDO, 1980, p. 7.

²³⁷ TUDO, 1980, p. 7.

processando desde a década de 1960, com o progressivo aumento do número de mulheres nas universidades, nos empregos formais, nas manifestações de rua e com o advento da segunda onda do movimento feminista no Brasil. Segundo Maria Izilda Matos e Andrea Borelli²³⁸, a queda da capacidade de sobrevivência e de consumo da população, assim como as mudanças comportamentais e a possibilidade de controlar a natalidade, com a recente difusão do consumo das pílulas anticoncepcionais no Brasil, fizeram com que a empregabilidade feminina crescesse "[...] de forma sistemática tornando-se constante, intensa e diversificada". Para as autoras, o "milagre econômico" de princípios dos anos de 1970, intensificou a industrialização e a urbanização do país, fazendo com que as mulheres fossem incorporadas em diversos setores industriais, não mais restritos às atividades tradicionais exercidas por elas. Depois, com a crise econômica de finais da década e o intenso processo inflacionário da década seguinte, as mulheres adentraram cada vez mais nos setores de serviços e de comércio, especialmente em categorias em que houve rebaixamento salarial, como foi o caso do setor bancário. Paralelamente, o avanço da escolaridade feminina foi se processando, o número de mulheres nas universidades aumentou exponencialmente, "[...] tornando-as economicamente mais competitivas e capazes de enfrentar resistências e preconceitos e aumentar sua presença em setores até então impermeáveis ao feminino"²³⁹.

Joana Maria Pedro²⁴⁰ explica que, no decorrer dos anos de 1960 a 1980, as mulheres se tornaram cada vez mais visíveis nos espaços públicos, atuando em movimentos de rua, nos clubes de mães, nas reivindicações por anistia aos presos e perseguidos pelo regime ditatorial, nas manifestações por eleições diretas, em associações femininas, nos sindicatos e no movimento feminista. Inicialmente, em princípios dos anos de 1970, dada a severidade do regime militar que vigorava no Brasil, o feminismo brasileiro adotou uma postura mais tímida, focada na metodologia dos grupos de consciência ou de reflexão para divulgar suas ideias. Nestes grupos, constituídos apenas por mulheres, grande parte intelectuais com experiências de reflexões feministas já desenvolvidas nos Estados Unidos e nos países da Europa Ocidental, eram discutidos problemas específicos enfrentados pelas mulheres e formas de se contrapor ao machismo vigente. Nesta época, inúmeras feministas contrárias ao governo ditatorial precisaram sair do Brasil para não serem presas, torturadas e assassinadas. Exiladas no exterior,

²³⁸ MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho: espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 142.

²³⁹ MATOS; BORELLI, 2013, p. 145.

²⁴⁰ PEDRO, Joana Maria. O feminismo de "segunda onda": corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 238-259.

elas conheceram e participaram das organizações feministas existentes em outros países e adquiriram experiências que iriam influenciar no movimento feminista nacional posteriormente. A partir de meados da década de 1970, com o progressivo enfraquecimento do regime militar, o feminismo ficou mais visível no país, por meio do surgimento de periódicos e de encontros feministas, da criação dos centros da mulher, voltados para o estudo e a reflexão das questões da mulher, e de outras manifestações políticas e artísticas pautadas em temáticas próprias das mulheres.²⁴¹

Segundo Lana Lage e Maria Beatriz Nader²⁴², na década de 1980 o movimento feminista no Brasil estava mais forte e mais organizado, de maneira que, no processo de redemocratização do país e dos movimentos de massa em prol de eleições diretas, ocorridos em 1985 e chamados de "Diretas Já", as pautas feministas eram visíveis, sobretudo, aquelas relacionadas ao combate à violência contra a mulher. O objetivo era que as agressões e os assassinatos cometidos contra as mulheres fossem encarados pelo Estado brasileiro como um problema social de ordem pública e não privada. Para tanto, as feministas realizaram protestos nas ruas, se articularam com diferentes instâncias governamentais e se utilizaram dos meios de comunicação para dar visibilidade à sua pauta e questionar a aplicação jurídica do argumento de "legítima defesa da honra", historicamente usado pelos assassinos e agressores para conseguir a impunidade dos crimes cometidos. Com isso, paulatinamente seriam implantadas políticas públicas, órgãos e serviços voltados para a proteção e o apoio às mulheres vítimas de violência, com destaque para a instalação das Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher (Deams) em todo o território nacional.²⁴³ Em Vitória, a primeira Deam foi implantada em 1985, pouco tempo depois da primeira instalada no país, em São Paulo.²⁴⁴

No decorrer dos anos de 1960 a 1980, as conquistas femininas em diversos âmbitos das relações sociais tinham um paralelo com os progressivos avanços legislativos no que tange à igualdade de direitos e deveres entre os sexos. Iáris Ramalho Cortês²⁴⁵ demonstra algumas alterações na legislação brasileira que foram de importância fundamental para a melhoria da condição e dos

²⁴¹ PEDRO, 2013.

²⁴² LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Violência contra a mulher: da legitimação à condenação social. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 286-312.

²⁴³ LAGE; NADER, 2013.

²⁴⁴ NADER, Maria Beatriz. Cidades, o aumento demográfico e violência contra a mulher: o ilustrativo caso de Vitória – ES. NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (Org.). **Dimensões Revista de História da Ufes**, Vitória, v. 23, p. 156-171, 2009.

²⁴⁵ CORTÊS, Iáris Ramalho. Direito: a trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 260-285.

direitos femininos no Brasil. Em 1962, o Estatuto da Mulher Casada (Lei n. 4.121/1962), modificou o Código Civil de 1916 e "[...] mudou radicalmente a vida das esposas no Brasil"²⁴⁶. A mulher deixava de ser considerada civilmente incapaz de praticar certos atos, como trabalhar formalmente, necessitando da permissão e/ou da assistência do marido. Também teve o *pátrio poder* sobre os filhos garantido, em caso de separação e contração de novas núpcias, sem o poder de interferência do novo marido. Em 1977, a Lei do Divórcio (Lei 6.515/77), foi outro marco importante na alteração dos parâmetros que norteavam a relação matrimonial no Brasil. Não obstante ter sido aprovada com uma série de condicionalidades limitadoras da ação, a lei possibilitou a dissolução do casamento por ambas as partes. Já em 1988, a promulgação da nova Constituição brasileira, elaborada com ampla participação popular, incluindo dos movimentos de mulheres e feministas, contou com a inclusão de grande parte das reivindicações femininas. "Homens e mulheres foram incluídos na Constituição com igualdade de direitos e obrigações, na vida civil, no trabalho e na família."²⁴⁷ Nesta, foi abolida a posição de superioridade do homem no âmbito conjugal, passando a ser exercido igualmente por homens e mulheres, assim como foram reconhecidos os vários tipos familiares, constituídos tanto pelo casamento e pela união estável, como por pais e mães e seus filhos. Com a nova Carta Magna, a Lei do Divórcio de 1977 ganhou forma de preceito constitucional, apesar de ainda conservar algumas restrições, abolidas de todo somente em 2010. O planejamento familiar também foi incluído no texto da nova Constituição e todas as mulheres, independentes do estado civil, passaram a ter o direito ao título de domínio e a concessão do uso da terra. Além disso, a prática do racismo tornou-se crime inafiançável, sujeito à aplicação da pena de reclusão.

Com todos esses avanços políticos, legislativos, econômicos e sociais, em princípios dos anos de 1980, as mulheres de classes médias e altas passaram a contar com maior visibilidade pública e autonomia social. Eram essas mulheres que, na década de 1960, começavam a frequentar as ruas centrais de Vitória, mas ainda preservavam diversos tabus no âmbito educacional, familiar, do trabalho fora de casa, da sexualidade e dos comportamentos sociais. Elas viviam em relações familiares pautadas na hegemonia do poder masculino e em códigos morais restritivos à sua atuação no ambiente público. Sua esfera de ação era voltada à vida privada, ao cuidado dos filhos, do marido e da casa. Sua sexualidade devia ser exercida estritamente dentro do matrimônio, seguindo, muitas vezes, padrões tradicionais limitadores do prazer feminino. Em contrapartida, os homens usufruíam de grande autonomia, era-lhes permitido e amiúde

²⁴⁶ CORTÊS, 2013, p. 267.

²⁴⁷ CORTÊS, 2013, p. 263.

aconselhado que tivessem práticas sexuais fora do âmbito conjugal para extravasar suas "tensões" adquiridas no trabalho cotidiano. Ademais, os discursos de poder insistiam que o apetite sexual masculino era "naturalmente" maior do que o feminino, portanto, nada mais "normal" do que os homens manterem uma vida sexual ativa nos bordéis e suas esposas aceitarem este "lazer" dos seus maridos. Entretanto, o mercado sexual, enquanto espaço de lazer masculino, não podia conviver com os territórios frequentados e habitados pelas famílias de classes médias e altas da região central de Vitória. As esposas de inúmeros clientes da indústria de corpos femininos não podiam conviver com as prostitutas, amantes dos maridos, dos filhos e dos pais. Elas podiam ser confundidas ou mesmo adotarem certos comportamentos das meretrizes, considerados transgressores pelos discursos representantes da moral e dos bons costumes. Foi nesse sentido que, visando preservar os costumes da família nuclear burguesa e promover a ordenação social de Vitória, o governo estadual decretou a expulsão das prostitutas das ruas centrais da capital. São Sebastião se tornou o território delimitado para a existência da indústria sexual na RMGV, em uma área periférica e perto do recém-inaugurado Porto de Tubarão, possibilitando o acesso de marinheiros e de homens capixabas, muitos deles casados e com alto poder aquisitivo.

Contudo, na década de 1980, as relações sexuais, as condutas e as formas de interação social alteraram-se profundamente, as mulheres que antes se viam enclausuradas em casamentos infelizes e impossibilitadas de ter uma vida autônoma conforme seus desejos pessoais, agora tinham mais possibilidades de realizar o afeto por si mesmas. Elas passaram a contar com maior independência financeira e nível educacional, com garantias legislativas para si mesmas e sua prole, com novas alternativas de lazer fora de casa e com outras representações de feminilidade. A partir de então, as mulheres que viviam situações de violência, de abuso e de adultério por parte de seus maridos, ou mesmo que experimentavam uma incompatibilidade afetiva no interior do vínculo conjugal, não eram mais obrigadas por uma série de mecanismos jurídicos e sociais a se manterem no matrimônio. Elas podiam romper com os casamentos infelizes, não se viam mais na obrigação de aceitar as constantes idas dos maridos aos prostíbulos e tampouco de suportar o descaso e a agressividade dos conjugues. Além disso, os namoros e as relações sexuais antes do casamento tornaram-se cada vez mais comuns, o tabu da virgindade feminina ao contrair matrimônio ia se dissolvendo aos poucos. A liberalização sexual das mulheres era facilitada pelo maior acesso às pílulas anticoncepcionais que permitiam evitar a gravidez e fazer um planejamento familiar. A diminuição do número de filhos, a escolha por não os ter ou por

engravidar com a idade mais avançada, eram opções que se colocavam nas vidas pessoais das mulheres, principalmente, de classes mais abastadas.

Com essas mudanças nos comportamentos das mulheres de razoável poder aquisitivo, maioria brancas, a necessidade e a aceitação da existência de um território voltado exclusivamente para a indústria sexual perdia a força. Os tempos eram outros. O modelo da prostituição confinada, exercida dentro dos bordéis que se configuravam como verdadeiros espaços de socialização masculina, entrava em um processo de decadência. As esposas dos frequentadores das boates de São Sebastião não precisavam necessariamente manter o vínculo conjugal com um homem que mantinha relações afetivas e sexuais duradouras com as mulheres da "zona". Normalmente, os clientes capixabas das boates de Carapeba eram frequentadores assíduos dos prostíbulos de sua preferência, muitas vezes se relacionavam por um longo tempo com a mesma prostituta e costumavam ter relações de afetividade com a cafetina da casa, não hesitando em auxiliar no êxito de seus negócios e chegando a ser, algumas vezes, seus amantes pessoais. Eny narra os diversos namorados da alta sociedade capixaba que tinha na época, muitos deles casados. Também Diane relata que tinha encontros esporádicos com os mesmos clientes, cujo auxílio financeiro constante garantia sua sobrevivência sem precisar executar um grande número de programas, e que eram, em sua grande maioria, homens casados. Ela preferia se relacionar com esses homens, pois acreditava que eles exerciam a atividade sexual somente com as suas esposas, diminuindo a possibilidade de contrair doenças venéreas. Além disso, estes fregueses costumavam ter uma idade mais avançada e já estarem consolidados no mercado de trabalho, possibilitando que a auxiliassem com recursos pecuniários. Ou seja, era comum que os clientes do "território do desejo" da RMGV mantivessem uma outra mulher ou mesmo outra família no bairro, estabelecendo vínculos estreitos de afetividade com a amante, o local e, amiúde, com os bordéis e suas cafetinas. A partir de meados da década de 1970, mas, principalmente, nos anos de 1980, esse tipo de relação adúltera duradoura por parte dos homens casados foi se tornando intolerável e insustentável. A família nuclear burguesa baseada na virgindade feminina e na indissolubilidade do matrimônio perdera sua força. Cada vez mais os casais passaram a assumir e a manter o vínculo conjugal pelo desejo e pelo afeto, e se estes pilares da relação fossem rompidos, o matrimônio já não tinha mais motivos para continuar.

É evidente que a prostituição não deixou de existir, mas foi mudando de formato e se adaptando às novas configurações nas relações de forças entre os diversos componentes do dispositivo da

sexualidade capixaba. Conforme a matéria "Prostituição: o trottoir nas ruas"²⁴⁸, publicada em 1982, a prostituição voltou a fazer parte do cotidiano no centro de Vitória e "para comprovar isso basta uma volta pelo centro da cidade após às 19 horas, sobretudo, nas imediações do Parque Moscoso e avenida Beira Mar, isso sem se falar na orla de Camburi." A revista explica que as prostitutas eram provenientes da periferia da RMGV e da chamada "zona boêmia" de São Sebastião. Efetivamente, Diane conta que estes eram os principais locais onde ia "fazer a vida" em companhia das colegas de Carapeba. Segundo a matéria, as mulheres que passaram a se prostituir na capital eram diferentes do tipo de mulheres encontradas em São Sebastião. Muitas tinham outros ofícios, eram costureiras, balconistas, secretárias, lavadeiras, ou mesmo donas-de-casa abandonadas pelos maridos e viúvas, que precisavam sustentar os filhos. Elas exerciam a prostituição conforme a necessidade, para complementar o orçamento doméstico ou quando não tinham outra fonte de renda. Por isso, não compareciam todos os dias nos mesmos pontos de Vitória, seguiam horários próprios de acordo com o que precisavam no momento.

A matéria mostra que também os horários de funcionamento do comércio sexual eram diferentes na capital e em Carapeba. Enquanto aqui o movimento se estendia até o amanhecer, em Vitória o limite era até cerca de 1 hora da madrugada, quando os ônibus paravam de circular e muitas prostitutas precisavam voltar para suas casas. No centro da cidade, o circuito da prostituição se situava nas ruas Getúlio Vargas, Cleto Nunes, 23 de Maio, Presidente Pedreira, Avenida República e Avenida Florentino Avidos. Nestes locais, diversos hotéis "de alta rotatividade" eram utilizados para a realização dos programas e muitos bares, como o Canecão, Cavalos de Aço e o Scandinavia, serviam tanto para lazer, como para encontros prostitucionais. A reportagem afirma que os hotéis Novo Hotel, Chega Mais e o Terraço foram os mais frequentados pelas ações da Delegacia de Costumes e Diversões, que atuavam no combate à prostituição, e respondiam criminalmente por processos relacionados à exploração da atividade. O movimento da indústria sexual no centro de Vitória começava por volta das 18 horas, quando as mulheres começavam a fazer ponto nas esquinas. "Em princípio elas são confundidas com pessoas que esperam condução para voltar para casa após um dia de trabalho. Mas com um pouco de observação nota-se perfeitamente que elas não estão à espera de condução. Estão aí para o seu trabalho." ²⁴⁹ A partir das 20 horas, diminui o número de pessoas esperando condução para a casa e as prostitutas ficam mais visíveis no cenário urbano. Os bares ficam cheios, principalmente, o Canecão, em frente ao Parque Moscoso, e a circulação de táxis com placas

²⁴⁸ PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 35.

²⁴⁹ PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 36.

da Serra, de Cariacica e de Vila Velha é intensa. Eles são usados pelos casais que optam por realizar os programas em outros hotéis ou motéis, mais distantes do centro da cidade, assim como no bar Franciscano, na orla da praia de Camburi.

Para o editorial, a prostituição era um problema social que se agravava com o surto industrial no Espírito Santo, que acabou não usufruindo dos recursos gerados pela instalação de grandes indústrias no estado, dada a remessa de capital para o exterior, mas precisou arcar com os problemas característicos dos meios urbanos, como era o caso da prostituição. A promessa de empregos e de conforto na RMGV trouxeram centenas de imigrantes rurais vindos do interior mineiro, da zona da mata, norte do estado e sul da Bahia. "As dificuldades de adaptação, a desqualificação profissional, os baixos salários e o próprio desemprego viriam contribuir, entretanto, para a transformação de ex-lavradores em peões. Da mesma forma, houve vertiginoso aumento da prostituição [...]"²⁵⁰, tanto no centro da capital, como em São Sebastião. Conforme mostra a matéria, apesar da "fuga dos marinheiros" ocorrida nos anos de 1975 a 1978, o movimento no território se intensificou com a vinda dos imigrantes interioranos nos anos seguintes. O motivo principal que afastou os marinheiros do bairro, qual seja, o alto índice de DST, não deixou de ser um problema frequente na região, provocando violências e discussões constantes que, para a revista, "[...] ocorrem com a frequência própria dos lugares onde o ajuntamento é maior, e proporcionado por um clima de prostituição e de 'cachaçadas' [...]"²⁵¹. A reportagem explica que a problemáticas da transmissão das doenças venéreas é agravada na medida em que os clientes dos bordéis, desconhecendo a facilidade com que podem contrair as doenças, estão propensos a levar as DSTs para fora da região, contagiando de suas esposas. "Em muitos casos, a violência do bairro começa quando um homem descobre ter sido infectado e volta para culpar a mulher com quem esteve no local."²⁵²

Efetivamente, no começo da década de 1980, a RMGV vivenciava um período de inchaço demográfico, acompanhado pela falta generalizada de estrutura habitacional, abrangendo saneamento básico, energia elétrica, água encanada e coleta de lixo, de transportes, de saúde e de educação, além da insuficiência da geração de empregos para a população recém-chegada. As consequências foram inúmeras, desde a formação de bolsões de pobreza e da ocupação de áreas impróprias para tanto, até o aumento da violência metropolitana, para não mencionar a transmissão de doenças venéreas para maior número de pessoas. Enquanto uma região

²⁵⁰ PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 36.

²⁵¹ PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 37.

²⁵² PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 37.

periférica, habitada e frequentada, sobretudo, por imigrantes pobres, sem as condições mínimas de higiene e de bem-estar social, São Sebastião tornara-se o retrato da miséria, da violência e da doença física e moral para a sociedade capixaba. O lugar continuava a ser frequentado, sobretudo, pelos "peões", como se referem a reportagem e as entrevistadas aos trabalhadores da construção civil, mas a lucratividade dos negócios instalados no bairro caiu, as boates não gozavam mais da prosperidade de outrora e tampouco as prostitutas conseguiam faturar tão bem pelos programas como antes.

Em 1984, contudo, com o início das operações da CST, até mesmo os "peões" deixaram a "zona" e os rendimentos dos bordéis, dos bares, dos mercados e dos setores informais caíram ainda mais substancialmente. Assim como os bairros no entorno, como São Diogo e Jardim Limoeiro, o local se tornou, sobretudo, residencial, contando com algumas atividades comerciais, mercearias, bares, lanchonetes, lojas de roupas e pequenas indústrias. Conforme a matéria "A Tribuna vai para Novo Horizonte"²⁵³, publicada em 1999, por meio de um plebiscito realizado entre os moradores, o bairro mudou de nome e passou a se chamar "Novo Horizonte", justamente no ano de 1984. Nas palavras de Solange, "Não tem a CST? Foi acabando São Sebastião e aparecendo só família. Aí ficou no que está hoje, Novo Horizonte. Eles tiraram São Sebastião e colocaram Novo Horizonte." Para Denise, foi um homem que entrou na política local e alterou o nome do bairro, "[...] porque todo mundo conhecia isso aqui como puteiro, não sei por quê."

Nessa época de decadência do meretrício exercido nos bordéis de São Sebastião, a prostituição continuou a ser exercida em boates específicas para tanto, principalmente, em Vitória. Eny fala que na avenida Dante Michelini, na orla de Camburi, havia a boate Franciscana e ela mesma abriu uma ao lado, seguida por outra, chamada *Kiss*, que ela inaugurou no bairro de Santa Luíza, na avenida Leitão da Silva, em Vitória. Ela relata que também havia as boates *Play Man*, em Santa Lúcia e a *Le Chanois*, na Praia do Canto, que era "uma coisinha pequenininha, mas era muito chique, chique mesmo." Da mesma forma, a prostituição de *trottoir*, como se refere à revista *Espírito Santo Agora*²⁵⁴ ao meretrício exercido individualmente nas esquinas da cidade, tornou-se mais comum, sobretudo, na região central da capital. Era uma forma de atuar no comércio sexual característico das mulheres e dos travestis mais pobres, grande parte imigrantes, moradores da periferia e negros(as). Eles(as) faziam ponto em diversas ruas do

²⁵³ A TRIBUNA vai para Novo Horizonte. **A Tribuna**. Vitória, p. 10, 8 mai. 1999.

²⁵⁴ PROSTITUIÇÃO, 1982; A CLASSE, 1987.

centro e da orla de Camburi, principalmente, chamando os clientes para o programa, que eram efetivados nos motéis espalhados pela RMGV, ou nos pequenos hotéis existentes, sobretudo, no centro da capital. Mas, além das boates e da prostituição de *trottoir*, começaram a surgir as casas de massagem, o serviço de acompanhante voltado para hotéis de luxo, anúncios em jornais ofertando companhia feminina especializada e agências especializadas na prestação deste tipo de serviço. A prostituição se diversificou e se multiplicou, mulheres e travestis das mais variadas classes sociais passaram a atuar em diferentes formatos no interior da indústria sexual, seja nos bordéis, nas ruas, nas casas de massagem, por meio de anúncios autônomos nos jornais ou nas agências que organizam a oferta de seus serviços sexuais por telefone.

Segundo a matéria "A classe média vai à luta"²⁵⁵, publicada em 1987, a maioria das mulheres inseridas no sistema das agências especializadas no serviço de "acompanhante" de luxo são pertencentes à classe média capixaba. Com a crise econômica atravessada pelo país, acarretando em desemprego, inflação e suas consequências, estas "garotas" adentraram na indústria sexual frustradas que estão com suas condições de vida. Elas são estudantes, algumas universitárias, profissionais liberais desempregadas, esposas que foram abandonadas pelos maridos e até funcionárias públicas com salários baixos. No mercado sexual, elas chegam a ter uma remuneração de aproximadamente Cz\$ 3 mil por programa, que são executados normalmente em hotéis de luxo e abrangem não somente o serviço sexual, como também a companhia em restaurantes e bares requintados com os clientes, geralmente executivos e empresários em trânsito. Mas, além das dificuldades econômicas vivenciadas pelas prostitutas e do alto rendimento que o mercado sexual proporciona, a matéria acrescenta os fatores psíquicos que levam às mulheres a prostituição. Neste sentido, é colocada a opinião da médica, psicoterapeuta profissional, Iacy Rampazzo, segundo a qual a prostituição estaria relacionada com a ritualística que a envolve, "[...] levando uma pessoa a buscar nela um substituto de projetos frustrados."²⁵⁶

Entretanto, no quadro "Uma compensação natural", escrito pela própria Iacy Rampazzo e inserido na matéria "A classe média vai à luta"²⁵⁷, não há menção a qualquer ritualística prostitucional, tampouco como substituta de projetos femininos "frustrados". O que a médica explica é que a prostituição está presente em todas as classes sociais e é exercida pelas mulheres em função das agressões socioeconômicas e culturais sobre sua estrutura psíquica que, a depender do estilo de vida, das sensibilidades, do nível intelectual, das ambições e das

²⁵⁵ A CLASSE, 1987.

²⁵⁶ A CLASSE, 1987.

²⁵⁷ A CLASSE, 1987.

diferentes formas de identificação de cada uma, elas optam ou não pela inserção no comércio sexual. Para ela, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres são agravadas "[...] à medida em que as coisas desejadas não estão ao alcance do padrão de vida que a pessoa quer ter, devido ao excesso de estímulos dos meios de comunicação que incitam ao consumo exagerado, valorizando muito mais o que a pessoa tem do que a sua capacidade criativa." Com isso, conforme a psicoterapeuta, muitas mulheres se sentiam tentadas pela prostituição, que possibilitava um ganho imediato e uma resposta rápida à satisfação dos seus desejos pessoais, que dificilmente algum outro trabalho daria a elas.

É evidente que as condições de vida das mulheres que adentraram em São Sebastião para exercer a prostituição eram extremamente limitadoras à sua capacidade de sobrevivência digna e, muito menos, de ação criativa. De origem interiorana, pobres e negras, enfrentando inúmeras dificuldades na família, elas foram construindo suas subjetividades em relações de poder assimétricas, almejando romper com situações de violência, de abuso e de opressão, ao mesmo tempo em que buscavam realizar sua autonomia e seus desejos pessoais, o afeto por si mesmas. E o caminho encontrado por elas para sair de situações precárias e satisfazer suas aspirações singulares, foi tornarem-se prostitutas em São Sebastião. Claro que outras mulheres, também em condições de miséria e de inúmeras dificuldades, optaram por exercer serviços domésticos, como costurar, lavar, faxinar e cozinhar, mais acessíveis para a população feminina, principalmente, pobre, em detrimento do ofício prostitucional. É aí que entra a singularidade, as memórias, os desejos e os afetos de cada mulher, o âmbito da subjetividade que é tanto coletiva como individual, pois é fruto tanto do diagrama histórico, quanto da individualidade. É bem como a médica explica, a opção por entrar na indústria sexual deriva do estilo de vida, das sensibilidades, do nível educacional e das ambições de cada uma das mulheres, que não deixam de serem produtos das agressões vivenciadas diferentemente em relações sociais singulares.

Para a matéria, a prostituição é a profissão mais antiga do mundo, em cuja base se encontra "[...] o velho instinto da preservação da espécie", que "acionado pelo desejo sexual, o macho não mede esforços para a conquista da fêmea." E, não obstante as explicações da psicoterapeuta, do psicanalista Paulo Bonates e do sociólogo Erly dos Anjos, presentes na matéria, o editorial insiste em afirmar a inevitabilidade do mercado sexual. Isto posto, os então atuais métodos e instituições de controle às DSTs na RMGV, com destaque para a AIDS, epidemia mais temida na década de 1980, foram evidenciados como eficazes, permitindo que o mercado sexual usufrísse de maior segurança. Com isso, segundo a revista,

[...] o fato é que a prostituição avança hoje com uma força renovada. Sob o manto protetor de uma medicina preventiva bastante eficiente, escudada pela estrutura empresarial de porte moderno, surgindo como uma atividade quase aceitável sob o prisma da liberalização dos costumes, ela se transforma, a cada dia, numa atraente fonte de rendimentos, sem os riscos de outrora.²⁵⁸

O editorial mostra o crescimento dos hotéis de luxo e das casas de massagem de Vitória em associação com a modernização da cidade, que havia se transformado "[...] num pólo de trânsito de executivos nacionais e estrangeiros", deixando para o passado seu "ar de província."²⁵⁹ Nesse sentido, é apresentado o empresário e político capixaba, Antônio Salviano, portador de diversos mandatos na Câmara Municipal de Guarapari, "homem de ideias arrojadas para a época", como o pioneiro no ramo prostitucional em Vitória. Importando do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Salvador as ideias para a exploração do prazer masculino na capital espírito-santense, o empresário criou uma "[...] rede de casas de massagem, de boates com 'taxi girls', uma agência de 'acompanhantes para executivos' e um motel vertical: o hotel Xanadú."²⁶⁰ O sujeito garante a segurança do seu empreendimento, afirmando que todas as suas "garotas" têm um seguro médico da Grumed e fazem acompanhamento semanal para a prevenção e o combate das DSTs e de gravidez, além de fazerem uso constante de preservativos. E a matéria complementa: "Salviano não revela, mas o número de funcionárias de sua organização ultrapassa duas centenas e são checadas pela **Grumed** semanalmente."²⁶¹ A revista mais parece fazer uma propaganda do próspero mercado sexual da RMGV, mostrando inclusive como acessá-lo, do que fazer uma discussão crítica acerca da problemática. O que fica evidente, além da disseminação da prostituição por todo o corpo social vitoriense e seus diversos formatos de organização, é que o negócio havia se tornado eminentemente masculino, com os homens ocupando as posições de maior poder na indústria sexual.

²⁵⁸ A CLASSE, 1987, p. 29.

²⁵⁹ A CLASSE, 1987, p. 28.

²⁶⁰ A CLASSE, 1987, p. 28.

²⁶¹ A CLASSE, 1987, p. 28.

III. 2. A decadência de São Sebastião: as reações à nova configuração de forças no mercado sexual capixaba

Solange deixou a prostituição aproximadamente em 1976, quando o movimento de clientes do território aumentou exponencialmente durante a construção da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST)²⁶² e o mercado de corpos femininos iniciava um processo de decadência na região. Conforme conta, foi o namorado que decidiu tirá-la do bordel, "ele falou para mim: 'não, vamos parar', e me tirou de lá". Mergulhão, como era conhecido, trabalhava como taxista no território, "as mulheres tudo tinham medo dele. Ele era grandão, bonito". Eles começaram a namorar quando Solange era inquilina da Veneza. Com cerca de 26 anos, atuando na indústria sexual desde seus 12 anos de idade, ela aceitou a proposta de sair do prostíbulo para residir com o namorado. O casal, então, foi morar junto em uma pequena casa na região. O amásio, usuário de maconha, também atuava com o tráfico de drogas em um botequim do bairro, muito frequentado por policiais, que, segundo Solange, não se davam conta das transações ilegais que ocorriam no recinto. Ou, talvez, eles faziam "vista grossa", isto é, fingiam que não sabiam dos delitos em troca de alguns benefícios. Afinal, o tio de Mergulhão era policial civil, e podia ajudar nos negócios do sobrinho. Pouco se sabe a respeito disso. O fato é que Solange, tendo parado de atuar na prostituição e sem outra fonte de renda, passou a auxiliar nas atividades ilegais do companheiro, despachando as mercadorias para terceiros venderem. Após um tempo vivendo com Mergulhão, um homem sério, de poucas palavras, como narra, Solange se surpreendeu grávida. Não pensava que a gestação pudesse acontecer, tendo em vista que nunca engravidara na "geografia do prazer" da RMGV. Como salienta, "demorou, eu não estava nem acreditando que estava grávida". O filho nasceu no ano de 1977. Durante os primeiros anos de vida da criança, ela viveu praticamente por conta dele, até que começou a trabalhar fora de casa e a deixá-lo em uma creche no bairro e sob os cuidados do pai, enquanto estava no emprego.

Para Denise, o fim da prostituição ocorreu por volta de seus 25 anos de idade, aproximadamente em 1978, quando ela decidiu sair da boate Veneza para morar junto com o namorado policial. Segundo conta, Eny não acreditava que a inquilina iria ter uma vida simples ao lado de um homem, sem os luxos e a "liberdade" que estava acostumada, e não deu 15 dias para a jovem retornar para viver em seu prostíbulo. Mas Denise estava "cansada daquela vida", não suportava

²⁶² Atual ArcelorMittal Tubarão (SILVA, 2015).

mais o cotidiano prostitucional e queria viver com o namorado. Desde então, nunca mais voltou a vender o seu corpo na indústria sexual. Inicialmente, o casal alugou um quarto em um edifício em frente à Veneza e trouxe a filha de Denise para morar com eles. O juizado de infância e juventude, contudo, não permitiu que a criança, de 8 anos, residisse no espaço. A menina, então, retornou à casa da ama-seca que cuidara dela por toda a vida, e cuja figura lhe era verdadeiramente maternal, dado que nunca habitara com a mãe. Depois, Denise e o namorado passaram a residir em uma casa feita de tábuas, em um terreno adquirido à prestação, em Carapeba mesmo. Ele pagou um valor pela entrada da compra imóvel e mensalmente ajudava Denise a quitar as parcelas acordadas no contrato de compra e venda do terreno.

Como os destacamentos policiais da delegacia local mudavam constantemente, não tardou para o amásio ser retirado de sua função no território e transferido para atuar no quartel no bairro de Maruípe, em Vitória. Na ausência no companheiro, Denise continuava a frequentar a Veneza, agora para encontrar as amigas, conversar e dançar, condutas que o amásio considerava inadequadas. Em alguns episódios das saídas de Denise para a Veneza, pessoas conhecidas do policial ligavam para ele ao vê-la na boate, avisando do ocorrido, e ela voltava para a casa correndo, para que o amásio não a encontrasse no recinto. Ao chegar em casa, ele a encontrava na residência do casal, e ela dizia que estava dormindo o tempo todo. Durante aproximadamente 10 anos atuando na indústria sexual, Denise adquiriu hábitos noturnos, para encontrar e conversar com as amigas, tomar uma bebida, se distrair e dançar um pouco. Para Bergson²⁶³, todo o exercício habitual do corpo se armazena "[...] num mecanismo que estimula por inteiro um impulso inicial, num sistema fechado de movimentos automáticos que se sucedem na mesma ordem e ocupam o mesmo tempo". Ou seja, o corpo de Denise se acostumou a responder estímulos em determinada ordem, no mesmo tempo, sem nem mesmo pensar e racionalizar sobre seus movimentos e impulsos. O hábito é automático, é produto da memória corporal e, sem se dar conta ou mesmo consciente, a pessoa o reproduz. Quando ela se dava conta, normalmente lembrada por alguém, ou mesmo por percepções pessoais, de que não poderia mais frequentar aquele espaço, ela corria de volta para a casa. Mas o movimento corporal subjetivo era automático, suas relações sociais e seus comportamentos estavam associados aquele ambiente, não seria de um dia para o outro que ela iria mudar totalmente a sua rotina, a sua subjetividade. Por cerca de 5 anos de relacionamento com o policial, Denise afirma que o

²⁶³ BERGSON, 2006, p. 86.

companheiro sempre a tratou bem, trazia de Vitória tudo o que ela precisava, sustentava a casa e não era agressivo, apesar de ciumento.

Entretanto, o amásio não arcava com as despesas da casa sozinho durante o período de relacionamento do casal. Não demorou muito para Denise começar a trabalhar como garçonne na boate de Eny, ofício no qual se manteve por cerca de 10 anos, com dificuldades. Conforme explica, o serviço era muito desgastante e mal remunerado, "[...] porque era muita gente, então aquilo sufocava pelo barulho insuportável, a gente quase não ouvia o que o freguês pedia pra tomar. Para trabalhar no salão tinha que ter jogo de cintura senão levava muito prejuízo, e a gente que tinha que arcar com o prejuízo". Com a música ao vivo tocando e os sons altos das conversas no recinto, ela não entendia bem qual era o pedido dos clientes e frequentemente tinha prejuízos, cujos valores eram descontados dos seus ganhos pessoais. No geral, seus rendimentos mensais não eram tão baixos, ela recebia um salário mínimo e ainda a somatória das gorjetas pagas pelos fregueses em cada noite, mas, ao descontar os prejuízos do bar correspondes a praticamente todas as noites de funcionamento no salão, Denise acabava recebendo muito pouco mensalmente. E, além do baixo ganho que tinha atuando como garçonne da Veneza, ela acrescenta: "í... eu fiquei surda por causa disso, porque a música era ao vivo. Tinha um conjunto que tocava. Tocava a noite inteirinhazinha". Foi somente após algum tempo, quando engravidou novamente e o bebê nasceu em 1985, que Denise se deu conta que não escutava bem o choro do neném e descobriu, enfim, a perda de sua audição. Provavelmente, o processo de surdez começou enquanto exercia a prostituição na Veneza e se intensificou no decorrer dos anos. Talvez, a dificuldade em compreender os pedidos dos clientes da boate, na época em que trabalhava como garçonne no local, fosse evidência de uma audição já danificada, que ela só percebeu tempos depois. De qualquer forma, foi nos primeiros anos de vida da filha que ela se deu conta que não escutava com a devida qualidade e logo passou a utilizar aparelhos para surdez nos ouvidos.

Ainda com 17 anos de idade em 1980, Diane demorou um pouco mais para deixar de "fazer a vida", como elas se referem ao exercício prostitucional. O confinamento do meretrício em São Sebastião foi declinando até acabar, mas ela continuou atuando no mercado sexual na região e em Vitória, principalmente. Em finais dos anos de 1970 e princípios de 1980, Carapeba não era mais frequentada por homens de alto poder aquisitivo e as donas das boates do território começaram a vender suas propriedades ou a arrendar para terceiros(as). Segundo Denise, a cafetina Maria de Jesus resolveu vender a boate Continental para o Abilho, que lhe deu uma parte do valor do imóvel em dinheiro e prometeu pagar o restante transferindo-lhe algumas de

suas propriedades. Contudo, ele enganou a cafetina, e adquiriu o imóvel apenas pelo valor inicial, dado que não tinha os imóveis prometidos no ato da compra. Abilho ficou algum tempo tomando conta do bordel, mas logo arrendou a casa para o Alemão, que passou a chefiar o prostíbulo. Diane, depois de habitar em um apartamento alugado no edifício do Seu Chiquinho, por volta dos anos de 1979 a 1983, época em que fazia ponto na boate Atlântica, em Vitória e em outras cidades por onde viajava, decidiu voltar a residir na Continental, agora sob o comando do Alemão. Os tempos eram outros, o prostíbulo não era tão movimentado como antes e as regras de conduta das inquilinas estavam mais flexíveis, elas não precisavam cumprir um horário de expediente no salão da boate e podiam sair em busca de clientes em outros pontos mais promissores para tanto.

Inserida dentro dessa nova configuração interna das boates, agora de Novo Horizonte, Diane permaneceu na Continental, fazia ponto no salão quando havia movimento, quando não, se juntava com algumas colegas para ir ao centro de Vitória. Elas pegavam um táxi no bairro que as levavam gratuitamente para a capital, e, em troca, os taxistas tinham a garantia de que elas utilizariam seus serviços para fazerem os programas nos motéis ou nos prostíbulos da RMGV. Nesses episódios, Diane relata que elas faziam ponto em um bar na avenida Beira Mar e próximo da Av. Jerônimo Monteiro, no centro de Vitória, em busca de clientes. Quando angariava algum, ela normalmente fazia o programa no *Status Motel*, na Serra, ou, caso o homem não quisesse ir para o estabelecimento, acompanhava-o no de sua preferência. Diane também "batalhava", outra forma de se referirem à prostituição, na orla de Camburi, especificamente em um restaurante bastante frequentado por estrangeiros, muitos dos quais eram filipinos. Segundo conta, em ambos os espaços de prostituição da capital, as mulheres costumavam fazer ponto em locais diferentes das travestis, para não haver confusões e embates físicos entre elas.

Em finais da década de 1970, mas, sobretudo, a partir do começo dos anos de 1980, o mercado sexual voltou a fazer parte do cotidiano do centro de Vitória. A tal ponto a prostituição havia retornado às ruas centrais da capital, que as cafetinas do território, ainda chamado de São Sebastião, passaram a se sentir prejudicadas com o fim do exclusivismo do mercado sexual no bairro. Conforme a matéria "Tudo à meia luz", publicada na Revista Espírito Santo Agora, em 1980, as donas de boates de Carapeba enviaram ao Secretário de Segurança Pública do estado, o general Patente Frotta, um abaixo-assinado de protesto contra o exercício prostitucional nas

ruas do centro da capital.²⁶⁴ Para elas, o movimento de prostitutas circulando em diversos pontos do centro da cidade fazia com que os clientes permanecessem por lá, ao invés de se direcionarem à indústria sexual de Carapeba. Como explica a matéria,

Realmente, fica muito mais barato um programa com uma destas mulheres do centro que uma ida a São Sebastião. Além do mais barato é também mais prático e discreto. Os motéis colaboram para isso e há muitos, mais próximos do centro, que vivem exclusivamente do movimento proporcionado pelas profissionais.²⁶⁵

Segundo a matéria, os programas sexuais exercidos no centro da capital custavam por volta de Cr\$ 700,00, sendo que Cr\$ 300,00 ficavam com a prostituta, Cr\$ 200,00 eram pagos pelo quarto de motel e Cr\$ 200,00 para as corridas de ida e de volta de táxi. Enquanto que, em Carapeba, os encontros sexuais com prostitutas custavam no mínimo Cr\$ 1.500,00, dos quais, Cr\$ 500,00 eram para a mulher, Cr\$ 300,00 pelo quarto do prostíbulo e Cr\$ 700,00 para a ida e a volta ao local de táxi. Além do alto preço a ser pago pelos encontros prostitucionais em São Sebastião, o território apresentava um risco à segurança de seus frequentadores, que podiam ser assaltados ou acabarem se envolvendo involuntariamente "[...] em possíveis situações delicadas". Nessa circunstância, o movimento de fregueses na "geografia do prazer" da RMGV era cada vez menor, e muitas prostitutas que aí habitavam começaram a sair da região para batalhar no centro de Vitória. Para a matéria, várias mulheres que faziam o "trottoir" na capital eram provenientes de São Sebastião, "[...] quando por lá o movimento decaiu". Mas havia também as "mães de família" e "mocinhas que trabalham" que passaram a exercer a atividade para complementar o parco orçamento doméstico, fazendo com que o índice de prostitutas do centro de Vitória crescesse dia após dia. "Algumas são prostitutas de ocasião e outras experimentadas profissionais."²⁶⁶

Normalmente, as mulheres faziam ponto no bar Scandinave, situado na avenida Beira Mar, nos botequins em seu entorno, próximos do Porto de Vitória e "[...] nas imediações do cinema São Luiz, no Parque Moscoso, onde uma série de pequenos bares as abrigam nas ocasionais batidas policiais".²⁶⁷ Era perto do Porto de Vitória que Diane fazia ponto com as amigas quando saía de São Sebastião para batalhar no centro da cidade. O bar Scandinave, por sua vez, era conhecido por ser frequentado, sobretudo, por estrangeiros, que amiúde eram levados pelas prostitutas aos motéis localizados na periferia da capital, como o *Status Motel*, mais distante, mais caro e mais requintado que os motéis do centro. Nas palavras do editorial, "as mulheres

²⁶⁴ TUDO, 1980.

²⁶⁵ TUDO, 1980, p. 7.

²⁶⁶ TUDO, 1980, p. 7.

²⁶⁷ TUDO, 1980, p. 7.

[que fazem a vida no Scandinave] levam os gringos para o motel de sua preferência e algumas têm direito a tabelas especiais, com comissão sobre o que faturam".²⁶⁸ A prática da comissão devia ser mesmo comum, haja vista o interesse dos estabelecimentos em angariar os clientes das prostitutas. Solange conta que o procedimento era comum no *Vips Motel*, onde trabalhou por certo tempo. Eny, por seu turno, relata que havia parceria entre os donos dos motéis *Status* e *Yellows* com os taxistas, para estes levarem os fregueses para lá.

Já em 1976, a reportagem televisiva "São Sebastião dos boêmios", produzida e exibida pela TV Gazeta, mostrava o bar Scandinave, no centro de Vitória, como sendo bastante frequentado por estrangeiros e por prostitutas que faziam ponto no local. O vídeo mostra a imagem de um marinheiro loiro e de olhos claros saindo do terminal aquaviário da cidade ao anoitecer, enquanto o locutor afirma, "o porto de Vitória recebe mais de 1.000 navios por ano e 50% deles tem procedência estrangeira, trazem equipamentos para siderúrgicas e exportam minério e café". O marinheiro vai para o botequim, onde encontra as prostitutas para realizar alguns programas, ou, quem sabe, segundo a reportagem, uma mulher para se casar. À noite, dentro do botequim, o diretor mostra imagens do bar movimentado, repleto de "gringos" e de mulheres, e entrevista um homem que trabalha no estabelecimento, o marinheiro anteriormente mostrado e duas prostitutas. A narrativa do vídeo fala das mulheres que "têm sorte", pois conseguem se casar com "gringos", como é o caso de Geni Smith, que é casada com um norueguês desde 1970. Ela conheceu o marido naquele ano, no Scandinave, e explica que preferiu "[...] o homem estrangeiro porque eu era uma pessoa muito pobre, estudava, dependia muito de dinheiro para pagar meu colégio e [...] ele me dá um dinheiro suficiente que brasileiro ainda nunca me deu". A mulher que acompanha o marinheiro loiro e de olhos claros, na mesa do botequim, também tem a expectativa de contrair matrimônio com o sujeito e melhorar de vida. Esse era o desejo de grande parte das prostitutas que faziam ponto no estabelecimento, e mesmo em Carapeba, mantido por rumores de casos de sucesso nesse sentido. Segundo o locutor da reportagem, muitas vezes os marinheiros não chegavam sequer a ir para São Sebastião, encontravam a diversão no bar Scandinave, em frente ao porto, e por lá ficavam.

Ou seja, a partir de meados da década de 1970, as prostitutas voltavam aos poucos a "fazer a vida" no centro da capital do Espírito Santo, em uma dinâmica que, apesar da repressão em finais dos anos de 1960, nunca deve ter sido interrompida de todo, afinal, elas sempre podiam argumentar que estavam apenas tendo alguns momentos de lazer no botequim da cidade e não

²⁶⁸ TUDO, 1980, p. 7.

eram prostitutas. Ademais, em outras localidades de Vitória, como no bairro de Jardim Camburi e Jardim da Penha, os prostíbulos continuaram a existir mesmo com a higienização social do centro, isso sem mencionar as boates clandestinas e os *rendez vous* que permaneceram a revelia do poder repressivo estatal, como mencionam as sujeitas da pesquisa. Solange, por exemplo, foi inquilina da Casa Nova, boate de propriedade de Cigana, como era conhecida a dona do bordel, em Jardim Camburi, assim que saiu do centro da capital, em 1968. Mas as batidas policiais no recinto eram frequentes e o movimento de clientes baixo, por isso ela decidiu ir para o "território do desejo" da RMGV. Não se pode dizer que a prostituição foi totalmente extinta no centro e em toda a cidade de Vitória com as ações repressivas do poder policial, contudo, certamente a atividade tornou-se escassa na região, uma vez concentrada em São Sebastião. Entretanto, de 1976 em diante, a prostituição no centro de Vitória aumentou progressivamente, sobretudo, em finais da década, na medida em que Carapeba ia declinando enquanto principal *locus* da indústria sexual capixaba.

Eny fazia parte das cafetinas de São Sebastião que protestaram contra a volta da prostituição no centro de Vitória. A partir de meados dos anos de 1970, o movimento de clientes endinheirados em sua boate caiu vertiginosamente, enquanto os trabalhadores da construção civil que atuavam na obra da CST começam a frequentar o espaço. Segundo relata, a CST foi responsável pelo declínio da "zona" de prostituição de Carapeba, "porque as pessoas boas, que tinham dinheiro, que frequentavam aqui, prefeito, juiz, desembargador, gente da alta mesmo. Então as peãozada... porque onde bate peão, acabou. Parece que tem troço ruim com eles. Aí quando os peão encostou o pessoal bom se afastou". É nesse sentido que também Denise explica a decadência de São Sebastião. Antes do início da construção da CST, os brasileiros que frequentavam a região eram casados ou noivos, mais fáceis de lidar e de fazer programas, em contraposição aos que chegaram depois, os construtores civis, considerados por ela muito "problemáticos", "brigão", "[...] saía na faca, uma confusão de fazer até medo". Para Denise, "quando esses peão estava aí não tinha como andar na rua, de tanto homem que tinha. Aqueles homens casados ficam com medo né, de levar uma facada, alguma coisa assim. Ia falar o quê pras esposas deles? Que foi lá no puteiro? Não tinha como".

O território tornava-se uma região perigosa para os homens de médio e alto poder aquisitivo, os assaltos e a violência aumentavam no local, as confusões e as brigas eram cada vez mais constantes, e eles passaram a preferir se divertir em ambientes mais reservados e calmos, que oferecessem menos risco de violência. Da mesma forma, Diane associa o crescimento da violência no bairro com a chegada dos homens que vieram trabalhar na construção da indústria

siderúrgica. Ela, particularmente, vivencia Carapeba justamente neste período, pois iniciou na prostituição no território aproximadamente em 1975, com 12 anos de idade, e cresceu exercendo o ofício ao mesmo tempo em que a composição social da clientela da "zona" foi se modificando e a violência no bairro aumentando. Não é à toa que Diane presenciou e experimentou situações bastante agressivas em São Sebastião. Atuando em diversos prostíbulos no território e, amiúde, de forma autônoma, nas ruas do bairro e fora dele, Diane não contava sempre com a proteção de uma cafetina ou proxeneta e estava sujeita à diferentes situações de agressividade individual e coletiva, tanto dentro dos quartos em que realizava os programas, como nos bares, restaurantes e nas ruas de Carapeba.

Além do aumento da violência no bairro, que afastava os fregueses da "geografia do prazer" da RMGV, o alto índice de doenças venéreas na região contribuía para a decadência do território. A epidemia de DST no território mereceu destaque na reportagem "São Sebastião dos boêmios".²⁶⁹ O locutor afirma que as autoridades sanitárias do Japão, da Holanda e dos Estados Unidos recomendavam aos marinheiros para evitarem o local. Alguns anos depois, em 1982, a matéria "Prostituição: o trottoir nas ruas", publicada na Revista Espírito Santo Agora, também fala de uma "fuga" dos marinheiros ocorrida aproximadamente entre os anos de 1975 e 1978, de São Sebastião.²⁷⁰ O motivo apresentado é a proibição pelas autoridades dos países de onde eram provenientes, de desembarcarem em Vitória, devido à alta incidência de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) no território. Então, os estrangeiros foram deixando de frequentar a região e sendo substituídos pelos trabalhadores civis, "[...] que contraem as mesmas doenças, sem contudo deixarem de procurar a 'zona'".²⁷¹ Segundo a matéria "A classe média vai à luta"²⁷², publicada em 1987, São Sebastião ficou conhecido como o local de maior foco de doenças venéreas do mundo, com a chancela da Organização Mundial da Saúde, e como a região de maior renda *per capita* do Brasil. Provavelmente, a possível transmissão de doenças venéreas aos fregueses dos prostíbulos da região começou a preocupar também os capixabas mais abastados frequentadores do "território do desejo" da RMGV, e eles foram trocando o lazer sexual de endereço, em detrimento das boates de Carapeba. Portanto, o aumento da violência e alto índice de DSTs em São Sebastião, são apontados como alguns dos fatores que fizeram com que progressivamente os homens de médio e alto poder aquisitivo deixassem de frequentar a região e passassem a ir em outros espaços especializados no comércio de corpos

²⁶⁹ SÃO SEBASTIÃO DOS BOÊMIOS, 1976.

²⁷⁰ PROSTITUIÇÃO, 1982.

²⁷¹ PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 37.

²⁷² A CLASSE, 1987.

femininos, localizados, sobretudo, na capital. Ao mesmo tempo, a indústria sexual capixaba começava a renovar o seu formato, com o declínio das casas de prostituição e a ascensão dos motéis.

A matéria "Prostituição: o trottoir nas ruas", de 1982, evidencia uma entrevista realizada com um comerciante do Bar do Baixinho, em São Sebastião, cujo relato estabelece o período entre 1975 e 1978, quando os estrangeiros deixaram de frequentar o bairro e os trabalhadores ainda não haviam chegado, como a época de maior dificuldade financeira enfrentada por todo o comércio da região. A partir desse momento, com a presença dos inúmeros empregados da construção da CST no território, o dinheiro voltou a circular no bairro. O movimento de Carapeba continuou intenso e os negócios voltaram a expandir, a exemplo do Bar do Baixinho, que anexou um armazém para a venda de diversos utensílios e produtos alimentícios ao botequim. O bordel de propriedade de Sebastião Cimplício, chamado *Las Vegas*, antiga boate 92, de Vera, "desenvolveu-se muito", nas palavras do redator, e conta com mais de 30 mulheres atuando como inquilinas no prostíbulo. Ademais, ao visitar a região, o jornalista constata que [...] os bares estavam cheios, a música de cada um deles, tocada em altos volumes, enchia o ambiente, os homens bebiam, as mulheres debruçavam-se nas janelas fazendo convites para o 'amor' e a viatura da Polícia Militar circulava de uma parte a outra do bairro". Enquanto os trabalhadores estavam atuando na construção da siderúrgica, situada ao lado de São Sebastião, apenas com uma cerca dividindo as duas áreas, eles movimentam substancialmente a economia local. Segundo o editorial, em finais da década de 1970 e princípios da seguinte, a prostituição aumentou em toda a RMGV, de maneira que, apesar do crescimento da atividade no centro de Vitória, o mercado sexual de Carapeba permanecia intenso. Em 1982, quando da publicação da matéria, o território era apresentado como "[...] uma quase-cidade com vida própria, diversão, bares, boates, calçamento, delegacia e muitos problemas próprios de seu modo de existir"²⁷³.

A freguesia de trabalhadores da construção civil, contudo, não rendia o lucro que Eny estava acostumada a obter na boate Veneza, com os clientes estrangeiros e os brasileiros abastados. Seus negócios foram declinando e ela começou a se desfazer de suas propriedades na região, vendeu a primeira boate que construía e um terceiro e último bordel erguido no território, que jamais teve êxito. Participou do abaixo-assinado entregue ao Secretário de Segurança Pública do estado contra a volta da prostituição ao centro da capital e esperou para ver os resultados do protesto. Entretanto, a situação era irreversível. Homens de baixa renda dominavam as ruas e

²⁷³ PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 36-37.

os estabelecimentos de São Sebastião, o centro de Vitória voltava a ficar repleto de prostitutas, novas casas de prostituição requintadas foram inauguradas na capital e os hotéis tornaram-se uma opção cada vez mais utilizada para a prática do comércio sexual na RMGV. Então, logo depois do abaixo-assinado, em 1980, Eny decidiu deixar a Veneza sob os cuidados de uma inquilina de confiança e arrendou uma casa situada na avenida Dante Micheline, na orla de Camburi, em Vitória, para transformar em prostíbulo.

Contudo, a cafetina conta que perto dali havia a boate Franciscana, de propriedade da família Dante Micheline, de grande influência na capital. A boate contava com cerca de 80 inquilinas e era muito frequentado pela alta sociedade capixaba e pelos "gringos". Segundo Eny, os fornecedores de navio auxiliavam no negócio dos Micheline e deixavam os cartões da Franciscana com os marinheiros antes mesmos deles desembarcarem. Ao saírem dos navios do Porto de Tubarão, eles já tinham um destino certo, de tal maneira que os taxistas da cafetina não conseguiam mais levá-los para o seu bordel. Com a concorrência de uma boate do porte da Franciscana, além da *Play Man*, em Santa Lúcia, citada por Eny como outra forte concorrente, e com o alto valor cobrado pelo aluguel do imóvel que transformou em prostíbulo, na beira da praia de Camburi, a cafetina enfrentava dificuldades para manter o novo empreendimento.

A revista Espírito Santo Agora, na matéria "Prostituição: o trottoir nas ruas"²⁷⁴, se refere ao estabelecimento concorrente de Eny como bar Franciscano, frequentado nos anos de 1970 pela "juventude bronzeada" e, em 1982, quando da publicação da matéria, havia se tornado "um dos principais pontos de prostituição". Entretanto, se para Eny o empreendimento era um bordel, com dezenas de quartos e inquilinas, para o editorial, o bar Franciscano era apenas um dos pontos de prostituição de Vitória, de merecido destaque, é certo, mas somente um bar onde se aglomeravam mulheres em busca de programas, que, "[...] se não gozam da benevolência do proprietário, também não são incomodadas. Afinal, trazem lucro para a casa"²⁷⁵. Talvez o estabelecimento tivesse as duas funcionalidades, de bar e de bordel, a depender do interesse da clientela. Para as classes médias e altas que procuravam um lazer na capital, devia ser visto apenas como um bar, já para os estrangeiros marinheiros e alguns homens da elite capixaba, o local podia funcionar, clandestinamente, como um bordel. Segundo as investigações do caso Araceli, assassinada com 9 anos incompletos em 1973, o bar Franciscano é apresentado como

²⁷⁴ PROSTITUIÇÃO, 1982.

²⁷⁵ PROSTITUIÇÃO, 1982, p. 36.

o local onde o homicídio teria sido cometido por Paulo Constanteen Helal e Dante Michelini, ambos filhos de famílias tradicionais e de alto poder aquisitivo do Espírito Santo.²⁷⁶

Em princípios dos anos de 1980, diante da mudança de perfil e de quantidade da clientela de São Sebastião, passando a ser frequentada por centenas de trabalhadores da construção civil, as relações de poder e as posições ocupadas pelos sujeitos foram se alterando no território. Já no período de 1975 a 1978, marcado por uma "fuga dos marinheiros" do bairro, dada as recomendações das organizações sanitárias em evitar a região, foco de transmissão de doenças venéreas, o local havia deixado de ter a quantidade de fregueses estrangeiros e brasileiros endinheirados de outrora. Foi nesse período que Denise e Solange decidiram deixar de atuar na prostituição e foram morar com seus respectivos namorados, no próprio território. Em 1980, foi a vez de Eny sair da indústria sexual de Carapeba, em busca de empreendimentos mais lucrativos e vantajosos na capital. O mesmo ocorrera com diversas outras cafetinas da "zona", que, com a chegada dos "peão", como se referem aos trabalhadores braçais, optaram por mudar seus prostíbulos para endereços mais promissores e arrendar ou vender suas propriedades em São Sebastião.

Eny alugou a boate Veneza para uma antiga inquilina assumir a administração, depois arrendou a casa para o Alemão, seguido por outras pessoas. Maria de Jesus vendeu a boate Continental para o Abilho, que pagou um preço menor do que o combinado, enganando a cafetina. Abilho, por seu turno, construiu um parque de jogos de azar em um terreno ao lado do bordel e alugou este para o Alemão, que passou a administrar a Continental. Eny conta que o Alemão veio de uma região de prostituição em Canaã, em Campo Grande, no município de Cariacica, pertencente à RMGV, para empreender na "zona" mais conhecida e próspera do estado. Vera, proprietária da boate 92 em São Sebastião, vendeu a casa para Sebastião Cimplício, que a transformou na boate *Las Vegas*. Conforme Denise, Elza Pernambucana também vendeu a sua boate no território e foi para a Barra do Riacho, no município de Aracruz (ES), onde um novo porto havia sido recentemente inaugurado.²⁷⁷ Este também foi o destino de Maria de Jesus, como conta Denise, que procurava estabelecer seu prostíbulo em regiões frequentadas por estrangeiros e homens com alto poder aquisitivo.

²⁷⁶ BITTENCOURT, 1980.

²⁷⁷ Conforme a Portocel, o porto é voltado, sobretudo, para a exportação de celulose. A PORTOCEL: linha do tempo. Aracruz. Disponível em: <<http://www.portocel.com.br/a-portocel/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 9 jan. 2020.

Ou seja, com a decadência do "território do desejo" da RMGV, muitas cafetinas deixaram o bairro em busca de regiões mais promissoras para o comércio sexual que estavam habituadas a administrar. Elas eram proprietárias de bordéis, estabelecimentos que concentravam as atividades de bar, ponto prostitucional, muitas vezes jogos de azar e música ao vivo, além dos quartos que serviam tanto para os programas, como para a habitação das inquilinas. Procuravam reproduzir esse modelo nos outros locais em que foram erguer novas casas de prostituição. Em Carapeba, a administração das boates se masculinizou, na medida em que as mulheres que comandavam a maioria dos bordéis se retiraram do bairro e os homens foram tomando conta dos empreendimentos. De um território ocupado majoritariamente por mulheres nas posições de poder, São Sebastião foi se tornando um local com diversas casas de prostituição, grande parte delas administradas por homens.

III. 3. Trajetórias singulares: hábitos e percepções da prostituição

Com o fim de São Sebastião para as sujeitas da pesquisa, seja porque elas mesmas decidiram deixar de atuar na prostituição, como foram os casos de Denise e de Solange, seja porque a região entrou em decadência e a frequência da clientela endinheirada caiu drasticamente, como foram as situações de Eny e de Diane, elas percorreram diferentes caminhos, em busca de seus novos desejos e aspirações íntimas, produzidos durante a experiência no "território do desejo" da RMGV. Denise queria parar de exercer serviços sexuais, uma vez que almejava viver junto com o namorado, de forma mais estável e menos desgastante. Solange também preferiu viver com o companheiro e desejou a gravidez, queria ter uma família e se sentir segura. Ambas tinham cerca de 25 anos de idade e 10 anos de indústria sexual quando decidiram deixar de exercer o ofício prostitucional. Já Diane, chegara muito nova na região e ainda tinha aproximadamente 20 anos de idade, 6 anos de prostituição, quando o território decaiu profundamente, com a saída dos trabalhadores da construção civil do bairro. Ela, então, continuou atuando no mercado sexual de Vitória, e voltava praticamente todos os dias para a casa, em Novo Horizonte. As três, Denise, Solange e Diane, continuaram morando no bairro, não obstante não exercerem mais o meretrício no local. Já Eny, com a diminuição de sua lucratividade na boate Veneza, resolveu empreender em novas casas de prostituição em Vitória

e deixou de habitar na região por cerca de 20 anos, até voltar para residir na antiga boate novamente, que se tornou uma grande pensão.

Portanto, para compreender a trajetória singular de cada uma delas, depois do fim da região de confinamento de São Sebastião, iremos adentrar em suas histórias de vida individuais. Com isso, será possível analisar os hábitos, as percepções e as relações sociais pessoais delas, até os dias atuais, evidenciando as memórias de Carapeba presentes em seus corpos e em suas vidas cotidianas.

Solange

Em 1977, tendo saído da Veneza no ano anterior para residir com o companheiro, Solange engravidou e deu à luz ao filho do casal. Depois de se dedicar ao bebê durante seus primeiros anos de vida, ela saiu para o mercado "formal" de trabalho, para auxiliar no sustento da casa. Trabalhou como camareira no *Vips Motel*, em São Diogo, bairro vizinho à Novo Horizonte, por dois anos e depois como doméstica em uma casa de família, por mais de 25 anos. Como narra, "[...] eu trabalhei 26 anos na casa dessa ex-patroa minha. Para mim ela não vale merda nenhuma. Ela não ajuda em nada. Pagava droga para o meu filho, meu filho era usuário. Era segurança e usava droga". Solange e o amásio consumiam bebidas alcoólicas com frequência, prática que se repetiu com o filho, tão logo ele adquiriu idade para tanto. Mas, o menino foi além, tornou-se usuário de *crack*, uma droga ilícita derivada da pasta de cocaína, que, como afirma Solange, "[...] desgraça a pessoa, vende até a roupa do corpo" para comprar a droga e sustentar o vício. Já maior de idade, com mais de 20 anos, o filho começou a trabalhar como segurança de uma agência do Banco do Brasil, em Novo Horizonte. Contudo, não largava o vício em *crack* e acabou sendo assassinado em 2009, com 32 anos de idade, vítima de arma de fogo.

O acontecimento foi um verdadeiro trauma para Solange. Ela diz que, assim como quando a sua mãe morreu, com seus 9 anos, a morte do filho a deixou de certa maneira paralisada, demorou para a "ficha cair", como diz. Não conseguia pensar, não passava pela sua mente que já não teria mais a companhia do filho, que ele não existia mais. Foi parecido no falecimento de sua mãe, quando, no dia seguinte, "[...] nós estávamos tudo cantando, como se nada tivesse

acontecido". Ela não chegava a cantar logo depois da morte do filho, claro, mas sentia que os dias seguintes eram iguais, não haviam mudado com o trágico acontecimento, tudo continuava como antes, porém ele não estava mais lá. Viveu com o filho por muitos anos, dos quais grande parte foi também junto com o companheiro, com quem foi amasiada por aproximadamente 30 anos. Com o passar do tempo, o amásio, que não deixou de trabalhar como taxista, mesmo ganhando bastante dinheiro com o tráfico de drogas, comprou diversas propriedades na região, a ponto de, como narra Solange, ele chegar a ter "[...] uma esquina de casa que era tudo dele [...]". Mas ele bebia muito, tinha uma amante e ela decidiu se separar do amásio de longa data. Então, ficou morando sozinha com o filho, até ele sair de casa para morar com a namorada, com quem teve uma filha, nascida em 2002. Solange ficou morando sozinha, mas encontrava sempre o filho, que morava no mesmo bairro e frequentava os botecos da região com ela, para desgosto da nora, que cuidava de um bebê e precisava do comprometimento do companheiro para com a família. Antes mesmo de ser assassinado, o filho de Solange já havia se separado da mãe de sua filha, que não aguentava mais as bebedeiras e o constante uso de drogas por parte dele.

Com a idade mais avançada, provavelmente em finais dos anos de 1990 ou na década seguinte, Solange conta que voltou para a escola, em Novo Horizonte mesmo, para tentar aprender a ler e a escrever. Ela conseguiu aprender o alfabeto, mas afirma que não consegue juntar as letras para formar as palavras. Na época, ela ficou pouco tempo e logo saiu da escola, "[...] porque bebi muita cachaça e saí fora. Se eu tivesse continuado eu tinha aprendido. Teria quebrado meu galho aqui hoje, porque não tem nada pra fazer, eu podia pegar alguma coisa pra ler". Vivendo em um asilo para mulheres idosas, administrado por freiras, em Nova Almeida, na Serra, Solange se sente sozinha, amargurada e ansiosa, pensando em tudo o que poderia ter feito e não fez e conjecturando uma maneira de sair daquele lugar. Ela relata que também chegou a frequentar os Alcoólicos Anônimos, reunião de pessoas cujo objetivo é deixar totalmente de consumir bebidas alcoólicas. Como explica, "frequentei, usei adesivo, mas eu não acreditava. Eu via darem testemunha lá, mas eu não acreditava em nada daquilo". Sem uma forte convicção que a fizesse realmente desejar parar de beber, ela continuou cultivando este prazer, um hábito dos tempos de São Sebastião, que a acompanhava há anos. Tamanho era o vício em bebida alcoólica, tanto seu como do amásio, que eles foram vendendo todas as propriedades que tinham em Novo Horizonte. Quanto ao cigarro, que consumia também desde muito nova, Solange afirma que chegou a conseguir parar por 6 meses, mas quando o seu filho faleceu, ela voltou a fumar, "[...] a primeira coisa que eu fiz foi comprar um maço de cigarro."

Já separada do amásio e vivendo sozinha, Solange teve um câncer nas cordas vocais e teve que tirar o útero, por suspeita também de câncer no órgão. Ela fez as cirurgias nos anos 2000 e teve uma boa recuperação. Contudo, continuava fumando e bebendo em excesso. A tal ponto ela precisava manter os vícios, que vendeu a casa em que morava, a única propriedade que havia restado, depois da morte do antigo amásio, ocorrida alguns anos depois do falecimento do filho. Já bastante debilitado e sendo cuidado pela mulher que havia sido sua amante, ele falecera pouco tempo após o filho. Solange conta que vendeu a casa, acertou com a mãe de sua neta a parte que lhe cabia, e utilizou o restante dos recursos para pagar as suas contas, principalmente, de alimentação, vícios e, a partir de então, de aluguel. Além do que recebera com a venda da casa, ela contava com a aposentadoria, no valor de um salário mínimo, para arcar com as suas despesas pessoais. De relação afetiva mais próxima, Solange ficou somente com a neta, ainda muito criança quando no ano 2000, com apenas 8 anos. Sem nenhuma referência familiar e habituada às múltiplas relações com amigas e amigos do bairro, ela criava laços de afetividade e de confiança com estas pessoas.

No entanto, nos anos de 2010, muito debilitada depois de duas cirurgias, ainda fumando e bebendo muito, e com sobrepeso, seus joelhos já não funcionavam como deveriam e Solange precisava fazer uma cirurgia em um deles. Enquanto aguardava a convocação do sistema público de saúde para a realização do procedimento, ela ficava quase sempre em casa, um pequeno apartamento em Novo Horizonte, em uma edificação que provavelmente foi uma boate na época de São Sebastião. Sem conseguir sair de casa, uma amiga ficou responsável pelas suas transações financeiras, era ela quem retirava sua aposentadoria e administrava a sua conta no banco. Contudo, segundo relata, esta amiga começou a roubar o seu dinheiro e acabou com praticamente todos os recursos que ela tinha. Solange ficou somente com a sua aposentadoria para sobreviver, em uma situação financeira bastante difícil, que se agravava ainda mais por conta de sua debilidade física. Foi nesse período que a conhecemos, em 2015, em Novo Horizonte. A encontramos em seu apartamento, andando com dificuldade, fumando muito e resmungando da vida. Ela falava do roubo feito pela antiga amiga, contava do problema no joelho e da cirurgia que precisava fazer. Pouco tempo depois, ao visitá-la, ela havia sofrido um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e estava sem os movimentos das pernas e do lado esquerdo do corpo. Deitada em um colchão no chão, ela usava fraldas e tinha ao seu lado um maço de cigarros e um isqueiro, que acessava com frequência, apesar da dificuldade, para fumar. Sua neta, então com 13 anos, ia em seu domicílio constantemente para levar comida, trocar sua fralda e fazer uma limpeza geral na casa. Ela reclamava da comida, dizia estar fria e sem gosto,

e tratava a menina com descaso, amargurada com a situação em que vivia e a impossibilidade de mudar.

Em 2015, seu documento de identidade atestava uma idade de 68 anos. Ele segue a falsificação feita enquanto Solange atuava na prostituição no centro de Vitória, nos anos de 1960, e precisava atestar maioridade para não ser pega pelo juizado de infância e juventude. Provavelmente, o aumento foi de 3 anos, e sua idade real, em 2015, era de 65 anos. De qualquer forma, com as dificuldades físicas agravadas com o derrame cerebral, Solange experimenta a velhice de forma aguda. Vivendo na pobreza, desconfiando de todas as pessoas e precisando da ajuda de terceiros para sobreviver, ela vive ansiosa e temerosa. Segundo Beauvoir²⁷⁸, é comum que os velhos, sentindo-se dependentes dos adultos, desconfiem deles e permaneçam em atitude de defesa. Sabem que aqueles que o ajudam a viver, no caso de Solange, a neta e a antiga nora, podem recusar ou restringir o auxílio, podem mesmo abandoná-la, dispor dela contra a sua vontade ou imporem que mude de residência, um de seus maiores temores. Para a autora, o velho,

Conhece a duplicidade dos adultos. Teme que lhe façam favores em nome de uma moral convencional que não implica respeito nem afeição por ele [...]. Longe de esperar que seu irreversível declínio natural seja sustado ou compensado pelo comportamento de seus parentes, ele suspeita que estes últimos precipitarão o curso desse declínio: por exemplo, se ficar muito cheio de deficiências, será colocado no asilo.²⁷⁹

É exatamente este temor e ansiedade que Solange revela ao resmungar e fazer intrigas. A radical dependência que passou a ter da antiga nora, mãe de sua neta, única pessoa da família que restara, lhe incomoda e a amedronta. Ela mesma nunca cuidou da mulher, quando o filho era vivo e a neta um bebê, saía para o botequim com ele, sem se importar com as dificuldades da nora. Depois, quando vendeu a casa, o fez sem solicitar a opinião dela e nunca lhe confiou a vida financeira, preferia que uma amiga tomasse conta do que a própria mãe de sua neta, desconfiada e temerosa que era dela. Agora, é somente com ela e com a neta que pode contar, depende da benevolência delas para executar qualquer mínima necessidade que tenha, para trocar sua fralda, dar-lhe comida, lavar suas roupas, pagar suas contas e mesmo para comprar o cigarro que tanto precisa. Para Beauvoir²⁸⁰, a ansiedade carrega o peso do passado, o velho "[...] teme pelo futuro por causa daquilo que ele mesmo foi e fez anteriormente. Não pode intervir para impedir as consequências disso. Está condenado à passividade". Por isso, é preciso

²⁷⁸ BEAUVOIR, 1990.

²⁷⁹ BEAUVOIR, 1990, p. 570.

²⁸⁰ BEAUVOIR, 1990, p. 607.

interpretar as atitudes de grande parte das pessoas velhas como defensivas, tanto da precariedade objetiva de sua situação, como de sua própria ansiedade íntima. Guardando a memória do passado em uma percepção presente marcada pela precariedade e pela situação de extrema dependência, Solange fica ansiosa, está sempre suspeitando da antiga nora, temerosa de não ter suas necessidades atendidas como gostaria, de ter seu cigarro recusado e de ser obrigada a mudar totalmente seus hábitos, como sair de seu apartamento em Novo Horizonte significava.

De fato, ao voltar para Novo Horizonte para encontrá-la novamente, Solange já não habitava mais no mesmo endereço e não sabíamos o que lhe havia ocorrido. Diante da situação de extrema debilidade em que a encontramos na última visita, quase imóvel deitada em um colchão no apartamento escuro e fumando muito, chegamos a pensar que ela havia falecido. Sem o contato de sua antiga nora e de sua neta, não tínhamos como averiguar o que realmente lhe acontecera. Até que, algum tempo depois, uma amiga da minha mãe visitou um asilo em Nova Almeida e encontrou uma senhora de Novo Horizonte, que vivera a época de São Sebastião. Minha mãe me contou sobre a visita da amiga, dizendo que a senhora poderia ser uma pessoa interessante para a minha pesquisa e falou um pouco de sua personalidade, como descrita pela amiga, era uma velha resmungona, que criticava tudo e todas e estava indignada por estar confinada naquele espaço. Não tive dúvidas, era Solange. Logo, fomos ao Instituto Franciscano, um asilo para mulheres idosas com estatuto de ONG (Organização Não Governamental), administrado por freiras, em Nova Almeida, na Serra (ES), e encontramos Solange.

Em uma cadeira de rodas, com os cabelos e as unhas pintados, usando um vestido e bijuterias, Solange ficou feliz em nos ver. Sua aparência e sua condição física haviam melhorado substancialmente desde a última visita em Novo Horizonte. No asilo, ela conta com os cuidados de várias cuidadoras, que trocam suas fraldas com frequência, alimentam-na e ainda a enfeitam, pintam suas unhas, passam batom nela quando há alguma visita e enchem-na de bijuterias, como ela gosta. Visitas médicas, odontológicas e de fisioterapia são constantes, a depender de sua necessidade no momento. O Instituto conta com a colaboração de empresas e dos governos para pagar suas despesas e conseguir doações para as idosas, que estão sempre ganhando benesses e presentes diversos. As freiras organizam festas de confraternização no asilo, convidando pessoas de outras instituições ou mesmo os familiares, para interagir com as idosas e promover o convívio social delas. Também há visitas frequentes à praia, situada há um quarteirão do Instituto, para todas idosas que habitam no local. É um lugar com bastante conforto, segurança e afetividade. Eu mesma cheguei a participar de uma das festas promovidas pela organização,

junto com a neta de Solange, em que se reuniram familiares e amigos das idosas, em um clima geral de amizade, de respeito e de afeto.

Desde que encontrei Solange no Instituto Franciscano, em 2016, a visitei diversas vezes para fazer entrevistas, conversar e, claro, levar um cigarro para ela fumar. Uma exigência que eu nunca pude recusar, sujeita que fico ao mau-humor e à revolta de sua parte. Costumo levá-la para o calçadão, na praia, onde conversamos e ela pode fumar o cigarro que tanto necessita. A freira que administra o asilo e as cuidadoras já me conhecem, levo Solange para passear na praia sem maiores dificuldades ou cerimônias. Nos nossos diálogos, ela sempre reclama da comida, das freiras, de algumas cuidadoras e de outras idosas, desconfia que a freira que dirige a organização rouba seu dinheiro, assim como desconfiava da antiga nora, e fica tramando em como poderia sair dali. A sua ansiedade é intensa. Agora ela não é mais tão dependente da ex-nora e da neta, apesar de precisar emocionalmente do afeto e da visita constante desta, mas depende, para as necessidades mais elementares, das cuidadoras e das freiras do Instituto.

Conforme Beauvoir²⁸¹, nos asilos de velhos os pensionistas são tratados como objetos e ficam praticamente separados do mundo, de tal maneira que "[...] o sentimento do seu nada torna-se agudo neles." E a autora sintetiza que "a catástrofe que se abateu sobre eles é que passaram brutalmente do estado de adulto responsável para o de um objeto dependente. Essa dependência coloca-os a mercê de outrem, e eles a sentem [...]".²⁸² É esta a memória presente nas percepções atuais de Solange, ela se lembra da antiga autonomia, das relações de afeto e de poder que tecia com os familiares, amigos e conhecidos. Nada disso é mais possível. Por mais que as freiras e as cuidadoras a tratem com respeito e afeto, promovam interações sociais e a encham de agradamentos, ela sente-se um objeto, um corpo pesado manipulado com eficácia, mas também com dificuldade pelas cuidadoras. Um corpo que precisa sempre de um regime, acompanhado com cautela pelas cuidadoras, para evitar o sobrepeso ainda mais acentuado, que dificultaria a realização das atividades cotidianas com Solange, como trocar as fraldas, dar banho, vestir, colocar na cama e na cadeira de rodas. A velhice é vivida no corpo. Não é contra o asilo que Solange se revolta, mas contra a própria velhice e debilidade que a habitam, contra a impossibilidade de retomar sua vida autônoma, contra o apagamento da memória que é forçada a operar para criar novos hábitos e se adaptar à nova situação.

²⁸¹ BEAUVOIR, 1990, p. 609.

²⁸² BEAUVOIR, 1990, p. 569.

A desconfiança constante de Solange, seja da ex-nora, da antiga amiga ou da freira, é um hábito que remonta aos tempos do território de desejo da RMGV, quando ela desconfiava de todas as cafetinas e mudava de boate frequentemente. Nas suas lembranças, ela trabalhava ferozmente no meio prostitucional, em busca dos melhores clientes, enquanto as donas dos bordéis só retiravam o lucro da exploração das inquilinas. Ela suspeitava de todas as atitudes de Eny, mesmo que fossem benéficas para algumas meninas, e faz questão de enfatizar os aspectos que lhe parecem negativos dos comportamentos e da aparência da antiga cafetina. No entanto, não chega a afirmar inimizade com Eny, nem mesmo que não gosta dela, diz que atualmente convive bem com a antiga cafetina, sem problema nenhum e se preocupa com a possibilidade de ela ter conhecimento de suas palavras, perguntando "você vai entrevistar ela com isso aqui? Mas não vai falar que eu falei nada." Solange quer ter um bom relacionamento na vizinhança de Novo Horizonte. Apesar de desconfiada, gosta de ter muitos amigos e tinha muitas relações sociais no bairro.

Nos dias de hoje, a desconfiança de Solange se volta para seus recursos financeiros, está sempre suspeitando que a estão roubando ou extorquindo. Para Beauvoir²⁸³, "contra aqueles que pretendem não ver nele mais que um objeto, o velho, graças a seus bens, assegura-se de sua identidade". Mas, ao se afirmar subjetivamente nos recursos financeiros, a pessoa velha torna-se vulnerável, na medida em que estes recursos estão em perigo. Se até mesmo a aposentadoria, um rendimento mensal seguro que ela tinha garantido todo mês, está sendo usufruído por um terceiro, o que Solange tem que ela mesma pode gerir? Qual memória ela pode preservar por meio do hábito, se os objetos que acionavam sua reação não existem mais? Segundo Bergson²⁸⁴, o corpo, destinado a mover objetos, é um centro de ação, de forma que "os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles". E quando não há mais os objetos ao redor? Quais ações poderiam existir sem os estímulos que o corpo estava habituado? Que corpo é esse que não tem mais ações possíveis sobre os novos objetos que o rodeiam? Solange está sempre retomando a memória do seu dinheiro, como se estivesse procurando o seu "eu" nele, um eu e um dinheiro que ela sente que está sendo constantemente roubado. Para Beauvoir²⁸⁵, "a avareza torna-se mania, toma formas neuróticas, porque a propriedade, na qual o velho busca um refúgio contra a ansiedade, torna-se objeto de sua ansiedade. Ao mesmo

²⁸³ BEAUVOIR, 1990, p. 576.

²⁸⁴ BERGSON, 2006, p. 15-16.

²⁸⁵ BEAUVOIR, 1990, p. 576.

tempo que é uma defesa, a avareza é muitas vezes uma forma de agressão com relação a outrem".

Ademais, os hábitos de Solange estão estreitamente vinculados à Novo Horizonte. Seu temor se concretizara e ela foi obrigada a sair do ambiente em que construiu a sua subjetividade e continuava construindo-a cotidianamente. Conhece muita gente no bairro, como ressalta, "dono de padaria, dono de mercearia, tudo me conhece". Lá ela podia fumar todos os dias, o que não pode mais fazer no asilo, tinha seus objetos pessoais, sua moradia, suas relações, sua neta e seus amigos, apesar de não contar mais com a mesma mobilidade para interagir e usufruir do espaço como tinha antes. A memória de São Sebastião é viva no território, nas construções, nas pessoas e nas relações que existem no bairro, e Solange é parte integrante dessa memória. Novo Horizonte é o seu local de enraizamento e de afeto. É isso que ela reivindica, voltar para o seu espaço de memória e de afeto, para os seus hábitos cotidianos, para a subjetividade construída ao longo de muitos anos. Como ela afirma, "eu acabei de me formar em São Sebastião, lá em Novo Horizonte e eu gosto é de lá. Estou errada? Eu fui criada lá. Lá é minha vida. Perdi o marido lá, tive um filho lá, perdi meu filho lá. De repente eu venho para um confundó de Judas. Esse lugar é horroroso, não gosto daqui não". Solange complementa dizendo que Novo Horizonte é muito diferente do Instituto, "aqui é tipo um convento, mas lá nós saíamos na rua, aqui não". Entretanto, ela guarda a lembrança de um corpo saudável, um centro de ação sobre os objetos e as pessoas ao seu redor, uma memória que compreende também o esquecimento da situação precária em que vivia no bairro, deitada no colchão e impossibilitada de agir.

O rompimento de Solange com Novo Horizonte é ainda mais brutal considerando os traumas sofridos com a morte do marido e do filho, sobretudo, deste último. Ela já havia passado por uma ruptura da sua memória e da sua subjetividade ao experimentar a dor da perda do filho, afetando o que Bergson²⁸⁶ chama de subjetividade-afecção, em que, no momento da dor, o corpo deixa de ser um centro de ação para adquirir um papel receptivo, exposto à dor. Como Beauvoir²⁸⁷, explica, o falecimento de um parente ou de uma pessoa próxima priva não somente de sua presença, mas "[...] de toda aquela parte de nossa vida que estava ligada a eles". É o próprio passado, uma parte da memória, que se volta para o esquecimento com a partida dessas pessoas. Segundo a autora,

O que deixa os velhos inconsoláveis é a perda de pessoas mais jovens, que eles associavam ao seu próprio futuro, sobretudo, se tinham gerado, criado ou formado

²⁸⁶ BERGSON, 2006.

²⁸⁷ BEAUVOIR, 1990, 452.

essas pessoas: a morte de um filho ou de um neto, é a ruína súbita de todo um projeto; ela torna absurdamente vãos os esforços, os sacrifícios feitos por ele, as esperanças que nele se haviam depositado.²⁸⁸

O falecimento do filho, seguido pelo do ex-amásio, foi um rompimento com a memória que a relação com eles mantinha viva, com práticas e gestos cotidianos que perderam o sentido, com o próprio corpo que deixava de agir na construção subjetiva destas afetividades. Mas além disso, o projeto de futuro de Solange morreu junto com seu filho. Ela desejou a criança, ainda mais pela culpa que se sentia por não ter tido condições de criar um filho e ter perdido outro, como relata, "não gosto de falar não, sobre o outro que eu tive. Ninguém sabe que eu tive o outro, acha que eu só tive esse que morreu. Mas o outro era tão novinho, eu peguei e dei para uma mulher". Solange não teve coragem de contar para ninguém que deu o bebê, que tivera quando tinha aproximadamente 13 anos e vivia sozinha, sem nenhum familiar para auxiliá-la e nenhuma condição de criar a criança. Anos depois, com cerca de 25 anos, vivendo com o amásio e com estrutura para cuidar de uma criança, ela teve a oportunidade fazê-lo, e dedicou seus esforços na empreita. Doou-lhe sua afetividade e depositou nele seu projeto de futuro, sua esperança. Saía com ele para beber, ele era o seu companheiro "para toda a vida". Com a memória da prostituição em suas percepções presentes, Solange se relacionava com o filho como uma mulher independente, que corria atrás do que almejava e ainda tinha plenas condições de ser mãe e avó, de ser companheira e amiga do filho. Tudo isso se perdera com o assassinato dele. Seus sacrifícios e suas esperanças foram, de certa forma, vãos, não fosse pela existência da neta, que hoje lhe dá novas esperanças, novos desejos e uma relação de afeto.

Por fim, sobre a memória subjetiva de Solange, construída na experiência prostitucional em São Sebastião, vale destacar o seu hábito de tecer comentários inescrupulosos sobre as mulheres e de perceber seus desejos sexuais quando se depara com um homem ou o assunto vem à tona. Ao falar da aparência física e julgar as mulheres que a cerca, ela demonstra os estereótipos sexuais e raciais constituintes não somente de sua subjetividade, como de Denise, de Eny e de Diane. Na sua percepção, as mulheres devem seguir determinados padrões de beleza e de comportamento, que incluem a branquitude, o cabelo liso e a heterossexualidade, para serem consideradas mulheres bonitas e "normais". Mas, independente de sua "normalidade" e de sua beleza, Solange amiúde as considera como suas rivais, como era comum de as mulheres se encararem na época de São Sebastião. Ela faz comparações entre ela mesma e as outras mulheres, procurando se sobressair, e as vê com desconfiança. Enquanto com os homens,

²⁸⁸ BEAUVOIR, 1990, p. 452.

Solange fica quase boba, sorri, gosta de conversar e dar risadas, sente prazer em sua companhia. Percebe o mínimo gesto masculino que a toca e a olha, prefere sempre interagir com os homens nas festividades do asilo e se mantém atenta em suas condutas. Segundo Beauvoir²⁸⁹, as pessoas que atribuíram valor positivo à sexualidade durante a juventude e a vida adulta, quando velhas, permanecem ligadas ao universo erótico, porque sentem nostalgia pelas experiências sexuais insubstituíveis. Para a autora, o velho deseja desejar, pois "[...] é pelo desejo que ele reavivará todas as suas cores empalidecidas. E também é pelo desejo que ele viverá sua própria integridade. Desejamos a juventude eterna, e esta implica a sobrevivência da libido"²⁹⁰. Por meio do desejo sexual, Solange ativa a memória de uma subjetividade normalmente votada ao esquecimento, porém constituinte de sua singularidade, de seu corpo, de suas percepções. Ela lembra de sua autonomia, das relações que tecia, dos desejos que tinha, e não pode ter mais. Impossibilitada que está de realizar projetos e vontades, a sua sexualidade se traduz, então, "[...] por sua maneira de vestir-se, de se enfeitar, por seu gosto pelas presenças masculinas"²⁹¹. É o que Solange costuma fazer, ajudada pelas cuidadoras, que a maquiam, pintam e cortam seus cabelos, pintam as suas unhas, vestem-na com vestidos coloridos e a enfeitam com brincos e anéis grandes, relógios, pulseiras e colares. Nas festividades do Instituto, ela está sempre brilhando, bem arrumada, se destacando dentre as demais idosas, o que contraria a modéstia estética que adotava nos tempos de São Sebastião, quando colocava apenas um vestido curto, um sapato, passava um batom e estava pronta para a noite. Solange tem vontade de viver, de desejar e de realizar, mantém a energia de outrora em um corpo que não responde mais aos seus estímulos habituais. Mas não vá falar que ela não voltará a andar e a mexer a mão esquerda. Ela te mostrará o quanto ainda rege a própria vida e não precisa da sua opinião.

Denise

Aproximadamente em 1978, com 25 anos, Denise deixou de ser inquilina da boate Veneza e foi morar com o namorado policial. Ela viveu aproximadamente 5 anos com ele, período no qual trabalhou como garçoneiro no bordel de Eny. Não obstante afirmar que o companheiro a

²⁸⁹ BEAUVOIR, 1990.

²⁹⁰ BEAUVOIR, 1990, p. 392.

²⁹¹ BEAUVOIR, 1990, p. 429.

tratava bem, Denise conta que ele era possessivo e ciumento, controlava seus movimentos, gestos e ações, ela não podia ser livre, como almejava. Tinha vontade de sair à noite, ir para o Mister X, uma cabana em Jacaraípe, na Serra, e não podia por causa do amásio. Além disso, ambos começaram a ter amantes, como ela diz, "ele começou a botar uns par de chifre na minha cabeça e eu comecei a botar um par de chifre na cabeça dele também". Denise não via mais sentido em manter a relação, então, decidiu se separar do sujeito. Ele foi embora da casa em que viviam em Novo Horizonte, sem levar nada, e Denise arcou com as despesas de um transporte para mandar todas as coisas dele para o quartel em que trabalhava, em Maruípe, Vitória. Após a separação, ela arranhou um namorado de Belém (Pará) e foi para lá, onde ficou por cerca de 1 mês, o que permitiu que ela deixasse definitivamente de trabalhar como garçonete na Veneza, um ofício que havia se tornado extremamente desgastante e oneroso.

Ao voltar, Denise passou a viver do aluguel de uns quartos feitos de tábuas que construiu em seu terreno e dos recursos que conseguia lavando roupa para fora. Como ela relata, "ô minha bichinha, depois que eu parei e saí, eu cortei mesmo a relação todinha com Novo Horizonte. Eu fui lavar roupa para fora, lavei roupa muito tempo. Tinha umas barraquinha também de aluguel". Logo conheceu um homem, cujo apelido era Índio, um "moreno bonito pra caramba", de cabelo preto, que veio para atuar na construção de um forno na CST. Denise começou a namorá-lo e ficou grávida. Ela narra que o companheiro já dizia que não sabia se continuaria no local após o término da obra para a qual viera e, quando ela contou da gestação, ele a aconselhou de fazer um aborto. Mas Denise tinha vontade de ter a criança, ficou grávida porque quis. O Índio foi embora e ela viveu a gestação sozinha, conta que a filha a ajudou muito a "colocar a cabeça no lugar". Ela construiu sua casa de alvenaria grávida, substituindo a antiga moradia feita de pau a pique. Atuava como ajudante de pedreiro para conseguir viabilizar a obra e percorria quilômetros de distância para buscar água quando a bomba do poço dava problema. Não tinha sistema de saneamento básico nem de água encanada em Novo Horizonte, as casas precisavam construir seus próprios fossos e poços. Denise afirma que ergueu a moradia com muita dificuldade, mas com o seu dinheiro, sem dever nada para ninguém, e por isso tem amor pela casa dela.

Em princípios dos anos de 1980, a filha nasceu. Denise faz questão de afirmar que deu uma boa educação para ela, "criei ela muito bem criada, formei ela, casei ela. Sempre tive uma paixão na minha vida: o que eu não tive a minha filha vai ter. O casamento da minha filha foi três dias de festa". Com a memória de tantas dificuldades enfrentadas para sobreviver e perseguir o afeto por si mesma, ela depositava na menina a esperança por um futuro melhor, o seu próprio projeto

de vida, impossível de se concretizar, agora poderia ser realizado pela filha. Após o nascimento da menina, Denise continuou lavando roupa e alugando os quartos para o sustento da família. Depois, começou a trabalhar como faxineira em hospitais, como no Dório Silva e no São Lucas. Era contratada por uma empresa que prestava este serviço para diversas instituições. Com o tempo, porém, ela desenvolveu um problema no braço e precisou sair do trabalho, aproximadamente em 2016. Como atuou muitos anos como faxineira, conseguiu garantir uma aposentadoria de um salário mínimo, que começou a receber em 2018, com cerca de 65 anos. Nessa época, Denise já havia transformado os pequenos quartos de tábuas que alugava, em casas de alvenaria, de um só cômodo cada, localizadas todas em seu terreno, em Novo Horizonte, bem próximo da antiga São Sebastião. Antes arrendados, sobretudo, para as prostitutas que ainda viviam na região, agora as moradias são habitadas por trabalhadores(as) informais, normalmente solteiros(as). Ela administra as locações e tira daí um rendimento mensal suficiente para sobreviver, como faz desde que começou a alugar os quartos ainda de tábuas, nos anos de 1980. Ela não se tornou uma cafetina, como Eny, mas é certo que guardou na memória as experiências da amiga para converter-se em uma administradora do seu próprio negócio e garantir sua sobrevivência conforme seus desejos pessoais.

Em 1990, Denise teve outro filho com um homem que trabalhava, pois, como ela explica, "eu nunca mexi com vagabundo, nunca. *Eny* me ensinou uma coisa, falava muito pra mim pra não mexer com vagabundo". Sua subjetividade é constituída a partir das experiências vivenciadas na boate Veneza, com destaque para a lembrança constante dos conselhos de Eny, com quem manteve uma relação de estreita afetividade no território. Particularmente, os ensinamentos de Eny são acionados por seu corpo quando ela tece relações sexuais com os homens e experimenta sensações muito parecidas com que sentia na época em que habitava a Veneza. Bergson²⁹² chama esse processo de "reconhecimento", na medida em que se constitui como "o ato concreto pelo qual reavemos o passado no presente [...]". Para o autor, o reconhecimento é mais do que a presença de uma lembrança na percepção presente, é uma ação instantânea do corpo, pautada na ordem motora, independe da intervenção de uma lembrança explícita. O corpo de Denise é memória, age com base em movimentos que foram automatizados pela sua repetição frequente em tempos passados. Ao entrar em uma relação afetiva com um homem, seu corpo reconhece o ambiente e, independente de lembranças específicas retomadas no presente, que amiúde

²⁹² BERGSON, 2006, p. 99.

também ocorrem, ela age automaticamente conforme uma certa linha de conduta repetida, de diversas maneiras, inúmeras vezes.

Diferente da filha que teve poucos anos antes, Denise não desejava ter outra criança. Ela conta que tentou fazer aborto várias vezes, em vão, o feto continuou se desenvolvendo em seu útero. Atualmente, ela fica pensando se o mal comportamento do filho, agressivo, envolvido com drogas ilícitas, sem trabalhar ou estudar, é decorrente da sua tentativa de aborto ou se ele é assim por uma questão ontológica. Refletindo sobre o assunto, ela fala: "tem hora que eu paro e penso: será que ele é desse jeito porque eu fiz isso? Ou já veio, já é de sangue, né? Aquele menino é demais". Denise carrega em seu íntimo uma interpretação cristã sobre os fenômenos e a própria vida, fazendo com que, em certos momentos, sinta-se culpada por atitudes passadas, vistas como pecados pelo cristianismo. Ela não teve uma formação inserida no ideário cristão, mas há alguns anos passou a frequentar a Igreja Universal, próxima de sua casa. Suas referências à Deus e a Jesus são constantes, sobretudo, em situações de medo, ansiedade e preocupações diversas com o filho. O jovem chegou a ser alvejado perto do ombro, por um tiro de arma de fogo, e conseguiu sobreviver não obstante o grande risco de morte que correu. Denise vê na sobrevivência do filho um "salvamento divino" e teme pelo que mais pode lhe acontecer. Em sua inquietação e culpa, é na Igreja que ela encontra o conforto emocional para conviver e tentar superar os obstáculos que percebe em suas relações cotidianas. Foi também para conhecer os ensinamentos bíblicos, transmitidos pelo pastor da Igreja, que ela aprendeu a ler. Queria saber o que estava escrito na bíblia e se determinou a ler as mensagens ali contidas.

A preocupação com filho é maior em 2016, período em que ele passava a maior parte do tempo fora de casa e ficava agressivo quando a mãe lhe pedia para ficar e lhe dava conselhos. Com o passar do tempo, porém, ele foi ficando mais em sua residência, uma das casas para aluguel que Denise construiu no terreno, se afastou das "más companhias", começou a trabalhar como auxiliar de serviços gerais em um supermercado do bairro e foi deixando a mãe mais segura e menos amedrontada com as tragédias que poderiam lhe ocorrer. No final de 2019, ele se amasiou com uma mulher e ambos tiveram um filho. Apesar de se preocupar em como o filho vai manter a família, já que ele saiu do trabalho e está desempregado, Denise adora o bebê e dedica-lhe muita atenção e afeto. Nos dias de hoje, o motivo de sua maior inquietação é a sua filha, que se separou do marido por alcoolismo da parte dela e foi morar em outra das casas no terreno da mãe, junto com o filho de 13 anos, do primeiro casamento. A segunda filha, de 5 anos, do segundo casamento, neta de Denise, ficou com o pai, que conseguiu sua guarda na justiça depois de atestar a incapacidade de a mãe cuidar da menina.

O processo foi muito difícil para Denise, que não queria que a filha perdesse a guarda da menina, e tentava ajudá-la levando-a e acompanhando-a nos Alcoólicos Anônimos, em psicólogos e no médico, administrando os horários e os remédios que ela precisava tomar, além de cuidar do filho mais velho. Contudo, seus esforços não surtiram os efeitos esperados, a filha parava de beber por um tempo, mas logo voltava e tornava-se negligente com os filhos. Com isso, a guarda da menina definitivamente ficou com o pai, e em alguns fins de semana ela vai visitar a mãe e a avó. A filha que Denise dizia que havia criado tão bem, que teve tudo o que ela não pode ter, chegando a se casar, com direito à festa, é agora motivo de seu desgosto e decepção. Está frequentemente alcoolizada ou dormindo, por conta dos remédios que toma para parar de beber, não consegue cuidar dos filhos e não tem nenhum projeto de vida. Ela e o irmão brigam constantemente. Ele não suporta ver os sobrinhos maltratados pela mãe e age de forma agressiva com a irmã, procurando impor como ela deve se comportar. Denise não consegue impedir as confusões entre ambos e fica em estado de intensa ansiedade, sem saber o que fazer.

A ansiedade e as preocupações atuais de Denise, frutos das relações familiares, pelas quais se sente responsável, produzem uma memória saudosista da vivência em São Sebastião. No "território do desejo", ela narra que se sentia livre, independente, não tinha preocupações, só precisava ter o dinheiro suficiente para a própria sobrevivência imediata. Em suas palavras, "era bom, boba! Abre aspas e fecha aspas. Para gente crescer livre, ser dona do próprio nariz. Era bom. Melhor do que agora. Agora a gente não é dona do nosso nariz". Ela guarda a memória afetiva da sensação que tinha ao chegar a Carapeba, perseguindo seus desejos pessoais de autonomia e de afetividade por si mesma, quando todo um futuro se colocava à sua frente e ela sentia que podia escolher qual rumo tomar. Nos dias de hoje, não obstante gozar de uma estabilidade financeira, ter sua casa própria e a afetividade familiar, percebe a si mesma como dependente, não mais "dona do próprio nariz". E ela complementa, dizendo que na época em que atuava na boate de Eny, não tinha responsabilidade com nada e, por isso, era mais feliz naqueles tempos.

Não era por causa da prostituição não. Era porque eu não esquentava a minha cabeça que nem agora. Entendeu? [...] Há, eu sinto saudade de São Sebastião, da prostituição, pra entrar debaixo de um e de outro. Não é não. É a paz que a gente tinha dentro da cabeça da gente, a gente só tinha uma linha traçada: vou me arrumar e vou pra salão, fazer pelo menos um programa pra mim almoçar amanhã! Se não tivesse dinheiro pra almoçar amanhã. Era a única preocupação. Era essa, mais nada.

Como inquilina da Veneza, ela não precisava pagar aluguel, só precisava se preocupar em pagar as despesas com alimentação e o embelezamento pessoal. Tinha a filha para quem mandava sempre dinheiro, mas não era ela quem cuidava da menina cotidianamente, ela não tinha toda

uma família para tomar conta. Sentia-se em paz, sem maiores inquietações, sem perceber-se como responsável pela vida e pelas relações experimentadas pelos filhos e netos. Atualmente, sua dependência é emocional e afetiva, pois ela vive a cargo de toda a família, filhos e netos, sem deixar de se dedicar à filha que teve logo ao chegar em Carapeba e que ainda mantém contato, mesmo ela morando nos Estados Unidos. Hoje, Denise deve gerir cotidianamente uma rede de relações de poder e afetivas, é ela quem garante o sustento familiar, as refeições diárias, a limpeza do local e as relações de respeito e de tolerância entre todos os membros. Mais do que simplesmente executar tarefas e funções, seu comprometimento é emocional, integra o íntimo de sua subjetividade, sente como uma incumbência pessoal zelar pelo bem-estar de todos(as), e, a impossibilidade de garantir isso, a torna ansiosa e angustiada. Antes, em São Sebastião, ela mantinha relacionamentos com Eny e algumas amigas também de estreito comprometimento afetivo, acompanhou e ajudou a antiga cafetina nos momentos que ela mais necessitava e até hoje ambas mantêm a amizade. Entretanto, tanto Eny como as outras amigas, não chegavam a ser uma responsabilidade pessoal de Denise, como a família se apresenta para ela nos tempos atuais. Os fracassos, as dificuldades e as decepções de qualquer membro da família são também seus, assim como ela compartilha das alegrias, das superações e das vantagens dos seus. De qualquer forma, Denise tem o hábito de ajudar as pessoas próximas, seja da família ou amigos. Ela conta que mantinha uma relação de amizade com Solange, mas depois que o filho desta morreu, acabou se afastando, pois ficava muito ansiosa tentando ajudá-la, perdia noites de sono, assim como perde com os filhos, em vão. Solange não ouvia seus conselhos para mudar seus hábitos para viver melhor e Denise acabou desistindo de manter um vínculo estreito com ela.

A lembrança saudosista de São Sebastião, não significa que Denise tenha experimentado a rotina na indústria sexual e os programas propriamente, unicamente como prazer e sentimento de autonomia. Ela teve relações e momentos prazerosos no "território do desejo" da RMGV, como diz, "tinha dia que era bom pra caramba", mas, em contrapartida, cansava-se do cotidiano prostitucional, e acrescenta, "tinha dia que era bom pra dedéu, mas tinha dia, minha bichinha... sabe quando você olha para o teto e pensa: se eu pudesse eu ia dormir mais, mas eu não posso porque tenho que trabalhar. Tinha dia que era bom, mas bom mesmo e tinha dia que eu era obrigada a ir". Denise precisava seguir as regras de conduta da boate todos os dias, ela morava no próprio local de ofício, não contava com a separação entre a esfera privada e o ambiente de trabalho, que lhe propiciaria alguns dias e momentos de descanso. Todas as suas relações e experiências diárias se restringiam à Veneza e ao bairro, que se constituía como uma região de

quase confinamento para ela. Isso porque, evidentemente, ela podia sair do território para ir à praia, fazer compras ou o que quer que fosse. Contudo, os mecanismos disciplinares, as técnicas do biopoder e a dinâmica das relações comerciais de Carapeba, produziam o seu confinamento subjetivo, na medida em que lhe era preferível permanecer no território, em detrimento das perdas e ameaças possíveis ao sair da região. Com isso, todos os dias eram propensos ao trabalho, a depender da clientela, e ela devia estar sempre pronta e disponível para os programas. Era uma rotina que exigia uma entrega constante de seu corpo, sua inserção contínua em uma mesma rede de relações de poder que demandavam sempre reações.

Assim como as demais sujeitas da pesquisa, a subjetividade de Denise era produzida repetidamente no interior do diagrama do “território do desejo” da RMGV, nas relações de poder que o constituíam. Butler²⁹³ explica que, para Foucault, a sujeição designa uma restrição no processo de produção do sujeito, enquanto a resistência é parte e efeito do poder. Isto é, a subjetivação de Denise, o processo de construção da sua subjetividade, era produzida pelas relações de poder do território, e não fora dele, estava restrito a este diagrama, ao mesmo tempo em que sua singularidade subvertia as relações de normalização do poder. Ela executava as tarefas diárias na boate Veneza, sentindo-se livre e autônoma, conforme seus desejos pessoais subjetivos, construídos nas relações tecidas naquele espaço, mas, na repetição cotidiana dos seus gestos corporais, pontos de resistências emergiam em sua subjetividade, como uma autossubversão, efeito das relações de poder. Para a autora, os termos da normalização não somente designam, mas também formam o sujeito, ativando um contradiscurso em relação ao mesmo regime normalizador que o gerou. "Por conseguinte, o sujeito foucaultiano nunca se constitui plenamente na sujeição, mas se constitui repetidamente nela, e é na possibilidade de uma repetição que repita contra a sua origem que a sujeição pode adquirir seu involuntário poder habilitador."²⁹⁴ Nesse sentido, a repetição diária das regras de normalização do território de São Sebastião foi produzindo a subversão de Denise a estas regras de conduta, gerando atitudes e relações de resistência contra os mecanismos de disciplinarização. Ela dava sinais de cansaço daquela rotina difícil, os prazeres ficavam cada vez mais diminutos e começou a almejar sair da vida prostitucional, até efetivamente conseguir, por volta de 1978.

Ela deixou de atuar na prostituição, mas não saiu do bairro. O território de Carapeba se configurava como um lugar de solidariedade, de afetividade e de enraizamento para ela. Foi onde ela passou da juventude para a vida adulta, onde criou redes de amizade, relações de

²⁹³ BUTLER, 2001.

²⁹⁴ BUTLER, 2001, p. 107. Tradução nossa.

trabalho e seu espaço de intimidade. Depois de cerca de 10 anos vivendo praticamente confinada na região, ela não conhecia outras possibilidades de sobrevivência e de realização do afeto por si mesma, sua memória subjetiva tinha como referência principal as experiências e as relações vividas ali. Denise se sentia segura em São Sebastião. Por isso, ao deixar de exercer o meretrício, mudou-se para uma casa no mesmo bairro, mantendo muitas das relações de afeto, de solidariedade e de enraizamento que tinha quando era inquilina de Eny. E ela nunca deixou de viver no bairro, atual Novo Horizonte. Edificou sua casa e outras moradias para arrendar na região e lá construiu sua trajetória de vida. Sente-se segura e confortável em sua residência e no bairro, que atualmente conta com saneamento básico, água encanada e energia elétrica em quase todos os domicílios, dentre os quais os de Denise.

Apesar dos laços de afetividade e do processo de construção de sua própria subjetividade da época de São Sebastião, Denise afirma que "de puteiro não trouxe nada". Ela diz que viu muitas pessoas se cortarem, com gilete, com faca, e que a região era um "inferno", de onde ela conseguiu sair ilesa, "graças a Deus". Com aparelhos para surdez nos ouvidos, as mãos com marcas de queimadura e com tiques nervosos ao falar, Denise não vê seu corpo como produto de todas as suas experiências, ansiedades, angústias, desejos e prazeres. Seu corpo foi construído, e continua sendo, pela memória de Carapeba, presente até mesmo nas novas relações que tece, nas percepções e nos hábitos que têm. Bastante religiosa nos dias de hoje, com toda uma trajetória familiar e afetiva construída após deixar de exercer a prostituição, ela lembra do passado na indústria sexual como um período de falta de responsabilidades que, ao mesmo tempo em que lhe proporcionavam prazer, a impediam de ter uma vida "honesta", com a família e com um trabalho "honrado". Ela explica que somente adentrou no mercado sexual porque era mais fácil. Tinha serviços que poderia fazer, mas preferiu a "vida fácil". Por outro lado, ela afirma que se tivesse tido outras opções, se o primeiro namorado, por exemplo, com quem teve um filho no Rio de Janeiro, antes de vir para o Espírito Santo, tivesse assumido a família, ela pensa que teria ficado com ele. Entretanto, isso não aconteceu, e ela precisou encontrar alternativas de vida, dentro do diagrama de forças em que estava inserida e condizentes com as suas vontades pessoais. Como diz, "é aquilo que eu falei pra você, quem não gosta de trabalhar caça prostituição. Ou caça prostituição ou caça um homem pra bancar. Quando você acha um que banca você, amém. Mas quando você não acha, é a prostituição". Ou seja, o que se lhe apresentava como possibilidade era o casamento ou a prostituição e, a impossibilidade de se casar, entrou para o universo prostitucional. Hoje ela reflete que poderia ter encontrado um serviço qualquer, em detrimento da prostituição. Mas, naquele período, ela

não via outras alternativas, eram-lhe impensáveis ou lhe causavam repugnância, como a atividade doméstica na casa de outrem. A experiência da mãe como doméstica no Rio de Janeiro lhe amedrontava, não queria assumir uma vida como a dela. O que lhe restava, então, era a prostituição.

De maneira geral, contudo, Denise não se arrepende do passado, ao contrário, sente até um certo orgulho por ter conseguido sair da prostituição e ter construído uma vida digna para si e toda a sua família. Suas experiências anteriores constituem as suas percepções do presente, é por meio de sua memória que avalia a vida atual. Com 66 anos em 2019, ela conta com uma boa saúde física e mental, move-se com agilidade, executa variadas tarefas no dia, auxilia sua família, vai à Igreja com frequência, assiste sua televisão e tem sempre a companhia dos netos e dos filhos. Não obstante suas preocupações e ansiedades, Denise tem bastante autonomia para perseguir e executar seus desejos, para criar e alimentar suas relações de afeto e para gerir a rede familiar de acordo com as suas perspectivas, independente das reações individuais de seus membros. Como explica Beauvoir²⁹⁵, "a maior sorte do velho, mais do que gozar de uma boa saúde, é sentir que, para ele, o mundo está ainda povoado de fins. Ativo, útil, escapa ao tédio e à decadência". Em relação à velhice feminina, a autora acrescenta que, muitas vezes, a velhice se apresenta para as mulheres como um período de liberação, do marido e dos filhos, com os quais normalmente estiveram dedicadas durante toda a vida. Elas podem, enfim, preocupar-se consigo mesmas. Saudável e ocupando uma posição de poder fundamental nas relações familiares, Denise tem uma vida útil e ativa, vê nos filhos e netos o futuro à sua frente e, ao mesmo tempo, isenta-se de responsabilidades que não considera suas. Ela já criou os filhos. Quanto aos netos, nada pode fazer a não ser ajudá-los, mas eles não se lhe apresentam como encargos pessoais. Sabe que não pode interferir diretamente em suas vidas. Então, ela se libera. Em nossa última conversa, Denise disse que quer fazer exercícios físicos, dedicar-se a atividades aprazíveis e que não pretende mais se preocupar tanto com os filhos e os netos, pois não pode fazer mais nada para ajudá-los além do que já fez, precisa pensar em seu próprio bem-estar e felicidade. Ela parece estar buscando o afeto por si mesma de forma mais intensa, do que há poucos anos antes, quando a encontramos transtornada com a situação do filho.

²⁹⁵ BEAUVOIR, 1990, p. 603.

Eny

Em 1980, com 39 anos, Eny decidiu deixar a boate Veneza sob a administração de uma inquilina de confiança e foi construir uma casa de prostituição onde lhe parecia mais lucrativo, na orla de Camburi, na capital do estado, ao lado do restaurante Minuano e da boate Franciscano. Contudo, não conseguiu ter êxito no novo negócio e decidiu mudar novamente de endereço. Ela, então, abriu a boate *Kiss*, na avenida Leitão da Silva, em Santa Luíza, Vitória. Era um espaço grande e muito bem arrumado, que foi arrendado pela cafetina para transformar em prostíbulo. Administrando o bordel, Eny conheceu um delegado, com quem começou a se relacionar. Mas, para ficar com o sujeito, precisou deixar o prostíbulo, que fazia muito sucesso. Segundo Eny, o namorado pediu para ela escolher entre ele e o bordel, na medida em que, como disse, "com as duas coisas não pode ficar, porque eles faz uma sindicância e eu vou até para a rua". Ela conta que um conhecido da política ameaçava denunciar o amásio por envolvimento em atividades ilegais, e ela não podia morar junto com ele estando associada a delitos, no caso, com o lenocínio. Em 1983, Eny entregou a boate *Kiss* para outra pessoa gerir e foi residir definitivamente com o delegado, em Valparaíso, na Serra. Nessa época, adotou a filha do irmão e passou a cuidar da menina. A família residiu em várias capitais do Brasil, como Manaus, Brasília e Curitiba, por conta da transferência do delegado para exercer o ofício nesses locais. Até que eles voltaram para o Espírito Santo e foram morar na Praia da Costa, bairro nobre da cidade de Vila Velha, adjacente à Vitória e pertencente à RMGV.

De volta, Eny narra que o amásio saía quase todas as noites, "era muito de noitada", gostava de dançar, beber e interagir com as pessoas. Ela, por sua vez, não sentia prazer com as saídas, não sabia dançar e não costumava ingerir bebidas alcoólicas. Preferia ficar em casa a fazer-lhe companhia nas festas da noite. Não se importava que o companheiro saísse sem ela, passava sua camisa e o deixava livre para fazer o que quisesse. Ele insistia para que ela o acompanhasse e advertia que uma mulher iria ocupar o seu lugar qualquer dia, caso ela continuasse distante dele nas noites fora de casa. Foi o que efetivamente aconteceu. Em certa manhã, ele não voltou mais para a residência da família. No dia seguinte continuou sem aparecer e assim sucessivamente. Até que Eny descobriu que ele estava com outra mulher e a separação foi efetivada no ano 2000, depois 17 anos vivendo juntos. Para a antiga cafetina, a separação foi um choque, não imaginava que fosse acontecer apesar dos constantes avisos dele. Ela afirma que "quase morreu" com o rompimento, seu padrão de vida decaiu profundamente, não podia

mais usufruir das viagens, dos bons restaurantes, dos serviços de empregadas e do salão de beleza, da compra de roupas, sapatos e adereços variados, como fazia antes, quando estava amasiada com o delegado e tinha uma "vida de madame". Apesar disso, ela passou a receber uma pensão de cerca de dois salários mínimos e meio e a contar com um plano de saúde, às custas do ex-companheiro.

Durante o período em que Eny estava amasiada com o delegado, ela foi processada por questões trabalhistas por diversas antigas inquilinas e gerentes de suas boates, especificamente pela realização de horas extras não pagas pela patroa. Ela foi condenada a dar indenização para todas elas e precisou vender dois apartamentos para tanto, um localizado na Praia do Canto, bairro de classe média alta de Vitória, e outro em Jardim Camburi, também na capital. De suas propriedades, lhe restaram apenas dois apartamentos, um na Praia da Costa e outro no bairro de Andorinhas, Vitória. Sem poder voltar para Novo Horizonte por um pedido do ex-amásio, que temia pela exposição de sua imagem, Eny resolveu voltar a morar em Valparaíso. Lá, ela contratou cerca de 10 funcionários e montou uma casa noturna de forró. O bairro, contudo, era eminentemente residencial e os moradores fizeram um abaixo-assinado para impedir a música alta que tocava no estabelecimento. Sem as bandas tocando na casa noturna, o negócio faliu. Para pagar as dívidas adquiridas com o fracasso do empreendimento, Eny precisou vender os outros dois apartamentos que tinha e o carro que havia dado ao filho. Foi quando ela decidiu voltar para Novo Horizonte, pois, segundo explica, o filho estava voltando da Bahia com a esposa e os quatro filhos, e ela preferiu deixar a casa de Valparaíso para a família morar do que eles irem para Novo Horizonte, bairro mais periférico e violento. Como diz, "eu vim para cá para poder não trazer os meus netos para cá, porque são tudo adolescente, né? Ai eu não quis. Não é querer ser melhor do que ninguém, mas eu tenho medo, por causa da mistura com outras crianças, usa muita..." Muitas drogas ilícitas, foi o que Eny quis dizer. Não queria seus netos convivendo com os traficantes e os usuários que vivem na região. Assim, para não ter que pagar aluguel e sem uma pessoa de confiança para cuidar da antiga boate Veneza, Eny voltou a morar no edifício transformado em uma pensão, com vários apartamentos de diversos tamanhos e uma Igreja evangélica funcionando no antigo salão do prostíbulo.

Desde que Eny deixou a Veneza, em 1980, inúmeras pessoas tomaram conta da edificação, primeiro arrendavam como casa de prostituição, depois, com o fim do meretrício no bairro, o "pessoal da Bahia vinha, aqueles peão, começou a alugar". O antigo bordel foi sendo reformado para se tornar uma pensão com quitinetes, apartamentos de dois e de três quartos, arrendados por famílias ou pessoas solteiras, e uma Igreja, que paga o aluguel mensalmente para usar o

espaço do que antes era o salão da Veneza. Conforme Eny, moram pessoas solteiras sim, mas "a gente não deixa mulher trazer homem pra dentro de casa, não deixa o homem trazer mulher pra dentro de casa, pra não atrapalhar, né? Ou é uma coisa ou outra. Como eu acabei de dizer a você: hoje eu não mexo mais". Ela faz questão de enfatizar que a pensão não é mais uma boate, tampouco um hotel prostitucional ou algo do tipo. Quando a construção deixou de ser um prostíbulo, Eny colocou uma pessoa de confiança para administrar o imóvel e ficar com todos os rendimentos gerados, com a condição do acordo ser revisto se ela necessitar. Sua pretensão não era ter ganhos com a edificação, mas impedir que ela fosse invadida, como a antiga boate 92 foi. Eny conta que a mulher responsável pelo imóvel "ganhou muito dinheiro, tinha mês que ela ganhava mil e oitocentos, mil e quinhentos". Em certo momento, porém, sua irmã começou a enfrentar dificuldades financeiras e a antiga cafetina resolveu deixá-la administrando o imóvel para ela conseguir se recompor. "Então minha irmã ficou, e a casa tava muito ruim, estragada, acabou com tudo, até hoje tá tudo destruído. Depois minha irmã não quis ficar mais, se empregou, melhorou a situação, a filha dela é empresária, ajudou muito ela. Aí veio a Marlinda, que já tinha sido minha inquilina". Após algum tempo, também a Marlinda foi embora e Eny não tinha mais para quem deixar a cargo a edificação. Vivenciando uma situação financeira difícil e com a volta do filho para a RMGV, ela queria voltar para Novo Horizonte, mas ficava com medo do pedido do ex-amásio para ela jamais retornar ao local. Como narra, "eu via a casa e pensava assim: poxa, tudo que eu trabalhei, tanto dinheiro que eu ganhei, deixar destruído desse jeito? Até que eu tomei a decisão, Marlinda saiu e eu vim. E estou aqui até hoje."

Atualmente, tanto a filha adotiva, da época de Carapeba, quanto o filho biológico de Eny, residem em Valparaíso. Este, ainda sem completar os 60 anos, já havia sofrido quatro AVCs e ficou sem conseguir andar, sendo cuidado pela esposa. Segundo Eny, que o visita de tempos em tempos, seu estado atual de saúde é fruto do consumo exacerbado de bebidas alcoólicas. Ela, por seu turno, com seus 78 anos em 2019, nunca foi consumidora de álcool e de cigarros, apenas ingere alguns remédios para aliviar as dores que sente no corpo e conseguir dormir melhor. De maneira geral, contudo, tem uma boa saúde, executa todos os movimentos sem dificuldades, cuida dos afazeres domésticos e ainda administra a pensão. Esta, se encontra em condições bastante precárias, com reformas mal finalizadas e diversos problemas estruturais. Eny vive em seu apartamento de um quarto, decorado com peças excêntricas de origens diversas, no térreo da edificação da antiga Veneza, em Novo Horizonte. A porta de sua residência é rente à calçada, onde ela colocou um varal e construiu um jardim recentemente. Todos os dias ela se senta em uma cadeira na calçada, acompanha o movimento da rua e

conversa com os transeuntes, sempre na companhia de seus animais, gatos e cachorros que vai ganhando, cuidando e doando. Seus inquilinos estão sempre a acessando para tentar resolver alguma questão, seja em relação ao pagamento do aluguel, amiúde em atraso, seja relativa à estrutura da habitação, ou para pedir alguma coisa, como alimento, remédio e dinheiro. Eny é bastante solícita, procura ajudar a todos, estabelecendo laços de solidariedade com a vizinhança. Ao criar uma relação de afeto com uma pessoa, auxilia-a no que pode, emprestando dinheiro, dando remédio, retardando o pagamento do aluguel ou mesmo consentindo que o mesmo não precise mais ser quitado, como fez com uma senhora que exerceu a prostituição na época de São Sebastião e hoje está muito debilitada, habitando em um dos apartamentos da pensão como usufruto. Em troca, ela conta com o auxílio dessas pessoas para resolver pendências da pensão e pessoais, como cobrar aluguéis atrasados, adquirir produtos que almeja e ter companhia.

Eny nunca está sozinha. Em nossos encontros, ela está sempre rodeada por pessoas que entram e saem de sua casa, pelos cachorros que ela cuida e por crianças que a procuram em busca de atenção e de mimos. Com a memória das meninas e dos meninos da época de São Sebastião, e de sua relação com eles(as), Eny percebe e se relaciona com as crianças que a cercam em uma dinâmica de reconhecimento, entende as inúmeras dificuldades enfrentadas por suas famílias e tenta dar melhores condições de vida para elas. Muitas vezes, ela adota uma criança ou um adolescente para cuidar por certo período, como fez com a filha do irmão e, há pouco tempo, com a filha de uma inquilina. Esta, uma menina "linda", com um corpo esbelto parecido com o das suas inquilinas preferidas da Veneza, "do jeito que gosta", como diz, foi morar consigo em seu apartamento na pensão. Mas a menina, com aproximadamente 13 anos, começou a passar batons de cores fortes e a se vestir de forma mais sensual, deixando Eny preocupada, pois ela poderia se envolver com algum homem ciumento e acabar entrando em confusões. Então, resolveu devolver a menina para a mãe, temerosa em ser obrigada a lidar com uma problemática para a qual não estava preparada. Na relação com a jovem, assim como com as pessoas no seu entorno, ela reproduz os hábitos de cafetina, seu corpo age no presente de acordo com todo um passado de esforços repetidos.

Para Bergson²⁹⁶, a memória-hábito retém "[...] do passado os movimentos inteligentemente coordenados que representam seu esforço acumulado; ela reencontra esses esforços passados, não em imagens-lembranças que os recordam, mas na ordem rigorosa e no caráter sistemático com que os movimentos atuais se efetuam". Para o autor, o hábito não representa o passado,

²⁹⁶ BERGSON, 2006, p. 89.

mas o encena, e se "[...] merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente"²⁹⁷. Nas experiências atuais de Eny, ela encena o passado nas relações de afeto e de poder presentes, reproduzindo movimentos mecânicos como resposta às diversas excitações exteriores. Entretanto, a sua própria subjetividade, a dos outros e as relações que estabelece com eles, são profundamente diferentes do passado em São Sebastião, produzindo efeitos múltiplos e diversos, que fazem Eny perceber a impossibilidade de reviver o passado no presente. Nesse sentido, ela desistiu de cuidar da menina, sente que não tem mais saúde física e emocional para lidar com os reflexos que as suas ações poderiam gerar em sua própria vida, tampouco conta com a rede de relações e a proteção que gozava anteriormente.

Além das relações interpessoais, Eny mantém o hábito de consumir em excesso, está sempre comprando roupas, sapatos, bijuterias, cosméticos, dentre outros produtos que tem vontade de adquirir, mesmo não precisando ou não fazendo uso depois. Alguns vezes, ela doa alguns desses utensílios para quem ela percebe que terá utilidade. Gosta de dar opinião sobre as vestimentas, os adereços e o corpo das mulheres, aconselhando-as em como se manterem magras, esbeltas e bem arrumadas. Ela mesma procura permanecer dentro do padrão de beleza feminino, fez plásticas no rosto e nos seios, mas não gosta de falar a respeito. Evita comer muito para não engordar, usa vestidos coloridos e bijuterias, mantém o cabelo cacheado pintado de loiro, lavado e bem penteado, e suas unhas estão sempre feitas, pois, segundo afirma, o delegado com quem foi amasiada dizia que uma mulher com as unhas descascando é relaxada, o que ela não é, e por isso paga uma manicure para fazer suas unhas toda a semana. Na sua percepção, o sucesso da vida de uma mulher depende de sua aparência física, como eram as relações na indústria sexual de Carapeba e, claro, em alguma medida, na sociedade como um todo da década de 1960 até os dias atuais. Por isso, costuma vigiar as mulheres à sua volta para verificar se elas estão condizentes o máximo possível com o padrão de beleza imposto, não evitando de dar-lhe conselhos e mesmo sermões, como fazia com as inquilinas da Veneza.

Desde São Sebastião, Eny também continua com o hábito de apostar em jogos de azar, despendendo recursos que não tem com o vício. Cotidianamente, ela acompanha os sorteios dos diversos jogos que apostou, averiguando se conseguiu ganhar algum. Ela afirma que já recebeu muito dinheiro daí proveniente, e continua tentando ganhar mais. De qualquer forma, o fato é que as contas mensais nunca fecham. Não obstante ela receber a pensão do ex-amásio e alguns

²⁹⁷ BERGSON, 2006, p. 89.

aluguéis, está sempre com dívidas para pagar, sobretudo, de energia elétrica e de água encanada, cujos valores são altos devido ao tamanho da edificação da pensão. Ela tenta fazer ligações clandestinas e burlar os sistemas de fiscalização das empresas que administram a distribuição de eletricidade e de água. Mas, de quando em vez, precisa quitar algumas parcelas das dívidas, para a ligação da energia e da água não serem cortadas definitivamente. Além disso, Eny continua enfrentando problemas financeiros decorrentes de processos judiciais e de ilícitudes que remetem à época em que atuou no mercado sexual da RMGV. Com tudo isso, e mais o filho que ocasionalmente precisa auxiliar, ela fica inquieta e ansiosa. Seu corpo não responde mais como outrora às excitações exteriores. Se antes ela estava acostumada a se submeter a um alto nível de estresse para administrar uma ampla rede de negócios, transações financeiras, brigas judiciais, imóveis e dívidas, hoje, apesar do hábito constituir sua conduta, ela não é mais capaz de gerir uma ampla gama de questões sem adoecer e se sentir mal. A velhice é vivida em seu corpo, constitui sua subjetividade e não há como escapar dela. Segundo Beauvoir²⁹⁸, os velhos que "[...] escapam à miséria e ao desconforto têm que administrar um corpo que se tornou frágil, predisposto à fadiga, frequentemente deficiente ou tolhido por dores". É assim que Eny se sente, na maioria do tempo com dores físicas, muitas vezes ansiosa em demasia, precisando tomar remédios para conseguir dormir, e tendo que cuidar diariamente da alimentação para não desenvolver seu diabetes e agravar os seus problemas renais e intestinais. Seu corpo é frágil, não consegue mais reproduzir as ações de alguns anos atrás.

Seus gestos corporais, todavia, continuam a reproduzir seus hábitos singulares, sua memória de São Sebastião, e Eny continua com muita energia ao falar, gosta de retomar as lembranças do "território do desejo" da RMGV e de sua trajetória pessoal. Sem seguir nenhuma religião, ela não tem uma percepção de arrependimento das ações passadas, não fala com amargor e melancolia das relações vividas e experiências adquiridas. Ao contrário, chega mesmo a sentir certo orgulho de sua atuação no território, de tudo o que construiu e articulou, de suas relações sociais e de poder, além da prosperidade financeira que conquistou. Beauvoir²⁹⁹ explica que o velho olha para o passado com orgulho "[...], sobretudo, se o presente que ele vive e o futuro que pressente o decepcionam. Então, escora-se em suas lembranças, faz delas uma defesa, ou mesmo uma arma. Esses intermitentes sobressaltos de orgulho não implicam um gozo pleno do que passou". Diante da decadência de sua situação financeira atual, não gozando mais dos luxos e das propriedades que tinha antes, e vivenciando a velhice com uma série de problemas e de

²⁹⁸ BEAUVOIR, 1990, p. 550.

²⁹⁹ BEAUVOIR, 1990, p. 455.

questões que precisa resolver, sem perspectivas de melhoria das suas condições de vida, Eny se defende com as suas lembranças, mostrando, por meio delas, o que acredita ser o melhor de si mesma. Apresenta um passado glorioso, de muito *glamour* e expertise de sua parte, em que ocupou altas posições de poder e de prestígio social. Mas não só isso, em suas recordações, ela evidencia sua face solidária, o quanto ajudou outras pessoas, principalmente, as suas inquilinas, que, em sua perspectiva, viviam na miséria antes de irem para o seu bordel e lá tiveram a oportunidade de crescer e melhorarem a própria vida e a dos seus familiares. Conforme narra, assim como muitas de suas inquilinas, diversas prostitutas de Carapeba se casaram, "[...] compraram terreno [...], construíram casa, outras tem apartamento, tudo saída daqui. [...] Tinha mulher que fazia faculdade, pagava faculdade, tinha carro..." Ou seja, para Eny, a indústria sexual de São Sebastião possibilitou a ascensão social de inúmeras mulheres. Contudo, como destaca Beauvoir³⁰⁰, o fato de um velho se voltar para o passado com orgulho, não significa que o considere plenamente prazeroso.

Nos dias de hoje, Eny percebe a gravidade do que costumava fazer na época de São Sebastião, afirmando que, durante os 17 anos em que esteve amasiada com o delegado, pôde entender a ilegalidade do seu negócio prostitucional. No período de concubinato, tomou consciência do quanto a prática de ir buscar as meninas em outros estados para o seu bordel e depois falsificar uma identidade para elas, forjando maioridade, se constituía enquanto um crime grave. Nas suas palavras, "naquele tempo a gente viajava, pegava mulher e não tinha problema. Hoje botar mulher dentro de casa, viajar e fazer isso, vai para a cadeia. Pode oferecer o maior dinheiro do mundo que hoje eu não faço. Eu sei tudo como funciona, naquele tempo eu nem sabia que era crime". Na época do "território do desejo" da RMGV, o lenocínio era comum na região, não havia repressão e tampouco punição para a prática. Por isso, Eny diz: "é aquilo que eu falo, quem ganhou com boate ganhou, quem não ganhou, não ganha mais. [...] Eu não tive prejuízo não. Foi bom enquanto durou. Teve muitas coisas boas, teve muitas coisas ruim, que eu mesma hoje sei que era ruim". Conforme o diagrama atual das relações de poder, ela percebe a indústria sexual exercida nos prostíbulos, como era na época de Carapeba, enquanto um negócio de enormes riscos, que não vale a pena investir. A perspectiva de que o lenocínio era um crime e de que todas as relações sociais tecidas no território estavam associadas a práticas ilegais, não podia sequer ser cogitada subjetivamente por Eny. E ela afirma,

Eu vou usar as palavras do meu irmão que já faleceu, ele dizia pra mim, eles não me chamavam de *Eny*, me chamavam de Fia. Ele falava assim: "Fia, é um dinheiro..."

³⁰⁰ BEAUVOIR, 1990.

parece que é um dinheiro praguejado. Nada dá certo não. A gente pega hoje e amanhã não tem ele mais." Não sei nem te explicar. Mas que é um dinheiro... eu acho que é um dinheiro igual da droga. Que é um dinheiro amaldiçoado. O que eu falei para você: hoje eu não mexia mais!

A sua posterior trajetória de vida é que a fez perceber e se dar conta de que São Sebastião efetivamente pertence ao passado. Mais do que isso, ela perdeu grande parte do que havia conquistado na época, muitas das suas propriedades, dos seus negócios, das suas relações de poder e dos privilégios que tinha anteriormente. Como a famosa cafetina paulistana, Eny, cujo nome utilizamos aqui para designar a antiga cafetina de São Sebastião, que enfrentou a falência de seu bordel, um dos mais luxuosos do estado de São Paulo, nos anos de 1960, seguida pela perda de todos os seus imóveis, joias e renda, também a Eny de nossa pesquisa não manteve a riqueza de outrora, restando-lhe, apenas, a antiga boate Veneza, onde sua escalada de ascensão vertiginosa no mercado de corpos femininos foi iniciada.³⁰¹

Diane

Nos anos de 1980, o “território do desejo” da RMGV foi entrando em processo de decadência até ser totalmente extinto na segunda metade da década. Nesse período, Diane morou na boate Continental, administrada pelo Alemão, e atuava no mercado sexual tanto no próprio bordel, quanto nas ruas de Vitória, sobretudo, no centro da cidade e na orla de Camburi. Ela permaneceu residindo na casa até o Alemão deixar o bordel e um homem chamado Sirineu assumir a administração do mesmo. Diane, então, voltou a morar em uma quitinete na edificação do Seu Chiquinho, em Novo Horizonte, onde ela já havia habitado anteriormente. Com o fim dos prostíbulos e o esvaziamento de pessoas na região, após o término das obras e o início das operações da CST, nem mesmo o Sirineu conseguiu continuar com o negócio prostitucional. A boate Continental ficou abandonada, assim como muitas que existiam no bairro. Outras boates, como a 92, foram invadidas por pessoas sem moradia. Com isso, Diane resolveu habitar na edificação da antiga Continental, agora vazia, sem energia elétrica nem água encanada. Lá ela permaneceu por cerca de 10 anos. Exercia o ofício prostitucional em diferentes pontos da RMGV e com isso conseguia sobreviver. Isenta de ter que pagar um aluguel, Diane ia vivendo

³⁰¹ MELLO, 2002.

com poucos recursos, não precisava fazer muitos programas para arcar com os custos de suas necessidades mais elementares e preferia assim.

Desde a época de São Sebastião, Diane não fazia muitos programas. Ela não bebia, era tímida e não tinha coragem de oferecer seus serviços sexuais para possíveis clientes. Como conta, "eu queria me esconder dali, entendeu? Eu me arrumava, ficava toda coisa, bem arrumadinha. Mas na hora me dava aquele constrangimento, aquela coisa, uma coisa ruim por dentro de mim que eu ficava ali, olhava, olhava e vazava, não aguentava". Ela preferia se relacionar com homens mais velhos, mais estabelecidos financeira e socialmente, normalmente casados, que pudessem lhe assegurar algum recurso pecuniário eventual e a não contaminação por doenças venéreas. Tendo conhecido muitas prostitutas que contraíram diferentes tipos de DSTs, inclusive a Aids, bastante proliferada na década de 1980 e sem cura. Diane temia pegar uma dessas doenças na indústria sexual. Por isso, procurava selecionar bem os homens com quem fazia programas, evitando os mais jovens, muito ativos sexualmente e propensos a ter uma alta rotatividade de parceiros sexuais. Mas, além da timidez e do temor em contrair uma DST, ela afirma que se sentia mal em exercer a prostituição, percebia-se como se fosse uma mercadoria, como diz,

Eu não me sentia bem com aquilo, entendeu? Eu queria tá aqui, eu tinha as colega já, as pessoa conhecida. Mas eu não queria fazer parte daquilo mais, eu achava horrível! O fato do homem chegar pra você e te perguntar o preço, como se você fosse uma mercadoria, ir no supermercado e chegar assim, escolher a mercadoria, entendeu? Eu não aceitava aquilo. Eu tava ali porque não tinha outro recurso, não podia mais voltar pra casa. Quer dizer, meu pai me deserdou, foi uma encrenca danada, eu não tinha pra onde correr.

Diane havia criado laços de afetividade e de enraizamento em Carapeba e, depois, em Novo Horizonte. Aprazia-se com a companhia das amigas e sentia-se segura no seu ambiente conhecido, como para ela o território passou a ser vivido. Ela passou da infância para a vida adulta no bairro, construiu sua subjetividade em meio às relações de poder e de afeto tecidas no local. Era nesse diagrama de forças que se reconhecia e agia. Contudo, a memória do cotidiano familiar até os seus cerca de 9 anos, quando fugiu de casa e foi para São Sebastião, também fazia parte de sua produção subjetiva e ela percebia o universo prostitucional como um pecado, uma total degenerescência física e moral, da mesma forma que sua família cristã via. Para ela, era certo que se o pai descobrisse o seu ofício, iria matá-la, e, por isso, passou grande parte de sua vida fugindo dele, até ser informada de seu falecimento, anos depois. Nessas circunstâncias, voltar para o convívio familiar era impossível, apesar de desejar profundamente sair daquele lugar e viver na segurança e no afeto dos seus. Diane se arrepende muito por ter ido embora, como desabafa, "eu achava que eu iria me sentir livre, poderosa. Ninguém vai mandar em mim.

Mas, puro engano. Hoje em dia eu vejo que o que os meus pais queriam era o meu bem e eu infelizmente não soube ver isso. É aquela coisa: o arrependimento só chega é tarde".

Sem visualizar outras alternativas, Diane precisava se adaptar ao território e encontrar a melhor maneira de realizar o afeto por si mesma. Ela procurava manter a sua independência, não se submetia a regras de conduta e disciplinares que não estivesse de acordo, agia, em suma, em conformidade com as suas percepções pessoais. Não permanecia por longo tempo como inquilina de uma mesma boate, como foi o caso de Denise na Veneza. Preferia, sempre que possível, morar sozinha e executar os programas prostitucionais quando considerasse oportuno e necessário, sem a pressão constante da cafetina. Assim, apesar da precariedade da habitação em que vivia, na antiga boate Continental, Diane garantia a sua autonomia e o seu afeto por si mesma. Nos anos de 1990, porém, sua situação mudou. O proprietário da edificação em que vivia, Abilho, voltou e reestruturou a construção para alugar os quartos para prostitutas. Não era mais como as antigas boates, as alcovas eram arrendadas mensalmente e as mulheres podiam fazer os programas como lhes convinha. Ela continuou morando lá, mas passou a ter que pagar um aluguel para o proprietário. Continuava exercendo a prostituição ocasionalmente para se manter e contava com o apoio de alguns clientes "coroas" que a ajudavam nas despesas. Com o passar do tempo, foi trabalhar como empregada doméstica na casa de Abilho, na própria edificação, onde ele morava com a família. Diane conta que a esposa de Abilho ensinou o ofício e, com o tempo, ela foi rompendo todas as relações prostitucionais e passando a se sustentar somente com rendimentos do trabalho formal. Atuou como doméstica em outra casa de família no bairro vizinho, São Diogo, como atendente em uma transportadora, na contabilidade de uma empresa e, então, empregou-se como doméstica na casa de uma família dona de uma loja de material de construção, em Novo Horizonte, onde permanece desde 2004.

Atualmente, Diane se sente satisfeita com a vida que leva. Com seus 56 anos em 2019, ela continua morando em um pequeno apartamento na antiga boate Continental, cujo edifício foi reformado para se tornar uma pensão, assim como ocorreu com a boate Veneza. Abilho faleceu e a sua antiga esposa é quem administra o local. Diane está "em casa", habita em seu território de enraizamento, onde passou grande parte de sua trajetória de vida e tem fortes laços de solidariedade e de afeto com a vizinhança. Ela tem muitas amigas no bairro, é amiga da viúva de Abilho e está sempre frequentando a calçada e a casa de Eny. Nas nossas visitas ao bairro, é comum encontrar Diane com Eny. A antiga cafetina é hoje a sua amiga mais próxima, é quem a ajuda financeiramente em caso de necessidade e com quem ela mais troca confidências e interações. Diane evita permanecer em seu apartamento, gosta de observar o movimento,

circular um pouco e conviver com as amigas e os conhecidos do seu entorno. As ruas antes repletas de homens em busca de diversão e prazer, são, nos dias atuais, os espaços mais frequentados por Diane, em sua interação com a vizinhança. Esta é a sua família, particularmente Eny, e não tem ninguém mais com quem contar. Quando a conhecemos, em 2015, ela namorava com um sujeito que lhe causava diversos problemas devido ao seu alcoolismo, dentre os quais, inúmeras dívidas. Rapidamente, Diane se separou do homem, dizia que sempre foi independente, não precisava daquela pessoa em sua vida. Com muito sacrifício, pagou as dívidas que não teve como se furtar e seguiu sua vida com simplicidade e honestidade.

Hoje, Diane percebe sua vida e suas relações com um sentimento de liberdade, não precisa mais se preocupar, como diz, "não tenho que ficar: ai meu Deus do céu, eu tenho que ficar com tantos para poder pagar minha conta aqui". Ela tem um trabalho estável, perto de casa, a residência que habita há anos, a vizinhança e os amigos também de longa data. É nesse sentido que ela salienta que ama a vida atual, complementando: "posso terminar sem nada! Não estou nem aí. Moro em dois cômodos com um banheiro e estou muito feliz. E não tenho inveja de ninguém, não. Está bom demais. Gostoso. Todo dia tem aquele compromisso de trabalhar, honestamente, sem mexer em nada dos outros". Paga as suas contas, tem o seu dinheiro com o qual ainda pode comprar o seu cigarro para fumar, hábito que remonta aos tempos de São Sebastião, sem ter que pedir para ninguém. Como diz, "até hoje eu ando com meu cigarrinho, eu morro de medo de pedir e a pessoa negar, e eu saber que a pessoa tem". No "território do desejo" da RMGV, Diane vivenciou algumas experiências de pedir cigarro e os homens negarem, o que a fez sentir-se extremamente frustrada e humilhada. Nos dias atuais, ela tem prazer em pagar as suas contas e comprar o seu cigarro sem ter que passar por aquela humilhação e a dificuldade de ter que se prostituir para sobreviver. Percebe a vida atual com satisfação, pois guarda na memória os sofrimentos, os medos e as decepções vividas anteriormente.

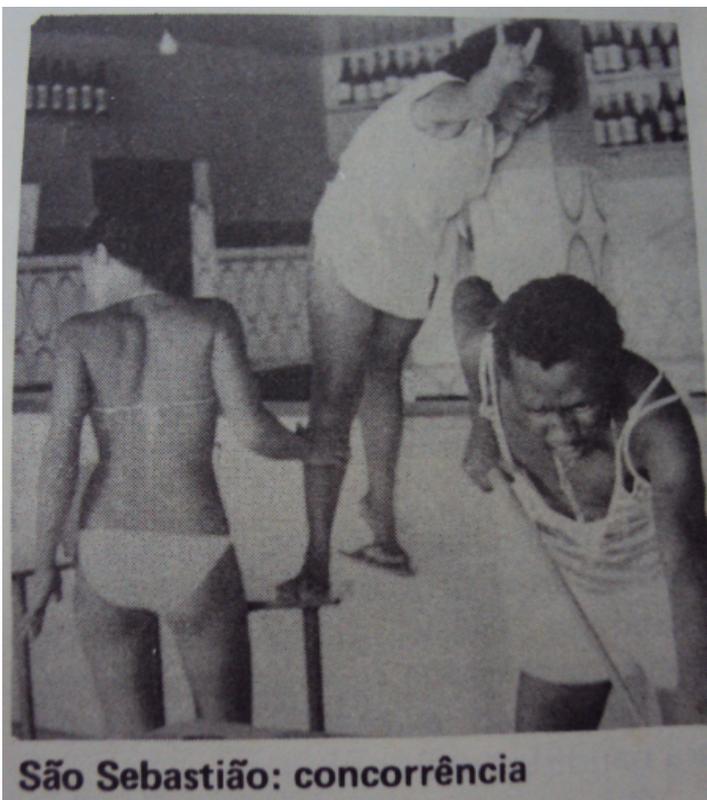
Tendo começado a atuar na prostituição em Carapeba a partir de meados da década de 1970, Diane vivenciou o meio prostitucional no território justamente no momento mais turbulento, quando houve a "fuga dos marinhoiros" e os trabalhadores da construção civil começaram a frequentar a região, acarretando em um inchaço populacional e o aumento da violência no bairro. Ela atuava muitas vezes por conta própria, fora dos prostíbulo, o que elevava os riscos de sofrer violências diversas. Além disso, não pode ser descartado o preconceito racial que permeou as experiências e as relações de Diane, uma mulher negra, com a pele mais escura dentre as entrevistadas. O processo de produção de sua subjetividade se deu em meio a relações de poder e de afeto norteadas por uma perspectiva racista, limitando suas ações e seus desejos

possíveis. Com isso, sentia medo de ser humilhada novamente, como foi tantas vezes em sua trajetória de vida, inclusive pelo próprio pai, de ser preterida por outra pessoa e de ter a sua confiança e intimidade traídas, também como havia acontecido inúmeras vezes. Como defesa, Diane se fecha, procura não pedir nada e não precisar da ajuda de ninguém. Está satisfeita por conseguir levar a vida sem precisar passar por isso novamente. Ela é independente, resistiu e continua resistindo às diversas tentativas de regulação e controle sociais e estatais, toma partido de sua vida pessoal de forma singular e subversiva. Para Foucault³⁰², a função do racismo moderno é realizar uma ruptura entre aqueles que devem viver e os que devem morrer. O racismo aparece onde a morte é requerida, como nas colonizações, nas guerras e na criminalidade. Em São Sebastião, não havia um controle sobre a vida, o poder não era exercido para assegurar a vida das prostitutas, e sim o prazer masculino, dos clientes dos bordéis do território. Lá, a morte integrava a dinâmica das relações de biopoder que formavam o diagrama da indústria sexual, e, sendo a maior parte das prostitutas mulheres negras, a morte era-lhes uma possibilidade sempre eminente, podiam ser mortas por doenças venéreas ou vítimas de feminicídio, como amiúde aconteceu na região. Mas Diane, assim como Denise e Solange, também negras, sobreviveu. Ela resistiu à normalização do biopoder por meio do afeto consigo mesma, assumiu sua vida com autonomia e perspicácia.

³⁰² FOUCAULT, 1997.

III. 4. IMAGENS

Imagens publicadas na Revista Espírito Santo Agora, em setembro de 1980.³⁰³



Status Motel, em Jardim Limoeiro, Serra (ES)

³⁰³ TUDO, 1980.



Motel Rezende, de Aurora Gorda, na Praia de Camburi, Vitória (ES)

Imagens publicadas na Revista Espírito Santo Agora, em janeiro de 1982.³⁰⁴



Volta do movimento prostitucional no centro de Vitória em princípios dos anos de 1980

³⁰⁴ PROSTITUIÇÃO, 1982.

Imagens extraídas do curta-metragem documentário "Território do desprazer", de 2017



Antiga boate Veneza, atual pensão e Igreja Universal





Da esquerda para a direita: antiga boate 92 e de Elza Mendes



Antigos bares e dormitórios, atualmente são apartamentos



Sujeita da pesquisa em sua casa em Novo Horizonte, antigo São Sebastião



Sujeita da pesquisa em uma rua do antigo “território do desejo” da RMGV



Sujeita da pesquisa no Instituto Franciscano, em Nova Almeida

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1960, a prostituição na capital do Espírito Santo, Vitória, prosperava em núcleos territoriais na região central da cidade, com destaque para a Volta de Caratoíra, na parte baixa do atual bairro de Caratoíra, e para a rua General Osório, localizada próxima ao Parque Moscoso. Nestes locais, se aglomeravam bordéis de alto e baixo meretrício, respectivamente, onde os homens podiam extravasar seus desejos sexuais, preservando a moral burguesa segundo a qual as mulheres deviam se casar virgens e o coito matrimonial servia apenas à reprodução. Para as prostitutas, por sua vez, grande parte delas analfabetas, de origem pobre e negras, vindas de municípios interioranos, os prostíbulos propiciavam a sua inserção em uma rede de relações de poder com normas próprias, alternativas à ordem disciplinar vivenciada fora dali. As casas de prostituição funcionavam como submundos, segregadas, mas, ao mesmo tempo, integradas ao convívio urbano vitoriense. Isso porque os mesmos discursos de poder que construíam as normas identitárias pautadas na oposição binária entre as mulheres, passivas, voltadas ao lar e recatadas sexualmente, e os homens, ativos, voltados à esfera pública e de sexualidade insaciável, também produziam uma série de sujeitos não enquadrados dentro desta lógica, considerados anormais, como era o caso das prostitutas. Com seus inúmeros parceiros sexuais e comportamento transgressor, as meretrizes eram vistas como o avesso da mulher honrada, maternal e fiel ao matrimônio, servindo de parâmetro para a definição da normalidade sexual da família nuclear legítima. Contudo, apesar de serem consideradas como anomalias, uma verdadeira doença social, as prostitutas cumpriam uma função dentro do sistema binário de relação sexual, possibilitando que os homens exercessem sua performance masculina tendo uma diversidade de parceiras sexuais e que as mulheres "feitas para casar" preservassem sua virgindade e o comportamento sexual tradicional. Portanto, vistos como um "mal necessário", os territórios prostitucionais tinham um lugar salvaguardado na geografia, na instituição matrimonial e nas relações sociais da urbanidade capixaba.

Foi nessa formação social que duas das entrevistadas nesta pesquisa, Solange e Eny se inseriram em princípios da década, vindas do município de Colatina, no interior do estado. Ambas passaram a atuar na rua General Osório, no bairro do centro, onde predominava o baixo meretrício. Lá, elas criaram uma rede de relações sociais que lhes garantiam a sociabilidade, o sustento, alguns prazeres e uma diversidade de interações capazes de ampliar suas possibilidades de trabalho e de afeto. Eny, uma mulher branca, de classe média baixa, usufruía

de uma posição privilegiada no mercado sexual capixaba, se relacionava com homens de alto poder aquisitivo e vivia uma escalada de ascensão na indústria de corpos femininos. Antes, seu círculo de convivência se restringia ao espaço doméstico, era casada e tinha um filho ainda bebê, seguia o modelo de inteligibilidade feminina enquanto mulher passiva e voltada ao lar. A vinda para Vitória e sua inserção nos territórios de prostituição do centro da cidade significaram a ampliação de sua rede de relações sociais, a resistência às normas anteriormente vividas e a emergência de expectativas de poder outrora inimagináveis. Solange, por sua vez, negra e de condições miseráveis, veio para a capital depois de ter passado por outras experiências prostitucionais em municípios de pequeno porte. Ela não tinha ninguém da família com quem pudesse contar, suas possibilidades de sobrevivência, de resistência e de afeto eram extremamente restritas. Ao chegar em Vitória, passou a fazer programas com clientes de renda média ou baixa, e, não obstante desfrutar de certos momentos prazerosos, passava por dificuldades por ganhar muito pouco no bordel em que atuava. De qualquer forma, contudo, sua vivência no prostíbulo no centro da cidade propiciava-lhe tecer uma multiplicidade de interações em que podia subverter certas relações de poder em prol do afeto consigo mesma.

Em finais dos anos de 1960, entretanto, em meio ao crescimento urbano de Vitória e às modificações na rede de relações de forças entre os diversos elementos heterogêneos que compunham o diagrama da cidade, a prostituição tornou-se alvo das políticas de moralização e higienização implantadas pelo governo estadual. As atividades do Porto de Vitória, localizado no centro da capital, se intensificavam, o bairro crescia horizontal e verticalmente, os setores terciários da economia local se expandiam e aumentava vertiginosamente o contingente populacional da cidade. Vitória crescia também em direção ao seu entorno, descentralizando o desenvolvimento industrial e urbano para outros bairros e para os municípios adjacentes que compunham a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), que na época compreendiam as cidades de Serra, Vila Velha, Viana, Cariacica e Vitória. Nesse processo, o dispositivo da sexualidade, presente nas relações entre os discursos, as instituições, a arquitetura, as leis, as proposições morais, os enunciados científicos, o que é dito e não dito, altera as relações de força que o constituem, em uma dinâmica de configuração de uma nova formação social, múltipla e transitória. A prostituição, que até então tinha um lugar salvaguardado no centro da capital, passou a ser alvo das técnicas do biopoder para a disciplinarização das condutas individuais e a regulação biopolítica da população. Com um discurso de moralização dos costumes e de limpeza social e urbana, o poder estatal se articulou diretamente sobre os corpos femininos, sobretudo, os corpos negros das meretrizes da cidade, expulsando-as do principal núcleo urbano

de Vitória. Uma série de discursos que construam a inteligibilidade entre sexo, gênero, desejo e etnia legitimavam as práticas de higienização do centro da capital, produzindo uma política de representação com vias à normalização do espaço, da arquitetura, das instituições, dos comportamentos e dos corpos urbanos.

Em questão de pouco tempo, Eny, Solange e todas as trabalhadoras do mercado sexual da região do centro de Vitória, tiveram que encontrar alternativas de sustento e de integração social. Suas redes de convivência, de afeto e de poder foram desestruturadas, o modo de vida que levavam não podia continuar existindo ali, em um processo de desterritorialização de suas subjetividades. A ação do biopoder disciplinar e regulatório atuou diretamente sobre os seus corpos para retirá-las daquele espaço, onde as prostitutas não eram mais aceitas ou, minimamente, toleradas. O governo estadual, na chefia de Christiano Dias Lopes, estabeleceu um prazo de 90 dias para que elas se retirassem do bairro e as casas de prostituição fossem definitivamente fechadas. Eny e Solange, portanto, tiveram três meses para decidir qual destino tomariam dali em diante e para articular as providências a serem tomadas para viabilizar a escolha feita. Não podiam tardar para cumprir a ordem estipulada, caso contrário, seriam expulsas à força, pela violência exercida pelo poder estatal, o que de fato ocorrera com outras meretrizes e proprietárias de prostíbulos no local. Mas, como em toda relação de poder há também resistência, as sujeitas da nossa história subverteram os imperativos disciplinares e repressivos de forma autêntica. Elas encontraram potencialidades nos efeitos da violência sofrida, descortinaram novas possibilidades de atuação fora do centro da capital, ampliaram seu leque de relações sociais e construíram, enfim, um território de solidariedade, de enraizamento e de memória para trabalharem e viverem. Jovens, com grande capacidade para se adaptar a mudanças, adquirida em suas trajetórias de vivências efêmeras, além da vontade de ampliarem o poder aquisitivo e melhorarem de vida, Solange e Eny foram sujeitas ativas na produção de suas próprias redes de relações de afeto e de poder. Foi assim que elas, junto com outras donas de bordéis e prostitutas, construíram a região de São Sebastião, no município da Serra, adjacente à Vitória e próximo do recém-inaugurado Porto de Tubarão, para funcionar como a principal área da indústria sexual capixaba. Em 1967, com o fim da prostituição no centro de Vitória, o território de São Sebastião tornou-se o destino de grande parte da antiga clientela do mercado de corpos femininos do centro da capital, somada à nova freguesia vinda do Porto de Tubarão.

Inicialmente, a região contava apenas com poucas casas de prostituição, sem nenhuma infraestrutura, não tinha água encanada, sistema de tratamento de esgoto, energia elétrica e tampouco pavimentação nas ruas. As proprietárias das boates foram construindo alternativas

para garantir o pleno funcionamento dos bordéis, de forma que, com o passar do tempo e a ampliação de suas relações com políticos, policiais, juizes, fazendeiros, enfim, homens de influência na sociedade capixaba como um todo, elas foram expandindo suas propriedades e garantindo melhor estrutura para o bairro. Os anos que se estenderam de 1970 e 1975 constituem-se enquanto o período de maior prosperidade de São Sebastião, quando a região já contava com centenas de edificações, maior infraestrutura e a frequência constante de clientes estrangeiros, vindos diretamente do Porto de Tubarão e do Porto de Vitória, além dos marinheiros nativos e de homens abastados pertencentes à elite local. A partir de meados da década de 1970, contudo, o território foi iniciando um processo de decadência, influenciado pelo começo da construção dos Grandes Projetos Industriais de Impacto na RMGV, o que resultou na instalação da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), atual ArcelorMittal Tubarão, ao lado de Carapeba, e também pelas mudanças nas relações sexuais e matrimoniais ocorridas, sobretudo, em finais nos anos de 1970 e princípios da década 1980 na área urbana do Espírito Santo. O nome do bairro mudou e passou a se chamar Novo Horizonte, em um período caracterizado por modificações no povoamento e nas formas de integração social de toda a RMGV. As ruas centrais de Vitória voltaram a ser frequentadas por prostitutas e o território de Novo Horizonte tornou-se o reduto do mais baixo meretrício, pouco movimentado, mas que ainda permaneceu por alguns anos como moradia das prostitutas que, amiúde, saíam da região para exercer o ofício prostitucional em outras áreas mais promissoras para tanto na metrópole capixaba.

Para as entrevistadas, São Sebastião se constituiu enquanto o lugar mais importante de produção de suas subjetividades. Tendo vivenciado cerca de 10 anos de atividade prostitucional na região, Solange e Denise passaram da juventude, quando chegaram, para a idade adulta, no território. Lá elas realizaram seus desejos possíveis de autonomia e de poder de consumo, com o dinheiro que ganhavam nos programas prostitucionais, sobretudo, com os estrangeiros que pagavam em dólar, podiam vestir, usar, comer e beber o que queriam, como nunca nem elas mesmas, nem os seus familiares puderam fazer. Os altos ganhos e o cotidiano na indústria sexual davam-lhe a sensação de liberdade e de poder, sentiam-se atraentes, poderosas e ativas, afinal, faziam programas com os homens mais ricos que circulavam pelo território, enquanto a maioria das prostitutas precisavam se contentar com clientes de menor escalão ou diminutos. Além de ganharem muito dinheiro, habitavam nos prostíbulos e não tinham que arcar com responsabilidades familiares cotidianas. Denise se lembra particularmente da sensação de liberdade que a falta de comprometimento familiar lhe assegurava na época, fazendo uma

comparação com as preocupações que têm atualmente com a sua família. Ela teve uma filha pouco tempo depois de chegar em Carapeba, mas a criança era cuidada por uma ama-seca, em sua casa, Denise apenas enviava dinheiro e fazia visitas ocasionais. Hoje, ela vive com dois filhos e três netos no seu entorno, compartilhando das inquietações, dificuldades, sofrimentos e também das alegrias e dos afetos deles. Solange, em uma cadeira de rodas, sem conseguir andar e com o lado esquerdo do corpo paralisado por um AVC, lembra daquele período com nostalgia, quando tinha autonomia em todos os sentidos, física, financeira e emocional. Diante da precariedade vivida na situação da presente, de extrema dependência, impotência e ansiedade, o passado é lembrado como uma defesa, ela mostra a face ativa de sua subjetividade.

No entanto, se inicialmente a performance prostitucional no "território do desejo" da RMGV possibilitava experimentar com prazer as novidades do consumo e de certas vivências fora do bairro que as interações com os "gringos" lhes proporcionavam, com o passar do tempo a repetição diária dos gestos e das condutas performáticas de Solange e de Denise, iam perdendo o significado subjetivo inicial. Isso porque, para Butler³⁰⁵, o sujeito foucaultiano não se constitui plenamente na sujeição, mas repetidamente nela, produzindo uma inversão do significado inicial da normalização a partir do qual as performances eram construídas e assumidas. Vivenciando um confinamento na indústria sexual, nenhuma das relações tecidas pelas sujeitas da pesquisa escapavam ao diagrama prostitucional, em uma repetição contínua de atos, condutas, regras e disciplinas que deixavam de serem sentidas, sobretudo, como prazer por elas. As violências, os constrangimentos e as dificuldades em terem que se submeter às relações abusivas foram se tornando cada vez mais proeminentes, levando-as a desejar mudar suas condições de vida e a efetivamente fazê-lo. Solange trocava de boate frequentemente, insatisfeita com as normas e com as cafetinas dos estabelecimentos. Bebia e fumava em demasia, almejava usufruir destes prazeres sem precisar seguir uma disciplina no mercado sexual. Desejava a estabilidade e o afeto. Com isso, decidiu deixar de atuar na prostituição para viver com o namorado taxista, em São Sebastião. Da mesma forma, Denise cansava-se do cotidiano na boate Veneza, em que precisava estar sempre pronta e deixar tudo organizado para executar os programas. Tinha vontade de acordar de manhã sem precisar se preocupar em repetir as mesmas ações, com os mesmos fins, que no dia anterior. Queria deixar o mercado sexual para viver com o namorado e, quem sabe, a filha também.

³⁰⁵ BUTLER, 2001.

Ambas conseguiram sair do mercado sexual, mas não deixaram o território, que se configurou como o espaço de solidariedade, de afeto e enraizamento delas. Solange e Denise constituíram suas famílias na região e mantiveram laços afetivos estreitos com a vizinhança. Elas conseguiram ter as suas próprias moradias e, depois de algum tempo trabalhando como domésticas no mercado formal de trabalho, puderam contar com suas aposentadorias. Elas resistiram ao poder regulatório e disciplinar de São Sebastião, criando suas próprias redes de poder e de afeto, em conformidade com os seus desejos pessoais. Quando chegaram na indústria sexual, suas possibilidades de ação eram restritas, eram analfabetas e pobres, não contavam com nenhum apoio familiar e guardavam em suas subjetividades experiências de abuso sexual e de violência. Enquanto mulheres negras, o biopoder atuava em seus corpos no sentido de controlar e de dispor de suas vidas, limitando suas relações sociais e o processo de construção de suas subjetividades a determinados termos. Entretanto, as relações de poder vivenciadas no território multiplicaram seus efeitos subversivos, ativando um contradiscurso aos discursos normalizadores que o gerou, e elas constituíram suas subjetividades produzindo pontos de resistências singulares.

Diane, por sua vez, diferente de Solange e de Denise, pouco usufruiu dos prazeres relacionados ao universo prostitucional de Carapeba. Ela chegou no território ainda criança, com cerca de 9 anos, alfabetizada e vinda de uma família relativamente estruturada. Suas primeiras experiências na região foram traumáticas, ela não tinha o mínimo para sobreviver e dependia de favores de pessoas desconhecidas até então. Observava as brigas e as violências ocorridas no bairro assustada e com medo. Aos poucos, foi se adaptando às dinâmicas das relações de poder e tecendo suas próprias redes de afeto e de solidariedade no território. Então, em 1976, com 13 anos, começou efetivamente a atuar no mercado prostitucional, em um período em que o local deixava de ser frequentado pelos homens mais abastados e logo começaria a contar com a clientela dos trabalhadores da construção civil da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), erguida ao lado do bairro. Diane atuou em diferentes boates de São Sebastião, chegando a frequentar o bordel mais requintado do território chamado Atlântica, de propriedade da cafetina Dinorá. Mas ela fazia poucos programas, vivia sempre com pouco dinheiro, conseguia apenas o suficiente para sobreviver e pagar as contas. Com a memória familiar cristã constituindo sua subjetividade, Diane não ingeria bebidas alcoólicas e percebia o território como um lugar de pecado e de contaminação, um espaço de degenerescência física e moral, que só não deixava de frequentar e de habitar pois não podia voltar para a casa, o pai a mataria.

Assim, ela foi construindo sua trajetória de vida em São Sebastião, encontrando formas de realizar o afeto por si mesma e de garantir a sua autonomia em detrimento das constantes tentativas de normalização de sua subjetividade. Temerosa de contrair uma doença venérea e procurando fazer programas que lhe dessem rendimentos vultuosos para não precisar realizar inúmeros para se sustentar, Diane procurava se relacionar com homens mais velhos e casados, estabilizados financeiramente e com menor probabilidade de serem portadores de DSTs. Em meio as relações de poder tecidas no território, também ela resistiu e assegurou a realização do afeto por si mesma, construiu alternativas para viabilizar seus desejos pessoais e transformou a opressão em força, em potência. Ela não teve filhos, os dois que nasceram acabaram falecendo com poucos meses. Teve diversos companheiros, mas não ficou por muito tempo com nenhum deles, prefere ficar sozinha a ter que se submeter a relacionamentos abusivos e desgastantes. Quando possível, começou a atuar no mercado formal de trabalho, principalmente, como doméstica, ofício no qual se mantém até os dias de hoje. Com a decadência de Carapeba, ela continuou fazendo "a vida", sobretudo, no centro e na orla de Camburi, em Vitória, foi somente alguns anos depois que novas possibilidades de trabalho surgiram e ela pôde, enfim, encontrar outras formas de sobrevivência. Hoje, Diane afirma se sentir satisfeita com a sua vida, seus rendimentos mensais lhe permitem pagar as suas contas e ainda comprar o seu cigarro, sem os esforços e as humilhações pelas quais precisava passar antes.

Eny, por sua vez, encara São Sebastião como um empreendimento pessoal, sente-se parte ativa e determinante na construção e no êxito do território. Foi lá que ela deixou de ser uma simples gerente de bordel e tornou-se proprietária de boates, das quais a mais famosa foi a boate Veneza. No total, ela teve três prostíbulos, um bar e alguns pontos de táxi no Porto de Tubarão, que constituíam o seu patrimônio na indústria sexual da RMGV. Para garantir a oferta constante de novas prostitutas, jovens e bem arrumadas, na Veneza, Eny fazia viagens, principalmente, para o interior da Bahia, de onde trazia meninas de cerca de 12 anos para atuar como suas inquilinas. Em suas cidades natais, estas crianças, maioria negras, enfrentavam a miséria e o abandono. Ao chegar em Carapeba, a antiga cafetina as higienizava e as arrumava conforme os padrões de beleza feminina da época, com perucas loiras, vestidos longos e bem maquiadas. As despesas relativas ao embelezamento, deviam ser pagas pelas meninas tão logo elas comessem a fazer os programas. Além de cuidar do aspecto físico, Eny também procurava moldar as condutas e disciplinar suas inquilinas, atuando, muitas vezes, de forma maternal com elas. Com isso, a antiga cafetina teceu relações não somente de poder, como também de afeto com algumas de suas inquilinas da Veneza. Ela estabeleceu uma relação de intimidade e de confiança com

Denise, sua inquilina na Veneza, que persiste até os dias atuais. Da mesma maneira, Diane é uma amiga próxima atualmente, apesar de, na época do território, ambas não terem sido tão íntimas como são agora.

Em Carapeba, Eny aprendeu a atuar no mercado sexual da RMGV, conseguiu ganhar muito dinheiro, ter um alto padrão de consumo, constituir um grande patrimônio imobiliário e tecer relações com homens abastados e influentes da sociedade capixaba, que lhe permitia gozar de alguns privilégios sociais e financeiros. Após a decadência da principal região de confinamento da prostituição do estado, ela continuou empreendendo na indústria sexual em Vitória. Lá, ela conheceu um delegado com quem viveu por 17 anos. Não obstante ter precisado deixar de atuar no comércio de corpos femininos para morar com o companheiro, Eny usufruiu de uma posição privilegiada enquanto esteve com ele, fazia viagens, frequentava restaurantes requintados, tinha alto poder de consumo e contava com os serviços de diversos empregados. Toda a abundância que permeou a sua trajetória de vida está relacionada à sua atuação como cafetina em São Sebastião, de forma que ela lembra do passado com orgulho, por tudo o patrimônio conquistado, pela posição de poder que ocupava e pelas relações de afeto e de solidariedade que construiu.

Por outro lado, Eny percebe a vivência de outrora como única, impossível de ser revivida nos tempos atuais, haja vista a ilegalidade e a gravidade do negócio prostitucional. Não chega a demonstrar arrependimento pelo passado, mas percebeu, sobretudo, durante relação com o delegado, que praticava crimes de graves proporções. Ademais, sua memória subjetiva entende os dias de hoje enquanto mais violentos do que antes, ela vê Novo Horizonte como um bairro perigoso, onde há muito tráfico de drogas, assassinatos e diversos tipos de violência. Esta percepção é corroborada por todas as entrevistadas. Na época, ela explica que não havia tanta violência como hoje, e ela não se dava conta da ilegalidade da indústria sexual em que atuava. Evidentemente, ela construiu sua subjetividade e sua carreira no mercado sexual em uma configuração histórica em que a prostituição era vista como um "mal necessário" e, por isso, contava com o apoio de discursos e de práticas regulamentaristas para sua existência. Foi somente depois, com a decadência da região e a modificação das relações comportamentais e sexuais da sociedade brasileira, que os discursos de poder acerca do submundo do mercado sexual deixaram de defender a permanência dos bordéis e a prostituição passou a existir em outros formatos, em conformidades com os novos diagramas de forças das sociedades urbanas.

Eny vive em um apartamento na edificação que antes foi a boate Veneza, hoje transformada em uma pensão com várias pequenas moradias arrendadas mensalmente para terceiros. Ela perdeu

a grande maioria de suas propriedades devidos às ações judiciais trabalhistas movidas por suas antigas inquilinas e pelo posterior investimento em uma casa noturna que não teve êxito. Restou-lhe apenas uma casa em Valparaíso, na Serra, onde mora seu filho com a sua família, e a edificação da antiga Veneza, que ela administra e vive atualmente. Além das rendas adquiridas com os aluguéis, Eny ainda conta com a pensão do ex-amásio delegado para arcar com suas despesas mensais. Ela nunca teve a prática de fumar e de beber, tem uma boa saúde, e preserva o cuidado com a aparência, sempre com as unhas feitas, com cabelos pintados e bem vestida. O passado da antiga cafetina é uma defesa à situação presente, apesar da simplicidade atual, sua subjetividade foi formatada como efeito das relações de poder no território e ela se sente segura em sua memória singular.

As sujeitas das pesquisas reproduzem em seu cotidiano hábitos e percepções da época de São Sebastião e mantém um laço de enraizamento com o bairro. Com exceção de Eny, todas elas fumam, uma prática comum adquirida no território. Solange só não fuma com a frequência que deseja porque habita no Instituto Franciscano, um asilo para idosas administrado por freiras, onde não é permitido fumar. Todas elas são solteiras, não se enquadraram dentro do modelo de família nuclear burguesa, optaram por preservar sua autonomia individual em detrimento da permanência em uma relação afetiva frustrante e, amiúde, violenta. Em meio às agressões, aos feminicídios e às contaminações por DST ocorridas no território, elas sobreviveram, encontraram formas de vida em que puderam assegurar certa estabilidade afetiva, financeira e física. Eny continua administrando os seus aluguéis e inquilinos com os hábitos de cafetina, com uma postura muitas vezes maternal e estabelecendo laços de solidariedade mútua com as pessoas ao seu redor. A subjetividade, o corpo e a memória de cada uma delas, é a própria vivência de Carapeba, são produtos singulares dos efeitos das relações de poder experimentadas subjetivamente por elas.

Por isso, confirmamos a hipótese de que as memórias de Eny, Solange, Denise e Diane, abrangendo todas as suas dimensões de hábito, afecção, percepção e lembrança, enquanto suas subjetividades singulares, foram produzidas como efeitos das relações de poder tecidas e vivenciadas em São Sebastião. Mais do que isso, suas subjetividades emergiram como resistências, como subversão às técnicas disciplinares e aos mecanismos regulatórios do biopoder. Para Foucault³⁰⁶, o biopoder é um elemento fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, na medida em que permite o controle dos corpos no aparelho produtivo e o ajuste

³⁰⁶ FOUCAULT, 1977.

dos fenômenos populacionais às dinâmicas econômicas. Por meio de técnicas disciplinares voltadas para os corpos individuais e de procedimentos reguladores da população, o biopoder é simultaneamente individualizante e totalizante. Atua sobre todos os corpos, mas separa-os conforme os sexos e as raças, permitindo que as mulheres negras fiquem à mercê da morte, enquanto a vida é preservada e assegurada para a população branca. As sujeitas da pesquisa, contudo, resistiram às forças regulatórias do biopoder. A despeito da legitimação social de sua morte, elas sobreviveram, e o fizeram de forma autêntica, potente e subversiva. Inverteram os termos da normalização que a relegavam para a submissão, a doença e a morte, e, ao contrário, garantiram a permanência de suas vidas e viabilizaram seus desejos pessoais. Elas construíram suas redes de solidariedade e de afeto justamente no território onde vivenciaram o confinamento produzido pelo poder. Foi a partir das relações de poder em São Sebastião, que elas criaram suas subjetividades enquanto resistência no próprio território da antiga Carapeba.

REFERÊNCIAS

1. Fontes do Arquivo e da Biblioteca Públicos do Espírito Santo

A CLASSE média vai à luta. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 81, p. 25-30, set. 1987.

A TRIBUNA vai para Novo Horizonte. **A Tribuna**. Vitória, p. 10, 8 mai. 1999.

BELEZA e suavidade. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 27, p. 65-66, mai. 1969.

CASAR é bom negócio. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 28, p. 41-42, jun. 1969.

CIVIT a hora e a vez do Espírito Santo. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 41, p. 65-69, jul. 1970.

COM SAUDADES da antiga praça 8. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 25, p. 28-33, jun./jul. 1978.

COMO educar uma filha? **Revista Capixaba**, Vitória, n. 13, p. 43-45, mar. 1968.

ELIANE, um certo olhar doce. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 30, p. 53-54, ago. 1969.

MULHER=homem: misoginia é o resultado. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 12, p. 36-37, fev. 1968.

NOSSA mulher em 67. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 2, p. 63-67, abr. 1967.

NOVO Horizonte faz 32 anos com festa. **A Tribuna**. Vitória, p. 9, 27 jun. 2012.

O NOVO mercado. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 18, p. 13-14, ago. 1968.

O REINO da fantasia. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 20, p. 34-38, nov. 1977.

PORTO de Vitória está entre os 3 maiores do país. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 3, p. 54-56, mai. 1967.

PROSTITUIÇÃO: o trottoir nas ruas. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 64, p. 35-37, jan. 1982.

REQUEBROS, paétes; lá vai Carapeba. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 20, p. 38-41, nov. 1977.

REVOLUÇÃO urbanística em Vitória. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 17, p. 68-70, jul. 1968.

RUA sete, das sete às sete. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 33, p. 57-58, nov. 1969.

TUDO à meia luz. **Espírito Santo Agora**, Vitória, n. 40, p. 5-7, set. 1980.

UMA OBRA cada 12 horas. **Revista Capixaba**, Vitória, n. 26, p. 61-65, abr. 1969.

2. Fonte do Arquivo de A Gazeta (ES)

SÃO SEBASTIÃO DOS BOÊMIO. Direção: Amylton de Almeida. Produção: TV Gazeta do Espírito Santo. Vitória, TV Gazeta, 1976. 1 DVD (42 min), son., color.

3. Fontes produzidas pela pesquisa

SOLANGE. **História oral de vida**. 2019. Entrevista concedida a Mirela Marin Morgante, Vitória, 23 nov. 2019.

ENY. **História oral de vida**. 2019. Entrevista concedida a Mirela Marin Morgante, Vitória, 5 27 nov. 2019.

DENISE. **História oral de vida**. 2019. Entrevista concedida a Mirela Marin Morgante, Vitória, 25 nov. 2019.

DIANE. **História oral de vida**. 2019. Entrevista concedida a Mirela Marin Morgante, Vitória, 26 nov. 2019.

4. Fontes legislativas

BRASIL. Lei nº 5.536, de 21 de novembro de 1968. Dispõe sobre a censura de obras teatrais e cinematográficas, cria o Conselho Superior de Censura, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 21 nov. 1968.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 7 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em 21 jan. 2018.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 9 mar. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm>. Acesso em 05 fev. 2020.

5. Fontes online

COSTA, Wing. Conheça as imperatrizes da época de ouro da prostituição capixaba. **Gazetaonline**, Vitória, 8 ago 2015. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/especiais/capixapedia/2015/08/conheca-as-imperatrizes-da-epoca-de-ouro-da-prostituicao-capixaba-1013904938.html?utm_medium=redacao&utm_source=facebook>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MEDEIROS, Rogério. Aurora gorda: a prostituta respeitosa. **Século Diário**, 12 set 2009. Disponível em: <<https://deolhonailha-vix.blogspot.com/2011/11/aurora-gorda-prostituta-respetosa.html?showComment=1580184202861>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

6. Bibliografia

A PORTOCEL: linha do tempo. Aracruz. Disponível em: <<http://www.portocel.com.br/a-portocel/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 9 jan. 2020.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Pista 7. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ANDERSON, Perry. Modernidade e Revolução. **New Left Review**, v. 144, n. 14, mar/abr. 1984. Disponível em: <<http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Anderson%20-%20Modernidade%20e%20revolucao.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2018.

ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de. **O Porto de Vitória**. São Paulo: IGEOG/USP, 1974.

BANDEIRA, Moniz. **Brasil-Estados Unidos**: a rivalidade emergente (1950-1988). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENATTI, Antonio Paulo. **O centro e as margens**: boemia e prostituição na 'capital mundial do café' (Londrina: 1930-1970). 1996. 241f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BERGAMIM, Márcia Cristina. **A pequena propriedade rural no Espírito Santo**: constituição e crise de uma agricultura familiar. *Revista de sociologia e economia rural*. p. 1-

21. [s.d.]. p. 19. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/438.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Memória e vida**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999.

BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. **Esforço industrial na República do Café**: o caso do Espírito Santo 1889/1930. Vitória: Ed. FCAA/UFES, 1982.

BITTENCOURT, Vinicius. **O processo Araceli**. [Vitória, ES?]: MC Publicações, 1980.

BORGES, Clério José. **História da Serra**. 3 ed. Serra: Editora CTC, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismos e subversão da identidade. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

_____. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Mecanismos psíquicos del poder**: teorías sobre la sujeción. Madrid: Ediciones Cátedra Grupo Anaya, 2001.

CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira. **História da construção e das transformações da cidade**. Vitória: Cultural-ES, 2005.

_____. Carlos Teixeira. **A construção da cidade**: formas de produção imobiliária em Vitória. Vitória: Flor e Cultura, 2002.

CAULFIELD, Sueann. O nascimento do mangue: raça, nação e o controle da prostituição no Rio de Janeiro, 1850-1942. **Tempo**, Niterói, n. 9, p. 43-63, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1670/167018237004.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COHEN, Yolande. Réflexions désordonnant les femmes du pouvoir. In: ___. **Femmes et politique**. Montréal: l'Université de Montréal, 1981.

_____. **Profession infirmière: une histoire des soins dans les hôpitaux du Québec**. Montréal: l'Université de Montréal, 2000.

_____. De parias à victimes. Mobilisations féministes sur la prostitution en France et au Canada (1880-1920). **Genre, sexualité & société**, Montréal, n. 11, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/gss/3157>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

CORBIN, Alain. **Les filles de noce: misère sexuelle et prostitution aux 19e et 20e siècles**. 6 ed. Paris: Editions Aubier Montaigne, 1978.

CORTÊS, Iáris Ramalho. Direito: a trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 260-285.

COUTO, Mia. **Mulheres de cinza: as areias do imperador. Uma trilogia moçambicana**, livro 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **American way of life: consumo e estilo de vida no cinema dos anos 1950**. São Paulo: Intermeios, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. 2 ed. São Paulo, Editora 34, 2012.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. 2 ed. São Paulo, Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

_____. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Gênero e comportamento a serviço da Ditadura Militar: uma leitura dos escritos da Escola Superior de Guerra. **Diálogos** (Maringá. Online), v. 18, n.1, p. 75-92, jan.-abr./2014. Disponível em: <<file:///Users/MMM/Downloads/35946-160629-1-SM.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente**. Florianópolis: Editora UDESC, 2010.

FERRARI, Maryana Cunha. **Vila Palmira**: prostituição e memória na grande Florianópolis nas décadas de 1960 a 1980. 2008. 126f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **Dits et écrits III**. Paris: Gallimard, 1994.

_____. **"Il faut défendre la société"**. Cours au Collège de France. 1976. Paris: Gallimard-Seuil, 1997.

_____. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

_____. **A ordem do discurso**. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FRANÇA, Ceciana; et. al. O Espírito Santo em revista. In: MARTINUZZO, José Antônio (Org.). **Impressões capixabas**: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000207.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GONRING, Rafael. **A redefinição funcional do centro de Vitória (ES)**. 2011. 126f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, Fortaleza, p. 223-243, 1984. Disponível em: <<https://sociologiareflexaoeacao.wordpress.com/2015/11/07/lelia-gonzalez-racismo-e-sexismo-na-cultura-brasileira/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KNEELAND, George J. **Commercialized prostitution in New York city**. New York: Century Company, 1913.

LACASSE, Danielle. **La prostitution féminine à Montréal, 1945-1970**. Montréal: Boréal, 1994.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Violência contra a mulher: da legitimação à condenação social. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 286-312.

LAPOINTE, Mathieu. **Nettoyer Montréal: les campagnes de moralité publique, 1940-1954**. Québec: Septentrion, 2014.

LASCH, Christopher. **A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEITE, Juçara Luzia. **República do Mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2005.

LEME, Edson Holtz. **Noites ilícitas: histórias e memórias da prostituição**. 2 ed. Londrina: EDUEL, 2009.

LIMOGES, Thérèse. **La prostitution à Montréal: comment, pourquoi certaines femmes deviennent prostituées**. Étude sociologue et criminologue. Montréal: Les Éditions de l'homme, 1967.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LUCA, Tania Regina. Imprensa feminina: mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 447-468.

MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. (Org.). **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho: espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 238-259.

MEIHY, José C. S. B. **Prostituição à brasileira: cinco histórias**. São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, Lucius de. **Eny e o grande bordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MORGANTE, Mirela Marin. **"Se você não for minha, não será de mais ninguém"**: as denúncias registradas na DEAM/Vitória-ES (2002-2010). Vitória: Editora Milfontes, 2019.

NADER, Maria Beatriz. **Mulher**: do destino biológico ao destino social. 2ª ed. Vitória: EDUFES, 2001.

_____. **Paradoxos do Progresso**: a dialética da relação mulher, casamento e trabalho. Vitória: EDUFES, 2008.

_____. A condição masculina na sociedade. MOREIRA, V. M. L. (Org.). **Dimensões Revista de História da Ufes**, Vitória, v. 14, p. 461-480, 2002.

_____. Cidades, o aumento demográfico e violência contra a mulher: o ilustrativo caso de Vitória – ES. NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (Org.). **Dimensões Revista de História da Ufes**, Vitória, v. 23, p. 156-171, 2009.

_____. Mapeamento e perfil sócio-demográfico dos agressores e das mulheres que procuram a Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher Vitória (ES). 2003-2005. **Fazendo Gênero. Florianópolis**, p. 1-8, ago. 2010, p. 2. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares#M>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

_____. Violência sutil no ambiente doméstico: uma nova abordagem de um velho fenômeno. In. NADER, Maria Beatriz & FRANCO, Sebastião Pimentel & SILVA, Gilvan Ventura da (orgs). **História, mulher e poder**. Vitória: EDUFES, 2006. 235-252.

NADER, Maria Beatriz; LIMA, Lana Lage da Gama (orgs.) Família, Mulher e Violência. **Revista Rumos da História**, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em História Social das Relações Políticas, Vitória, Número 8, 2007.

NEPOMUCENO, Bebel. **Mulheres negras**: protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Ueber José de. **Elites capixabas no golpe de 1964**: o bipartidarismo e a convergência de agendas desenvolvimentistas (1964-1982). Serra: Milfontes, 2018.

PATEMAN, C. **O Contrato Sexual**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEDRO, Joana Maria. O feminismo de "segunda onda": corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 238-259.

PERROT, Michelle. **Les femmes ou les silences de l'histoire**. Paris: Flammarion, 1998.

_____. **Minha história das mulheres**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PROULX, Daniel. **Le Red light de Montréal**. Montréal: VLB éditeur, 1997.

RADFORD, Jill; RUSSELL Diana. **Femicide: the politics of women killing**. New York, Twayne Publisher, 1992.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista: Brasil 1890-1930**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura histórica em debate**. São Paulo: Unesp, 1995.

ROCHA, Haroldo Correa. MORANDI, Ângela Maria. **Cafeicultura e grande indústria: a transição no Espírito Santo 1955-1985**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.

SILVA, Janine Gomes da. **Casas, esquinas e ruas 'do pecado': lugares de prostituição, memórias sobre um 'discurso caminhante'**. In: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente**. Florianópolis: Editora UDESC, 2010.

SILVA, Madson Gonçalves da. **Crescimento urbano-industrial e a dinâmica migratória na Região Metropolitana da Grande Vitória (1960-2010): as particularidades socioespaciais dos impactos no município da Serra**. 2015. 121f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SILVA, Marta Zorzal e. **A Vale do Rio Doce na estratégia do desenvolvimentismo brasileiro**. Vitória: EDUFES, 2004.

_____. **Espírito Santo: Estado, interesses e poder**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida: UFES, Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1995.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. **Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória – 1950-1980**. Vitória: Grafitusa, 2010.

SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1989.

SWAIN, Tânia Navarro. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. **Unimontes Científica**, Montes Claros, v. 6, n. 2, p. 23-28, 2004. Disponível em: <file:///Users/MMM/Downloads/172-174-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

_____. Por um feminismo libertário: pode-se utilizar o pensamento de Foucault? **Labrys**, n. 24, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys24/libre/tania1.htm>>. Acesso em 22 jan. 2020.

_____. **Feminismo radical: muito além de identidades / gênero.** Brasília: *Copyright* da autora, 2017.

TERRITÓRIO do desprazer. Direção: Maíra Tristão e Mirela Morgante. Produção: Pique Bandeira Filmes. Vitória, 2017. 17'.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VITÓRIA, Prefeitura de. **Vitória em dados.** [s.d.]. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/dados_regiao/regiao_1/regiao1.asp>. Acesso em: 20 ago. 2018.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012:** atualização: homicídios de mulheres no Brasil. [S.I.]: CEBELA, 2012. Disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2020.